

# EXTRACTOS

D A S

OBRAS POLITICAS

E

ECONOMICAS

D E

EDMUND BURKE

P O R

JOSE' DA SILVA LISBOA.

P A R T E I.

---

*Floriferis ut apes in saltibus omnia libant ,  
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta ,  
Aurea , perpetuâ semper dignissima vitâ.*

Lucret. III.

---



RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

Com Licença.

573

EXTRACTS

OF THE

ECONOMICAL

EDMUND BURKE

AND

OF THE

OF THE

OF THE



OF THE

OF THE

1790

London

A O  
ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SENHOR  
**PERCY CLINTON SYDNEY**  
LORD VISCONDE, E BARÃO  
DE STRANGFORD,  
CONSELHEIRO DO CONSELHO PRIVADO  
D E  
SUA Magestade Britannica,  
*Cavalleiro da Ordem Militar do Banho, Gram-Cruz  
da Ordem Portugueza da Torre e Espada, Enviado  
Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da dita  
Sua Magestade na Côrte de Portugal.*

**O** Testemunho que V. E. apresentou á Republica das Letras de ser Amador da Literatura Portugueza, dignando-se dar á luz huma sua Traducção Ingleza de selectas Obras do Principe dos nossos Poetas, Camões; excitou-me o desejo de dedicar á V. E. estes Extractos de algumas Obras do Principe dos Oradores Britannicos, Burke, que no fim do seculo passado tanto influirão na sorte de

11.11.1801  
EX. MO. SENHOR  
PERCY CLINTON SYDNEY  
LORD VISCONDE DE BARRO  
DE STRANGFORD,  
CONSELHEIRO DO CONSELHO PRIVADO  
DE  
SUA MAJESTADE BRITANICA

Leutnant de Grand Militar de Barre, Grand-Cross  
de l'Ordre Portugais au titre de Baron, Barão  
Portugais e Mestre Portugais de dita  
Ordem Portugais no Reino de Portugal.

10  
*Inglaterra, e que, pelo seu objecto, tendem  
á beneficio de todas as Nações. Sendo além  
disso aquelle trabalho de especial recommen-  
dação do Homem extraordinario deste Paiz,  
o Sr. Conde de Linhares, que, em quanto vi-  
vo, cooperou energicamente com V. E. em  
esclarecida Diplomacia para a estabilidade e  
grandeza do Imperio Lusitano, estreitando  
os vinculos de Amizade e Alliança, que ha*

lem  
lém  
nen-  
uiz,  
vi-  
em  
le e  
ndo  
e ha

*seculos felizmente subsistem entre as Coroas  
e Nações Portugueza e Inglesa; persuado-  
me ter justos motivos de esperar da Benig-  
nidade de V. E. haja por bem de aceitar es-  
te tributo da minha veneração ao seu Illus-  
tre Character Literario e Politico. Reconhe-  
cendo a impossibilidade de exprimir com a  
devida exacção e elegancia os elevados pen-  
samentos, e egregias phrases, de hum Au-*

thor tão abalísado pela singularidade de seus  
conceitos e termos, confio na candura de V. E.  
que será indulgente em relevar os defeitos  
desta Collecção; considerando perdoavel o es-  
forço, com que hum natural deste Mundo  
Novo deseja contribuir á instrucção e ordem  
publica, offerecendo aos Compatriotas hum no-  
bre padrão da Literatura Britannica, mui  
proprio a exaltar os sentimentos da Lealdade

PRÓLOGO

Este livro é dedicado ao povo português, e tem por objectivo principal, a expulção da Anarchia e Tyrannia da França, e a honra Nacional, e expellir por toda a parte os falsos principios da Anarchia e Tyrannia da França.

*e Honra Nacional, e expellir por toda a parte os falsos principios da Anarchia e Tyrannia da França.*

*José da Silva Lisboa.*



## P R E F A C I O .

**O**S presentes Extractos forão feitos á instancias do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, o Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, que Deos haja em gloria. Elle tinha a mais enthusiastica paixão por Burke, considerando-o entre os salvadores da Gram Bretanha, e da Sociedade. Por isso havia dado ordem para a publicação deste meu trabalho, recommendando-me que o fizesse divulgar quanto antes. Como o seu tão inopinado falecimento impossibilitou que visse sahir do prélo esse monumento do fervoroso espirito publico, que tanto distinguio o seu illuminado Ministerio, e nada tinha mais á peito do que o fazer espalhar as luzes dos verdadeiros principios politicos, e economicos, que sustentão as Monarchias legítimas, e constituem execraveis as Revoluções e desordens civis, extremosamente desvelando-se em todos os expedientes, que podessem concorrer á segurança, defeza, e prosperidade do Estado, para quem só viveo; apresso-me á satis-

fazer, no modo possível, aos seus ardentes votos, acelerando a edição em observancia da sua ultima vontade, prestando este signal de gratidão á saudosa memoria de quem tanto me honrou com a sua amizade. E sendo Tacito hum dos seus mais estimados Authores, seguirei o preceito deste Mestre da vida publica, o qual bem advertio, que o principal officio dos amigos não era darem inuteis lagrimas ao falecido, mas lembrarem-se do que elle queria, e cumprirem o que havia ordenado (\*).

Na verdade as Obras dos Grandes Homens devem ser a Propriedade de todos os paizes; e os que dissipão erros fataes á civilisação, interessão especialmente ao Novo Mundo na actual conjunctura. Taes são as que submetto ao juizo do Publico.

*Edmund Burke*, havendo na Gram Bretanha adquirido celebridade, pelos escritos que deo á luz sobre o *Sublime*, e a *Defensão da Sociedade Civil*; subindo depois á consideração politica por eloquentes Fallas no Parlamento sobre assumptos da maior importancia á seu

---

(\*) Non hoc præcipuum munus amicorum est prosequi defunctum ignavo questu, sed quæ voluerit, mimitisse, quæ mandaverit, exequi. — Tacitus.

Paiz, e com especialidade pela Proposta de Conciliação (que infelizmente então não foi attendida) para prevenir o infausto Scisma d'America do Norte; elevou-se em fim á immortal fama por varios discursos contra a Revolução da França, concorrendo muito á que o Governo Britannico entrasse, com as Potencias Confederadas, na guerra, que a Facção dos Gallos levantados provocou na Europa com a escandalosa disseminação dos seus Dogmas. Dotado de extraordinaria optica mental, vio as fataes consequencias desse segundo, e ainda mais pestifero, *Mal Francez*, com que ambiciosos, enthusiasts, e sophistas, offerendo atraídoos presentes de amor, tinham feito a Declaração e Propaganda dos *Falsos Direitos do Homem*, atacando na raiz os elementos da vida social, com promessas de regenerarem a Constituição de sua Patria, e produzirem a felicidade do Mundo. Elle prognosticou, que o necessario effeito do delirio dos Novadores era o perverterem-se as Leis fundamentaes da Sociedade Civil, e enthronizar-se o mais feroz Despotismo Militar.

O successo verificou o vaticinio; pois ora se vê o Dragão, que se acoitára no phantastico paraizo da terra, erguer de subito a cabeça an-

acrescentar — *bem regulada* — e não *Liberdade á franceza*, que só consiste no desenfreio das paixões animaes, e na destruição da ordem estabelecida.

As Obras de Burke vierão confirmar esta verdade: ellas excitando com a maior intensidade a Energia do Paiz, constituirão os Territorios e a Marinha da Gram Bretanha os inexpugnaveis Baluartes da Razão, e Lealdade, e a esperança do Orbe depois do Diluvio de doutrinas falsas, que não só destroio milhões de homens, mas tambem quasi extinguiu os principios da Humanidade. Surgio aquelle Luminar Literario, quando se escurecia o horisonte scientifico, para esclarecer todos os paizes, e dissipar os negros vapores do horrivel meteóro da Cabala Gallicana, que tentou com a sua Constituição Aferostatica assombrar o Universo, e desluzir o esplendor da Patria dos *Newtons* e *Smiths*, que tantas luzes havião espalhado para a communicação de todas as Nações, e commercio franco dos productos de sua terra e industria. Com singular força de character, argumento, e estilo, contribuiu poderosamente, no fervor das geraes preoccupações, a libertar a sua Nação do Monstro da Revolu-

gão (\*), que, semelhante á Saturno da Mythologia, *devora os proprios filhos* (\*\*), e que já começava a pôr alli invisivel pé, e ganhar terreno, pela secreta correspondencia da Assembleia Franceza com hum Conciliabulo de Londres (\*\*\*) de mal intencionados, descontentes, e fanaticos (de que nenhuma Nação he isenta) os quaes, blazonando de conhecimentos superiores, e patriotismo heroico, tinham posto em seu animo corromper o bom natural dos Breitões, fazendo circular milhares de copias de libellos incendiarios, e com predilecção de *Thomas Paine*, adoptado pela dita Assembleia, e unido á seu Corpo, que intitulou *illuminado e illuminante*; tendo-se-lhe depois ahi retribuido o galardão de ser tratado por idióta, e destinado a perder a vida, por seguir o partido dos *Brisotinos* (\*\*\*\*), e não chegar á altura da *Mon-*

(\*) Bem lhe quadra a descripção de Horacio :

*Desinit in piscem mulier formosa supernè.*

(\*\*) Expressão de hum dos Membros da Assembleia Franceza, indo ao patibulo por sentença dos Collegas.

(\*\*\*) Intitulava-se *Sociedade da Revolução*.

(\*\*\*\*) Sectarios de *Brissot*, chefe do Partido dos chamados *Federalistas*, o qual proclamou, que se devia pôr fogo aos quatro cantos da Europa, e fazer saltar os seus Governos, pela erupção vulcanica dos *Dogmas da Liberdade e Igualdade*.

Tomei por isso o presente trabalho, persuadido, de que breve transumpto extrahido dos escritos da maior nomeada de Burke, ficando mais ao nivel de todas as classes, que não podem ler o original, servirá de antidoto contra o pestifero miasma, e subtil veneno das sementes d'Anarchia e Tyrannia da França, que insensivelmente voão por bons e máos ares, e por todos os ventos do Globo. Notorios successos de algumas regiões d'America, que já derão horridos exemplos de attentados da Gollomania, dictão as maiores precauções contra o contagio desta segunda *Lues Celtica*. Hum epilogo das doutrinas daquelle Estadista he opportuno a extrirpar pensamentos scelerados, e vãs esperanças, dos que se prevalecem das dissensões e desgraças dos tempos, para turbarem a harmonia dos Estados, e fazerem paródias das portentosas malfeitorias francezas.

Não proponho este resumo como Symbolo de Fé Politica, e nem ainda como perfeito modelo de composição de literatura. Muitos descontos se devem dar á quaesquer escritos, ainda dos sábios da primeira ordem (\*). Deixo aos

---

(\*) ,, Se pensais ver huma obra sem defeito, pen-

Leitores formarem por si o devido conceito; na certeza de que se fixará a opinião a respeito de hum Genio tão feliz, que doura tudo que toca, e que parece ter concentrado a *Sabedoria das Idades*.

Burke foi arguido de declamador, que defendia notorias corrupções dos Governos, contradictorio á seus antigos principios, e vendido á Corte. Mas elle soube desprezar injurias, e confundir calumniadores. A Apologia que deo contra emulos e maldizentes, por si falla, e contém subeja justificação, não menos da causa dos Governos regulares, que da pessoa de seu Defensor. O Philantropo de boa fé póde innocentemente desejar melhora das cousas humanas; mas o Homem de Estado só consulta o que he praticavel nas circumstancias de cada Nação. Isto he o que fez Burke. Não se eclipssa a sua virtude por ter-lhe o Soberano feito justiça, remunerando dignamente os seus tão as-

\*\*

---

sais no que nem houve, nem há, nem haverá. Em qualquer composição attendei o fim do Escriitor: se escolheo os meios proprios, e os dirigio com acerto, merece applauso, com desprezo dos defeitos triviaes. Dez sensurão sem razão por hum que escreve mal...  
Pope Ensaio sobre a critica. Traduc. C. A.

signalados serviços, como usa conceder á todos os eminentes Servidores do Estado; sendo esta huma das principaes causas de se criarem em Inglaterra tantos homens de saber prodigioso, e de espirito duplicado dos Aristides, Fabricios, e Cincinnatos, que tem honrado a Especie.

Burke judiciosamente observou, que não se precisava de talento, nem sagacidade fóra do commum, para notar irregularidades na regencia dos Estados, e os abusos dos nobres, ricos, e administradores publicos: a questão só hé sobre os opportunos remedios de prevenir os danos, e emendallos.

Execrar revoluções não he defender desgovernos, nem excluir boas leis. Ainda os melhores Soberanos e Administradores são obrigados a conformarem-se ás opiniões das diversas ordens do Estado. Quando o remedio he peor que o mal, até as boas reformas são inuteis, ou nocivas. As revoluções são como os terremotos: tudo arruinão, e nada reparão. A sociedade civil, depois de convulsões politicas, sempre torna a compor-se de ricos, e pobres, nobres e plebeos, bons e máos, quem mande e quem obedeça. A scena será renovada, e unicamente mudarão os actores. Só a doce influencia da ver-

dadeira Religião, e o progresso da cultura do espirito, pódem diminuir erros e vicios dos homens, e fazer durar e florecer os Imperios. Mas perfeição ideal he de absoluta impossibilidade (\*). Que se ganha em revoluções? As ambições desordenadas se desenfreião. He preciso confiar a Força Publica de novas mãos, e concentralla na de poucos, ou de algum, para resistir-se aos inimigos internos e externos. Eis organizada a oligachria, que logo finda em Dictadura, e Tyrannia. Tal he o desfecho das Revoluções antigas e modernas: e em algumas, o Despotismo se firmou para sempre.

Contra os que tem feito severas invectivas á Burke basta dizer, que, se o fundo capital da doutrina he solido, ainda os desvios dos entendimentos extraordinarios, empregados no bem da Humanidade, são mais objectos de escusa, que de censura.

*Gibbon*, profundo Author da Historia da decadencia do Imperio Romano, achando-se retirado na Suissa no tempo das mais tragicas scenas da Revolução Franceza, e vendo em fim realizadas as prophcias de Burke, deo ás Cbras

---

(\*) Vitia erunt, donec homines. — Tacitus.

deste Escriitor o competente aprego; e a final nas suas *Memorias posthumas* deixou a seguinte Protestação — *Assigno o Credo de Burke sobre a Revolução da França; admiro a sua eloquencia; adoro os seus sentimentos cavalheiros (\*) etc.* Elle igualmente reconhece o bem que Burke fez á Inglaterra, livrando-a do Cáhos da anarchia, em que tambem correo risco de se precipitar. Diz mais „ A prosperidade de Inglaterra fórma soberbo contraste com as desordens da França. A Revolução deste paiz humilhou tudo que era alto, e exaltou tudo que era baixo. O vivo, mas irregular, espirito da Nação Franceza, em lugar de edificar huma boa Constituição, só a mudou em anarchia e tyrania. A Gloria Britannica está pura e esplendida. Se Inglaterra, com a experiencia da propria felicidade, e das desgraças da Europa, ainda se deixar seduzir pelos latidos dos facciosos, e quizer comer o pomo da *falsa liberdade e igualdade*, ella merecerá ser exterminada do paraizo que goza. „

---

(\*) I beg leave to subscribe my assent to Mr. Burke Creed on the revolution of France. I admire his eloquence; I approve his politics; I adoro his chivalry etc.

Os mais distinctos Escritores de Inglaterra são admiradores de Burke; e o quasi unanime parecer da parte sã dos pensadores de boa fé, he que elle apresentou o padrão do maior espirito publico, empregado para os melhores destinos; e que a sua sabedoria, e eloquencia, desvanecendo as especulações illusorias de politicos superficiaes, dera aos Regedores das Nações prudentes conselhos para resgatarem a Europa da Barbaridade Franceza, e prevenirem futuras revoluções com saudaveis reformas dos respectivos Estados. Bastará citar o seguinte testemunho publico do Corpo Academico de huma das mais illustres Universidades; que dirigio esta Carta a Burke.

„ Nós abaixo assignados, residentes graduados da Universidade de Oxford, rogamos, que vos digneis acceitar esta respeitosa declaração dos nossos sentimentos, como tributo que desejamos pagar aos vossos brilhantes talentos, empregados no adiantamento de bem publico. Pensamos ser proprio e conveniente aos amigos da nossa Igreja e Estado confessar abertamente as suas obrigações aos que se distinguem na sustentação dos nossos approvados Estabelecimentos; e julgamos ser do nosso especial dever

fazer este Manifesto em hum tempo, que particularmente he marcado por hum espirito de temeraria e perigosa innovação. Como Membros da Universidade, cujos Estatutos abração todas as partes das Sciencias de proveito, e ornamento, nos julgariamos justificados em fazer esta Carta congratulatoria, ainda se tivessemos sómente a offerecer-vos os nossos agradecimentos pelo precioso augmento, que com as vossas importantes obras recebemos para o fundo da Literatura Nacional. Porém temos mais altos objectos de consideração, e mais nobres motivos de gratidão; pois estamos persuadidos, de que consultamos aos reaes e permanentes interesses desta Universidade, quando reconhecemos os eminentes serviços que tendes feito á nossa Constituição, pela vossa habil e desinteressada Demonstração dos seus verdadeiros principios; e que obedecemos ainda mais á sagrada obrigação de promover a causa da religião, e da moralidade, quando damos esta prova de que honramos o Advogado por quem ellas tem sido tão eloquente e effectivamente defendidas. ,,

## E R R A T A S.

<i>Paginas</i>	<i>Linhas</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
3	26	de fraude	da fraude
29	12	vi	foi
32	26	que não tem dado	e que não são dotadas de
38	1	lhe dê	lhes dê
42	3	de distincção	a distincção
74	13	remover	renovar
85	4	excogitados	excogitadas
90	11	a Inglaterra	a da Inglaterra:
95	11	perverte	perverte
97	4	aborrecerem	aborrecerem-se
104	9	destruição	destruição
102	21	seja	seja dirigida

1	1	1
2	2	2
3	3	3
4	4	4
5	5	5
6	6	6
7	7	7
8	8	8
9	9	9
10	10	10
11	11	11
12	12	12
13	13	13
14	14	14
15	15	15
16	16	16
17	17	17
18	18	18
19	19	19
20	20	20
21	21	21
22	22	22
23	23	23
24	24	24
25	25	25
26	26	26
27	27	27
28	28	28
29	29	29
30	30	30
31	31	31
32	32	32
33	33	33
34	34	34
35	35	35
36	36	36
37	37	37
38	38	38
39	39	39
40	40	40
41	41	41
42	42	42
43	43	43
44	44	44
45	45	45
46	46	46
47	47	47
48	48	48
49	49	49
50	50	50
51	51	51
52	52	52
53	53	53
54	54	54
55	55	55
56	56	56
57	57	57
58	58	58
59	59	59
60	60	60
61	61	61
62	62	62
63	63	63
64	64	64
65	65	65
66	66	66
67	67	67
68	68	68
69	69	69
70	70	70
71	71	71
72	72	72
73	73	73
74	74	74
75	75	75
76	76	76
77	77	77
78	78	78
79	79	79
80	80	80
81	81	81
82	82	82
83	83	83
84	84	84
85	85	85
86	86	86
87	87	87
88	88	88
89	89	89
90	90	90
91	91	91
92	92	92
93	93	93
94	94	94
95	95	95
96	96	96
97	97	97
98	98	98
99	99	99
100	100	100

## REFLEXÕES

SOBRE

A

## REVOLUÇÃO DA FRANÇA.

**A** FRANÇA presentemente , vista com olhos attentos , deve ser considerada como exterminada do Systema da Europa. Por inesperada Revolução da sua Monarchia , esta cahio de grande altura com velocidade accelerada : he difficil subir outra vez á ella , pois isso se oppõe ás leis da gravitação physica e politica. O facto he assombroso , e faz á todos que pensão , tremer da incerteza de todas as grandezas humanas.

Os Francezes se tem mostrado os mais habéis Architectos de ruinas , que tem até agora havido no mundo. Em breve espaço de tempo deitarão por terra a sua Monarchia , a sua Igreja , a sua Nobreza , a sua Lei , a sua Renda Publica , a sua Marinha , o seu Commercio , as suas Artes , as suas Manufacturas. El-

A

les fizerão para nós espontaneamente o que farião os que procurassem estabelecer a nossa superioridade a taes respeitos. Se fossemos os seus absolutos conquistadores, e a França estivesse prostrada aos nossos pés, nos envergonhariamos em mandar-lhes Enviados a assentarem os seus negocios, a fim de impor-lhes huma lei tão dura, e tão destructiva da dignidade de huma Nação, como elles imposserão á si mesmos.

Luiz XIV. no fim do seculo decimo septimo estabeleceo o maior e o mais bem disciplinado Exercito, que jámais se tinha visto antes na Europa, e, com elle, hum perfeito despotismo. Mas este despotismo era ornado por boas maneiras, galanteria, esplendor, magnificencia, e estava coberto com os mantos (que muito impoem) da sciencia, literatura, e artes. Era assim huma Tyrannia doirada. Desde então o mesmo espirito de desproporcionada magnificencia, e amor de exercitos permanentes, e de grandeza que excedia as facultades de pagamento do povo, se introduzio em cada Corte da Europa.

A admiração daquelle Reino florente, e feliz, quasi ganhou todas as sortes de Esta-

dos. Mas em Inglaterra os bons patriotas do tempo lutarão contra essa seducção. Elles fôrão anciosos em romper toda communicacção com a França, e produzir no povo total apartamento de seus conselhos e exemplos.

Hoje em dia o mal está totalmente mudado na França. A doença alterou-se; porém a vizinhança dos dous paizes existe. e os naturaes habitos dos espiritos actualmente são taes, que o segundo Mal Francez vem a ser mais contagioso que o primeiro. Não he facil espalhar no povo a paixão pela escravidão; mas agora todos os males do genero opposto são fomentados pelas nossas naturaes inclinações: visto que o despotismo he sempre odiado; porém huma falsa apparencia de liberdade he recebida por ouvidos promptos. Antes da quédia da Monarquia, estavamos em perigo de ser arrastados pelo exemplo da França na rede varredoura de seu inquieto despotismo militar. O presente perigo procede do *máo exemplo de hum povo, cujo character não conhece meo nas cousas*: este perigo he o da anarchia, e tyrannia, que della ha de no fim sobresahir.

O maior perigo politico resulta da admiração de fraude e violencia feliz, para em to-

dos os paizes se imitar a irracional, impia, e feroz democracia, que proscree, confisca, rouba, e assassina. Devem temer, ainda mais que todos, os individuos que tem propriedade, e principalmente os das Ordens Superiores, que sustentão os Governos regulares, e são os pilares dos Thronos. Da parte da religião, o perigo já não he da antiga Intolerancia Franceza, mas da sua infidelidade atheistica; que he hum vicio vil e desnaturado, inimigo de toda a dignidade e consolação do Genero humano, que parece agora na França ter sido incorporado em Facção, e que se acha acreditado, confessado, e até proposto a ser o Symbolo da Nação (\*).

Não sou inimigo de reformas. Quasi em todas as deliberações em que fui Vogal no Parlamento, desde o primeiro dia em que nelle tive assento, o meu principal negocio foi *justa reforma*; empenhando-me em corrigir abusos velhos, ou resistir á novos. Mas, em minha opinião, *reformatar, não he fazer em pedaços a architectura do Estado*: isso não só previ-

---

(\*) Ainda no principio deste Seculo se publicou na França o Diccionario dos Athêos, em que o proprio Author se poz na cabeça do rol.

ne toda a real e precisa reforma, mas até introduz males, de que depois em vão se póde achar emenda e reforma alguma.

Penso que a Nação Franceza obrou sem sabedoria em destruir a sua Constituição. Isto de que ella muito se préza, redundalhe em perpetua deshonra. Gloria-se de ter feito a revolução do proprio paiz, como se revoluções fossem em si cousas boas. Todos os horrores, e todos os crimes da anarchia, que conduzem á revolução de hum Estado, e que se augmentão com o seu progresso, se representão como nada aos amantes de revoluções. Para prevenir o contagio, e curso de tão horrivel Mal Francez, eu abandonaria os meus melhores amigos, e me congraçaria com os meus mais encarniçados inimigos; a fim de me oppor á todos os violentos esforços do *espírito de innovação*, que he só calculado a derribar o Imperio, e está mui longe dos verdadeiros principios das saudaveis reformas, e antes vem a ser absolutamente incompativeis com as mesmas.

Era do dever dos que influirão na destruição da França, só reparar os aggravos. Se os presumidos reformadores fossem virtuosos e sabios, devião para isso no seu melhor juizo se-

gurar a estabilidade do Throno, e das diversas ordens do Estado; mas, em lugar de melhorarem a fabrica de sua Monarchia, destroirão todas as balanças e contrapezos, que servião a fixar o Estado, dar-lhe firme duração, e fornecer os correctivos do violento espirito que podesse prevalecer em algumas de suas partes constituentes. Elles arrazarão o edificio com a maior temeridade, e confundirão tudo em huma incongrua, e desconnexa massa.

Depois de completarem a sua obra de *destruição*, e não obra de *reforma*, immediatamente, com a mais atroz perfidia contra o seu bom Soberano, e quebra de fé contra os proprios concidadãos, pozerão o machado á raiz de toda a Propriedade, e consequentemente de toda a Prosperidade Nacional, pelos principios que estabelecerão, e pelos exemplos que derão em confiscar todos os bens da Igreja, e depois da Nobreza. Os seus superficiaes e altanados Jurisconsultos fizeram huma sorte de *Instituta*, *Digesto*, e *Codigo* da anarchia, dando o titulo de *Direitos do Homem*, com tal pedantesco abuso dos elementares principios da Jurisprudencia, que até servirião de ignominia á meninos de escola. Mas a sua *Declaração de Direitos* foi

peior que ridicula pedantaria escolastica; pois, com tal nome e authoridade, elles destruirão systematicamente todo o doce vinculo interno, que as opiniões religiosas e civis tinham no espirito do povo. Por esta declaração, subverterão o Estado, e attrahirão á seu Paiz calamidades, que nenhum paiz civilisado jámais soffreo.

Na sua Revolução não houve combate entre a Tyrannia e a Liberdade. O sacrificio que os demagogos, ou instigadores do povo, fizeram da paz e fama do seu paiz, não foi feito no Altar da Liberdade. Estabelecerão huma democracia, ou tumulto o mais desordenado de homens furiosos, para exercitarem (o que era necessaria consequencia da sua precipitação e estulticia) o *despotismo da gentalha*, que he a *peior especie de tyrannia*. O seu real objecto foi o abaterem todas as legitimas instituições sociaes, que regulão e unem todas as classes da Commuidade em doirada Cadeia de subordinação. Elles fizeram rebellar soldados contra seus Officiaes; criados contra seus amos; artistas contra seus Mestres; rendeiros contra seus Senhorios; Curas contra seus Bispos; filhos contra seus pais; vassallos contra o seu Soberano. A sua causa

não foi inimiga da Servidão, mas da Sociedade.

Considere-se o como em qualquer paiz seria olhada huma insurreição plebeia, em que, como na França, se demolissem Palacios, e os Ecclesiasticos e Ricos fossem descompostos, roubados, e destruidos; queimando-se nas suas proprias faces os seus titulos antigos, e sendo suas pessoas e familias forçadas á exterminio, e a procurarem refugio por todas as Nações da Europa, sem outra razão e culpa mais, do que o terem nascido com solares de nobreza, serem proprietarios de terras e fundos, e se constituirem suspeitos de quererem conservar a sua consideração, e os seus bens?

A deserção dos Francezes foi huma abominavel sedição, e implacavel hostilidade á toda a gente nobre, e de educação, e cuja salvagem senha de motim era o pavoroso grito — eis o *Aristocrata* — para animar-se a canalha sanguinaria, e incapaz de nobres sentimentos, a cometter roubos e assassinatos, sendo irritada á todos os excessos por homens ambiciosos e scelerados, que intentavão humilhar e abater tudo que era respeitavel e virtuoso da Nação, quasi pondo em eterno opprobrio o

nome de hum paiz antes tão famoso no mundo como a França. Até a força militar foi pervertida na disciplina, e politica. Levantou-se a Tropa Nacional contra a Tropa de Linha. Fez-se balança dos Exercitos, e não dos Corpos do Estado. Isto estabeleceo a guerra civil.

He estranho comparar a *Revolução da França* com a *Revolução de Inglaterra*. Na epocha desta, o Principe de Orange, Principe de sangue Real da Gram Bretanha, foi chamado ao Throno Britannico pela flor da Nobreza Ingleza, para defender a sua *Antiga Constituição*, e não para nivellar todas as Distincções, pelo vil conceito de *falsa Liberdade e Igualdade*. A obediencia militar só mudou de objecto; mas a disciplina militar nem por momentos foi interrompida no seu principio. Que comparação tem a chamada Assembleia Constituyente Franceza, com a Magestade da Representação da Nação Ingleza!

A *Revolução da França* foi em tudo o avêso da *Revolução de Inglaterra*, que ora sustenta no Throno dos Reinos Unidos a Soberania da actual Casa Reinante. Entre nós, o caso foi de hum Monarcha legitimo querendo arrogar-se hum poder arbitrario: na França,

o caso foi de hum Monarcha absoluto, intentando legalisar a sua Authoridade, e querendo estabelecer huma Monarchia limitada. Não se tratou jámais na Gram Bretanha de mudar as Ordens do Estado, nem arruinar o Governo; só se procurou legalisallo, conservando-se as partes constituintes da Monarchia. A dizer propriamente a verdade, e a real substancia das cousas, não se fez revolução verdadeira, mas prevenio-se que ella se fizesse com as convulsões, que as revoluções trazem consigo. Só exigimos solidas garantias, tomámos assento de questões duvidosas, e corrigimos anomalias da nossa Lei. Não se fez revolução, nem ainda alteração, nas partes fundamentaes e estaveis da nossa Constituição de que já gozavamos; tambem não diminuímos as justas e necessarias prerogativas do Monarcha e da Corôa, antes consideravelmente as fortificámos. A Nação ficou conservando as anteriores Ordens, classes, privilegios, franquezas; as identicas regras da propriedade; as mesmas subordinações; igual ordem na Lei, Renda Publica, Magistratura; sustentámos as Cameras dos Lords, e Communs, as mesmas Corporações, e os mesmos Eleitores. No Acto do Parlamento apenas houve desvio

da rigorosa regra da successão, em favor de hum Principe, que, posto não fosse o immediato, era o mais proximo na linha da successão. O Lord *Somers*, que lavrou a Lei de Declaração de Direitos, se comportou nesta delicada occasião conforme ao senso do povo; dizendo, que “era admiravel providencia, e misericordiosa benção de Deos á Nação, preservar as Pessoas de Suas Magestades Reaes, para felizmente reinarem sobre o Throno de seus Antepassados; sobre o que, do fundo dos seus corações, todas as Ordens do Estado davão suas graças e louvores.”

Tambem em tal Revolução, a Igreja não soffreo o menor eclipse e detrimento. Os seus redditos, a sua majestade, o seu esplendor, as suas ordens e graduações, continuárão a ser como d’antes erão. Ella conservou-lhe toda a sua religiosa efficacia, e só a libertou de certa intolerancia, que produzia fraqueza, e menos gloria. A Igreja e a Monarchia pois ficarão sendo as mesmas, e só se constituirão melhor seguras. Não se fez Revolução na Constituição: tudo foi bom, porque principiou-se por fazer *reparação*, e não *ruina*. Em consequencia o Estado floreceo. Em lugar de se

prostrar como hum defunto, ou permanecer em huma sorte de transe, como outros Estados, com accessos epilepticos, expostos á irrisão ou piedade do mundo, e só fazendo, semelhantes á França, estrondo por movimentos convulsivos, sem algum proposito ou effeito mais, que o de quebrarem a propria cabeça sobre o pavimento, a Gram Bretanha se elevou sobre o seu mesmo prototypo.

Dahi em diante começou huma Era de prosperidade nacional mais avantajada, a qual, ainda continua, não obstante a devastadora mão do tempo, e não só sem diminuição, mas até com augmento. Todas as energias do paiz se despertarão. Inglaterra tem por isso mostradô mais firme rosto, e mais vigoroso braço, á todos os seus inimigos e rivaes. A Europa sob seus auspicios respirou e reviveo. Em toda a parte ella tem apparecido como Protectora, Assertora, e Vingadora da verdadeira liberdade, e tem sustentado guerra até contra a mesma Fortuna. Ella fez logo concluir o Tratado de *Riswick*, que limitou o poder da França; e consolidou a Grande Alliança, que abalou até nos alicerces o tremendo Colosso Gallico, que ameaçava a independencia do Genero Hu-

mano. Os Estados da Europa forão felizes á sombra desta Grande e Livre Monarchia, que sabe ser grande, sem pôr em perigo a paz interior do proprio paiz, e a paz externa de quaesquer dos seus vizinhos.

A Revolução Franceza só tem feito dar esplendor á obscuridade, e distincção aos meritos os mais indistinctos. Tive a mais inexprimivel admiração, quando me veio noticia, de que a *nova*, que se denominou em Londres *Sociedade da Revolução*, tomando huma sorte de importancia publica, e capacidade legal, dirigia cartas de parabens á que se intitulou *Assemblea Constituyente* da França, que havia completado tamanhas desordens em seu Paiz. Nenhuma pessoa ou Companhia particular, que não tem geral missão apostolica, póde, sem a maior irregularidade, abrir formal e publica correspondencia com algum novo Governo de Nação Estrangeira, sem expressa authoridade do Governo sôb o qual vive.

Sou homem lizo, e não posso ver com serenos olhos procedimentos mui refinados e engenhosos dos que se considerão superiormente illuminados, e que tomão, de motu proprio, os ares e maneiras dos estratagemas politicos. Lison-

geo-me de amar (ao menos com igual zelo que os outros,) a varonil, moral, e bem regulada liberdade civil. Tenho dado disso provas em minha conducta publica: mas não sou dos mais adiantados em dar louvor á qualquer cousa relativa á acções humanas, e negocios politicos, unicamente pela superficial vista do objecto, espoliado de todas as mais relações da Sociedade, e na nudez, e solidão das abstracções methaphysicas.

*Circunstancias* (que, no juizo de alguns cavalleiros, se considerão em nada) são, no meu fraco entender, as cousas mais essenciaes, e que na realidade dão á todo o principio e plano politico a conveniente côr, e effeito distincto, para se qualificar com discernimento a sua natureza. Taes *circunstancias* são as que constituem a cada *Projecto* civil, e politico, ora benefico, ora prejudicial ao Genero Humano.

Abstractamente fallando, *Governo*, e *Liberdade*, são cousas boas. Em *sensu commum*, ha dez annos poderia felicitar a França pelo gozo de seu governo, sem inquirir sobre a natureza de tal governo, e se era bem administrado. Poderei eu congratular agora a mesma Nação pela sua liberdade? Por isso que a li-

berdade, em abstracto, se deve contar entre os bens do Genero Humano, poderia alguém seriamente felicitar a hum louco, por haver escapado da protectora restricção, e saudavel escuridade da sua czinha, e de ter obtido restauração da luz, e liberdade? Darei parabens á hum salteador de estrada, e assassino, porque, quebrando a sua prizão, recobrou os seus direitos naturaes? O heroico libertador dos Condemnados á galés, só seria reputado por cavalleiro methaphysico de triste figura.

Quando vejo o espirito de liberdade em acção, vejo hum principio forte, posto em obra. Então hum gaz turbulento, ou centrifugo ar fixo, he solto dos seus naturaes vinculos. Devo pois suspender o meu juizo, até que a primeira effervescencia se tenha esfriado, o liquor se clarifique, e se possa ver no fundo alguma cousa mais do que sómente a agitação de turbada e escumosa superficie.

A lisonja corrompe a quem a faz e a quem a recebe; e a adulação dos povos não lhes he de melhor serviço, que a dos Reis. Deviamos logo demorar as congratulações á França pela sua nova liberdade, antes que se viesse no cabal conhecimento, do como ella tinha sido

combinada com a regularidade do governo; com a força publica; com a disciplina e obediencia do exercito; com a effectiva collecta e boa distribuição das Rendas do Estado; com a moralidade e religião; com a solidez da propriedade; com a paz e ordem; com as maneiras civis e sociaes. Sem estas cousas, a liberdade não he beneficio, ou vantagem duravel, mas antes maleficio, e desordem.

O effeito da liberdade nos individuos he fazerem o que lhes agrada; mas he necessario que primeiro saibamos que cousas são as que lhes agradão, antes que nos arrisquemos a dar-lhes os parabens, que se possão logo tornar em pezames. A prudencia assim o dicta, em caso de homens particulares, e obrando solitariamente; quanto mais o deve ser a respeito de Nações?

A *liberdade*, quando os homens operão em corpo, vem a ser *poder*. Toda a gente de consideração pois deve, antes de se declarar em applausos, observar o uso que taes homens fazem deste *poder*, e particularmente de huma cousa tão perigosa como he de *novo poder*, em *novas pessoas*, e obrando por *novos principios*; e quando aliás não tem ainda dado pro-

vas de seus temperamentos , e disposições , com pouca ou nenhuma experiencia dos negocios das Nações , e quando se achão em situações e scenas , em que talvez os actores não são os seus motores.

Comprehendendo-se todas as circumstancias , a Revolução Franceza he o mais assombroso phenomeno que tem acontecido no mundo. As cousas mais maravilhosas ás vezes vem á luz pelos meios mais absurdos , nos mais ridiculos modos , e pelos mais despreziveis instrumentos. Porém alli tudo parece estar fóra da natureza , no seu estranho cáhos de leveza e ferocidade. Vem-se todas as sortes de crimes , complicados com todas as sortes de loucuras. Nesta tragicomedia , as mais oppostas paixões se revezão necessariamente , e vão de encontro no espirito : ora tem-se alternativamente desprezo , e indignação ; ora rizo e lagrimas ; ora desdem e horror.

A experiencia nos tem ensinado , que *não ha outro mais certo expediente de perpetuar a nossa regular liberdade , senão guardando , do modo o mais sagrado , o direito da successão hereditaria na Coroa , e nas propriedades da Nação.*

Pela guarda inviolavel desta regra, o *espírito de cautela* predominou em a nossa Revolução no Conselho Nacional, estando-se aliás em situação, em que os homens irritados pela oppressão, e elevados pelo triumpho sobre ella, erão propensos a abandonarem a si mesmos á procedimentos violentos e extremos: elle mostrou a anciedade dos grandes homens que influirão na conducta dos negocios nessa grande época, para fazerem que a revolução fosse a mãe dos bons estabelecimentos, e não a matriz de futuras revoluções. A nossa Constituição não fez do Rei huma *Justiça de Aragão*, (\*) nem estabeleceo Tribunal em que elle se submettesse á alguma responsabilidade; antes constituiu a sua *Pessoa Sagrada*, e, na presumpção de Direito, impeccavel.

A nossa mais antiga reforma he a *Magna Charta* do Rei João. *Coke*, o Oraculo da nossa Lei, e todos os grandes homens que o seguirão até *Blackston*, se esforçao em mostrar, que esta foi a columna da nossa Liberdade, e que era connexa com outra *Charta*

(\*) Isto allude ao antigo uso do governo feudal de Hespanha, e em particular do Reino de Aragão, em que os Deputados das Côrtes, escolhendo Rei, propunhão-lhe condições, dizendo: *se assim, sim; se não, não.*

mais antiga de Henrique I., e que huma e outra não erão mais que mera confirmação de ainda mais antiga e constante *Lei da Terra*. Assim foi sempre a firme politica destes Reinos considerar os mais sagrados direitos, e *franquezas*, como *herança*.

Na famosa Lei de Carlos I., chamada a *Petição de Direito*, o Parlamento disse ao Rei — os Vossos Vassallos tem herdado esta liberdade —; reclamando as suas franquezas, não pelos abstractos principios de *Direitos do Homem* á franceza, mas como direitos consuetudinarios dos Inglezes, e patrimonio derivado de seus antepassados. A uniforme policia pois da nossa Constituição na Revolução só reclamou e consolidou a *herança fidei-commissaria* dos nossos maiores, para ser transmittida tambem illesa á nossa posteridade.

Por isso temos Corôa hereditaria: Nobreza hereditaria: Casa de Communs e Povo herdando privilegios, franquezas, e liberdade, por huma longa linha de muitos avós de avós, para perpetuidade da Monarchia Britannica. Assim poderemos dizer

—————multos que per annos  
Stat fortuna domus, et avi numerantur avorum.

Esta policia parece-me o resultado de profunda reflexão, ou (para melhor dizer) he o feliz effeito de seguir-se o *dictame da natureza*, que he a *sabedoria sem reflexão*, e que vem a ser ainda sobre ella. Não se póde olhar para os vindouros, sem tambem elevar as nossas vistas aos antepassados. A idéa de herança fornece seguro *principio de conservação*, e seguro *principio de transmissão*, sem todavia excluir o *principio de melhora*. Ella deixa livre os meios de novas aquisições, mas segura o adquirido.

Quando hum Estado se governa por estas maximas, constitue-se huma sorte de *Estabelecimento de Familia*, com a perpetuidade das *Corporações de mão-morta*. Quando a Policia Constitucional obra sobre o modelo da natureza, transmittimos o nosso governo, e os nossos privilegios, como transmittimos as nossas vidas, e as nossas propriedades. Assim as instituições saudaveis, os bens da fortuna, os dons da Providencia, se traspassão, como de mão á mão, de pais a filhos, na mesma carreira e ordem das operações da Natureza; e então o Corpo Politico se mantem em saude habitual de huma boa Constituição.

O noso Systema está posto em justa correspondencia com a harmonia do Mundo, e com o modo de existencia decretado á hum Corpo permanente, composto de partes transitorias, pela disposição da estupenda Sabedoria, que moldou a grande mysteriosa incorporação da Especie Humana, e que, subsistindo no todo em huma constancia immutavel, se move por variado theor de perpetua decadencia, morte, renovação, e progresso das suas partes componentes. Assim afferrando-nos aos bons principios dos nossos antepassados, não somos guiados pela superstição dos antiquarios, mas pelo espirito de analogia philosophica. Nesta escola de herança, damos á nossa fórma politica a imagem de consanguinidade; e ligando a Constituição politica aos nossos mais caros laços domesticos, e adoptando as nossas leis fundamentaes no seio das nossas affeições de familia, sustentamos inseparaveis, e amamos com ardor de todos os caracteres combinados, e mutuamente reflectidos, o nosso Estado, os nossos lares, os nossos sepulchros, e os nossos altares.

Pelo mesmo plano de conformidade á natureza em as nossas artificiaes instituições, e

chamando em ajuda dellas os seus poderosos instinctos (que não errão) para fortificar os falliveis e fracos esforços de nossa razão, temos percebido não pequenos beneficios de considerar a nossa liberdade como herança. Procedendo sempre como em presença de nossos canonisados avós, o espirito de liberdade, (que de si mesmo se precipita á excessos) he temperado por huma respeitosa gravidade. A idéa de huma descendencia liberal nos inspira sentimentos de nativa dignidade; no que se previne a insolencia de levantados, que quasi inevitavelmente acompanha e deshonra os que repentinamente adquirem alguma distincção.

Por este meio, a nossa liberdade vem a ser huma nobre franqueza, e traz consigo hum aspecto majestoso, dando lustre á prosapia dos nossos antepassados. Ella apresenta os seus timbres e braços: ella tem sua galeria de retratos: suas inscripções de monumentos: seus depositos e títulos de nobreza. Procuramos reverenciar as nossas instituições civis, pelo mesmo principio com que a natureza nos ensina a reverenciar os individuos veneraveis, isto he, em attenção á sua idade, e aos seus bons ascendentes. Todos os sophistas Francezes não

pódem produzir cousa alguma mais propria a conservar a racional e varonil liberdade, do que a carreira que temos seguido, escolhendo por guia antes a natureza que a phantasia, e os nossos corações antes que as nossas ficções, para serem os reservatorios e armazens dos nossos direitos e privilegios.

Como, em o mundo natural, o conflicto reciproco de forças discordantes constitue a harmonia do Universo, assim, em o mundo politico, a reciproca opposição e combinação de interesses, longe de affear a nossa Constituição, põe nella os saudaveis contrabalancos, que retêm na propria esphera, e nos devidos limites, todas as resoluções precipitadas. Elles fazem as nossas deliberações objecto de necessidade, e não de escolha, e toda a mudança, só materia de concordata, a qual naturalmente produz moderação, e temperança, que previne o cancroso mal de quaesquer duras, e despropositadas reformas, e torna para sempre impraticaveis os temerarios esforços do poder arbitrario, seja de poucos ambiciosos, seja da plebe tumultuaria. Pela mesma diversidade dos membros e interesses de qualquer Nação, a geral liberdade tem tantas seguranças, quantas são os

designios separados das differentes Ordens do Estado; entretanto que, sendo todo o edificio equilibrado e comprimido pelo peso de huma monarchia regular, impede-se que cada parte solitaria se desconcerte, e salte dos seus competentes póstos.

A França tinha todas estas vantagens no seu antigo systema; porém preferio o obrar, como se nunca tivesse entrado no usual molde da Sociedade Civil, e como se houvesse de começar de novo a carreira da Civilisação. Principiou mal, porque principiou por desprezar tudo que lhe pertencia. Assemelhou-se á hum individuo que principia o seu commercio sem capital. Se as primeiras mais remotas gerações de tal paiz apparecessem sem lustre aos seus olhos, poderia tellas preterido, e procurado os direitos nacionaes em os seus mais proximos antepassados. Tendo por elles huma pia predilecção, os Francezes terião achado nos mesmos seus bons avós, hum padrão de virtude e sabedoria superior á pratica da gente actual, e se terião exaltado com os nobres exemplos que aspirassem imitar. Respeitando aos seus mais gloriosos antepassados, aprenderião a respeitar á si proprios. Não se terião conside-

rado como hum povo de dous dias, e vil escravatura, que tentava conseguir a alforria, que suppõe ter-lhes vindo em 1789.

Não seria mais digno o considerar-se a Nação Franceza como huma Nação generosa, e cavalheira, sim ha muito tempo extraviada, em desvantagem propria, pelos seus altos e romanescos sentimentos de fidelidade, honra, e patriotismo; mas que, supposto alguns successos politicos lhes fossem desfavoraveis, com tudo nunca fora reduzida á escravidão, por ter indole illiberal e servil, e que, na sua mais submissa reverencia ao Governo, era só incitada por hum principio de espirito publico, e que cada cidadão adorava o proprio paiz na pessoa do seu Soberano? Se tivesse feito entender, que, na illusão deste amavel erro, intentava adiantar-se aos antepassados, e estava resolvida a recuperar os seus antigos privilegios, conservando todavia o espirito da antiga lealdade e honra; se, desconfiando de si, e não tendo em estima as suas antiquadas Constituições, olhasse para a Gram Bretanha, que conservou sempre os bons principios e modelos da Lei Geral da Europa, já melhorada, e accomodada ao presente estado, seguin-

do os seus mais sabios exemplos, teria sem duvida dado novas provas de sabedoria ao Mundo.

Então a França faria a causa da liberdade veneravel aos olhos de toda a pessoa digna em qualquer Nação; o despotismo, por vergonha, se degradaria da terra; e a experiencia mostraria, que a liberdade, sendo bem disciplinada, não só era conciliavel, mas até auxiliar, á Lei. Assim, em lugar de ter hum redito publico oppressivo, o teria productivo: sustentaria hum commercio florente; teria huma Constituição livre; huma poderosa monarchia; hum Clero reformado, e veneravel; huma Nobreza espirituosa, não insultante, e só propria a ser a guia da virtude nacional; teria tambem huma liberal Classe de Homens Bons da terra, para emularem a Nobreza, e entrarem gradualmente os seus melhores individuos para esta superior ordem; teria hum Povo bem protegido, constante, laborioso, subordinado, e instruido a procurar por justos meios a melhora da propria condição.

Então na França geralmente se reconheceria; que *a felicidade só se acha por meio da virtude de todas as condições de pessoas, e*

que nisso consiste a verdadeira igualdade moral do Genero Humano ; e não em a monstruosa ficção dos revolucionarios , que inspi-  
rando idéas falsas, e vãs esperanças, aos individuos destinados a passar pela escura estrada de huma vida de trabalhos, serve sómente de muito aggravar, e ainda mais extender, a real desigualdade, que não se póde jámais remover, e que a ordem da vida civil estabelece, tanto para beneficio daquelles a quem a fortuna deixa em hum estado humilde, como tambem para aquelles que tem exaltado á huma sorte mais esplendida, ainda que não mais feliz.

Tire a França a conta de seus ganhos : veja o que lucrou pelas extravagantes e presumptuosas especulações, que ensinarão aos Cabeças da revolução a desprezar todos os seus predecessores, e contemporaneos, e ainda a desprezar a si proprios, até o extremo de se reduzirem a ser verdadeiramente despreziveis. A França, seguindo luzes falsas, comprou as mais certas calamidades por mais alto preço, do que outras Nações tem comprado ainda os bens mais seguros ! França comprou pobreza por malfeitoria. França não só sacrificou

a sua virtude ao seu interesse, mas até abandonou o proprio interesse para prostituir a sua virtude.

Todas as outras Nações tem principiado a fabrica de seu novo governo, e a reforma do antigo, estabelecendo logo na origem, e fazendo executar com grande exacção, algum rito religioso de culto publico. Todos os mais reformadores tem firmado os fundamentos da liberdade civil em algum systema da mais austera moralidade, ainda que aliás differente nas maneiras. A França porém, soltando as redeas da Authoridade Real, redobrou a licenciosidade com a mais feroz dissolução dos costumes, e insolente irrelição em idéas e práticas; extendendo por todas as classes de individuos, e modos de vida, todas as infelizes corrupções, que ordinariamente produzem as enfermidades que se originão do abuso da riqueza e poder. Este foi hum dos falsos principios da igualdade franceza, isto he a *igualdade de vicios*.

O Parlamento de Pariz disse ao Rei, que, convocando os Estados Geraes, nada teria a temer do excesso do seu zelo em prover ao sustento do Throno. Os que derão esse conse-

lho, traxerão ruina sobre si, seu Soberano, e seu paiz. Taes declarações temerarias tendem a deixar dormir a Authoridade Real, e animalla a precipitar-se á aventuras perigosas de novas medidas politicas, de que se não tem experimentado os bons ou máos effeitos, e a desprezar as preparações e precauções, que distinguem a benevolencia da imbecillidade, e sem que, nenhuma pessoa póde responder pelos saudaveis resultados de algum abstracto Plano de governo, ou de liberdade. Por falta destas precauções vi a Medicina do Estado corrompida em veneno proprio. Os conselheiros virão os Francezes rebellarem-se contra o seu ingenuo e legitimo Monarcha com mais furia e crueldade, que nunca povo algum praticou contra o mais illegal usurpador, ou contra o mais sanguinario Tyranno. Elles atirárão com a mais vil traição contra a mesma generosa mão, que lhe prodigalisava graças, favores, e immunidades.

Tudo isto foi desnaturado, mas o resto estava na ordem. Elles achárão o seu castigo no complemento dos proprios desvarios. Leis transtornadas; Tribunaes subvertidos; industria sem vigor; commercio expirante; renda publica abatida; o povo mais indigente; a Igreja es-

poliada; o Estado sem allivio; todas as cousas divinas e humanas sacrificadas ao idolo do Credito Publico; e com tudo a bancarrota nacional verificou-se; e, para coroar tudo, vans seguranças do *papel-moeda*, que intitularão *Assignados*, destinadas a sustentar o novo, precario, e vacilante poder, não sendo senão desacreditadas garantias da fraude empobrecida, e da rapina mendicante, se constituirão o dinheiro corrente, em lugar das duas reconhecidas especies de numerario, (ouro e prata) que representão o duravel convencional credito do Genero Humano, as quaes desapparecerão e se esconderão na terra donde vierão, ao mesmo tempo que o principio da propriedade, de que ellas são creaturas, e representantes, foi systematicamente pervertido.

Na Assembleia Nacional da França, ainda que houvessem algumas pessoas de alto nome, e de brilhantes talentos, não se achou huma só que tivesse assás experiencia prática de negocios de Estado. Os melhores Vogaes apenas erão homens de theoria. Em taes corporações, os cabeças que dirigem os collegas, são tambem guiados em seu turno por estes. Por mais altos que sejão os seus conhecimen-

tos, he forçoso que conformem as suas propostas ao gosto, talento, e procedimento daquelles a quem dirigem: e por tanto, se a companhia he composta viciosa ou fracamente em grande parte da mesma, só hum supremo gráo de virtude, que raras vezes apparece no mundo (e por essa razão não póde entrar em calculo) he capaz de fazer, que os homens de genio, espalhados na geral massa, deixem de ser os instrumentos dos mais absurdos projectos. Se porém (o que he mais natural) em vez de terem hum gráo de virtude além do ordinario, forem agitados de sinistra ambição, e lascivo desejo de gloria meretricia, então a parte fraca de tal corporação vem por fim a ser o instrumento de seus designios. Neste trafico politico, os cabeças serão tão obrigados a curvar-se á ignorancia dos seus sequazes, como estes a servirem aos peiores designios de seus directores.

Para segurar pois algum gráo de sobriedade nas propostas feitas pelos que tomão o ascendente nas deliberações de Assembleia publica, he necessario que respeitem, e que em algum gráo temão, aquelles a quem encaminhão, e dão impulso nas obras. Ora nenhuma

cousa póde segurar hum firme e moderado procedimento em taes Assembleas, senão o ser o seu corpo respeitavelmente composto de muitas pessoas, que em condição de vida, permanente propriedade, e nobreza de educação, tenham adquirido habitos que alarguem e liberalizem o entendimento.

Porém a Assembleia Nacional da França foi composta, não de Magistrados distinctos, que já tivessem dado a seu paiz penhores de sciencia, prudencia, e integridade; não de Advogados avantajados, que tivessem sido a gloria do Foro; não de Professores famosos das Universidades; mas na maior parte se encheo de multidão de membros inferiores illiteratos, e até de mechanicos, meros instrumentos passivos na mão dos Collegas de superior capacidade; escuros Advogados de provincia; Procuradores e Escrivães, e mais trém de gente que sempre viveo de trapaças, e da pequena guerra de demandas de villas. Onde quer que se entregue a authoridade suprema á hum Corpo assim composto, hão de se experimentar os effeitos de se confiar tão sagrado poder á pessoas que não tem sido ensinadas habitualmente a respeitar a si mesmas, que não tem dado pré-

via fortuna que lhe dê character que sustentem, não se pôde esperar, que manejem com moderação, ou condução com discernimento, hum poder, que elles mesmos, mais ainda do que quaesquer outras pessoas, se admirão de achar entre as proprias mãos.

Quem se poderia lisongear, que taes pessoas, vendo-se de repente arrancadas dos mais humildes grãos de subordinação, não se infatuassem com a sua grandeza não preparada? Quem conceberia que homens, que são habitualmente intromettidos, ousados, subtis, activos, de disposição contenciosa, e de espirites inquietos, tornarião a cahir de boa vontade em sua antiga condição de viverem de huma laboriosa, baixa, e pouco lucrativa trapaga? Quem duvidaria, que elles não promovessem á custa do Estado, de que nada entendem, os proprios interesses, de que erão tão conhecedores? O successo pois não era contingente, mas necessario, e fundado em a natureza das cousas. Havião de certo fazer huma Constituição litigiosa, que abrisse o campo de innumeraveis disputas lucrativas, infalliveis consequencias de todas as grandes convulsões dos Estados, e particularmente em todas as grandes e violentas

transmutações da propriedade. Como se poderia esperar que consultassem á estabilidade da propriedade, pessoas cuja existencia tinha sempre dependido de tudo que faz a propriedade contraversa, ambigua, e não segura?

Nem estes homens podião ser moderados e reprimidos por pessoas de mais circunspectos espiritos, e mais elevadas intelligencias. Pois muitos dos membros d' Assemblea até erão camponezes e paizanos, que não sabião ler nem escrever; e muito maior numero erão negociantes, que, posto sejam ás vezes mais instruidos que as outras classes inferiores, e muitos fossem conspicuos na ordem da sociedade, com tudo não conhecem cousa alguma além do seu escritorio. Tambem havião membros da Faculdade de Medicina. Mas os leitos dos doentes não são Academias para formar Estadistas, e Legisladores. Entrarão igualmente capitalistas, que antes tratavão em compras de fundos publicos, e que naturalmente serião mui cuidadosos de trocar a sua riqueza ideal de papel-moeda em mais solida substancia da terra. Havião finalmente outras classes de pessoas da mesma estôfa, não habituadas á sentimentos de dignidade, e mais proprios a se-

rem instrumentos que obstaculos de Cabalas. Com tão perigosa desproporção de pessoas desta qualidade a respeito das que podião bem servir o Estado obrando por espirito publico, a desordem era inevitavel.

A Camara dos Communs de Inglaterra, sem fechar as portas á merecimento algum de qualquer classe, he cheia, por operações de adequadas causas, com toda gente que o paiz póde dar illustre em ordem, em prosapia, em hereditaria e adquirida opulencia, em talentos cultivados, e em toda a especie de distincção militar, civil, naval, e politica. Se ella fosse composta da miscellanea da Assembleia Franzeza, poderia o dominio da trapaça ser tolerado com paciencia, ou ainda concebido sem horror?

A Deos não praza que eu insinue cousa alguma que derogue á profissão da Jurisprudencia, que vem a ser como outro Sacerdocio, que administra os direitos da sagrada justiça. Mas a sua excellencia, quanto ao exercicio de suas funcções privativas, não lhe dá qualificação para as de diverso objecto. Os seus Professores são bons e uteis para entrarem em Composição dos Corpos publicos; mas

são maleficos, se proponderão em modo, que constituão o total delles. Não póde escapar á observação de pessoas de senso, que, quando os Consultos estão mui restrictos aos habitos de sua faculdade, e, por assim dizer, inveterados em empregos de curto circulo, ficão inhabilitados á qualquer Officio, que requer conhecimento do genero humano, e experiencia de negocios grandes, complicados, e comprehensivos de interesses internos e externos da Nação, que servem a organizar obra tão complexa, como he a *Constituição do Estado*.

Por isso a Assembleia Franceza, destruindo todas as Ordens do Estado, não foi retirada em seus actos, nem por Leis fundamentaes, nem por convenção de direito estreito, nem por algum respeitado uso. Nada no Ceo e na terra podia servir para os enfrear nas suas resoluções. *Os nescios se precipitão a correr onde os Anjos temem passar*. Em tal estado de hum poder illimitado, e para propositos indefinidos e indefiniveis, o mal da moral, e quasi physica, ineptidão dos homens para as funcções de tal Corpo, devia ser o maior que se póde conceber nos negocios humanos.

As revoluções das guerras civis de Ingla-

terra no tempo de *Cromwell*, e da França no tempo dos *Guises*, *Condés*, e *Colignys*, ainda que cheias de matanças, todavia não assassinarão tambem o espirito do paiz. A consciencia da dignidade nacional, o nobre orgulho, e o senso de generosa emulação, não se extinguirão. Continuarão a existir os órgãos do Estado, ainda que convulsos. Permanecerão todos os premios da honra e virtude. Mas a presente confusão, semelhante á paralyisia, atacou até a mesma fonte da vida. Os que sobreviverem ás actuaes desordens, não experimentarão sensação de vida, excepto na mortificada e humilhada indignação. A geração seguinte será composta de jogadores, usurarios, e judaizantes.

Os que tentão nivellar as classes dos individuos, jámais as igualizão. Em todas as Sociedades, compostas de varias descripções de pessoas, algumas sempre serão superiores, e preeminentes. Os nivelladores pois só mudão e pervertem a natural ordem das cousas: elles sobrecarregão o edificio da Sociedade, pondo nos ares o que a solidez da estructura requer que esteja no chão. Associações de officiaes mechanicos não pódem ser adequadas á situações

altas do Estado, em que, se intentão collocallos, pela peor de todas as usurpações, *a usurpação das prerogativas da natureza.*

O Chanceller da França na abertura dos Estados Geraes, em tom de florida figura rhetorica disse, que *todas as profissões erão honradas.* Se queria nisso dizer, que nenhum emprego honesto he ignominioso a quem o exerce, não iria fóra da verdade. Mas dizer, que cada emprego he emprego de honra, he dizer que elle tem em si alguma distincção. Ora não he menos certo, que v. g. o officio de cabellereiro, ou de fabricante de velas de sebo, não traz honra e distincção á pessoa alguma. Os outros empregos mais ou menos baixos, e servis, estão em igual caso. Sem duvida as pessoas que os exercem, não devem soffrer oppressão do Estado; mas o Estado soffreria oppressão, se se tolerasse que taes pessoas tivessem parte no governo. Nisto não combatemos prejuizo algum: os que dizem o contrario, fazem guerra á natureza.

O Livro do Ecclesiastico ensina admiravelmente no cap. 38. *A sabedoria do escritor vem no tempo do descanso; e só póde ser sabio, quem não he obrigado a fazer trabalhos duros para ganhar sua vida. Que sabedoria*

*póde ter o lavrador, que tem sempre a relha do arado na mão, e só falla em bois, novillos, e gordura de vaccas? Assim he o oleiro, e todos os mais artistas, sem os quaes não ha cidade. Sendo peritos na sua arte, são attendiveis no que pertence á obra dellas. Mas não serão convocados para Deliberações de interesse publico, nem se assentarão na Cadeira do Juiz etc.*

Não se imagine que desejo monopolisar o poder, authoridade, e distincção, tão sómente para vantagem da Nobreza de sangue, nomes, e titulos. Não ha qualificação para o governo senão Virtude, e Sabedoria, *actual*, ou *presumptiva*. Achando-se estas qualidades em qualquer estado, condição, profissão, ou modo de vida, os que as possuem, tem passaporte do Ceo para lugares de honra humana. Ay do paiz, que, fátua e impiamente, rejeitasse o serviço dos talentos e virtudes civis, militares, e religiosas, que lhe são dadas para ornar e aproveitar o mesmo paiz, e que condemnasse á obscuridade qualquer habilidade destinada a espargir lustre e gloria em torno do Estado! Mas tambem ay do paiz, que, passando ao extremo opposto, considerasse a educação baixa, que só dá mui estreita vista das cousas, e as occupa-

ções sordidas, e mercenarias, como títulos preferiveis para governo das Nações. Todos os caminhos ás honras do Estado devem ser abertos; mas todos os postos não devem ser indifferentes á cada pessoa. Não he isto dizer, que a estrada á eminencia e poder no Estado deva ser feita muito facil, nem mui trivial. Se o merecimento raro he a mais rara de todas as cousas, elle deve passar por huma sorte de prova. O templo da honra deve ser estabelecido em o cume de monte alcantilado. Se deve ser accessivel á Virtude, devemo-nos lembrar, que a Virtude não he jámais bem experimentada, senão com bastante difficuldade, e algum combate.

Nenhuma cousa he tão devida e adequada representação do Estado, como a *habilidade* dos individuos que o compõe, e a sua *propriedade*. Mas como a habilidade he hum principio vigoroso e activo, e a propriedade hum principio bronco, inerte, e timido, a propriedade não póde ser segura das invasões da habilidade, sem que, no calculo das proporções, ella predomine na dita representação. Ella ou deve ser representada exuberantemente nas grandes massas de accumulção de bens, ou, do contrario, não será realmente protegida.

A característica essencia da propriedade, formada dos combinados principios de sua adquisição e conservação, he o ser *desigual*. As grandes massas pois de propriedade que excitão a inveja, e tentão a rapacidade, devem ser postas fóra da possibilidade de perigo. Então ellas formão o natural baluarte em roda das menores propriedades, em todas as suas graduações. A mesma quantidade de propriedade, que, pelo curso natural das cousas, he dividida entre muitos, não tem a mesma operação. O seu poder defensivo se enfraquece, á medida que se diffunde. Nesta diffusão, a porção de cada pessoa he menos do que, no fervor de seus desejos, se poderia lisongear de obter dissipando as accumulações das outras pessoas. O roubo de poucos daria insignificante partilha na distribuição feita á muitos. Porém o grosso do povo não he capaz de fazer este calculo; e os que conduzem á rapina, jámais intentão fazer essa distribuição.

A liberdade civil não se póde julgar perfeita, onde a propriedade não está segura. O poder de perpetuar a nossa propriedade em as nossas familias, he huma das mais preciosas e interessantes circumstancias, que lhes pertencem, e que mais tende a perpetuar a sociedade civil.

Elle faz que a nossa fraqueza sirva á nossa virtude, e até enxerta a benevolencia na avareza. Os possuidores de riqueza de familia, e de distincção, que acompanha a posse hereditaria de bens e titulos de avós, são as naturaes seguranças para o seu traspasso aos descendentes. A nossa Camara dos Pares he formada sobre este principio: ella he toda composta de propriedade, e distincção hereditaria; e constitue a terça parte do Corpo Legislativo; e, em ultima instancia, he o unico juiz de toda a propriedade, em todas as suas subdivisões. Tambem a Camara dos Communs, ainda que não necessariamente, com tudo, de facto, he sempre composta, na maior parte, de homens de propriedade. Quanto maior he o numero destes (e naturalmente devem ser os melhores desta classe) tanto melhor formão o lastro da Náo do Estado. Sim a riqueza hereditaria, e a nobreza que della provém, he mui idolatrada por servis sycophantas, cegos e abjectos admiradores do poder; mas tambem he temerariamente desprezada nas superficiaes especulações de petulantes, e orgulhosos paravilhos da falsa philosophia. Dar-se ao *nascimento nobre* alguma decente e regulada preeminencia, e alguma preferencia (não privilegio exclusivo ás

honras do Estado) não he desnatural, nem injusto, nem impolitico.

Tem-se dito, que o interesse de milhões de pessoas de que se compõe huma Nação, deve prevalecer ao de poucos milhares, que fórmão o numero de seus nobres e ricos. Isto seria verdade, se a Constituição dos Estados fosse hum problema de Arithmetica: mas tal discurso he ridiculo para pessoas que discorrem com acerto. A vontade de muitos, e o seu interesse, pódem ser cousas mui distinctas. Hum governo politico, que não se funda principalmente no grande interesse da propriedade, está fóra da natureza das cousas. Como, pela nova Constituição, feita por escuros procuradores, e parochos de provincia, de envólta com huma duzia de nobres descontentes, e desertores da sua ordem, a propriedade não servio de governo ao paiz, a obvia consequencia foi ser destruida a propriedade, sem a qual todavia não póde existir liberdade racional. Quando a Assembleia Nacional, composta daquella gente, deo por acabada a sua obra, completou a ruina do paiz.

Em vão se falla á ambiciosos e anarchistas sobre a pratica dos nossos antepassados, leis fundamentaes do paiz, e fixa fórma de Constitui-

gão, cujo merecimento aliás se confirma pelo solido criterio de longa experiencia, e progressiva prosperidade publica. Elles desprezão a experiencia, como sabedoria de homens não letrados; e com suas visionarias theorias preparão a mina, que deve fazer estourar com huma grande explosão todos os exemplos de antiguidade, arestos, e diplomas publicos. Reconhecem que os tempos dessa explosão serão calamitosos. Mas dizem, que a convulsão no mundo politico não he objecto digno de lamentação, havendo de ser seguida por tão benefico effeito, qual he o de se estabelecer na terra o Codigo dos *Direitos do Homem*. Eis como esta casta de gente se prepara a ver com firmes olhos as maiores calamidades que possão sobrevir á seu paiz!

Devem-se distinguir os *reaes direitos do homem* dos *falsos direitos* que os entusiastas revolucionarios vagamente inculcarão. Estes *direitos espurios* só servem a destruir inteiramente aquelles *direitos genuinos*.

Como a Sociedade Civil he feita para vantagem do homem, todas as vantagens, para ter as quaes se estabelece a Sociedade, vem a ser o seu verdadeiro direito. A Sociedade he huma instituição de beneficencia, e a Lei Civil não

he mais que a beneficencia publica, declarada em regra positiva. Os homens tem direito a viver por esta regra. Por tanto tem direito á que se lhe faça justiça, como vivendo entre concidadãos, quer obrem em função politica, quer em seus ordinarios negocios. Elles tem direito ao fructo da sua industria, e aos meios de fazer esta industria fructifera. Elles tem direito á herança dos bens de seus pais, á sustentação, e educação de seus filhos, á instrucção na vida, e consolação na morte. Tem direito de fazer para si separadamente tudo aquillo que lhes he possivel fazer sem offensa do direito dos outros. Tem direito á huma equitativa partilha dos bens da Sociedade, que esta he capaz de fazer em favor de cada individuo com todas as suas combinações de sabedoria e força. Nesta companhia, todos os homens tem iguaes direitos, mas não á quaesquer cousas. O que só entrou com cinco shellings para huma companhia, tem tão igual direito á partilha dos lucros da sua entrada, como o que entrou com quiahentos shellings o tem para maior porção, proporcional á maioria de seu capital. Mas não tem direito á igual dividendo no producto do fundo unido da Sociedade. Quanto porém a terem todos tambem par-

tilha de poder, authoridade, e direcção de cada individuo no governo do Estado, nego que jámais fossem esses os originaes direitos do homem em qualquer Sociedade Civil, pois contemplo o homem social, e não o homem natural.

Hum dos primeiros motivos da Sociedade civil, e que pertence ás suas regras fundametaes, he que nenhum homem seja juiz na propria causa. Por esta regra, toda a pessoa se priva do primeiro fundamental direito de cada homem, antes que entrasse em sociedade civil por contrato, isto he, do direito que tinha de julgar na propria causa, e ser por si mesmo o vingador do seu direito. Elle abdica inteiramente este direito á pessoa á quem se entregou o governo. Elle até em grande parte abandona o direito natural da defeza propria, que aliás se funda na primitiva lei da natureza.

Os homens não pódem ao mesmo tempo gozar dos direitos do estado selvagem, e do civilizado. Para que possa cada individuo na Sociedade civil alcançar justiça, deve renunciar ao direito de decidir o que lhe he em certos pontos o mais essencial. Para segurar alguma liberdade racionavel, deve render á discrição o total dos direitos, que antes tinha, e nos quaes en-

trava tambem a liberdade de mal fazer, e de pôr em perigo a existencia e commodidade dos outros.

O Governo não he feito em virtude de direitos naturaes, que possam existir com absoluta independencia do mesmo governo. Abstracta perfeição de taes direitos vem a ser o seu defeito práctico. Os homens no estado salvagem, por terem illimitado direito á todas as cousas, vem a ter falta de tudo. O Governo he huma especulação da Sabedoria humana, para providenciar ás precisões dos homens. Os homens tem direito a que a sabedoria do Governo proveja á estas precisões. Entre estas precisões deve-se contar por huma principal, o haver huma fórmula de sociedade civil, com sufficiente restricção sobre as paixões dos homens. A Sociedade requer, não só que as paixões dos individuos sejam sujeitas á alguma authoridade que as reprima; mas tambem, que, no corpo do povo, as inclinações dos homens sejam frequentemente encontradas, e que a sua vontade seja em justos termos restricta. Isto só se póde fazer por hum poder que esteja fóra delles, e que, no exercicio de suas funcções, não seja sujeito á vontade e ás paixões do povo; visto que o officio do Governo consiste

em impor-lhes o devido freio e jugo. Neste sentido, não só as liberdades dos homens, mas também as restricções dellas, se devem contar entre os seus direitos. Mas estas liberdades, e suas restricções, varião com os tempos e circumstancias: e admittem infinitas modificações. Por tanto ellas não se pódem estabelecer por *abstractas regras*.

Desde o momento que se rebate alguma cousa dos plenos direitos do homem do estado selvagem, isto he, desde que cedeo do direito que tinha de se governar por si só, e soffreo alguma limitação desse direito, logo a *organização do governo* vem a ser *Consideração de Conveniencia*. Isto he o que faz a *Constituição do Estado*, e a devida distribuição dos seus poderes, hum objecto da mais melindrosa e complicada sabedoria. Ella requer profundo conhecimento da natureza humana, das necessidades sociaes, e das cousas que facilitão ou obstruem os varios fins que convém se procurem pelas instituições civis. O Estado deve ter sempre em si hum fundo de força, vida, e remedio, para as proprias enfermidades. Quando hum Estado fraco e doente carece de mantença e medicina, o methodo de lhe procurar e administrar sustento e curati-

vo não he fazer abstractas discussões dos direitos do homem. Na deliberação dos melhores meios de lhe dar vida e saude, deve-se antes consultar ao lavrador, do que ao professor de metaphysica.

A sciencia de construir hum Estado, ou de reformallo, e renovallo, he como toda outra *Sciencia experimental*, que não se ensina à *priori*. (\*) Nem huma limitada experiencia nos póde instruir em cousas de sciencia prática; pois que os reaes effeitos das causas moraes não são sempre immediatos. A's vezes o que na primeira instancia he prejudicial, póde ser excellente em huma operação mais remota. Até a sua excellencia póde originar-se dos máos effeitos que ao principio produzio. A's vezes acontece o contrario; pois tem-se visto planos mui plausiveis, e com principios mui brilhantes, que depois tiveram mui vergonhosos e lamentaveis exitos. Nos Estados ha muitas vezes algumas escuras, e quasi escondidas, causas, de que depende grande parte das prosperidades ou adversidades das Na-

D

---

(\*) Isto he, só pelas causas originaes, e por abstractos principios de analyse metaphysica, não combinados com observações praticas do modo de viverem os homens na sociedade.

ções, que aliás consistem em cousas á primeira vista de pouco momento.

Sendo pois a sciencia do governo em si mesma huma sciencia prática, e destinada para cousas práticas, ella vem a ser materia que requer muita cautela e experiencia, e mais experiencia do que huma pessoa póde ganhar em longa vida. Homens de Estado de grande sagacidade jámais se aventurão a derribar hum Edificio Politico, que por seculos se sustentou, enchendo os ordinarios objectos da Sociedade; nem a edificar hum de novo, sem ter ante os olhos modelos e padrões de approvada utilidade.

Os direitos metaphysicos dos homens, entrando na vida commum, são como os raios de luz, que, penetrando hum meio denso, logo, pelas leis da natureza, se refrangem de sua linha recta. Na verdade, na grossa e complicada massa das paixões e interesses dos homens, os seus primitivos direitos experimentão muita variedade de refrações, e reflexões; e seria absurdo fallar delles, como se continuassem na simplicidade da sua original direcção. A natureza do homem he intrincada: os objectos da sociedade são da maior possivel complicação; e por tanto nenhuma disposição simples de poder

politico póde ser conforme á natureza do homem, ou á qualidade dos seus negocios.

Quando ouço fallar da jactanciosa ostentação de simplicidade da idéa na formatura de novas Constituições politicas, vejo logo quanto os presumidos artifices são grosseiramente ignorantes da sua arte, ou do seu dever.

Governos simples são fundamentalmente defeituosos, á não dizer peor cousa. Contemplando-se a Sociedade sómente em hum ponto de vista, os modos simples de regime encantão o espirito. Custa mais a perceber o todo de huma machina que tem partes mui complexas. Porém he melhor que o todo della tenha huma ordem que satisfaça soffrivelmente ao seu fim, do que ter algumas partes muito exactas, quando aliás outras são desattendidas, ou substancialmente prejudicadas, só para se dar o principal cuidado á algum dos seus membros componentes.

Os pertendidos direitos dos homens dos theoristas visionarios são todos extremos; e, em proporção que são metaphysicamente verdadeiros, vem a ser moral e politicamente falsos. Os solidos direitos do homem estão em huma sorte de meio, incapaz de definição, mas não impossivel de se discernir.

Os direitos do homem no governo são as suas vantagens; e estas muitas vezes consistem nas balanças entre as diferenças do bem; e algumas vezes nos compromissos entre o bem e o mal; e outras vezes entre mal e mal. *Razão politica* he hum *principio calculador*, que faz conta de sommar, diminuir, multiplicar, e repartir, pelos verdadeiros denominadores moraes, e não por analyses metaphysicas e mathematicas.

Os anarchistas confundem o direito do povo com o seu poder. E como o direito e poder não são as mesmas cousas, em quanto elles se não unem, deve-se dizer, que o povo não tem direito que seja incompativel com a virtude, e com a primeira das virtudes, a *prudencia*. Mas, onde o povo he dirigido por cabeças de homens mal intencionados, que até ridiculisão a humanidade e compaixão; como fructos da superstição e ignorancia, e a ternura dos individuos se interpreta por traição ao publico, nada he mais contra o direito, do que dar ao povo, a quem se inspirão taes sentimentos, o poder de turbar a ordem civil.

Por isto na chamada Assembleia Nacional nunca houve côr de imperio, nem face alguma de Senado. O seu poder foi como o do *principio*

*mão* dos Manichêos, só proprio a subverter e destruir, e não para edificar, e compor, excepto machinas infernaes, para inteira subversão e destruição do Estado.

Influido por innatos sentimentos da minha constituição, e não sendo illuminado pelo menor raio da nova fonte de luzes da Revolução Franceza, a exaltada dignidade das pessoas Reaes, que soffrerão por ella, (considerando particularmente o Rei da França, hum Soberano tão bom, e a sua Rainha huma Senhora de tanta belleza, e amaveis qualidades, descendente de tantos Reis e Imperadores) a tenra idade de seus Reaes Filhinhos, e os infortunios destas Augustas Pessoas, em lugar de me serem objectos de exultação, dão mortal agonia á minha sensibilidade, vendo impunidos os triumphos do crime. Ha quasi 17 annos que vi aquella Princeza em Versailles. Por sua mimosa delicadeza, mal parecia tocar este Orbe na deliciosa visão, em que me pareceo como surgindo sobre o horizonte, aformoseando e fazendo luzir a esphera sobre que principiava a mover-se, scintillando como a estrella da madrugada, cheia de vida, esplendor, e alegria. Oh que revolução! Que coração poderá contemplar sem estremecer

aquella elevação, e esta quéda! Não me podia então jámais vir ao pensamento, nem por sonho, que, ao mesmo tempo que ella accrescentava titulos de veneração aos do enthusiastico, distante, e respeitoso amor do povo, seria obrigada a trazer forte antidoto contra a desgraça occulta em suas entranhas; e que eu teria vivido para ver suas desventuras, sobrevindas á huma Belleza da parte de huma Nação de amantes, e de Nação de homens de honra, e Cavalleiros? Penso que em outro tempo dez mil espadas saltarião das bainhas, para vingar hum só olhado que a ameaçasse de insulto. Mas já se foi a idade da cavalleria (\*), e succedeo em seu lugar a de sophistas, e calculadores: assim a gloria da Europa extinguiu-se para sempre. Nunca mais veremos

---

(\*) Esta passagem foi das mais motejadas pelos partidistas francezes, ainda em Inglaterra. Mas ella tem grande verdade de sentimento, e de prática. A veneração ás mulheres foi caracterizada pela pena do immortal Tacito, descrevendo os costumes dos antigos Allemaes. Suppunhão estes, no tempo em que se adoravão as virtudes, e ninguem se ria dos vícios, que as mulheres tinhão em si alguma cousa de santo e divino. Fazendo ellas a doçura da vida social, e sendo o deposito da posteridade, o valor que dá aos homens o seu timbre de reverenciarem e protegerem o bello sexo, he o maior baluarte dos Estados, e com razão constitue o que Burke chama *barata defeza das Nações*.

a generosa lealdade de todas as ordens, e de todos os sexos, nem a briosa submissão ao Soberano, nem a obediencia cheia de dignidade e candida subordinação de coração, que tinha sempre viva, ainda na mesma servidão, o espirito da exaltada liberdade. Acabou-se a inestimavel graça da vida, a *barata defeza das Nações*, a mãe de varonis sentimentos, e emprezas heroicas. Extinguiu-se a sensibilidade de principio, e a castidade de honra, que sente qualquer nodoa nella como huma mortal ferida, e que inspira coragem, ao mesmo tempo que mitiga a ferocidade, ennobrecendo tudo que toca, e debaixo de cuja influencia até o vicio perde ametade de seu mal, perdendo a sua grosseria.

Este systema mixto de opinião e sentimento teve origem na antiga cavalleria. Se fosse totalmente amortizado, seria mui grande perda para a civilisação. Elle foi o que deo character á moderna Europa, e que, debaixo das suas diferentes fórmas de governo, a distinguiu, com muitas vantagens, dos Estados d'Asia, e talvez dos Estados que florecerão nes mais brilhantes periodos do mundo. Elle foi o que, sem confundir as ordens do Estado, produziu huma nobre igualdade, que de mão a mão descia pelas

varias graduações da vida social. Esta opinião foi a que adoptava os Reis, até a ponto de serem nossos companheiros; e elevava os homens particulares até serem amigos dos Reis. Sem força, nem opposição, ella subjogou a altivez do orgulho e pôder; ella obrigou os Soberanos a submetterem-se ao suave collar da estima civil, e compellio a sua dura authoridade á submetter-se á elegancia; e fez que a dominação, que vence as leis, fosse subjogada pelas boas maneiras.

Mas tudo agora está mudado. Todas as apraziveis illusões, que fazem o poder doce, e a obediencia liberal, que harmonisou as differentes sombras da vida, e que, incorporou na politica os sentimentos que embellezão e suavisão a sociedade particular, vão a ser dissolvidas pelo novo conquistador imperio da luz e razão. Todas essas innocentes idéas associadas, que formavão a guardaropa da nossa imaginação moral, que o coração confessa, e o entendimento ratifica, e que são necessarias a cobrir os defeitos da nossa nua e depravada natureza, e elevalla á dignidade em a nossa propria estimação, vão a ser exterminadas, como ridiculas, absurdas, e antiquadas modas.

No systema dos revolucionarios hum Rei, ainda que legitimo, não he senão hum homem, e huma Rainha senão huma mulher; e huma mulher não he mais que hum animal, e não da mais alta ordem. Toda a homenagem prestada ao bello sexo he por elles havida como romance e loucura. Regicidio, parricidio, sacrilegio, são para taes juizes meras ficções da superstição, que corrompe a jurisprudencia destruindo a sua simplicidade. O assassinato de hum Rei, ou Rainha, de hum Bispo, ou Pai, não he para tal gente senão homicidio commum; e se o povo tem nisso ganho, vem a ser hum homicidio perdoavel, e para o qual se não deve fazer severa devassa.

No plano desta barbara philosophia, que he a filha de corações enregelados, e immundos entendimentos, tão vazios de solida sabedoria, como destituídos de todo o gosto e elegancia, as leis devem ser unicamente sustentadas pelos seus proprios terrores, e pelo interesse que cada individuo póde ter nellas. Nos Tribunaes sombrios de suas Academias, no fim de cada *vistos estes autos*, ninguem vê senão a forca. Nada mais se deixa que empenhe as nossas affeições ao Estado. Nos principios dessa negra theoria, as

nossas instituições, não se pódem (por assim dizer) incorporar em pessoas, em modo que haja de criar em nós amor, veneração, admiração, e affetto ao governo. Toda a sorte de razão que extermina as boas inclinações, não he incapaz de encher o seu lugar. As affeições publicas, combinadas com as maneiras polidas, são humas vezes supplementos, outras vezes correctivos, e sempre os auxiliares das Leis. Deve haver em cada Nação hum systema de maneiras doces, que todo o espirito bem formado he disposto a gostar. Para fazer amar o nosso paiz, he preciso fazello amavel. He impossivel existir em huma Nação polidas maneiras, onde o insulto á seus Principes naturaes, e ao veneravel corpo de seus Nobres, não he olhado com horror, e antes vem a ser objecto de exultação, e triumpho.

Os Poetas dramaticos que tem no theatro espectadores não graduados na moderna escola franceza dos *direitos do homem*, e que só estudarão a Constituição do coração humano, não farião representar a prizão e condemnação de hum bom Rei como objecto de alegria. Onde os homens seguem os naturaes impulsos, elles não pódem supportar as odiosas maximas da Politica Machiavellica, quer applicadas á tyrannia mo-

narchica, quer a tyrannia democratica. Todo o mundo rejeitaria, na antiga ou moderna scena, ainda só a hypothetica proposição de taes sentimentos na boca de hum Actor que quizesse desempenhar o character de hum tal despota, ou demagogo despotico. Nos espectaculos de Athenas seria execrado o que pezasse na balança os crimes da democracia, contrapezando-os aos da monarchia, declarando que a vantagem estava da parte do governo do povo. Os politicos da revolução Franceza ainda achão que a democracia está em divida, e que não póde pagar o saldo da conta. Elles exultão no infortunio de Luiz XVI., a quem chamavão *Monarcha arbitrario*, e isto (nem mais nem menos) senão porque teve a desgraça de nascer Rei da França, com as prerogativas que lhe forão transmittidas por huma linha de antepassados, e longa acceitação do povo, sem da sua parte ter feito algum acto para se apoderar da Dignidade Real. Mas o infortunio não he crime. e nem ainda a indiscrição he sempre culpa. Não merecia senão amor e culto hum Principe, cujos actos em todo o seu Reino só forão huma serie de concessões á seus vassallos; que estava prompto a moderar a sua authoridade, e diminuir algumas prero-

gativas, dando ao povo liberdades, que seus antepassados não conhecerão, nem talvez desejão. Elle foi apenas sujeito ás fragilidades annexas aos homens, e aos Principes; e só huma vez considerou necessario recorrer á forga contra os desesperados designios de conspiradores contra a sua pessoa. Foi a maior malfeitoria julgar e condemnar a hum tal Monarcha, como se fosse Néro, ou Carlos XI.

Em fim algum poder de qualquer genero sobrevirá ao terremoto em que as boas maneiras e opiniões perecerão; e tal poder achará outros, e ainda peiores, meios para seu sustento. A usurpação, que, em ordem a subverter as antigas instituições, destroio os antigos principios, reterá o seu poder pelas mesmas artes com que o adquirio. Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro espirito de lealdade, que, livrando os Reis do medo, livra os Soberanos e vassallos das precauções da tyrannia, verse-há a longa lista de cruas e sanguinarias maximas, que formão o Codigo politico de todo o poder que não se funda na propria honra, e na honra dos que devem obedecer.

Quando as antigas boas opiniões e regras da vida são destruidas, não se póde calcular

até onde irá essa perda. Desde este momento já não temos compasso para nos governar. Sem duvida a Europa, considerada no todo, estava em condigão florente antes da revolução. Este próspero estado tinha causas que o produzião, e sustentavão. Nada ha de mais certo do que o depender a nossa actual civilisação e boas maneiras, principalmente de dous principios combinados, isto he, *espírito de religião*, e *espírito de cavalleria*. O Corpo do Clero, por profissão, e o Corpo da Nobreza, por patriotismo, sustentavão a literatura, ainda no meio das armas e confusão. A literatura pagava com usura o que recebia do Clero e Nobreza, alargando-lhes as ideas, e illustrando-lhes os espiritos. Feliz seria se huns e outros continuassem em sua indissolúvel união, e nos seus competentes lugares! Feliz seria, se a sciencia, não corrompida pela ambição, continuasse a ser a Mestre, sem aspirar a ser a dominadora!

Penso que a literatura moderna deve o seu adiantamento áquelles dous principios, mais do que á quaesquer outras causas. Ainda o commercio, e as artes superiores, não são talvez senão as creaturas de taes principios. Sem duvida cresceo a vasta correspondencia mercantil, e

a perfeição das manufacturas, sob a mesma sombra em que as letras florecerão. Elles hão-de cahir com a quêda daquelles seus principios protectores. Já com a sua falta estamos ameaçados de desapparecerem. Ainda que o commercio e as manufacturas faltassem em hum paiz, permanecendo todavia nelle o espirito de religião e nobreza, os naturaes sentimentos da humanidade suppririão o lugar, e nem sempre o suppririão mal. Porém, se se perderem o commercio e as artes, entretanto que se quer experimentar se pôdem subsistir sem religião e nobreza ( que antes forão as suas antigas bases ) que sorte de cousa se poderá achar para substituto á humanação de grosseiros, estupidos, ferozes, pobres, e sordidos barbaros, destituidos de principios de piedade, honra, timbre varonil, e, em fim, de gente que nada espera na vida futura ?

Já vai apparecendo nos escritos e actos do povo e governo da França a maior grosseria de conceito, e vulgaridade de obra. A sua liberdade não he liberal: a sua sciencia he presumptuosa ignorancia: a sua humanidade he selvagem e brutal. Taes espectaculos nos dão melancolicos sentimentos sobre a incerta condição da prosperidade mortal, e tremenda inconstancia

das grandezas humanas. Assim aprendemos grandes lições.

Em successos tão espantosos como temos visto, até as nossas paixões instruem a nossa razão; pois, quando os Reis são derribados de seus thronos pelo Supremo director deste grande drama, e vem a ser objecto de insulto aos de vis sentimentos, e de piedade aos bons, olhamos para taes desastres no mundo moral, como se vissemos hum transtorno na ordem physica. Somos logo assustados para fazer reflexão; e os nossos espiritos, com o nosso orgulhoso e fraco entender, se humilham debaixo das dispensações da mysteriosa Divina Sabedoria. Mas as lagrimas rebentão dos olhos, como aconteceria a cada espectador cheio de sensibilidade, se a scena se representasse em hum theatro. Só espiritos pervertidos poderião exultar nella.

Os Authores e espectadores da Tragedia politica devião bem pezar os crimes da nova democracia com os do que appellidavão *antigo despotismo*. Elles verião, que, logo que se tolerão modos criminosos para atalhar este mal, esses meios são sempre os preferidos, com o mais curto caminho, e que não haverá mais parcimonia na despeza de traição e sangue. Justifican-

do-se perfidia e assassinato para beneficio publico, logo o beneficio publico será o pretexto á perfidia e assassinato; até que a rapacidade, malicia, vingança, e o medo, ainda mais mortifero que a vingança, cheguem a faltar os insaciaveis appetites dos malvados. As consequencias serão perderse todo o senso natural do justo e recto, no esplendor dos triumphos dos falsos direitos do homem.

Tremo pela causa da verdadeira, e racional liberdade, á vista do exemplo da França. Tremo pela causa da humanidade, á vista dos ultrajes feitos á huma Familia Real pelos mais scelerados do genero humano. Desertores de bons principios não verão bem algum na *virtude soffredora*, nem crime algum na *usurpação prospera*. Elles só olharão com terror e admiração para os Soberanos que souberem soster-se nos Thronos, e reprimirem com *mão forte* a seus vassallos, para assegurar as suas prerogativas, defendendo-se, por huma vigilancia sempre álerta do mais severo despotismo, ainda contra a menor aproximação de racional liberdade.

Somos inimigos generosos; somos alliados fieis. Temos cadeas, quasi tão fortes como a

Bastilha da França, para encarcerar os que não sabem fazer bom uso de sua liberdade, e divulgarem libellos contra as Pessoas Reaes, ainda estrangeiras. De cem pessoas entre nós talvez nem huma participou da alegria no triumpho da Revolução Franceza. Por huma duzia de capineiros de campo, que, com seus cestos de palhoça, fazem grande bulha na terra, ha milhares de bons lavradores, que meditão, trabalham, e comem em descango, deixando bisorrar os importunos e volateis insectos do tempo. Já ha quatrocentos annos tivemos em nossas mãos, pela fortuna da guerra, hum Rei e Rainha de França, e seus filhos. Elles forão bem tratados. O nosso character nacional ainda não mudou desde esse tempo; ainda temos a boa estampa dos nossos antepassados. Não temos perdido a generosidade e dignidade do nosso pensar do seculo decimo quarto, nem, á força de subtilizarmos, nos tornamos salvagens. Não somos proselytos de *Rousseau*, nem discipulos de *Voltaire*. *Helvecio* não fez progresso entre nós. Athêos não são nossos pregadores, nem loucos os nossos Legisladores. Não temos feito descobertas na moral, (nem creio que se possam fazer) nem tambem temos achado muitas nos

grandes principios do governo, nem nas ideias da liberdade, que erão já assaz bem entendidas antes que nascessemos. Ainda não se arrancáão as naturaes entranhas da nossa Nação. Ainda sentimos, amamos, e exercemos os innatos sentimentos de humanidade, e religião, que são os fieis guardas, e activos mestres do nosso dever, e os verdadeiros apoios de toda a moralidade liberal, e varonil. Ainda não somos convertidos em estufados passaros de musêo, para enchermos a nossa pelle vazia e secca com papelladas dos falsos direitos do homem. Conservamos todos os nossos sentimentos nativos e inteiros, sem terem sido sophisticados com pedantaria e infidelidade. Temos real coração de carne e sangue, batendo em os nossos peitos. Tememos a Deos: olhamos com acatamento os Reis; com affecto ao Parlamento; com respeito aos Magistrados; com reverencia ao Clero; com veneração á Nobreza. Todos os outros sentimentos são falsos, e espurios, e tendem a corromper os nossos espiritos, viciar a sã moral primitiva, e constituir-nos improprios para a liberdade racional. Os Francezes revolucionarios só ensinão huma servil, licenciosa, desaforada, e insolente liberdade, que faz os homens perfeita-

mente proprios para terem bem merecida escravidão por toda vida.

Os letrados e politicos Francezes, e toda a corja dos illuminados, não fazem attenção á sabedoria dos nossos antepassados, e só tem a mais presumida confiança no seu proprio juizo. Para elles, basta ser qualquer cousa velha, para se julgarem com direito e boa razão de destruiilla. Quanto as suas obras novas, elles tambem não tem cuidado em que durem. O edificio foi feito á pressa; só a mudança, e não a duração, foi o seu objecto. Elles, por systema, pensão, que são prejudiciaes todas as cousas que trazem perpetuidade, e por tanto estão em guerra eterna com todos os Estabelecimentos. Pensão que governos pódem variar como as modas de vestidos; e por tanto não adoptão principio algum de affecto duravel, que nos vincule á Constituição do Estado: só applaudem as ideas de conveniencia do momento. Elles fallão de *Contracto Social*, suppondo que ha huma absurda especie de convenção entre elles e os seus magistrados, que aliás só liga aos mesmos magistrados, mas que nada tem de reciproco no ajuste; pois que sempre a *majestade do povo* tem direito de dissolvella, sem outra razão mais que a sua vontade.

Já tivemos em tempos escuros alguns letrados e políticos deste calibre, que fizeram algum ruído nos seus dias; mas hoje repousão em perpetuo esquecimento. Não haverá talvez ninguém entre nós, dos nascidos ha quarenta annos á esta parte, que leia huma palavra das obras de Collins, Toland, Tindal, Chubb, Morgan, e mais escritores da raça dos que se intitlavão *Livres-pensadores*. Quem ágora lê a *Bolinbroke*? Quem nunca o pode lêr todo? Pergunte-se aos Livreiros de Londres, que he feito dessas pertendidas luzes do mundo? A felicidade nacional consistio, em que taes Escriptores não erão então animaes gregarios, que obrassem em Corpo; e por isso não tiverão influencia alguma na Constituição, e nos Estabelecimentos de Inglaterra. Se o nosso Estado tem recebido reparações e melhoras, foi sempre debaixo dos auspicios da religião, e sempre a confirmárão com as suas sancções. Todo o bem emana da simplicidade do nosso character nacional, e de huma sorte de nativa candura, e rectidão de entendimento, que tem caracterisado os Estadistas do Paiz. Esta disposição ainda permanece no principal Corpo do povo.

Conhecemos, e (o que ainda he melhor)

sentimos no intimo d'alma, que a *religião he o alicerce da Sociedade Civil, e a fonte de todo o bem, e de toda a consolação.* Em Inglaterra estamos convencidos, que não ha ferrugem de superstição, (com que os accumulados erros do espirito humano tem deslustrado as Nações,) que o povo não preferisse antes, do que o abandonar-se á impiedade. Não somos tão estultos que chamemos o atheismo (inimigo da substancia de todo o systema religioso) para remover algumas corrupções do nosso Symbolo, ou supprir os seus defeitos, e aperfeiçoar a sua estructura. Não queremos jámais que os nossos templos se allumiem com tão infernal fogo. Elles serão illustrados por outras luzes, e perfumados com outro incenso, mui distincto dos pestilentos fumos dos Contrabandistas da adulterada methaphysica do seculo presente. Se os nossos Estabelecimentos ecclesiasticos precisão de revisão, não he á avareza e rapacidade de gente sem religião alguma que haveriamos de encarregar o balanço da receita e despeza. Não condemnando violentamente nem o Grego, nem o Armenio: se preferimos a Religião protestante ao Systema Romano, he só porque entendemos, que nella ha mais christianismo. Somos

protestantes , não por indiferença da Religião Christã , mas por zelo de sua pureza (\*).

Conhecemos , e he o nosso timbre confessar , que o homem he , pela sua constituição , hum *animal religioso* , e que o atheismo não só he contra a nossa razão , mas tambem contra os nossos instinctos. Se , em algum momento de delirio , rejeitassemos a Religião Christã , que até o presente tem sido o nosso brazão e conforto , e huma grande fonte de nossa civilisação , e de outras Nações , temos justo temor , de que o vazio se encha e substitua pela mais pernicioso , incoherente , e vil de todas as superstições.

Para preservar a Religião Christã , com a augusta fabrica do Estado , temos feito os Estabelecimentos da Igreja , como hum Sabio Architecto , e providente Proprietario , faria a respeito de seu Edificio e Patrimonio. Em ordem a livrar aquella nossa *Grande Propriedade* de profanação e ruina , desejando purificalla , como hum templo , de todas as immundicias da fraude , injustiça , violencia , e tyrannia , te-

---

(\*) Os Leitores cordatos bem hão de ver , que *Burke* não reprova a Religião catholica , mas só falla politicamente da opinião do seu paiz sobre a pretendida reforma.

mos solemnemente consagrado a *Communidade*, com todas as pessoas que officião nella. Todos que entrão no ministerio do *Governo*, estão como em lugar de *Deos*, e devem ter altas e dignas idéas de seu emprego e destino: a sua esperança deve ser cheia de immortalidade, para, com os seus bons exemplos de virtude, deixarem huma rica e perpetua herança ao mundo.

Taes principios sublimes se devem infundir nas pessoas de exaltadas situações; e se devem fazer *Estabelecimentos religiosos*, para que toda a sorte de instituições civis ajudem os naturaes e racionaes vinculos, que ligão o entendimento e affecto humano ás cousas divinas. Quanto hum homem he posto na ordem politica mais alto de outros homens, tanto deve fazer mais esforço de se aproximar á perfeição de seu *Creador*; estando certo, que o seu poder he mero *deposito*, de que devem dar conta ao grande *Senhor*, *Author*, *Fundador*, e *Regedor* da *Sociedade*.

Hum dos primeiros e mais transcendentos principios, sobre que se tem consagrado o *Estado*, e as *Leis*, he, que os depositarios do poder politico se lembrem sempre do que receberam de seus antepassados, e do que devem á

posteridade; e que não pensem jámais que tem direito de arruinar huma vasta herança, destruindo á seu arbitrio, o original Edificio da Nação, e Sociedade, arriscando a deixar aos que vierem depois sómente ruina, em lugar de habitação; e ensinando tambem a seus successores a não respeitarem os novos regulamentos, bem como elles não respeitaráõ as instituições de seus maiores. Pela facilidade de mudanças no Estado, como nas fluctuações das modas, rompe-se logo a Continuidade do Bem Publico. Assim nenhuma geração se vincula á outra, e os homens vem a ser de pouco melhor condição que os insectos do verão,

A Sciência da jurisprudencia, que he o timbre do entendimento humano; que, com todos os seus defeitos, redundancias, e erros, vem a ser a colligida razão dos seculos; que combina os principios da justiça original com a infinita variedade dos negocios sociaes; não será daqui em diante estudada, sendo (como dizem os letrados e politicos Francezes) hum montão de erros já abandonados. A presumpção, e arrogancia (que são os satellites inseparaveis dos que não experimentarão maior sabedoria que a sua propria) usurpará o tribunal do Direito;

e consequentemente não haverão *leis constantes*, que estabeleçam os invariáveis fundamentos de medo e esperança, e dirijão as acções dos homens á hum certo curso, e fim estavel.

Ninguem com hum systema de Direito variavel poderia specular com segurança sobre a educação de seus filhos, e futuro estabelecimento no mundo. nenhuns principios de conducta se formarão em habitos. Como se poderá segurar hum tenro e delicado sentimento de honra, que sempre se excite aos correspondentes impulsos do coração, variando continuamente o padrão do seu cunho? Nenhuma parte da vida reterá as suas aquisições. Barbarismo a respeito da sciencia e literatura, impericia a respeito das artes e manufacturas, infallivelmente se hão de seguir da falta de huma educação firme, e de *bons principios estabelecidos*; e assim a Sociedade Civil em poucas gerações se dissolverá em solto pó de individuos sem communs laços sociaes, que a final se dissipará por todos os ventos do Ceo.

Para evitar pois os males da inconstancia e versatilidade (dez mil vezes peor que os da obstinação de cegos prejuizos) temos consagrado o Estado, para que nenhuma pessoa se lhe

avizinhe a olhar as suas chagas e corrupções, senão com a devida circumspecção; e que não sonhe jámais de principiar a sua reforma pela subversão dos pilares do Edifício; que não se achegue a observar os defeitos do Soberano senão como as feridas de hum pai, com piedoso pavor, e solicitude filial. Com este sabio prejuizo, temos recebido a doutrina de olhar com horror para os filhos, que estivessem promptos temerariamente a esquartejarem seus pais, na esperança de que, por antidotos vegetaes, e presumidas magicas dos salvagens, poderião regenerar a constituição, e remover a vida daquelles a quem devem á existencia.

A Sociedade Civil he na verdade hum contracto. Os contractos ordinarios sobre objectos de trivial interesse, se pódem dissolver á vontade dos contrahentes. Mas não se deve considerar a hum Estado como huma sociedade de Navio para commercio de pimenta, caffè, tabaco, ou outras drogas e fazendas, para temporario interesse, e que se possa distractar conforme a phantasia das partes. Elle deve ser olhado com outra reverencia; pois não he companhia em cousas que sirvão unicamente á grosseira existencia animal, de transitoria e mortal natureza.

Elle he huma Companhia em toda a sciencia ; companhia em toda arte ; companhia em toda a virtude , e em toda a perfeição. Como os fins de tal Companhia só se pódem alcançar em muitas gerações , vem a ser huma companhia não só entre os actuaes contemporaneos , mas tambem entre os vivos , mortos , e vindouros. Cada contracto de cada particular Estado não he senão huma clausula no grande primitivo contracto da sociedade eterna , que liga as naturezas inferiores com as superiores , unindo o mundo visivel com o invisivel , conforme ao pacto fixo , e sancionado pelo inviolavel juramento do Eterno , que sustenta todas as naturezas physicas e moraes , cada huma no seu assignalado lugar. Esta lei não he sujeita ao arbitrio dos que devem submetter á ella a sua vontade por huma obrigação que está acima delles , e que lhes he infinitamente superior.

As Corporações municipaes deste reino universal de Deos não tem moralmente a liberdade de fazerem phantasticas especulações de hum melhoramento contingente , de que aliás possa resultar o separarem-se e romperem-se os vinculos de sua commuidade subordinada , e dissolvellos em antisocial , incivil , e desconnexo cá-

hos dos principios elementares. Só a primeira e suprema necessidade; necessidade que não he objecto de escolha, mas que faz tomar á força hum partido extremo; necessidade que não dá lugar á deliberação; he que póde, alguma vez rarissima, justificar o recorrer-se á grandes mudanças no governo. Esta necessidade não he a excepção da regra, pois que esta mesma necessidade faz tambem parte da disposição physica e moral das cousas, á que o homem deve consentir por força. Porém, se o que só he submissão á necessidade, se fizer objecto de escolha, então logo a Lei do Creador he quebrada, a natureza he desobedecida, e os rebeldes são proscriptos e degradados do mundo da razão, ordem, paz, e virtude, e fructifera penitencia, para o antagonista mundo de loucura, discórdia, vicio, confusão, e inutil arrendimento.

Estes são os sentimentos de toda a gente da maior instrucção e reflexão na Gram-Bretanha. Os das classes inferiores, a quem a Providencia tem decretado que vivão da authoridade dos entendimentos superiores, não se envergonhão de iguaes sentimentos, pela sua confiança nos mais sabios do paiz. Estas duas ordens de pessoas se movem na mesma direcção, ainda que em suas

differentes orbitas; mas ambas se movem na ordem do Universo. Elles todos conhecem, ou sentem, a grande antiga verdade, que ao Soberano e Omnipotente Deos, que rege este mundo, nada he mais acceito na terra, do que as associações de homens que se chamão *Estados*, vivendo conforme ao que he direito. Elles recebem esta these não menos da cabeça, que do coração; e esta prudente opinião não recebe a sua sancção do nome e authoridade de ninguem, mas se deriva da natureza commum, e das communs relações da Humanidade. Persuadidos que todas as cousas se devem fazer com reverencia e resignação ao Ente Supremo, a quem todas as cousas se dirigem, elles justamente pensão, que são obrigados, não só como individuos no santuario de seus peitos, mas como partes integrantes da Grande Congregação Social, renovar a memoria de sua alta origem, e casta, e no character e corpo de Confraria, executarem a homenagem nacional ao Instituidor, Author, e Protector da Sociedade Civil; sem o que nenhum Estado poderia chegar á perfeição de que a sua natureza he capaz, e nem ainda remota e fracamente avizinhar-se á ella. Elles estão convencidos, que quem nos deo huma natureza ca-

paz de se aperfeiçoar pela virtude, tambem nos deo os necessarios meios para a sua possivel perfeição nesta vida. Devia pois querer a existencia e conservação dos Estados, e que estes tivessem connexão com a fonte e original archetypop de toda perfeição. Elles estão certos desta sua vontade (que he a Lei das Leis, e o Soberano dos Soberanos.) Por isso julgão necessario, que em Corpo Social lhe prestemos fidelidade e adoração, em reconhecimento do seu Imperio Omnipotente, e que lhe façamos oblação do proprio Estado, como digna offrenda no altar do universal louvor, bem como usamos executar todos os actos solemnes em templos, musica, ornato, falla, e dignidade de pessoas.

Para este fim entendem, que huma parte da riqueza do paiz deve ser empregada, o mais utilmente que possa ser, no Culto Divino, e que se obra nisso muito melhor, do que em fomentar o luxo dos individuos. A majestade do culto publico vem a ser de consolação publica. Ainda os mais pobres achão a sua propria importancia e dignidade nos templos assim ornados, entretanto que a riqueza e o orgulho dos individuos opulentos faz, que as pessoas das classes humildes sintão a sua inferioridade; o que abaixa e avilta

a sua condição. No esplendor modesto do culto publico cessão os privilegios da opulencia; e mostrando-se por elle, que os homens são iguaes por natureza, e pôdem ser ainda superiores pela virtude, huma porção da geral riqueza do paiz vem por este expediente a ser bem empregada e santificada.

Estes principios transcendem por todo o systema da Policia Britannica. Elles não considerão os Estabelecimentos da Igreja só como convenientes, mas como essenciaes ao Estado, e os tem por fundamento de sua Constituição. *Igreja e Estado* são cousas inseparaveis nos seus espiritos. A sua educação he formada para confirmar e fixar esta impressão. Por isso ella he, quasi totalmente, entregue as mãos dos Ecclesiasticos. Temos achado pela experiencia, que as antigas instituições (no total) são favoraveis á moralidade e disciplina; e que são susceptiveis de maior pureza e perfeição, sem se abalarem os alicerces; e que por este modo a mocidade pôde receber todos os accrescimos e melhoramentos das sciencias e artes, que a Ordem da Providencia for successivamente produzindo. Com esta que alguns chamão *gothica e monachal educação*, podemos reclamar mais ampla

partilha de sciencias e artes que as outras Nações da Europa.

A nossa providente Constituição tem tido cuidado, de que os Ecclesiasticos (á quem, desde a infancia até a adolescencia, he confiada a liberal educação, e que são destinados por seu alto officio a instruir a presumptuosa ignorancia, e serem os censores do vicio insolente) não incorrão no desprezo do povo, nem vivão de esmolas dos ricos, que serião tentados a desprezar a medicina de seus espiritos. Por essas razões, ao mesmo tempo que o Estado por Lei prouve á manutenção dos pobres com solitudine paternal, não abandona a religião, e a subsistencia decente dos que vivem do seu ministerio, á escuras contribuições, e fallivel caridade das Camaras das Villas. Não: elle exalta as mitradas cabeças dos seus Prelados nas suas Cártes e Parlamentos. Elle ordenou (e o povo vê com gosto) que hum Arcebispo preceda a hum Duque; e olha sem pena, e antes com toda a confiança, que os Bispos de *Durham* e *Winchester* tenham dez mil libras esterlinas de renda annual, na certeza de que servirá para sustento dos filhos pobres do povo. He verdade que todas as rendas da Igreja não são sempre empregadas em cari-

dade até a ultima moeda ; mas o publico está certo , que , no geral , esse he o seu uso. He melhor , para fomentar virtude e humanidade , deixar nessa parte muito ao livre arbitrio do esmoler , ainda com alguma perda do objecto , do que tentar fazer os homens meras machinas , e instrumentos de benevolencia politica. O mundo , quanto ao todo , ganha na liberdade das boas obras ; pois , sem livre arbitrio , nenhuma virtude póde existir.

São despreziveis , pela fraqueza da razão , e só dotados de mortifera força , os argumentos da tyrannia , que na França confiscou os bens da Igreja , e os do Soberano , e deo miseravel estipendio ao Clero , com dependencia absoluta do Governo usurpador. Os sophisticos tyrannos de Pariz , depois de tantos ultrages á todos os direitos da propriedade , palliárão o seu systema de rapina com o mais estranho de todos os pretextos , a *Fé Nacional*.

Os inimigos da propriedade no principio affectárão a mais tenra , delicada , e escrupulosa anciedade de sustentar os empenhos que o Rei havia contrahido com os Credores do Governo. Estes professores dos Direitos do homem só são azafamados em ensinar taes direitos aos outros ,

e não tem descanso para elles mesmos aprende-rem em que taes genuinos direitos consistão. Se assim não fosse, terião conhecido, que a original fé da sociedade está empenhada, primeiro que tudo, á propriedade do cidadão, e não ao credor do Estado. A demanda do cidadão he primeira em tempo, fundamental em titulo, e superior em equidade. As fortunas dos individuos, quer possuidas pelos ganhos de sua industria, quer por herança, ou em virtude de participação nos bens de alguma corporação religiosa de *mão morta*, não fazem parte da segurança do credor publico, expressa ou implicita. Tal segurança jámais entrou nas cabeças dos contrahentes, quando fizerão o contracto com o Estado. Os que emprestão dinheiro ao Soberano, bem sabem, que o publico, representado pelo Monarcha ou Senado, não póde tambem empenhar senão os bens publicos; e não he licito considerar bens desta natureza senão os de que se faz a collecta, por justos e proporcionados impostos, sobre a massa geral dos cidadãos. Por tanto só a renda dos impostos he que se póde empenhar ao credor publico. Nenhuma pessoa póde hypothecar a sua injustiça como penhor de sua fidelidade. Se algumas pessoas deverião

soffrer na revolução, serão só os proprios creadores publicos, visto que forão os unicos que contractarão com o Estado, e não os Ecclesiasticos. He absurdo achar razão para se confiscarem os bens destes, por não sei que nova e cerebrina equidade, quando aliás não havião sido hypothecados no tempo dos empenhos contractados.

Esta laxidão de fé publica, he a que se propoz na França como boa regra de *philosophia, luz, liberdade, direitos do homem.*

A Divida Publica, e a falta na Renda Publica, forão só pretextos para a Revolução, e não causa que a podesse justificar; pois o seu Ministro de Finanças *Necker*, na Conta Geral que apresentou em Maio de 1787, fez ver, que a França tinha huma Renda de Erario fixa de mais de 475 milhões de libras tornezas; e que todos os encargos do Estado (incluindo o interesse de hum novo emprestimo de quatrocentos milhões,) não excedião de 531 milhões; vindo por tanto, na balança da Receita e Despeza, a ser o *deficit* unicamente de *dous milhões esterlinos*. Elle indicou certos artigos de economia e melhora na Renda presente, que, sem mais algum novo imposto, poderião fazer des-

apparecer tal *deficit*, que (segundo diz com ironia) *tinha feito tão grande estrondo na Europa.*

Quando todo o trem de fraudes, imposturas, rapinas, incendios, assassinios, confiscos, moeda-papel forçada, empréstimos forçados, e todas as mais especies de tyrannias e cruezas, que se empregarão para sustentar a revolução, produzio o seu natural effeito, o mal irreparavel que dahi resultou, causou horror, não só a todos os espiritos virtuosos, mas tambem a todos que tinham ainda algum resto de sentimento moral. Então os authores e fautores de tão salvagem systema se esganarão em declamações contra o velho governo monarchico da França, e contra toda a casta de Monarchia. Depois de fazerem odioso com as mais negras côres o poder deposto, forão igualmente clamorosos contra os que não pensavão tão negramente como elles; como se os que desapprovãõ os seus *novos abusos*, fossem partidistas dos *abusos velhos*; e como se os que execravão os seus crus e violentos planos de liberdade, devessem ser tratados como os advogados da escravidão.

Não pôdem os partidistas francezes capacitar-se, de que haja hum justo meio, e terceiro

objecto de escolha , entre as desordens antigas , e as horribilidades revolucionarias , de que não ha exemplo nos monumentos da historia , e que nem ainda forão excogitados pela imaginação dos poetas. As suas arengas , nem merecem o nome de sophismas , mas sim de desaforos. Não ouvirão esses Senhores , que , em todo o circulo dos mundos de theoria e prática , havia alguma cousa de differença entre o despotismo de hum Monarcha e o despotismo da gentalha ? Nunca ouvirão fallar de huma monarchia dirigida por Leis , moderada , e balanceada por grande riqueza hereditaria , e grande nobreza hereditaria da Nação , e sendo tambem estas ordens do Estado reguladas por judiciousa restricção da razão , e do senso do povo , obrando sempre por devido e permanente orgão do poder politico ? Deve-se qualificar de má intenção , e de miseravel absurdo , o preferir-se hum governo temperado , igualmente longe de dous extremos de tyrannia , e anarchia ; e não póde pessoa alguma hesitar sobre os meritos da democracia , sem cahir em suspeita de ser amigo do despotismo , e inimigo do Genero humano ?

Aristoteles , o grande Mestre de Politica ; observa , que *democracia e tyrannia* são mui

semelhantes : o demagogo que adula o povo, he do mesmo pessimo character que o cortezão que lisongea o Despota : hum e outro vem a ser os validos do poder arbitrario, para o atigar ás maiores enormidades. O certo he que, se ha differença entre aquellas duas especies de despotismos, he para peor da parte do *governo popular*. Porque, na democracia, a parte maior dos cidadãos he capaz de exercer as mais crueis oppressões sobre a parte menor, e mais sabia. Em tal governo, quando os partidos adquirem força, a oppressão se póde estender á muito maior numero de pessoas, e com muito maior furia, do que se póde temer do dominio absoluto de hum só despota. Nas perseguições plebeias, os individuos que soffrem, se reduzem á condição mais lamentavel, do que no estado de hum unico tyranno. No governo de hum Principe cruel, ao menos o que padece innocente-mente, tem por si a compaixão do genero humano, a qual vem a ser hum balsamo que conforta e mitiga a dor das feridas, e os applausos do povo animão a sua generosa constancia em seus padecimentos : mas os que estão sujeitos ás vilanias do governo da canalha, são privados de todas as consolagões, e perecem abandonados pe-

lo genero humano, e esmagados pela conspiração de toda a sua especie.

He facil, e lugar commum dos ambiciosos e descontentes, fazer longo catalogo dos erros, e defeitos dos Soberanos, e das grandezas decahidas. Pela revolução franceza, os que antes são vis lisongeiros dos grandes, se convertêrão em austeros criticos das suas irregularidades. Mas os espiritos firmes e independentes, que tem em seu entendimento hum objecto tão serio de meditação ao genero humano, como he o *governo*, desdenhão o tomar a farda de satyricos, e diffamadores. Elles julgão as instituições humanas, e os Administradores publicos, com a indulgencia que costumão prestar aos individuos. Elles reconhecem, que, nas cousas mortaes, sempre ha huma sorte de mistura de bem e mal.

Havião abusos na Monarchia da França, accumulados pelo curso dos seculos. Não sou por natureza inclinado a fazer o panegyrico de cousa alguma, que seja natural e justo objecto de censura. Mas a questão não he dos vicios da Monarchia, mas de sua existencia. Era por ventura a Monarchia da França incapaz de reforma? Estava-se em a necessidade de

abater toda a fabrica della, e alimpar a área para a creação de hum Edificio theoretico em seu lugar ?

A ouvir fallar algumas pessoas, imaginarse-hia que a Monarchia da França estava nas mesmas circumstancias que a da Persia debaixo da espada do sanguinario e feroz *Tahmas Kouli-Kam*; ou era igual ao barbaro e anarchico despotismo da Turquia, em que os mais bellos, e mais vividouros paizes do mundo são devastados pela paz, ainda peor que outros o são pela guerra; onde as artes são desconhecidas, onde a sciencia he extincta; onde a agricultura he decadente; onde a raça humana definha e amortece aos olhos do observador. Era por ventura esse o caso da França? A sua Monarchia, temperada pelas varias ordens de Estado, era em si mesma hum bem, que muito emendava o mal que nella havia. Outros correctivos provinão da religião, e das maneiras do paiz, que, supposto o não constituissem de boa constituição, todavia fazião que ahi o despotismo fosse mais na apparencia, do que na realidade.

Hum dos criterios mais seguros para se julgar da bondade do governo de huma Nação, he a sua *população*. Pelos bons effeitos, se con-

clue solidamente sobre a bondade das causas. Nenhum paiz, em que a sua população florece, e está em progressivo adiantamento; se póde dizer que está sob muito máo governo. No fim do seculo decimo septimo se computava ter a França 18 milhões de habitantes. No meado do seculo decimo oitavo se dizia ter subido a sua população a 22 milhões: e o Financeiro *Necker* (boa authoridade na statistica do paiz) poucos annos antes da revolução, dava á França quasi 25 milhões de habitantes. Todavia a França não he em toda a parte hum paiz fértil, e tem além disto muitas naturaes desvantagens. O meio termo da sua população he quasi de novecentos homens por legõa quadrada. Não attribuo a grande população Franceza aos cuidados do seu antigo governo; pois não gosto de attribuir ás ordenanças dos homens o que, no maior gráo, se deve á bondade da Divina Providencia. Porém, se o antigo desacreditado governo da França obstruisse, e não favorecesse, as causas naturaes que promovem a propagação da especie, e que se derivão da natureza do terreno, e habitos de industria dos habitantes, era impossivel vêrem-se no paiz os prodigios de população que se observa em muitos lugares. Não

se pôde suppor que fosse totalmente má a fabrica de hum Estado, e de suas instituições politicas, que, pela experiencia, se acha conter em si hum principio favoravel ao augmento do genero humano.

A *riqueza do paiz* he outro criterio para se julgar, se, no geral, o governo he protector, ou destructivo. Sem duvida a riqueza da França não tinha tão igual distribuição, nem tão facil circulação, como a Inglaterra. A differente fôrma dos governos fazia que este paiz tivesse essencial vantagem sobre áquelle. Mas o citado *Necker*, muito habil financeiro, em 1784 affirmou, que na França circulava *numerario*, isto he, *dinheiro*, ou *môeda metallica*, que montava a *oitenta e oito milhões de libras esterlinas*. Causas externas e internas deverião haver para attracção de tão prodigiosa somma pecuniaria. Eu vi com os proprios olhos a magnificencia de suas cidades, e de seus canaes artificiaes, para navegação interior, e conveniencia das communicações maritimas; as estupendas obras dos seus portos, e todos os apparatus de sua Marinha para commercio e guerra; as suas fortificações de atrevida grandeza, e magistral pericia, que apresentavão huma frente ar-

mada, e barreira impenetravel á seus inimigos: Vi as suas florentes culturas, e manufacturas, que só erão inferiores ás nossas: Vi em fim a multidão de seus Sabios, Estadistas, e Escriitores sagrados, e profanos. Tudo annunciava huma Administração que fomentava opulencia, artes, commercio, e literatura. Não se póde condemnar temerariamente, no todo, hum governo, que he capaz de manter tão bellas cousas, ainda que tivesse alguns occultos defeitos, que todavia não o constituíão incapaz de reforma, que exaltasse as suas excellencias, e corrigisse as suas faltas. Os Revolucionarios, em lugar de tudo isto, só assoalharão violencia, ruina, e miseria aos olhos do observador; e para encubrirem ao povo a immensa desgraça que lhe sobreveio com a revolução, e taparem a boca aos gritos da sua actual indigencia, acclamarão a França *Grande Nação*, que com os seus trapos affecta soberano desprezo do resto do mundo.

Os gritos contra a nobreza são meras obras da cabala. O ser honrado, e ainda privilegiado, pelas leis, opiniões, e antigos usos do nosso paiz, (o que já vem do prejuizo de todas as idades) nada tem que provoque horror e indignação em qualquer pessoa. O ser alguém pertinaz

em manter os seus privilegios, não he absolutamente hum crime. O esforço de cada individuo em preservar a posse do que entende ser a sua propriedade, e merecida distincção, he hum das seguranças contra a injustiça e o despotismo; e tal expediente vê-se em todo o paiz, e está plantado em a nossa natureza. Isto opéra como hum instincto, que fixa as propriedades, e perpetúa as Nações em hum estado firme.

A Nobreza he o ornamento e graça da Ordem Civil. Cicero, que foi Consul de Roma pela sua eloquencia e virtude, sendo aliás da classe plebéa, dizia, que *todos os bons favorecião á Nobreza.* (\*) Ella he o capitél Corinthio da Sociedade polida. He na verdade hum sinal de espirito liberal e benevolo o inclinar-se qualquer pessoa civil á alguma sorte de parcialidade á fidalguia. Não sente em seu coração nobres estimulos, o que deseja nivellar todas as instituições artificiaes, que tem sido adoptadas para dar corpo á opinião, e permanencia á estima fugitiva. He de malina, acre, e invejosa disposição, sem gosto pela realidade da virtude, ou nem ao menos pela sua imagem, e represen-

---

(\*) Omnes boni naturaliter favemus nobilitati.

tação, o que sente alegria na queda do que floreceo por longos tempos com honra e esplendor. Não desejo ver destroida a nobreza: isso produziria hum vazio moral na Sociedade, e dahi viria ruina á face da terra. Merece em alguma parte refórma quanto aos abusos, mas não abolição.

A respeito do Clero da França, eu suspeito que o mal que se disse contra elle fôra fingido, ou exaggerado; pois os que fizerão a accusação e condemnação, tinham em vista aproveitarem-se do confisco dos seus bens. O inimigo sempre foi má testemunha, e o ladrão ainda he peor. Vicios e abusos havião de haver nesta ordem do Estado, bem como em outras ordens. Isto era inevitavel em Estabelecimentos velhos, e não revistos frequentemente. Mas não vejo que se provassem contra o Clero crimes que merecessem o espolio de toda a sua substancia; e menos ainda se mostrou, que os crueis insultos, e deshumanas perseguições, á todo o Corpo, erão bons substitutos em lugar de regulamentos que o melhorassem.

Os atheisticos diffamadores do Clero, que obrárão com os trombeteiros para animarem a canalha a roubarem os ecclesiasticos, (seculares, e regulares) em nenhuma cousa insistirão com maior complacencia, do que na devassa que

tirarão dos vícios da gente consagrada ao Culto Divino. Com a mais vil industria revolveirão e esquadrinharão toda a historia das antigas idades, para assoalharem os factos de oppressão e perseguição, que fizerão os que abusarão da religião, e de seus preceitos, para favorecerem ao seu Corpo; a fim de com isso justificarem as actuaes perseguições e crueldades, praticadas na revolução contra os clerigos e frades, usando de iniquos e antiphilosophicos principios da *Lei da talião*. Depois de destroirem todas as outras geneologias e distincções de familia, inventarão huma sorte de linhagem de crimes. Mas nunca foi justo castigar os homens pelos delictos de seus antepassados; e muito menos quando os descendentes não são de linha natural, e que só tem o nome commum da Corporação que praticou a offensa. Este refinamento de injustiça só pertence á *barbara philosophia* deste que se disse *seculo illustrado*.

Os *Corpos de mão morta*, e, em geral, as *Associações incorporadas*, são immortaes para o bem dos seus membros, mas não para o castigo de todos. As Nações são Corporações desta natureza. Se o principio revolucionario fosse boa regra, Inglaterra poderia fazer guerra implaca-

vel, e de exterminio, contra a França, e França contra Inglaterra, com o pretexto das innumeraveis e mutuas hostilidades dos dous paizes, em varios periodos da historia.

A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destruir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrucção, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se se preverte o seu ensino, ella só serve de almazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja e o Estado supprirem com os máos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver, as nossas dissensões e animosidades, accrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

A historia, na maior parte, consiste na collecção das miserias que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lascivia, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vicios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, direitos do homem, são meros pretextos dellas: e sempre forão pretextos com appare-

cia de bem real. Os grandes actores e instrumentos nos grandes males publicos são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, Capitães. Porém não se cura o mal tomando-se a resolução politica de que não hajão Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permanecerão sempre as mesmas, e unicamente em figura diversa.

Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos, dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos vicios, e não aos nomes; ás causas que os occasionão, e não aos modos transitorios em que elles apparecem. Do contrario, os pertendidos reformadores só se mostram intelligentes em theoria, e fatuos na pratica. A malicia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo, e toma novo corpo: mas o seu máo espirito transmigra; e, longe de perder, pela mudança da apparencia, o seu malefico principio de vida, antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor, e actividade juvenil.

Aterrano-nos com forjadas aparições de máos espiritos, e não advertimos, que a nossa

casa está assaltada de verdadeiros ladrões. Attendendo só a casca da historia, pensa-se fazer guerra com a intolerancia, soberba, e crueldade; entretanto que, com o pretexto de aborrecerem os maos principios dos violentos partidos ( que aliás já não existião ) das antigas perseguições por causa de religião, se authorizão e alimentão os mesmos odiosos vicios, e talvez peiores, nas differentes actuaes facções perseguidoras.

Os cidadãos de Paris se prestarão em outro tempo como instrumentos á matança dos sectarios de Calvino, e á infame carniçaria do celebre dia de S. Bartholomeu. Póde-se por isso justificar os mesmos Parisienses, porque agora, em despique, retaliassem as abominações e horrores desses tempos, levando a extravagancia até o ponto de, em pantomima tragica, fazer vir á scena o Cardeal de Lorena em vestimentas sagradas, dando ordem para geral assassinato? Avivando-se com tal espectaculo a salvagem disposição dos Parisienses, podia-se fazellos execrar a perseguição religiosa, ou desgostallos da effusão de sangue? Antes isso servio de mais estimular-lhes o seu appetite Cannibal, que tão brutaemente cevãrão, até beberem o sangue das victimas de seus furores. Porque o antigo Cardeal

de Lorena foi hum rebelde, e assassino, póde-se agora lêr sem horror a perseguição feita á tantos Arcebispos, e Bispos da França, assassinados, ou fugitivos, que só erão conhecidos pelo povo pelas suas orações, bençãos, esmolas, e nobre uso das riquezas, e que procurá-rão asylo em Inglaterra, e entre os quaes não seria difficil achar hum Fenelon?

Os que lerem a historia com elevados sentimentos da razão, pondo os seculos diante dos olhos, e trazendo as cousas ao verdadeiro ponto da comparação, para ver-se o espirito e a qualidade moral das acções humanas, só podem dizer aos presumidos *Mestres do Palais Royal* — o Cardeal de Lorena foi hum assassino do seculo decimo sexto; e vós tendes a gloria de serdes iguaes assassinos no seculo decimo oitavo.— Esta he a unica differença que ha entre ambos.

Mas a historia no seculo decimo nono deve ser melhor entendida, e melhor empregada. Confio que ella ensinara á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos futuros ecclesiasticos e magistrados não se despiciarem, por vingança, contra os especulativos quietos athêos dos futuros tempos; das enormidades commettidas pelos athêos

praticos, e furiosos entusiastas dos nossos dias, Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a *religião*, e *philosophia*, pelo abuso que hypocritas tenham feito destes dous preciosos donativos, que nos são conferidos pelo Pai Universal.

Talvez alguns Ecclesiasticos, pelos seus partidos, e alguns excessos, se tenham mostrado viciosos além dos limites em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concedo tudo isto: mas sou homem, e tenho a tratar com homens; e, reprovando a falta da racional tolerancia de opiniões religiosas, não desejo correr ao extremo da maior de todos as intolercancias. Supporto as fragilidades, em quanto não degenerão em crimes. Sem duvida o natural progresso das paixões, pela inclinação dos homens aos vícios, deve ser prevenida por olhos vigilantes, e mãos firmes. Os revolucionarios pintão o Clero da França como se fossem monstros. Mas ha nisso verdade? He crível que o lapso de tempo, a cessação dos interesses rivaes, a lastimosa experiencia dos males que resultarão da raiva dos partidos, não hajão tido influencia alguma em melhorar os seus espiritos? Tem os Ecclesiasticos opprimido os Seculares com mão

de algozes, e em todos os lugares accendião as ardentes fochas de selvagem perseguição? Erão por ventura inflammados, como antigamente, com violentas dissensões e contendias, por fogoso espirito de controversia? Levados de ambição de soberania intellectual, procuravão pôr fogo ás Igrejas heterodoxas, e assassinar as pessoas de diverso Credo, para sobre as ruinas das outras seitas, e dos governos subvertidos, firmarem o imperio de sua doutrina, forçando as consciencias dos homens pela sua pessoal authoridade, reclamando ao principio liberdade para si em opiniões religiosas, e rematando em abuso de poder? Certamente não.

Tanto na França, como nos outros paizes civilizados, era visivel grande abatimento desses vicios e excessos, que fazião odioso o character dos tempos passados. Antes, considerando-se as cousas na equidade commum, o clero era digno de louvor, respeito, e patrocínio; por ter abandonado o espirito violento, que deshonorou em outras idades a alguns dos seus predecessores, que perseguião os povos, em lugar de mostrarem a moderação de animo e a doçura de maneiras, que erão proprias de suas funções sagradas.

Os revolucionarios preferirão o atheismo á

qualquer fórma de religião; e o *atheismo triumphante os destruiu*. Ainda os fanaticos de qualquer seita não se esquecem de todo, que justiça e misericordia fazem partes substanciaes da religião. Os impios, para fazerem proselytos, já-mais se recommendarão pelas iniquidades e crueldades que praticarão no fim do seculo decimo oitavo com os seus semelhantes, affectando chamma-llos livres e iguaes, para os tratar como escravos e brutos.

He cousa espantosa vêr aos novos *Mestres da razão* continuamente jactando-se de seu espirito de tolerancia. Não ha nisso materia de merecimento para as pessoas que tolerão todas as opiniões religiosas, em razão de pensarem que nenhuma he digna de estimação. Hum desprezo igual de todas as opiniões e seitas não vem a ser huma candura imparcial. A especie de benevolencia, que nasce do desprezo, não he verdadeira caridade. Em Inglaterra ha muita gente que tolera as differentes seitas e fórmas religiosas, no *verdadeiro espirito da tolerancia*. Elles pensão, que todos os dogmas da religião são de momento, ainda que em differentes grãos; e que entre elles ha alguns (como em todas as cousas de valor) que tem justo fundamento de preferencia.

Os Inglezes pois favorecem a estes, e tolerão a todos. Elles os tolerão, não por desprezarem as opiniões differentes, mas por terem o devido respeito á justiça. Elles com reverencia e affeição protegem todas as religiões, porque venerão e amão o *Grande Principio* em que todas concordão, e o *Grande Objecto* á que todas se dirigem. Elles, na maior parte, cada vez melhor e mais claramente discernem, que nós todos temos huma *Causa Commum*. Por isso não são arrebatados por espirito de facção. Para elles, o sacrilegio não faz parte da *doutrina das boas obras*; e detestão a pratica de proscreever homens innocentes, e não restituir os bens roubados aos Ecclesiasticos.

Os novos Legisladores da França, (que se prevalecerão de circumstancias para se apoderarem do poder do Estado) reprovárão a doutrina de *prescripção*, que aliás he huma das melhores de seus antigos Jurisconsultos. *Domat* disse a grande verdade, que *tal doutrina faz parte da Lei da natureza*. Elle nos ensina, que a positiya demarcação de seus limites, e a segurança de não se fazer invasão contra tal direito, he huma das causas para que se instituiu a sociedade civil. Se a *Lei da pres-*

*cripção* (\*) for huma vez abalada, não fica segura especie alguma de propriedade, quando vem a ser assaz grande, que tente a cubiça do povo indigente. Vemos na França a pratica perfeitamente corresponder ao desprezo desta grande fundamental parte da Lei Natural. Vimos os seus Confiscadores principiarem por sequestrar a Propriedade dos Bispos, Cabidos, Mosteiros, Principes de sangue, Nobres; e desde então não houve mais fim á confiscos de toda a sorte de Proprietarios. Infatuados com a insolencia das proscipções, e infames victorias, sempre apertados de miserias, causadas pelo seu lascivio e execravel appetite de ganho, a final se aventurarão á subverter toda a propriedade de todas as descripções, e classes de gente por todo o Reino; e forçarão a todos os homens, em todas as transacções do commercio, e tratos da vida civil, a aceitar em pagamento papel sem credito de hum governo fallido e fatuo, emitindo seus infinitos *Assignados*, que erão meos hieroglyphicos ridiculos, e nullos de suas especulações de rapinas.

---

(\*) Esta Lei he a que dá estabilidade aos dominios das Propriedades possuidas trinta annos pacificamente, por titulo legitimo.

Que vestigio restou de liberdade e propriedade em tão grande Paiz? Sem cerimonia, ou menor escrupulo, os levantados Legisladores violarão os Direitos da Propriedade, da Prescripção, da Moeda, da Fé Publica, e estabelecerão o mais inaudito despotismo. Assim o Corpo Legislativo da Nação, que dizia querer ser livre, assentou-se, não para segurança, mas para destriuição, da Propriedade Nacional, e não só da propriedade, mas tambem de toda regra e maxima que lhe póde dar estabilidade, e de todos os solidos instrumentos que lhe pódem dar circulação. Os seus projectos forão ainda ávante, até o ponto de quererem, com o mais violento fanatismo, fazer proselytos de taes horribilidades em todos os paizes, que recebem, por cabalas insidiosas, os sinaes de confraternidade, e as senhas de revolução, consagradas entre seus nefandos ritos e mysterios, com ligas federativas de perpetua amizade.

Os presumidos Politicos e Economistas da França nem, ao menos, advertirão, que, confiscando-se tão immensa propriedade, e vindo ella de subito para cruel Hasta Publica, a sua violenta e repentina entrada no mercado faria logo abater immenso de seu real valor, resultan-

do dahi permanecer sempre o Estado sem os recursos que se haviam especulado, e venderem-se os mais inestimaveis bens por vil preço, e á vs pessoas, que as adquirião com lesão enormissima dos donos legitimos, tirando-se dos melhores e immemoriaes possuidores? Que equidade (disse o Consul de Roma) se póde considerar em se tirarem as terras aos senhorios de muitos annos, e ainda de seculos, para se traspassarem á injustos compradores? Valem por ventura estes mais que os outros? Melhorou a Nação? Cessarão as discordias civis? Ao contrario, as desordens se propagarão até extensão incalculavel.

A segurança das Dividas Publicas foi hum dos pretextos e estimulos para taes desordens. As Nações estão a submergir-se cada vez mais no fundo do Oceano de sua Divida Publica sem limites. As Dividas Publicas, que ao principio erão seguranças para o Governo, fazendo, por meio dellas, interessar a muita gente na tranquillidade publica, vão, pelo excesso, a ser os meios de sua subversão. Se os Governos providenceião ao pagamento destas dividas impondo pezados tributos, hão de perecer, fazendo-se assim odiosos ao povo. Se não providenceião ao

seu desempenho, serão destruidos pelos esforços dos mais perigosos de todos os partidos, isto he, do partido dos capitalistas prejudicados, e não extinctos. Os homens desta classe ao principio olhão, (como segurança do seu capital emprestado,) para a fidelidade do Governo, e depois para o seu poder. Se vem o seu Governo velho, cansado, esteril, com as molas frouxas, e sem o sufficiente vigor para satisfazer os seus empenhos, procurarão novo governo que possua mais energia, e energia tal, que não proceda de adquirir novos recursos legitimos, mas do desprezo da justiça. Revoluções são favoraveis aos confiscos. Estes principios que predominão na França vão-se disseminando por todos os paizes, e em todas as classes de pessoas, que estão olhando para a propriedade e indolencia dos ricos como para a sua segurança. A indolencia dos grandes proprietarios se arguirá de inutilidade, e esta inutilidade logo se representará como nociva ao Estado. Muitas partes da Europa estão em desordem clara: sente-se já confuso movimento que ameaça geral terremoto no Mundo Politico.

Alguns dizem, que os confiscos da França não devem assustar as mais Nações; pois que

não se fizerão por extravagante rapacidade, mas por grande medida de Politica nacional, a fim de se removerem extensas e inveteradas desordens. Por isso muita gente approvou o confisco feito dos bens dos Mosteiros, e a abolição das chamadas *Corporações de mão morta etc.*

Jámais separarei a Justiça da Politica. A Justiça deve ser sempre a Estrella Polar de todos os actos do Governo na Sociedade Civil. Toda a grande aberração della, em quaesquer circumstancias, faz suspeitar que não he a Politica que obra, mas a cubiça de dominação.

Quando os homens são animados a entrar em certo modo de vida pelas leis existentes, e são protegidos nesse modo de vida como emprego legitimo de sua industria; quando elles acomodão todas as suas idéas, e todos os seus habitos, ás occupações respectivas; quando a policia publica tem feito que a conformidade á essas regras seja o fundamento de reputação, e o desvio dellas o fundamento de deshonra e pena; certamente he injusto o fazer qualquer Legislador violencia aos espiritos e sentimentos de seus subditos, e o derriballos do seu estado e condição, e ainda demais aferrar vergonha e infamia ao character dos individuos, e aos costu-

mes do paiz, que antes tinham disso feito a medida de sua felicidade e honra. Não he preciso ser mui sagaz para descobrir que este brinco despotico, feito com os sentimentos, consciencias, prejuizos, e propriedades dos homens, não se póde distinguir da mais atroz tyrannia.

O homem encarregado de saudaveis reformas; que não obra debaixo do influxo das paixões; que em seus projectos não tem em vista senão o bem publico; vendo que ainda as instituições originalmente viciosas, depois de tomarem raizes profundas, se misturão e entrelação com muitas cousas boas, e que por isso não se pódem desarraigár, sem ao mesmo tempo notavelmente se destruirem essas boas cousas, não deve ser disposto a abolillas de repente. Ha em tudo justo meio. Recebendo alguém o governo de hum Estado, deve compollo e ornallo, corrigindo, e não abatendo. *Spartam accepisti, hanc exorna.*

Esta regra de profundo senso jámais deve estar fóra do espirito de hum reformador honesto. Não posso conceber como hum homem chegue a subir á tal presumpção, que considere o seu paiz como nada mais que huma *Carta branca*, para escrever nella o que lhe der na vonta-

de. Hum homem cheio de benevolencia especulativa, pôde desejar que a Sociedade fosse constituida do modo differente do que a acha; mas o bom patriota, e o verdadeiro politico, sempre considerarão o como se poderão melhor aproveitar das materias que achão no proprio paiz, para as reformas indispensaveis. Disposição á conservar, e habilidade a melhorar, serão sempre os padrões do Estadista. Tudo que he fóra disto, he vulgar no conceito, e perigoso na execução.

Ha momentos na fortuna dos Estados, em que certos homens são chamados a fazer melhoramentos, por grandes esforços mentaes. Nesses momentos, ainda quando gozem da confidencia de seu Principe e Paiz, e sejão revestidos de plena authoridade, nem sempre achão instrumentos idoneos para a obra. O verdadeiro politico, para fazer grandes cousas, deve então procurar descobrir a grande mola do mechanismo da benevolencia civil, para saber extrahir o bem ainda do mal.

Tem-se muito declamado contra as Corporações religiosas. Mas as suas rendas tinhão direcção publica. Os seus membros erão dedicados á propositos publicos, e por principios pu-

blicos. Ainda que as suas instituições ao principio fossem obras de enthusiasmo, todavia forão depois os instrumentos da sabedoria. Não mereceria ser havido por Homem de Estado de alta ordem, quem destruísse temerariamente a riqueza, disciplina, e os habitos de taes Corporações, e não achasse expedientes de as converter em grande e permanente beneficio de seu paiz. Só politicos destituídos de fundos mentaes, e que não entendem de officio, podião achar conta em extinguillas.

Estas instituições (dizem) favorecem a superstição pelos seus mesmos principios, e a alimentão pela sua constante e inextermivavel má influencia. Não entro nesta questão. Mas não he menos certo, que derivamos solidos beneficios de muitas disposições, e de muitas paixões, que, aos olhos da moral, são, pelo menos, de cõr tã duvidosa como a superstição. A superstição he a religião dos espiritos fracos. Se inteiramente se lhes arranca, sem se darem logo melhores substitutos aos que não concebem as cousas melhor, tambem arrancamos os recursos necessarios a soste as cousas mais essenciaes.

A base da verdadeira religião consiste, em estar o Corpo do povo sempre seguro na idéa e

pratica da obediencia á Vontade do Eterno Soberano do Mundo, ter confiança nas suas revelações, e aspirar á imitação de suas perfeições. Os homens sabios não são violentos em condemnar a fraqueza do entender humano. A Sabedoria não he o mais severo censor da ignorancia. As loucuras rivaes são as que se fazem mutuamente implacavel guerra; e a que chega a predominar, logo se prevalece de suas vantagens para pôr no partido de suas querélas os espiritos vulgares. Ao contrario, a prudencia he hum mediador neutro. Se na contenda entre o afferro immoderado á certas instituições, e a orgulhosa antipathia á cousas, que, por sua natureza, não só proprias a produzir effervescencias de indignação, o homem prudente he obrigado a fazer escolha, comparando erros, excessos, e enthusiasmos; pelo menos, julgará mais toleravel a superstição que edifica, do que aquella que destroe; a que orna o paiz, do que a que o deforma; a que o dota, do que a que espolia; a que dispõe das riquezas para benevolencia, ainda que aliás menos bem entendida, do que a que estimula os homens á real injustiça; a que recusa á si propria ainda os prazeres legitimos, do que a que rouba dos outros até a mingada

subsistencia. Certamente esse se achará ser o estado da questão entre os fundadores das Ordens Monasticas, e os pertendidos reformadores da supersticiosa philosophia do seculo presente.

Em toda a Nação prospera, alguma parte do producto da terra e industria sempre excede as necessidades do consumo do productor respectivo. Este excedente fórma o redito do senhor da terra, e dos capitalistas que adiantão o fundo para a producção. Este excedente será despendido por estas duas sortes de proprietarios, que aliás não trabalham directamente para a producção. Mas a sua arguida preguiça, ( que he mera isenção de obra mechanica ) vem a ser o estímulo do trabalho dos que não tem terra capital, e o seu descanso he o incitamento á industria do principal corpo do povo. O interesse do Estado só he que os capitaes empregados para fazer render a terra, tornem outra vez para as mãos industriosas donde elles vierão, e que a despeza dos fundos da natureza e arte seja com o menor possivel detrimento da moral, tanto daquelles que a fazem, como dos obreiros para quem os capitaes tornão, a fim da renovação dos trabalhos, e constante reproducção dos fructos da terra, e industria.

Em todas as considerações de receita, despeza, e emprego pessoal, hum Legislador prudente deve cuidadosamente comparar os caracteres do possuidor dos fundos a quem se aconselha expellir, e do estrangeiro que se propõe para substituir o seu lugar. Além dos inconvenientes que resultão das violentas revoluções da propriedade por extensos confiscos, deve-se estar certo, que o novo possuidor será mais trabalhador, mais virtuoso, mais sóbrio, e menos disposto a extorquir irracional proporção dos ganhos do lavrador, ou a consumir consigo mais quantidade do que a ordinaria medida do consumo de qualquer individuo, ou a despende de modo mais firme, e igual, que melhor corresponda á util despeza politica que os antigos instituidores havião destinado. Quem demonstrou que estas vantagens estão da parte dos que adquirirão os bens da Igreja, e das Ordens religiosas?

Os frades (dizem) são inertes. Sejão. Supponhase que não se occupão senão em cantar no côro. Pelo menos são tão utilmente empregados como os que cantão no theatro. Incomparavelmente peor he a occupação de milhares de individuos de condição servil, empregados pelos grandes ricos seculares em vis e pestiferos

ministerios. A humanidade e a politica antes justificarião o livrar a estes de seus máos e inuteis empregos, do que o perturbar o tranquillo remanso da morada monastica. Ora quando as vantagens da posse estão *ao par*, não ha motivo para mudança de possuidores.

Compare-se porém a vã e perniciosa despeza que os grandes proprietarios seculares frequentemente fazem, com a que a maior parte dos Prelados, Cabidos, e Mosteiros fazia em accumulção de vastas livrarias, que contém a historia da força e fraqueza do espirito humano; de grandes collecções de manuscritos, medallas, moedas, que attestão e explanão as leis e costumes da antiguidade; de nobres pinturas, e estatuas, que, imitando a natureza, parecem extender os limites da creação; dos grandes monumentos dos mortos, que fazem continuar as lembranças e connexões da vida ainda além do sepulchro; dos variados musêos, que assoalhão as maravilhosas amostras da opulencia da natureza, e que são a assemblea representativa de todas as classes e familias do mundo, que, pela sua disposição scientifica, e excitando a geral curiosidade, abrem as estradas da Sciencia. Se por grandes estabelecimentos permanentes todos

estes objectos de despeza são melhor seguros de inconstante jogo do capricho, e da extravagancia pessoal, póde-se crer que estarião peor nas mãos dos que tinhão feito e accumulado tão uteis trabalhos, do que se igual gosto prevalecesse nos individuos separados, e sem o espirito preservativo das Communidades?

Por ventura o suor do pedreiro e carpinteiro corre tão aprazivel e salutiferamente na construcção e reparo dos majestosos edificios da religião, como na fabrica de casas de opera, officinas de jogo, e obras de phantasia, para nutrir o luxo e o orgulho, como v. g. obeliscos no Campo de Marte etc? O producto superfluo de vinho e azeite do paiz será peor empregado na frugal sustentação de pessoas á quem as ficções de piedosa phantasia derão a dignidade de estarem sempre em louvor e serviço de Deos; do que em innumeravel multidão de criados, que são mantidos com desperdicios, só para nutrir a soberba de seus amos? Os ornatos dos templos serão despezas mais dignas para hum homem sabio, que as festas com laços nacionaes, e innumeraveis fofices, com que a opulencia dos seculares alardêa a enorme carga de suas superfluidades? Toleramos a estas cousas,

não por amor dellas, mas pelo receio de que em seu lugar entre ainda cousa peor. Toleramos, porque a propriedade e a liberdade, até certo gráo, requerem a tolerancia de taes usos das sociedades. Como se poderá logo com razão proscrever os estabelecimentos e dispendios, que, em todos os pontos de vista, são de mais louvavel uso dos Estados? Póde ser justo fazer violação de toda a propriedade, e, por ultraje de todo o principio de liberdade, mudallos á força do melhor para o peor? As corporações da Igreja no uso de sua propriedade são os objectos mais susceptiveis de direcção publica da parte do poder do Estado: o regulamento dos modos e habitos de vida dos seus membros vem a ser mais facil do que he, ou deve ser, a respeito da economia dos cidadãos particulares. Esta consideração he muito essencial para se tentar alguma cousa que mereça o nome de *empreza politica*.

Nenhum excesso he bom. Assim como não convém que desproporcionada quantidade de terras esteja em poder dos Corpos de mão morta, e dos grandes Prelados, tambem não se mostra razão, porque a posse de algumas se traspasse violentamente do poder de alguns, que muitas

vezes, de facto, tem feito bom uso de antigas propriedades, que passarão successivamente á pessoas de eminente virtude e sabedoria; que dão ás mais nobres familias renovação e mantença, e ainda ás das classes infimas os meios de dignidade e elevação; propriedades, á cuja posse he annexa a obrigação de executar algum dever moral, e que, posto os seus possuidores não cumprão perfeitamente os seus encargos, que se exigem delles, com tudo lhes fazem ter hum caracter de, ao menos, exterior decoro e gravidade, e que, de ordinario, são applicadas á hospitalidade generosa, considerando-as habitualmente os possuidores como hum deposito confidencial para exercicio da caridade. As pessoas cujo destino e onus publico no uso de taes propriedades he ostentar virtudes, naturalmente as administrarão melhor, e serão mais comedidos e regulados na sua economia, do que os seculares, que não tem regra e direcção de suas despezas senão as suas vontades.

Sempre olharei com piedade e reverencia para os erros daquelles reformadores, que são timoratos nos pontos que implicão com a felicidade do genero humano. Só Politicos máos e ignorantes são nisso ousados, assemelhando-se aos

Cavalleiros de industria, que nada tem á perder, e não sentem paternal sollicitude do bem publico; que não temem fazer a amputação de huma criança, só para tentarem huma experiencia perigosa. Estes taes, na vastidão de suas promessas, e na confiança de seus prognosticos, excedem todas as jactancias dos charlatães.

Estou convencido que na Assembleia Nacional da França entrarão homens de consideraveis habilidades, e alguns desenvolvêrão eloquencia em suas fallas e escritos. Isso não podia executar-se sem poderosos e cultivados talentos. Mas a eloquencia póde existir sem proporcional gráo de sabedoria. Com tudo, no systema que proposerão para segurança e prosperidade dos cidadãos, e para se promover a força, e grandeza do Estado, confesso não ter achado huma só cousa, que denotasse obra de espirito comprehensor, e providente, e nem ainda de entendimentos capazes das provisões de prudencia vulgar.

A gloria de todos os grandes Mestres em todas as artes consiste em confrontar e vencer as difficuldades; e quando tem vencido a primeira, a convertem em instrumento para vencer novas difficuldades; e assim adquirem a possi-

bilidade de estender o imperio da sua sciencia, e ainda transpollo além do alcance de seus originaes pensamentos, transcendendo até fóra dos marcos da intelligencia humana. A difficuldade he hum instrumento severo, estabelecido por suprema ordenança do Pai e Legislador Omniscio, que nos conhece melhor do que nós nos conhecemos. O que lotta com nosco, fortifica os nossos nervos, e aguça a nossa perspicacia. O nosso antagonista vem a ser o nosso auxiliar. O amigavel conflicto com a difficuldade nos obriga a adquirir mais intimo conhecimento do objecto proposto, e nos impelle a considerallo em todas as suas relações, não soffrendo que sejamos superficiaes. O que foge de tal lotta, mostra não ter nervos do entendimento para a sua tarefa.

O degenerado appetite de fazer tudo em pouco tempo com enganosas facilidades, e (como dizem os francezes) *golpes de mão*, tem sido em muitas partes a causa de se crear no mundo governos de poder arbitrario. Então as faltas de sabedoria são suppridas pela plenitude de força, e os povos nada ganhão na mudança. Começando taes reformadores os seus trabalhos por principio de preguiça (que não medita, nem combina) tem a fortuna commum da gente pre-

guiçosa. As difficuldades, que elles mais illudirão do que resolverão, tornão a apparecer no curso do edificio, e são involvidos em labyrintho de confuso manejo, e em huma industria estovada, e sem direcção. Assim fazem a sua obra viciosa, e sem seguridade.

A Assemblea Nacional só ladeou pelas difficuldades, sem as resolver, nem evitar; e por isso começou os planos de reforma com *abolição e destruição*. Em demolir á picarête, e arrazar hum edificio, mostra-se habilidade? O mais rude entendimento, e a mão mais salvagem, he capaz de tal obra: raiva e phenesi póde derribar em huma hora mais, do que prudencia, deliberação, e pericia, pódem edificar em cem annos.

Os erros e defeitos dos estabelecimentos velhos são visiveis e palpaveis: não he precisa muita sagacidade para apontallos; e onde se estabelece poder arbitrario, basta huma palavra para destruir vicios juntamente como os estabelecimentos uteis. A mesma preguiçosa e inquieta disposição que ama a inercia, e aborrece o socego, dirigio os politicos da França para abater a sua Monarchia, com tudo o que tambem havia de bom nella, sem aliás supprir devida-

mente o lugar das cousas destruidas. Hum dos do Corpo Legislativo, que ali tinha ascendente, exprimio assim o seu *Grande Principio destructivo*: nada he mais simples. „ Os estabelecimentos da França coroão a infelicidade do povo. Para o fazer feliz, he necessario renovar: mudar suas ideas; mudar suas leis; mudar seus costumes; mudar os homens; mudar as cousas; mudar as palavras . . . tudo destruir . . . sim tudo destruir, pois que tudo se deve tornar a crear. „ Se este arengueiro fosse escolhido para Presidente da casa dos orates, poderia ser havido por ente racional?

Preservar e reformar he cousa mui diversa desta Proposta. Quando se pertende concertar e acrescentar hum grande edificio, sem destruir as partes uteis, deve-se ter hum espirito vigoroso, de perseverante attenção, dotado de talentos para comparar e combinar, e hum entendimento fertil em expedientes vigorosos, que entre em conflicto com a confederada força dos vicios oppostos, a saber, da obstinação que rejeita todo o melhoramento, e da leveza que se fatiga e desgosta até com o bem de que está de posse. Mas este processo he lento, e não he proprio para phantasticos Legisladores, que se glorião

de executar em poucos mezes a obra que requer seculos. Huma das excellencias do methodo de reformar prudente he o em que o tempo he hum dos assistentes, e cuja operação vem a ser quasi imperceptivel.

Se a circunspecção e cautela são partes da sabedoria, ainda quando a obra he só de materia desanimada, sem duvida constituem parte do nosso dever, quando o objecto da demolição ou construcção não he obra de pedra e páo, mas entes sensiveis, que se pódem fazer miseraveis em grande multidão, pela repentina alteraçãõ de seu estado, condiçãõ, e habitos de vida. Mas em Paris a predominante opiniãõ he, que hum coração insensivel, e huma presumpção illimitada, são as unicas qualificações para hum perfeito legislador. Porém mui differentes convem que sejião as ideas deste alto officio.

O verdadeiro Legislador deve ter hum coração cheio de sensibilidade. Elle deve amar e respeitar a sua especie, e muito temer de si proprio. Regulamento politico he obra para entes sociaes. Nelle o espirito deve conspirar com os outros espiritos. A nossa paciencia póde melhor acabar a obra, do que a nossa força. A experiencia tem mostrado, que não ha plano que não te-

nha sido melhor emendado pelas observações dos que aliás em entendimento erão mui inferiores ás pessoas que havião dirigido o negocio. Pelo lento e bem sustentado progresso do exame, o effeito de cada passo he observado; o bom ou máo successo do primeiro dá-nos luz ao segundo; e assim de luz em luz somos conduzidos com segurança por toda a série das operações. Por este modo attendemos á que as partes do systema não combattão entre si. Os males escondidos nas mais especiosas apparencias são remediados logo que se divisão. Cada vantagem he assim menos sacrificada á outra. Compensamos, conciliamos, balanceamos. Deste modo somos habilitados a unir em hum todo coherente as varias anomalias, e principios contradictorios, que se achão nos espiritos e regulamentos dos homens. Dahi se origina não a excellencia na simplicidade, mas (o que lhe he superior) *excellencia na composição*. Onde os grandes interesses do Genero Humano se transmittem pela longa successão de gerações, tambem a successão de reformas deve ser admittida nos Conselhos das resoluções que profundamente envolvem taes interesses.

Por isso os melhores legisladores tem muitas vezes sido satisfeitos com o estabelecimento

de algum seguro e solido principio de governo, que reja a Policia publica, do que adoptar Planos de perfeição ideal, que pódem ser falliveis na prática. Proceder assim, he proceder com principio previdente, e energia prolifica, que he o criterio da verdadeira sabedoria. O que os politicos francezes pensão ser os signaes de hum genio atrevido, e transcendente, são só provas de deploravel falta de habilidade. Pelos seos violentos processos, com desvio dos processos da natureza, vierão a abandonar-se cegamente á cada projectista e aventureiro, e á cada empirico e alchymista. Elles na sua medicina do Estado affectarão não empregar ingrediente que fosse commum. Diéta não lhes he nada no systema dos remedios. A sua desesperação de curar por methodos regulares procedeo ainda menos de falta de comprehensão, do que de malignidade de temperamento. Taes legisladores formárão suas opiniões a respeito das profissões, ordens, e officios dos homens, pelas declamações, e buffonarias dos satyricos. Olhárão para as cousas unicamente da parte dos defeitos, e vicios, e ainda a estes debaixo da côr da exaggeração.

Em geral he huma verdade, que os habituados a não verem senão as faltas dos outros,

são incapazes da obra da reforma; pois que os seus espiritos não estão bastantemente suppridos com padrões do bom e bello, e só se delectão na contemplação da malicia; e por isso odião os homens. Dahi nasce a maliciosa propensão que taes reformadores tem de destruir tudo com a sua actividade quadrimania. Elles intentarão reformar tudo pelos paradoxos de entusiastas eloquentes e loucos, como *Rousseau*, o qual todavia, ainda, nos seus lucidos intervallos, se espantaria da rematada loucura dos seus estudantes, e servís imitadores, que se lembrarão de applicar á Sociedade extravagancias que só forão escritas para excitar as phantasias com idéas maravilhosas, em lugar dos antigos romances de magicos, e fadas; descobrindo taes discipulos assim fé implicita, ainda na sua incredulidade.

As pessoas que emprehem cousas de importancia, ainda por methodos regulares, devem dar fundamento para se presumir nelles habilitade superior. Com maior razão o medico do Estado, que, não satisfeito de pertender curar enfermidades parciaes, emprehende regenerar constituições, deve mostrar talentos extraordinarios, principalmente quando se jactão de não

recorrerem á pratica dos outros, nem terem modelos que imitem. Os antigos estabelecimentos são experimentados pelos seus effeitos. Se os povos são felizes, unidos, opulentos, guerreiros, e poderosos, bem podemos presumir o resto. Com razão concluimos, que he boa a causa, donde se deriva bom effeito. Nos estabelecimentos antigos, tem-se achado varios correctivos para as suas aberrações da theoria. Elles são o resultado de varias necessidades, e conveniencias: não são construidos em consequencia de theorias; antes as theorias se tem formado em virtude das experiencias dos seculos no governo humano. Os meios ensinados por estas são melhor accomodados aos fins politicos, ainda que ás vezes não pareção perfeitamente conciliaveis com o Plano original. Isto se póde curiosamente exemplificar na Constituição Britannica.

Mas os edificadores francezes não se embaraçarão com isso, nem fizerão esforços de adaptar o novo edificio ao velho, quer nos alicerces, quer nas muralhas. Praticarão como os jardineiros vulgares, que formão tudo em hum exacto nivel, propondo levantar a architectura do Estado sobre tres bases, *geometrica, arithmetica, financial*, a que chamarão 1.<sup>a</sup> base do

*Territorio, 2.<sup>a</sup> base da População, 3.<sup>a</sup> base do Imposto.*

Na *base geometrica*, dividirão a área de seu paiz em 83 quadrados regulares, que chamarão *Departamentos*, tendo cada hum 720 districtos, que chamarão *Communs*, e subdividindo estas em medidas quadradas, á que derão o titulo de *Cantões*. Nesta vista geometrica não se achão grandes talentos legislativos. Com olho, cordel, e theodolito, qualquer trivial medidor desempenharia a tarefa. Neste novo pavimento de quadrados, feita a organização pelo systema de *Empedocles* e *Buffon*, e não sobre principio politico, he impossivel, que dahi não resultassem innumeraveis inconvenientes locaes, á que os homens não estavam habituados. A bondade do terreno, numero de gente, sua riqueza, mais ou menos facilidades de contribuição, e infinitas outras circumstancias, fazem a medida do quadrado hum ridiculo padrão do poder de qualquer Estado. A igualdade em geometria he a mais desigual de todas as medidas na distribuição dos homens.

A sublime sciencia franceza, que assim se deslizou pelo campo da geometria, manifestou a sua ignorante methaphysica juridica na arith-

metica da População. Dizendo, que os homens são inteiramente iguaes, e que por isso tinham iguaes direitos ao governo, decretarão, que todo o homem podesse votar em pessoa que o representasse no Corpo legislativo, com tanto que pagasse ao Estado o valor de tres dias de trabalho. Como ha innumeraveis pessoas das infimas classes, que só pódem viver de seu escaço jornal, que apenas lhes dá minguada subsistencia de cada dia, ficarão excluidos de votar os que tinham mais necessidade de protecção e defeza. Tambem excluirão de voto os criados. Eis logo de hum golpe subvertido o inculcado principio da igualdade dos Direitos, que dizião ter a natureza dado gratuitamente em o nascimento de cada individuo, e de que nenhuma authoridade legitima podia privar a ninguem.

Na *base do Imposto* perderão inteiramente de vista os direitos do homem. Esta base he inteiramente estabelecida na propriedade. Ora esta he incompativel com a pretendida igualdade. Os novos legisladores, vendo-se embaraçados com suas idéas contradictorias, dizião que, destruindo-se a igualdade pessoal, se estabeleceria a *aristocracia dos ricos*; e todavia dizião, que os ricos devem ser respeitados, e que

tem titulo á mais larga partilha na administração dos negocios publicos. Sem duvida, elles são sujeitos á inveja, e a inveja conduz á attaque da propriedade. Por isso, dando-se lhes o direito de terem mais votos, e de escolherem mais membros para a Representação nacional, tambem sujeitárão á maiores *impostos directos* as que chamarão *massas aristocraticas*.

Mas nada he mais desigual que os *impostos directos*. A *contribuição indirecta*, que provém dos Direitos exigidos sobre os *artigos de consumo*, he na verdade a melhor medida dos impostos: ella descobre e segue a riqueza mais naturalmente, do que a contribuição directa. Na verdade he difficil fixar a medida da preferencia local; pois que algumas provincias pódem pagar mais, não por causas intrinsecas, mas pelas que se originão dos mesmos districtos sobre que tem alcançado preferencia. Huma grande Cidade, como París, deve pagar incomparavelmente mais direitos, que as Cidades das provincias interiores; visto que attrahe os productos que vem destas, e que dalli se exportão. Os Proprietarios ricos das provincias, que gastão na Côrte as suas rendas, e que são os creadores das Cidades respectivas, contribuem para

Paris com parte dos productos das suas provincias, na proporção das rendas que dellas lhes vem. A contribuição directa he assentada sobre a riqueza real, ou presumida, e a riqueza local póde provir de causas não locaes; e por tanto, em regra de equidade, não devem produzir preferencia local.

O espirito de distribuição geometrica, e de regulamento arithmetico, induzio aos reformadores francezes a tratarem o seu paiz como a hum paiz de conquista, subjugado pelos mais salvagens conquistadores, que desprezárão o povo submettido, insultando os seus sentimentos, e destroindo todos os vestigios de sua religião, policia, leis e maneiras, produzindo geral pobreza. Fizerão a França livre, da maneira que os outros (tão sinceros como elles) amigos dos direitos do homem, os Romanos fizeram livre a Grecia, e as mais Nações, destroindo os vinculos da sua união, com o pretexto de segurar a independencia de seus governos.

Taes Legisladores se arrogárão a ardua tarefa da reforma, sem mais preparativo e apparato do que a methaphysica de Graduados, e a mathematica e arithmetica de Dizimeiros, e Doutores de Taboada. Elles não considerárão,

em cousa alguma, a natureza do homem e do cidadão, nem estudarão os effeitos dos habitos que são communicados pelas circumstancias da vida civil, que constituem outra natureza, e produzem huma artificial combinação, donde nascem muitas diversidades entre os homens conforme á seu nascimento, sua educação, suas profissões, suas differentes idades, suas residencias em cidade ou no campo, seus varios modos de adquirir e fixar a propriedade, e conforme a qualidade das mesmas propriedades; o que tudo os fórma artificialmente como differentes especies de creaturas. Dahi resulta a necessidade que tem o Legislador de dispor os cidadãos em taes classes e situações do Estado, para que os seus particulares habitos melhor os qualificação, e de lhes conceder privilegios apropriados, que lhes dem segurança, protecção, e força, no conflicto e contenda que se occasiona pela diversidade dos respectivos interesses, que sempre existem, e não pôdem deixar de existir em toda a sociedade complexa.

Seria cuberto de vergonha o Lavrador, que fosse tão grosseiro, e tão destituido de senso commum, que, tendo variedade de carneiros, bois, e cavallos, pertendesse igualar todos,

como pertencendo á especie geral de animaes , sem provêr a cada hum delles com o respectivo apropriado sustento, curral, e emprego. Mas os Economistas da França , dispondo á arbitrio da sua propria especie em methaphysica aérea , não se cangarão em considerar particularidades de classes , e calcularão sómente a *grége civil* , como só composta de homens em geral. Estes Legisladores methaphysicos , mathematicos , e chemicos , tentarão confundir todas as sortes de Cidadãos em huma massa homogenea , e dividirão o seu montão , assim amalgamado , em incoherentes republicas. Nem ao menos attendêrão ás melhores lições da *Methaphysica racional* , que justamente estabeleceo varias Cathegorias , e diversos predicamentos das cousas , bem distinguindo substancias , e quantidades , ordenando , que , em complexas deliberações , se attendesse á qualidade , relação , acção , paixão , lugar , tempo , circumstancias , habitos. Quizerão estabelecer huma liberdade compulsoria ; e corromperão o exercito para desertar e trahir a seu Soberano: depois ordenarão que esse exercito fizesse fogo contra o povo : o seu máo exemplo induzio a insurreição das colonias , e a dos negros contra os colonistas. Quizerão contradictoria-

mente, e com força armada, continuar o systema Colonial. Em que capitulo do Codigo dos Direitos do homem se lê, que he parte dos Direitos do homem poder huma parte da Nação monopolisar e restringir o commercio da outra parte, para beneficio da que faz essa violencia? Ha opposição: a resposta he tortura, violencia, tropa, matança.

Eis os fructos de declarações metaphysicas, extravagantemente feitas, e vergonhosamente retractadas! Como podia haver liberdade sem sabedoria, sem virtude, sem inviolavel guarda do direito da propriedade? Sem isso, ella he o maior de todos os males possiveis; e vem a ser sandice, vicio, e demencia sem tutela, nem restricção.

As reformas em Finanças acabárão de mostrar a incapacidade das cabeças francezas; ellas destroirão completamente o seu paiz. Os revolucionarios, presumidos de Financeiros, não virão nada mais no Redito publico senão Assignados, Mandados Territoriaes, Annuidades, Tontinas &c., sem perceberem que prudentes *operações de credito* são boas cousas, quando são effectos da boa ordem civil. Elles affectárão copiar nesses expedientes a pratica de Inglater-

ra; mas contradictoriamente tentárão estabelecer o *credito publico* com exemplos de rapina, e estrago de toda a fé humana. Quizerão forçar a receber o seu *papel do governo*, sem saberem, que a *liberdade de acceitar taes cédulas* he a que as constitue *moeda corrente*. O papel francez não foi (como devia ser) o representante da opulencia Nacional, mas sim da penuria publica; elle não foi a creatura do *credito publico*, mas só do poder revolucionario. Imaginárão que o florente Estado de Inglaterra era devido ao papel do Banco, e não que o *credito do papel do Banco* fosse o effeito da florente condição do *Commercio Nacional*. Não advertirão, que na circulação não se recebe hum só *shellin*, senão por livre escolha das partes contrahentes, e que por isso facilmente se converte em dinheiro. O nosso papel tem muito valor no *Commercio*, porque a lei não lhe dá algum no foro. He poderoso na Praça, e impotente na Córte. Cada credor de dez *shellins* póde recusar o seu pagamento em todo o papel do Banco de Inglaterra. Por isso ahí a riqueza em papel de *credito* facilita a entrada, sahida, e circulação do oiro, e prata, e tende a augmentar a sua quantidade.

Os objectos do *Financeiro* são: segurar

amplio redito ao Estado; estabelecer impostos com discrição e igualdade; empregallos economicamente; e, quando a necessidade o obriga a fazer uso do credito, *segurar os fundamentos do mesmo credito, logo no primeiro emprestimo publico*, e sempre sostello pela clareza e candura nos seus procedimentos, exacção dos seus calculos, e solidez dos seus fundos. Grandes expectações se excitárão em toda a Europa á este respeito na França pela sua Revolução; porém mallograrão-se.

A dignidade de cada emprego depende da quantidade e especie de virtude, que se póde exercer nelle. Todas as grandes qualidades do espirito que opérão no publico, e que não são meramente passivas, e soffredoras, requerem força para o seu desenvolvimento. Como a Renda do Estado he o movel de todo o seu poder, a sua administração vem a ser huma-esphera de toda a virtude activa. Sem tal virtude, he impossivel boa administração. A virtude publica, sendo de natureza activa e esplendida, e destinada á grandes cousas, e exercida sobre grandes interesses, requer grande espaço para as suas operações, e não se póde desenvolver, e diffundir achando-se apertada em circunstancias es-

freitas e sordidas. O Corpo politico só póde por meio de justa Renda do Estado obrar conforme o seu genio e character, desenvolver a sua virtude collectiva, e bem caracterisar os que o movem, e que são, por assim dizer, a sua vida, e principio director. Dahi he que, não só a magnanimidade, liberdade, beneficencia, fortaleza, providencia, e a tutelar protecção das boas artes, derivão o seu sustento, e a força de seus órgãos; mas tambem o trabalho, vigilancia, frugalidade, continencia, tem o seu proprio elemento na provisão e distribuição da riqueza publica.

Por isso com razão a Sciencia das Finanças, especulativa e pratica (que se ajudam por muitos ramos auxiliares dos conhecimentos humanos) he tida em alta estima pelos mais sabios e melhores homens: e como esta sciencia cresce com o augmento do seu objecto, tambem a prosperidade e melhora das Nações tem geralmente crescido com o augmento de sua justa Renda Publica, quando a balança dos esforços dos individuos e do Estado em a fazer adiantar, tem proporção reciproca, e se achão em harmonia e correspondencia. Mas os sophistas francezes, só declamando vagamente contra Estancos Reaes,

em lugar de algumas justas refórmãs nos objectos e modo da collecta das Rendas do Estado, em breve tempo, fizerão desapparecer a que antes existia, e destruirão a forga do Reino, perdendo ao mesmo tempo a sua phantastica republica. Os seus Financeiros forão crueis, e não economicos. Ao principio pertenderão supprir o Estado só com voluntarias contribuições do povo: e logo depois recorrêrão á empréstimos forçados, confiscos, assignados, mandados territoriaes, e á todos os mais absurdos e horrores que são notorios, com infernal confiança na omnipotencia do roubo e assassinato; descompondo a natureza das cousas, convertendo a indigencia em recurso, pagando o interesse com trapos, e provendo o Credor publico á ponta da baioneta.

Os Revolucionarios da França, por incomprehensivel espirito de dilirio e engano, jogarão o mais desesperado jogo. Tendo destruido todas as seguranças de huma liberdade moderada, e as indirectas restricções do despotismo absoluto, se a Monarchia for estabelecida outra vez na França, na mesma ou outra dynastia, provavelmente, se não for voluntariamente regulada pelos sabios e virtuosos conselhos do Principe, firmar-se-ha o mais completo poder arbi-

trario que jámais appareceo na Terra. Tal será o fim do Monstro da Revolução. Os enganosos sonhos da regeneração, com as visões da igualdade, liberdade, e direitos do homem, se submergirão no sorvedoro *Serbonio*, (\*) com profundo abysmo de miseria e escravidão, para sempre.

Humanos olhos não se pôdem levantar para ver os grandes peccados que bradarão da França ao Ceo, o qual os castigou com tão vil cativo, e tão infame dominação, em que não se encontra conforto, nem ainda a compensação que ás vezes se acha nos falsos esplendores de algum doce despotismo estabelecido, que, fazendo a sua brilhante pantomima theatral sobre as outras mais escuras tyrannias, obsta que o genero humano se sinta deshonrado, ainda quando he opprimido.

Boa ordem he o fundamento de todas as boas cousas. O verdadeiro politico, na reforma dos Estados, deve sempre ter em vista fazer, que o povo, sem ser servil, seja sempre tractavel e obediente. Jámais se deve por arte desar-

---

(\*) Este he o celebrado horrivel pantano d'Asia, onde o Imperador Romano Decio se atolou e submergiu com todo o seu exercito.

raigar dos seus espiritos os essenciaes principios da subordinação civil. Deve-se habituallo a respeitar as propriedades de que não pôdem participar. Deve-se-lhe permittir, que alcancem, por meio de seu trabalho, tudo que se pôde obter pela energia da industria honesta; mas deve-se-lhe sempre ensinar o religioso sentimento, de que achando (como he mais commum) os seus esforços desproporcionados a conseguir melhor sorte, esperem para consolação de suas fadigas o obterem na vida futura as proporções compensatorias da Divina Justiça. Os que privão o povo destas consolações, não fazem senão amortecer a sua industria, e cortão pela raiz os meios legitimos de toda a aquisição, e de toda a conservação. O que assim pratica, he o mais cruel oppressor, e immisericordioso inimigo dos pobres e miseraveis; e ao mesmo tempo expõe os fructos da industria feliz, e as accumulações da fortuna, aos ataques dos individuos indigentes e desditosos, que mallogrão os seus projectos de melhorarem de condição.

Embora se escrevão lances generosos, e illustres sentimentos de virtuosa liberdade, que servem a dar calor ao coração, alargar os espiritos com liberdade de pensamentos, e animar o

valor em tempos de conflicto. Eu mesmo leio com prazer os sublimes extases dos Poetas Luciano e Corneille sobre esse assumpto. O bom politico deve sacrificar ás Graças, e comprazer com a razão.

Fazer governos he cousa que não requer grande sciencia: estabelecendo-se o poder em hum lugar, e forçando-se á obediencia, a Obra está feita: mas, para fazer o que se diz *governo livre*, requer-se espirito reflexivo, combinator, e poderoso, para conciliar os oppostos elementos de liberdade e restricção em huma Obra coherente.

Os aduladores do povo jámais pôdem ser seus Legisladores e guias. Se algum mais intelligente delles propõe hum systema prudente de liberdade, contida nos justos limites, immediatamente os rivaes lanção maior preço na Praga, e promettem licenças e felicidades maiores. Immediatamente se levanta suspeita de infidelidade á sua causa contra os mais sabios; a moderação he sentenciada por virtude de cobardes; e a concordata se julga prudencia de traidores. Assim ou os bons são sacrificados á ignorancia do povo, e á rivalidade dos competidores; ou, com vilania e tortura das proprias idéas, seguem

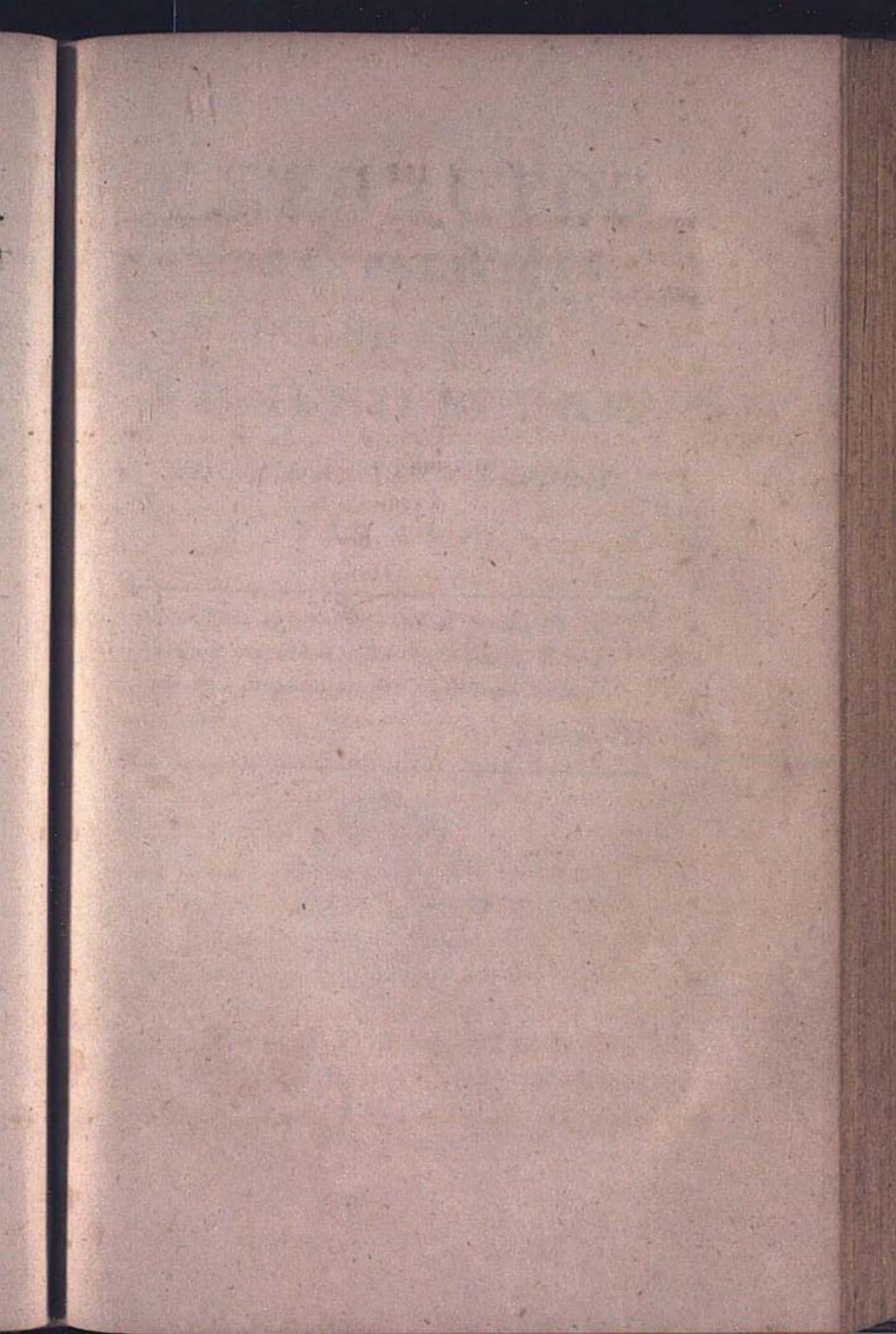
a torrente do partido mais iniquo, e consumão pelos proprios talentos a ruina da Nação.

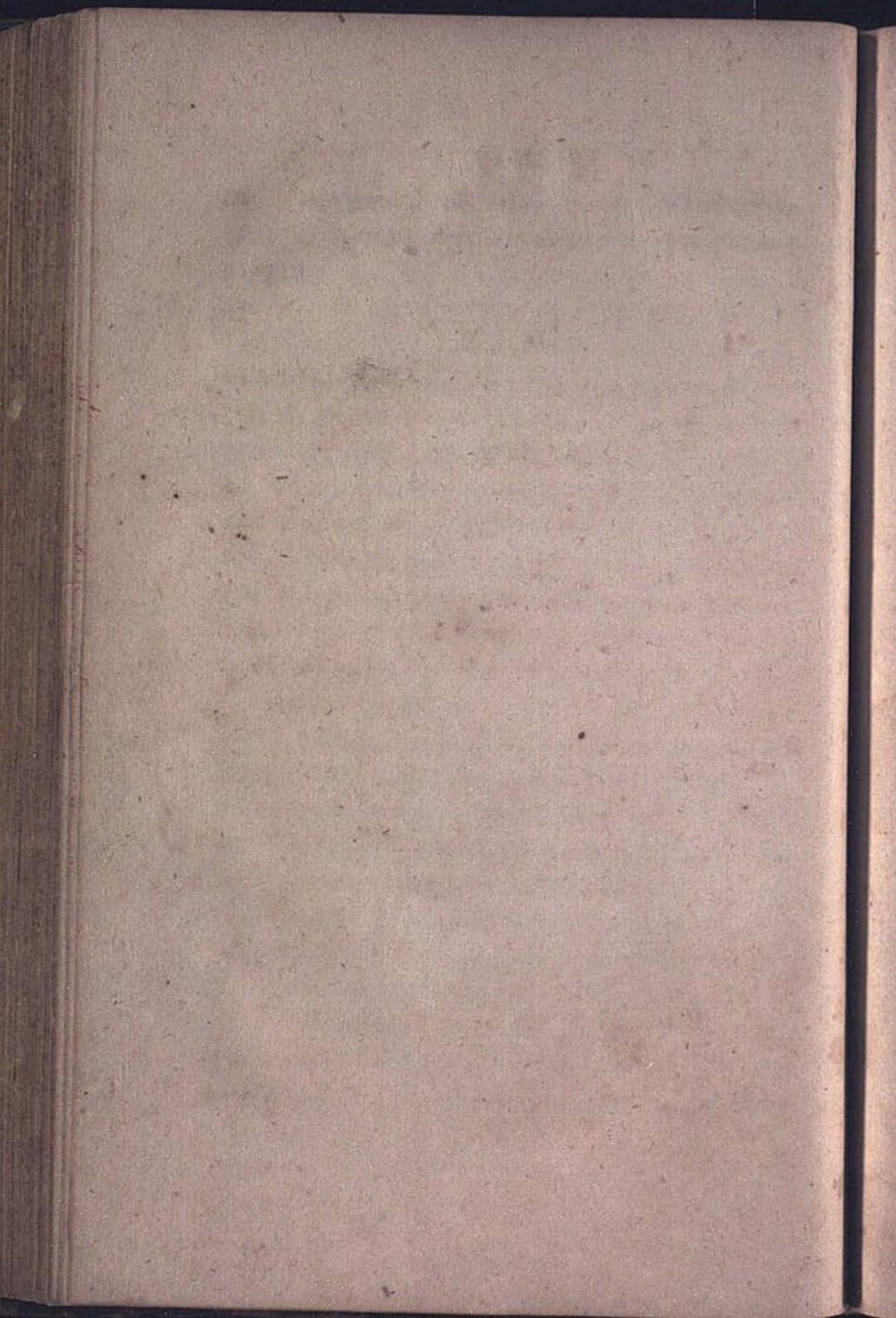
Eis os naturaes resultados das Revoluções, principiadas com falsos pretextos, ou zelos indiscretos de subitas reformas. Não nego que entre o infinito numero de actos de violencia e loucura dos Reformadores Francezes, não fizessem estes algum bem, e não removessem algum abuso. Os que fizerão tudo de novo, não he maravilha que tambem fizessem alguma cousa benefica. Porém os seus melhoramentos forão superficiaes, e os seus erros forão fundamentaes.

Não obremos jámais como os Francezes, que, presumindo-se de superiormente illuminados, procederão a fazer reparações do Estado, sem ter por *principios rectores a cautela politica, a circunspecção philosophica, e a timidez moral*, procedendo sem a devida e forte convicção da ignorancia e fallibilidade do Genero Humano. Accrescentemos novos bens, se for possível; mas conservemos o solido que gozamos, sobre a constante e firme base da Constituição Nacional; e não siguamos os desesperados vôos dos aeronautas da França. Do contrario, passaremos (como diz hum dos nossos Poetas) por grandes variedades de cousas não experimenta-

das, as quaes, em todas as suas transmigrações, só serão depois purificadas por *fogo e sangue*.

F I M.





# EXTRACTOS

D A S

OBRAS POLITICAS

E

ECONOMICAS

D E

EDMUND BURKE

P. O R

JOSE' DA SILVA LISBOA.

P A R T E II.

---

*Floriferis ut apes in saltibus omnia libant ,  
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta ,  
Aurea , perpetuâ semper dignissima vitâ.*

Lucret. III.

---



RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.  
1812.

*Com Licença.*

EXTRACTOS

DE LAS

LEYES

DE LOS REYES

DE ESPAÑA

PART. II.

---

CONTENIDO DE ESTA PARTE II.

En el tomo I.º se contiene el texto literal de las Leyes y Decretos de los Reyes de España, desde el año de 1700 hasta el de 1763, en el orden que se sigue.

En el tomo II.º se contiene el texto literal de las Leyes y Decretos de los Reyes de España, desde el año de 1764 hasta el de 1789, en el orden que se sigue.

LIBRO III.

---

ALVARO DE LA CRUZ

DE LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA

1792

En Madrid

  
**OBSERVAÇÕES**  
 SOBRE  
 O  
 GENIO E CARACTER  
 DA  
**REVOLUÇÃO FRANCEZA.**  
 E A  
 NECESSIDADE DA GUERRA  
 CONTRA  
 A  
**FACÇÃO USURPADORA.**

**A**S minhas idéas, e os meus principios, me conduzem a considerar a França, não como Estado, mas como huma Facção. A vasta extensão territorial deste Paiz, a sua immensa população, as suas riquezas naturaes, e industriaes, e os seus bens de Commercio, e de Convenção, todo o aggregado desta grande massa de cousas, que, nos casos ordinarios, constituem a força dos Estados, são para mim objectos de consideração secundaria. Elles tem sido muitas vezes balanceados pela Gram Bretanha, e sobejamente contrapezados. Ainda que sejam

grandes aquelles meios de ataque, com tudo não fazem a Facção formidavel. O que a constitue tal, he o máo espirito que possui o Corpo da França; que informa a sua alma politica; que dá a estampa á sua ambição; que distingue os seus habitantes dos outros homens, e dos outros povos. Aquelle espirito he o que lhe sopra huma nova, pernicioza, e destructiva actividade. Segura destroição está imminente sobre os infatuados Principes no conflicto em que se achão se se deixão illudir pelos Facciosos. Seguir a estrada batida, he ir direito ao precipicio.

A Facção não he local, ou territorial, he hum mal geral. Onde parece estar menos em acção, sempre está em vigor de vida. O seu espirito está na corrupção da nossa natureza. Ella existe em todos os paizes da Europa, e entre todas as ordens de homens de qualquer paiz, que olhão para a França como a *Cabeça commum*. O centro ahi está. A circumferencia abrange qualquer região onde exista Europeo. Em toda a parte a Facção he militante; na França he triumphante. A França he o Banco do deposito, e o Banco da circulação, de todos os perniciosos principios que estão fermentando em cada Estado.

A verdadeira natureza da guerra jacobina foi, no tempo da sua declaração, bem sentida, reconhecida, e declarada na mais exacta maneira pelos Principes Confederados. No Manifesto publicado juntamente pelo Imperador da Allemanha, e Rei da Prussia, estes Monarchas expressarão nos mais claros termos os seus principios. Se tivessem sido bem seguidos, e executados, elles não deixarião de elevar a taes Soberanos a par dos primeiros bemfeitores do Genero Humano. Aquelle Manifesto foi (dizem) publicado para fazer certos á presente geração, como tambem á posteridade, os seus motivos, e intenções, e o seu desinteresse de quaesquer designios pessoaes; declarando, que tomarão as armas para o *fim unico de preservar a Ordem social, e politica* entre todas as Nações civilizadas, e assegurar á cada Estado a sua religião, felicidade, independencia, territorio, e legal constituição. Com este fundamento esperavão, que todos os Imperios, e Estados fossem unanimes na Confederação, e viessem a ser os firmes Guardas da felicidade do Genero Humano, unindo seus esforços para livrar a huma tão populosa Nação, como a França, da sua propria furia, e salvar a Eu-

ropa do retorno do barbarismo, e o Universo da anarchia e subversão, com que estava ameaçado. Esta declaração foi tão generosa e heroica, como era sabia e politica a empreza da guerra, pela total renuncia de todos os projectos de engrandecimento. Por estes principios, e não por outros, desejava, que o nosso Soberano, e Paiz accedesse á Communidade da Europa. Assim pensei, que se faria a guerra entre os partidistas da antiga, civil, e moral ordem da Sociedade, contra huma seita de fanaticos, ambiciosos, e infieis, que aspiravão ao Imperio Universal, começando pela conquista da França.

Infelizmente os Confederados recusarão tomar o passo que podia fazer o assalto logo no coração dos negocios. Parecião não querer ferir o inimigo em nenhuma parte alguma vital. No todo, obrarão como se realmente desejassem a conservação do Governo Revolucionario. Só tiverão em vista pequenos objectos. Sempre estiverão na circumferencia; e quanto mais largo, e remoto era o circulo da Confederação, mais anciosamente o escolherão para esfêra da acção nesta guerra centrifuga. Elles deixarão ao inimigo todos os meios de destruir a sua extensa linha de

fraqueza. Neste plano, ainda com a melhor fortuna, enfraquecendo-se sempre o vencedor, se punha longe de alcançar o seu objecto. Logo que houve alguma apparencia de felicidade, o espirito de engrandecimento, e consequentemente o espirito de mutuo ciume, se apoderou das Potencias Alliadas. Algumas procurarão augmento de territorio á custa da França; varias á custa de algum Alliado; e diversas á custa de terceiro Estado; e quando desandou a roda da fortuna, e sobrevierão desastres, julgarão, que o infortunio commum procedia dos vinculos da fé, e amizade. Foi só *em nome, guerra de alliança*. Não póde haver verdadeira companhia em sociedade de pilhagem. Não póde haver commum interesse, onde cada Socio não espera huma tal partilha, que lhes dê forte ardor para os ganhos respectivos. Desde que a guerra se considera meramente *guerra de proveito*, não vem mais a ser *guerra de alliança*. Que equivalente podião dar, ou esperar, os Principes da Confederação, fazendo paz separada? Que obteve com isso a Hespanha? Ah! Hespanha, já está fóra da questão: ella he agora provincia do Imperio jacobino: ella fará paz, ou guerra, seguindo a ordem dos assassinos francezes. Quan-

to ao effeito, e a substancia, a sua Coroa he feudo dos regicidas (\*).

Ou devemos entregar a Europa, pés e mãos ligadas, á França, ou devemos resgatal-la do seu poder, mudando o plano da guerra. Se, em lugar de attacalla no cemiterio das Indias Occidentaes, desembaraçassemos hum exercito de cem mil homens de Infantaria, Caval-laria, e Artelharia no proprio territorio da sua usurpação na Europa, a nossa gente, animada por principio, por enthusiasmo, e por vingança, achando cooperação proporcional d'Austria, teria feito prodigios para desconcertar o systema atheistico dos Revolucionarios da França, levando logo as nossas armas á *Capital da Injustiça*. Se fossemos desfeitos, tomando-se antes as precauções, seria segura a retirada. Ficando estacionarios, e só sustentando os Realistas, impenetravel barreira, e inexpugnavel baluarte se formaria entre o inimigo, e o seu poder naval. Então a guerra teria systema correspondente, e direcção certa. Porém por desgraça, as duas Corôas, Britannica, e Austria-

---

(\*) Que espirito presago de Mr. Burke em 1795! Que diria hoje se vivo fosse, vendo a sua prophecia tão fatalmente completa?

ca, não mostrarão ter relação, e harmonia. O terror dos Cannibás foi mais poderoso, que a influencia de familia. Austria, e Hespanha, com tantos vinculos de sangue, apostatarão da causa commum, e tudo foi perdido. Guerras duvidosas sempre terminarão em pazes humilhantes.

Na Revolução da França, duas sortes de homens derão principalmente impulsão, e caracter ás suas determinações, a saber, os que se presumião de *philosophos*, e *politicos*. Elles tomarão diversas verédas, mas todas forão convergentes ao mesmo alvo. Os *philosophos* (\*)

---

(\*) Deve-se isto só entender dos *falsos philosophos*, isto he, dos Letrados superficiaes, corruptos, e semi-doutos. Quando *Philosophia* dictou Revoluções? Os maiores *philosophos* da antiguidade como Socrates, Platão, Aristoteles, Seneca, não fizerão alguma desordem no Estado, antes forão victimas da Democracia e Tyrannia. Porque fanaticos e ambiciosos tem occasionado revoluções, como Mahomet, Luthero, Cromwel, e muitos outros, póde-se, sem injuria da razão e humanidade, declamar contra a Religião, e contra os Theologos e Politicos? Que incalculaveis bens tem feito á Sociedade Bacon, Newton, Smith? Aqui o zelo de Mr. *Burke* pela boa causa fez involver em indistincta censura a todos os *philosophos*. Isto não he verdadeiro, nem justo. Quantos *philosophos* ha, ainda na França, que lamentão as desgraças do seu paiz pelo progresso da irrelição! Ser *philosopho* he ser amador da sabedoria: Que tem isso

tiverão o predominante objecto ( que proseguirão com a mais fanatica furia ) de total extirpação da religião. A questão do Imperio lhes era subalterna. Elles antes quererão dominar em huma aldêa de atheos, do que ser os regedores do mundo christão. A sua ambição temporal era subordinada ao seu espirito de proselitismo, em que nem Mahomet os excedeo.

Os que mal tem feito superficiaes estudos na historia natural do espirito humano, considerão as opiniões religiosas como as unicas causas do zelo enthusiastico dos propagadores de qualquer seita. Não tem advertido, que não ha doutrina, que os homens queirão espalhar com ardor, que não tenha o mesmo effeito. *A natureza social do homem o impelle a propagar os seus principios com igual força, que os impulsos physicos o estimulão a propagar a sua especie.* O entendimento pare designio, e sistema, e as paixões dão zelo, e vehemencia. Todos os homens se movem sob a disciplina de suas opiniões.

---

com o excesso, abuso, e atheismo? Não he *Burke* hum dos maiores philosophos do Seculo? Elle mesmo diz, que *religião*, e *philosophia* são os dous maiores prezentes, que a Divindade fez aos homens.

A religião, sem duvida, he huma das causas mais poderosas do enthusiasmo. Quando alguma materia sobre este ponto vem a ser objecto de muita meditação, ella não póde ser indifferente ao espirito. Os que não amão a religião, tem-lhe odio. Os rebeldes á Deos tem perfeito odio ao Author do seu ser. Elles o aborrecem com todo o seu coração, com todo o seu espirito, com toda a sua alma, e com todas as suas forças. Deos não se lhes apresenta aos seus pensamentos senão com ameaça, e terror. Elles não pódem tirar o Sol do Ceo, mas forcejão, quanto são capazes, em fazer na terra fumaças, que o obscureção, e apartem dos proprios olhos. Não tendo a possibilidade de se vingarem de Deos, deleitão-se em desluzir, descompor, torturar, e destruir a sua imagem no homem. Não se julgue do que farião os Atheos, pelo que não fizerão em quanto não estavam incorporados, e com Chefe. Então desesperavão de dar geral curso ás suas opiniões, e erão levados na orbita geral da religião, e da sociedade, sem o sentirem. Mas logo que tiverão possibilidade de dominação, e de poderem propagar as suas impiedades sem resistencia, tirada a mascara da hypocrisia, e tendo mais a

ganhar que perder na atrevida confissão de seus principios, então a natureza deste espirito infernal, que tem o mal por seu bem, appareceu em toda a perfeição. Então fallarão com todo o rancor, e malicia de suas linguas, e de seus corações, e ostentarão verdadeiro frenesi contra a religião, e contra todos os que a professavão. O seu atheismo foi fanatico, e homicida.

A outra sorte de homens que promoverão a Revolução Franceza, forão os *politicos*. Para os que tinham pouco meditado sobre a religião, esta não lhes era objecto de amor, ou odio. Elles não crião em nenhuma, e isto era todo o seu fundo de saber. Sendo neutraes sobre esta parte, considerarão o aspecto dos negocios politicos pelo lado que melhor poderia corresponder á sua combinação. Logo virão, que nada podião obrar sem os philosophos; e estes assentarão, que a destroição da religião era o grande suppridor de tudo. O curso dos successos produziu entre os philosophos e politicos renhidas contendas, mas todos concordarão no fundo dos objectos dos seus destinos, isto he, *irreligião*, e *ambição*.

Nesta estupenda obra não se deixou de em-

pregar principio algum de acção, com que ao mesmo tempo se vigorasse, e corrompesse o espirito humano; mas o seu pensamento transcendente foi o *engrandecimento exterior do poder Francez*. Já antes da Revolução todo o Systema Official da parte Diplomatica do Governo, desde os Ministros d' Estado até aos Amanuenses das Secretarias, cooperava para este fim. Todos os intrigantes nas Côrtes Estrangeiras, todos os espiões salarizados, e todos os candidatos para empregos, obravão por este principio. Isto se patenteou sem a menor replica nos livros publicados da Correspondencia secreta de Mr. Favier, intitulado *Conjecturas Raciocinadas sobre a situação da França no systema politico da Europa*, cuja copia se achou no Gabinete de Luiz XVI., e que na França se proclamou ser *Novo Beneficio da Revolução*. Inextricavel cabala se tinha formado de pessoas das altas ordens, e das classes inferiores, que de dia a dia augmentou hum corpo de politicos, activo, aventureiro, ambicioso, e descontente, cujos membros desprezavão a Côrte, que os empregava, e as em que erão empregados. Aquelle bom Soberano veio a ser a victima da falsa politica de seu Antecessor, que foi a causa da ne-

gra, e tortuosa intriga, que preparou tamanha desgraça á Europa, pondo em movimento as paixões da Nação Franceza, a mais energica, e activa de todas as Nações, ainda antes da sua Revolução.

O Governo da França agora differe essencialmente de todos os Governos, que estão formados. Ainda que o seu designio seja immoral, impio, oppressivo, he com tudo espirituoso, audaz, intolerante, e systematico: he simples no seu principio, e tem unidade, e coherencia. O systema de engrandecimento se desenvolve em todos os espiritos; as paixões violentas só disputarão nos meios. Pertenderão atacar a Inglaterra no seu elemento, isto he, no seu Commercio e Marinha. Para obter isto, não lhes custa o menor momento de anciedade cortar hum inteiro ramo de seu proprio Commercio, extinguir huma manufactura, destruir a circulação da moeda, violar o credito publico, suspender o curso da agricultura, ainda queimar huma Cidade, e até devastar huma sua provincia inteira. A' esta casta de gente, as necessidades, dezejões, liberdade, trabalho, industria, sangue dos seus semelhantes, são nada. Cada cousa he referida ao *systema de força*. Tal syste-

ma de guerra he militar nos seus principios, nas suas maximas, e em todos os seus movimentos. O Estado tem a dominação e conquista por unicos objectos da sua Politica; imperio sobre os espiritos pelo proselytismo, e imperio sobre os corpos pelas armas. Com immenso reservatorio de meios naturaes de fazer mal, a França tem plena unidade na sua direcção. Assim destruiu no Estado todo o recurso, que depende da opinião, e boa vontade dos individuos. Em falta de moeda metallica, se fizeram *assignados*, e outras especies de falso *papel-moeda*. Estas imposturas expirarão, ficando sem o menor credito, e valor, e nós nos rimos.

Mas que significa o fado destes bilhetes de loterias e papeladas do despotismo? O despotismo logo achou outros meios despoticos de supprir o seu lugar. Elles achão sempre com seus *golpes de mão* as producções da natureza, que os outros povos são obrigados a adquirir pelo labyrintho do intrincado estudo, e da complexa industria da sociedade. Não se contentão roubar o fructo do trabalho alheio, mas tambem dispoem á seu arbitrio da pessoa do trabalhador.

Nunca faltarão recursos á Conquistadores

taes como *Gengiskam* e *Mahomet*, tendo unidade de designio, e perseverança. Os Regedores da França acharão os seus recursos nos crimes, e na tremenda energia com que o Governo não respeita sorte alguma de propriedade. Quando o Estado tem a propriedade particular e publica em completa sujeição, não ha mais regras para os espiritos de homens desesperados. Esta descuberta he horrivel, e vem a ser para malfetores huma mina inexgotavel: elles tem tudo a ganhar, e nada a perder. *Tem huma herdade infinita em esperança*: não ha meio para elles entre a mais alta elevação, e a morte com infamia.

Ou o novó systema da França deve ser destruido, ou elle destruirá a Europa. He geral loucura, e perdição deixallo estabelecer no meio da Europa, e em hum posto, onde a França commandando a todos os outros Estados, eminentemente confronta e ameaça a todos os Reinos, com a sua *central geographia*, e sua *fronteira de ferro*. (\*).

---

(\*) Expressão do celebre Frederico o Grande, Rei da Prussia, o qual dizia, que era vão esperar debellar a França, em quanto tivesse a *fronteira de ferro* de tantas linhas de Praças fortes.

Na França todas as cousas estão postas em hum universal fermento, e na decomposição da sociedade. Se não nos animamos a arrostar a portentosa energia gallica, que não he soffreada por alguma consideração de Deos, ou dos homens; que he sempre vigilante, e sempre em ataque; que não permite a si mesma repouzo, e não soffre a ninguem ficar huma hora com impunidade; se intentarmos resistir á esta energia com *pobres maximas vulgares, e lugares communs da Politica velha*, sempre com medos, duvidas, suspeitas, com languida, e inerte hesitação, e meramente com o *espírito official*, e carregado de formalidades, que abandona o proposito á cada obstaculo, e que não vê as difficuldades senão para ceder, até se precipitar no profundo de abysmo, só a *Omnipotencia* nos póde salvar.

Temos a combater com inimigo de viciosa, e destemperada actividade: a virtude he limitada nos seus recursos: somos obrigados a obrar dentro do circulo da nossa Moral. Como somos os principaes no perigo, devemos ser os principaes nos esforços. A Europa não póde ser salva sem a nossa intervenção.



PENSAMENTOS

S O B R E

A PROPOSTA DE PAZ

E N T R E

INGLATERRA E FRANÇA,

QUE BURKE INTITULOU

*PAZ REGICIDA*

EM 1796.

**O**S desgraçados successos, que se tem seguido huns apôs d'outros, em longo e não interrompido trém funeral, movendo-se em precisão, que parece não ter fim, não são as principaes causas do nosso descorçoamento. Mais devemos temer o que nos ameaça no interior da Nação, do que os desastres exteriores, que se receão nos hajão de opprimir. A' hum povo, que chegou a ser altivo e grande, e grande porque he altivo, a mudança no espirito nacional, he a mais terrivel de todas as revoluções.

Já não viverei para ver o desenvolvimento da intrincada conspiração, que faz escuro, e perplexo o pavorozo drama, que agora se está

representando no theatro moral do mundo. Estou no fim da minha carreira para pensamento, e acção. Em que parte da sua orbita a Nação actualmente se mova, não he facil conjecturar. Talvez tenha chegado ao seu *aphelion* (\*).

Sem nos perdermos no infinito vacuo do mundo conjectural, pôde-se dizer, que os nossos negocios irãõ a peor, ou melhor, conforme a sabedoria ou fraqueza dos nossos planos.

Em todas as especulações sobre homens, e negocios humanos, he de não pequeno momento distinguir as cousas de accidente das suas causas constantes, e dos effeitos, que não pôdem ser alterados. Alguma irregularidade em os nossos movimentos não he total desvio da nossa carreira. Não sou do espirito desses especuladores, que parecem estar seguros, que necessariamente, e pela constituição das cousas, todos os Estados tem os mesmos periodos de infancia, adolescencia, e velhice, que se achão nos individuos, que os compõe. Parallelos desta sorte apenas fornecem semelhanças para illus-

---

(\*) Na Astronomia se chama *aphelion* o ponto mais remoto do Sol, á que chega a terra na sua orbita.

trar, e ornar conjecturas, mas não para nos supprir com argumentos de solido raciocinio. Os objectos, que se tem tentado forçar em analogia, não se achão nas mesmas classes de existencia. Os individuos são entes phisicos, sujeitos ás Leis universaes, e invariaveis. A immediata causa, que obra por estas Leis póde ser escura, mas os resultados geraes são objectos de calculo certo. As Nações porém não são entes phisicos, mas essencias moraes. Ellas são combinações artificiaes; e, na sua proxima efficiente causa, vem a ser as arbitrarías produções do espirito humano. Não estamos ainda instruidos das Leis, que necessariamente influem na estabilidade deste genero de obra, feita por esta especie de agente. Não ha na Ordem phisica huma causa pela qual algumas destas fabricas hajão de necessariamente brotar, florecer, e decahir. Duvido se a historia do Genero Humano he, ou jámais foi, assás completa, para dar fundamentos á huma theoria segura sobre as causas internas, que necessariamente alterão a fortuna dos Estados. Estou longe de negar a operação destas causas; porém ellas são infinitamente mais incertas, e muito mais escuras, e dificeis de se investigarem, do que as

causas externas, que tendem a levantar, deprimir, e ás vezes subverter a huma Nação.

He muitas vezes impossivel nestas investigações politicas achar alguma proporção entre a força apparente de algumas causas moraes, que possamos assignar, e a sua conhecida operação. Somos pois obrigados a attribuir a sua operação ao mero acaso, ou, fallando mais piedozamente (talvez mais racionavelmente) á intervenção, e irresistivel mão do *Grande Regente*, que dispõe de todas as cousas. Temos visto Estados que durarão por seculos quasi estacionarios, sem fluxo, nem refluxo de prosperidade. Alguns parecerão exhaurir o seu vigor logo no seu começo. Varios brilharão em gloria pouco antes da sua extinção. O meridiano de alguns tem sido o mais esplendido. Outros, em maior numero, tem fluctuado, e experimentado, em diferentes periodos de sua existencia, grande variedade de fortuna. No mesmo momento em que alguns parecião submergir-se em insondaveis abysmos de desgraça, tem de subito exaltado a cabeça sobre o pelago do infortunio, e principiando nova carreira, parecem abrir nova conta, e, ainda nas ultimas ruinas de seu paiz, tem posto os fundamentos de torrea-

da e durável grandeza. Tudo isto tem acontecido sem alguma apparente prévia mudança nas geraes circumstancias, que occasionarão a sua infelicidade. A morte de hum homem em conjunctura critica, seu desgosto, sua retirada, sua desgraça, tem feito sobrevir innumeraveis calamidades á sua Nação (\*). A'vezes hum soldado razo tem de repente mudado a face da fortuna, e quasi da natureza.

Por estas causas algumas Monarchias de longa duração tem commummente experimentado este fado. Assim aconteceu á França. Pou-

---

(\*) Ainda que a historia faça menção de grandes guerras, e até de ruinas de Nações, que procederão de causas insignificantes, com tudo não se pôde contestar que ha causas regulares, e constantes, que minão a constituição dos Corpos politicos, e preparão a sua ruina, como no corpo humano, que tambem, por unanime reconhecimento dos Médicos, tem causas predisponentes de molestias, que de repente arrebentão em symptomas mortaes. A França estava nestas circumstancias: tres grandes causas se pôdem assignar: I. corrupção da moral publica, pelos deypassos escritos impios, e costumes sobremaneira licenciozos, que já não se olhávão ahi com a devida detestação, mas antes erão objecto de riso, e passatempo: II. a guerra em favor dos Anglo-Americanos, impolitica, deshumana, e dispendiosa, que occasionou atrasos no Redito e Credito Publico: III. contagio de vagas idéas republicanas de entusiastas vindos dos paizes transatlanticos.

cas tem parecido em maior gloria. Algumas vezes muito elevada, outras vezes abatida, teve sempre mais crescimento, que diminuição, e continuou não só a ser poderosa, mas formidavel, até a hora da sua total ruina. A queda desta Monarchia esteve mui longe de ser precedida por alguns symptomas exteriores de declinação. Mui pouco tempo antes da sua mortifera catastrophe havia hum genero de esplendor extrinseco na situação da Corôa, que de ordinario dá força á authoridade do Governo no interior da Nação. Elle parecia ter alcançado alguns dos mais esplendidos objectos de ambição dos Estados. Nenhuma das Potencias do Continente da Europa era inimiga da França. Todas ellas tacitamente se achavão dispostas em seu favor, ou publicamente se lhe tinhão confederado. A Nação Britannica, que era a sua preponderante rival, tinha sido por ella humilhada; e, quanto ás apparencias, se tinha enfraquecido; e certamente foi assás posta em perigo pelo grande córte que soffreo de huma parte do seu Imperio na America do Norte, a qual de dia em dia cada vez mais se augmentava em gente, e riqueza.

Deste auge de prosperidade, e grandeza

humana, a Monarchia da França cahio por terra sem resistencia. Ella cahio sem algum daquelles vicios do Monarcha, que tem sido ás vezes as causas das quedas dos Reinos. Elle apenas tinha leves nodos no seu character. As faltas no Thezouro Publico forão só os pretextos, e instrumentos dos que maquinarão a ruina desta Monarchia, mas não as suas reaes causas. A França, privada de seu antigo Governo se mostrou aos especuladores vulgares mais objecto de dó, ou insulto, conforme a disposição das Potencias vizinhas, do que o flagello e terror de todas.

Porém do Sepulchro da assassinada Monarchia surgio hum vasto, tremendo, e informe Espectro, na mais terrivel fórma, que jámais tão pavorosamente assustou a imaginação, ou subjugou a fortaleza do homem. Avançando em linha recta ao seu fim, não amedontrado por qualquer perigo, não retido por algum remorso, desprezando todas as maximas ordinarias, e todos os meios communs, este horrendo Fantasma aterrou a todos, que não crião que elle fosse possivel, ou que jámais existisse. O veneno dos outros Estados he o alimento deste novo governo. *A bancarrota*, cujo receio foi huma

das causas, que se assignou para a queda da Monarchia, veio a ser o *fundo capital* com que ella abriu o seu trafico com o mundo.

O Governo dos regicidas, depois de aniquilar a Renda Publica, destruir manufacturas, arruinar o Commercio, deixar sem cultura os campos, despovoar ametade do paiz, descontentar, empobrecer, reduzir á escravidão, e esfaimar o povo, passando com rapida, excêntrica, e incalculavel carreira, desde a mais salvagem anarchia até o despotismo o mais feroz, tem actualmente conquistado as mais bellas partes da Europa, e ao mesmo tempo afflicto, desunido, desconcertado, e feito em postas todo o resto da Europa; havendo de tal modo subjugado os espiritos dos Regedores de cada Nação, que já não descobrem prezentemente outro recurso em si mesmos, mais do que o ficarem com titulos á insultante mercê daquelle Monstro, ostentando a sua propria fraqueza, e humilhação. A unica ambição destes consistê em serem admittidos á mais favorecida classe na *Ordem da escravidão á Potencia Dominante.* Parece que os Soberanos só são emullos em Haste Publica, dando lanços á porfia contra a sua propria estima. Parecem ter reconhecido a pre-

eminencia dos régicidas , e que de bom animo tacitamente descem ábaixo da cathogoria dos seus assassinos sacrilegos , como se fossem os seus naturaes Magistrados , e Juizes. A dignidade agora só he a prerogativa do crime. He porém do interesse do Genero Humano , que a *destruição da Ordem civil não seja o titulo da Realeza , nem a malfeitoria a base da honra.*

Aquelle parece agora ser o modo de pensar do dia. No principio da Revolução , a força da França foi muito desprezada ; agora he em extremo temida. Como huma coragem inconsiderada foi seguida de hum medo irracional , deve-se esperar , que , por meio de huma deliberação prudente , chegemos á huma fortaleza solida. Quem sabe , se a indignação não succederá ao terror , e a resuscitação de altos sentimentos , desvanecendo a illusão de huma segurança comprada á custa de gloria , nos arroje á desesperação generosa , que muitas vezes tem obstado á dissolução dos Imperios , á que antes se não achava remedio em conselhos sabios ? Não devemos abandonar a Nação ao seu fado , ou proceder , e aconselhar , como se não tivesse remedio. Não ha razão de temer , que , por faltarem os meios ordinarios , não se possam apresen-

tar outros, que sustentem o espirito publico, e a fortuna publica. Quando o coração está inteiro, acharemos, ou faremos, táes meios. O coração do Cidadão he a perennal fonte da energia do Estado. Porque o pulso ás vezes parece intermittente em enfermidade perigoza, não se deve concluir, que terminará logo a vida. O Publico não se deve considerar incuravel.

No principio da que se chama a *guerra de sete annos*, succedendo alguns revezes, parecemos abandonar a nós mesmos, e até fazer directa confissão de nossa inferioridade á França; e quando já muitas pessoas estavam promptas a proceder na Carreira da Administração conforme ao senso desta inferioridade, poucos mezes bastarão para effectuar mudança nos espiritos; pois, dos gritos do descorçoamento especulativo, a Nação se elevou ao mais alto cume de vigor pratico. Jámais, como então, se manifestou com maior energia o espirito masculino de Inglaterra, nem o Genio Nacional voou com mais altiva preeminencia sobre a França.

Não desespere da fortuna publica, nem do espirito publico. Devemos caminhar por novas estradas: sem isso, não encontraremos o nosso inimigo na sua carreira extraviada. Não nos enga-

nemos a nós mesmos. Estamos no principio de grandes desordens. Reconheço, que o actual estado dos negocios publicos he infinitamente menos esperançoso do que o mencionado, e que a salvação de todas as Potencias da Europa he mais intrincada, e critica, acima de toda a comparação. Ha porém huma sabedoria animosa, como tambem ha huma falsa e reptil prudencia, que he o resultado, não da cautela, mas do medo sob o pezo de infortunios. Então os nervos do entendimento são tão relaxados, e o perigo tão urgente, que absolutamente confunde todas as faculdades racionaes, e não deixa providenciar devidamente aos riscos futuros, nem justamente avaliallos, ou cabalmente vellidos. Como os olhos do espirito são deslumbrados, e amortecidos com abjecta desconfiança de nós mesmos, e extravagante admiração do inimigo, não se nos apresenta outra esperança senão a de hum compromisso com o seu orgulho, e inteira submissão á sua vontade. Submergimo-nos em o negro fundo do desmaio com toda a temeraria precipitação do terror. A natureza da coragem he (sem duvida) o familiarizar-se com o perigo; e, por seguro instincto, ainda em a palpavel noite dos seus terrores, os homens chamão

a sua coragem a resistir-lhe. Os fracos procurão o refugio dos proprios medos nos mesmos medos, e considerão a cobardia que contemporiza, como o unico recurso de segurança.

As regras da prudencia raras vezes pôdem ser exactas, e universaes. Não nego, que pequenos Estados devão fazer temporario compromisso com a Potencia, que tem os meios de fazer desaparecer a sua insignificante existencia; porém hum grande Estado, sendo muito invejado, e muito temido, não pôde achar segurança na humilhação. Poder, eminencia, consideração, não são cousas que se peção por esmolla. Ellas devem ser imperiosamente sustentadas; e os que supplicão mercê de outros, não pôdem esperar justiça. Que justiça se possa obter da caridade do inimigo, depende do character deste, e o devem conhecer bem os que confião nelle com fé implicita.

Temos vastos interesses a salvar, e grandes meios para os manter; porém devemos lembrar-nos, que tambem o artifice pôde ser mui sobre carregado com os proprios instrumentos, e que os nossos recursos nos pôdem servir de embaraços.

Quando a riqueza he o obediente e laborio-

zo escravo da *virtude*, e da *honra publica*, então a riqueza está no seu lugar, e tem o seu devido uso; mas se esta ordem he mudada, e a honra he sacrificada á conservação das riquezas, as riquezas, que não tem olhos, nem mãos, nem alguma cousa verdadeiramente vital em si mesmas, não pódem muito sobreviver á existencia daquellas duas potencias vivificantes, que são os seus legitimos Senhores, e os seus poderosos protectores. Se temos imperio sobre a nossa riqueza, seremos ricos, e livres; se a nossa riqueza tem imperio sobre nós, seremos verdadeiramente pobres. Seremos comprados pelo inimigo com os thesouros dos nossos proprios cofres. Grande juizo do valor de hum interesse subordinado póde ser realmente a fonte do nosso real perigo, e igualmente a ruina certa dos interesses de huma ordem superior: muitas vezes os homens tem perdido todos esses interesses, por não quererem arriscar tudo por defendellos.

A ostentação de nossas riquezas diante de Ladrões não he o meio de restringir a sua ousadia, ou de minorar a sua rapacidade. Temos a tratar com hum inimigo, que não olha para a contenda como negocio de medir, e pesar bolsas. He o *Gallo*, que põe a espada na balan-

ga. Elle he mais tentado com a nossa riqueza, como despojo, do que amedrontado com ella, como poder. Onde a essencial força publica (de que o dinheiro faz parte) está em algum gráo ao pár na contenda entre as Nações, o Estado que se tem resolvido antes a arriscar a sua existencia, que abandonar os seus grandes objectos, tem infinita vantagem sobre o que está decidido a ceder, antes do que levar a sua resistencia além de certo ponto. Humanamente fallando, o povo que regula os seus esforços sómente até os limites da propria existencia, deve dar a Lei á Nação que não leva a sua opposição ávante da sua conveniencia.

Se não olharmos mais do que á nossa condição interior, o estado da Nação está vigoroso, e ainda plethorico; mas, se imaginarmos que o nosso paiz póde por muito tempo manter o seu sangue, e alimento, separando-se da Comunidade do Genero Humano, tal opinião não merece refutação, por absurda, não menos que insana. Tão improvidente, e estúpido egoismo não *vale* a menor discussão. Nós não podemos na presente conjuntura fazer paz com o inimigo, sem abandonarmos os interesses do Genero Humano.

Se olharmos sómente para o nosso tenue peculio adquirido na guerra, sem duvida já obtivemos algumas pequenas vantagens, mas ambiguas em sua natureza, e á muito custo compradas. Não temos porém, ainda no mais leve grão, diminuido a força do inimigo commum em alguns dos pontos em que a sua particular força consiste; e ao mesmo tempo se levantárão contra nós novos inimigos, e alliados dos regicidas, por estranha Confederação formada dos fragmentos da antecedente nossa geral Alliança. Quanto a nós, considerados como partes da Communidade da Europa, e interessados no seu fado, o estado das cousas não póde ser mais duvidoso, e perplexo.

Quando Luiz XVI. se fez Senhor das mais extensas e importantes provincias da Hespanha, correo a Lombardia, fulminou as portas de Turim, e invadio os territorios d'Alemanha, o estado da Europa era verdadeiramente pavoroso. Então o grande recurso da Europa foi Inglaterra; não esta sorte de Inglaterra destacada do resto do Mundo, e divertindo-se com a ostentação theatral de sua Marinha (que não póde ser de gloria, quando são precarias as fontes deste poder, e de toda a outra especie de

*Napal*

poder) mas esta sorte de Inglaterra que se considera como incorporada á Europa, que sympathiza com a sua adversidade, e com a felicidade do Genero Humano, reconhecendo, que nada nos negocios humanos lhe he estrangeiro.

Devemos considerar como seguro axioma, que nenhuma Confederação póde existir contra a França, com effeito, ou duração, de que Inglaterra não só seja parte, mas tambem a cabeça; e nem Inglaterra póde pertender debellar a França, senão confederando-se com o *Corpo da Christandade*.

Em a nossa conta de guerra com a França, como *Guerra de Communhão*, no instante em que principiarmos a fazer acções, e insinuações de paz, vem a ser *guerra de desgraça*. As vantagens independentes, que temos obtido á custa da causa commum, se ellas nos enganão sobre os nossos mais importantes e seguros interesses, devem-se contar entre as nossas maiores perdas.

Os Alliados da Gram-Bretanha tem sido miseravelmente illudidos por hum grande erro fundamental, isto he, que está em nosso poder fazer paz com hum *Monstro*, cujos designios o fazem formidavel. Muitos Estadistas imaginão,

que o cessar de resistir-lhe, he o certo expediente de segurar os Governos. Este pallido pensamento tem enfraquecido todas as suas empresas, e desconcertado todas as suas tortuosas politicas. Não poderão, ou antes não quizerão, ver nas mais explicitas declarações do inimigo, e no seu uniforme procedimento, que maior segurança se póde achar na mais ardua guerra, do que na amizade desta casta de gente. A sua amizade hostil não póde ser alcançada em outros termos, que não envolvão a impossibilidade de resistir-se depois á seus designios. Este grande prolifico erro foi a causa de fazer os nossos Alliados indifferentes na direcção da guerra. Os revezes, que o Estado dos assassinos soffrerão, tem uniformemente occasionado novos esforços, com que não só repararão as suas perdas, mas tambem os prepararão á novas conquistas. Os revezes dos Alliados, ao contrario, só forão seguidos por deserção, desmaio, desintelligencia, abandono da sua politica, desvio de principios, admiração do inimigo, mutuas accusações, reciproca desconfiança da propria causa, e de seu poder, e valor.

Grandes difficuldades nos apertão de toda a parte em consequencia desta erronea politica.

Longe de palliar o mal na sua representação, desejo para meu fundamento firmar a verdade, de que *nunca existio maior mal do que o que temos a combater*. No momento em que se receia algum subito terror panico, póde ser prudente occultar por algum tempo algum grande desastre publico, e ir revelando-o por grãos, até que o espirito do povo tenha intervallo para resurgir, e o seu entendimento tenha descanso para se reanimar, e tambem para que mais firmes conselhos possam prevenir algum acto desesperado, estando-se debaixo das primeiras impressões de raiva, e terror. Mas a respeito do geral estado das cousas, que procedem dos successos, e causas já conhecidas em grosso, não ha piedade nessa especie de fraude, que encobre a verdadeira natureza de taes successos, e de suas causas; pois só resoluções erroneas podem resultar de representações falsas. As providencias, que nos desastres ordinarios são proveitosas, não são, nas grandes desgraças nacionaes, outra cousa senão entrar em fargã com o mal. O peor phenomeno he vêr-se, que tudo he seguro, excepto o que as Leis tem feito sagrado; tudo he vilania, e languidez, onde não ha mais que furia, e facção.

He impossivel não observar que, á proporção que nos avizinhamos ás peçonhentas garras da anarchia; o encanto parece irresistivel. A' proporção que somos attrahidos para o frio o mais enregelado da irreligião, e immoralidade, logo todos os venenozos e phosphoricos insectos do Estado insurgem a ostentar a sua vida. Está em a natureza destas enfermidades eruptivas do Estado o apparecerem e desaparecerem taes excrescencias; mas o fermento da molestia remanece, e não mitiga a sua malignidade; e só se espera por mais livre communicação com a fonte do regicidio, para desenvolver e augmentar a sua força.

Estamos em guerra de particular natureza. Não se trata com huma Nação ordinaria, que he inimiga ou amiga, segundo a paixão, ou o interesse, possa dictar as hostilidades; nem ainda com hum Estado, que faz guerra por extravagancia, e que a abandona depois de cançado. *Temos guerra com hum systema,* que, pela sua essencia, he inimigo de todos os Governos, e que faz guerra ou paz, conforme a guerra, ou a paz, póde melhor contribuir á subversão dos mesmos Governos.

*Temos guerra com Doutrina armada.*

Ella vem a ser, por sua natureza, huma facção de opinião, de interesse, de enthusiasmo, em todos os paizes. Para nós he como o Colosso de Rhodes, que aspira a cavalgar o nosso canal. Elle tem hum pé na praia do Continente, e outro no Solo Britannico. Nada póde tão completamente arruinar a qualquer dos antigos Governos, e o nosso em particular, do que o mostrarmos reconhecimento (claro ou implicito) de algum genero de superioridade deste novo poder.

Isto funda-se na inalteravel Constituição das cousas. Ninguem póde esperar cousas grandes, senão o que tem força de soffrer grandes perdas. Os que fazem seus ajustes logo no principio da desventura, poem o sello ás proprias calamidades. Huma sorte de coragem pertence ás Negociações dos Gabinetes, como ás operações do Campo. Hum Negociador Politico deve muitas vezes mostrar, que arrisca todo o exito do Tratado, se elle o deseja segurar em algum ponto principal.

Aos que não podem contemplar com prazer a quéda das grandezas humanas não conheço mais mortificante espectáculo, do que o verem a reunida Magestade das Testas Coroadas da Eu-

ropa esperando , como criados na antecâmara de regicidas , que , quando lhes apraza , abrem as portas aos seus altos e poderosos Clientes , repartindo favores de etiquetas aos Plenipotenciarios da Real Impotencia , concedendo-lhes precedencias conforme a antiguidade de sua degradação , apresentando os murchos restos das graças da antiga Côrte com o insultante , feroz , e sardonico rizo de hum sanguinario amotinador , que talvez ainda lhes esteja medindo com os olhos a estatura proporcionada para a guilhotina. Estes Embaixadores poderão voltar como bons Cortezãos ; porém nunca tornarão com verdadeira affeição á seu Soberano , e á Constituição , Religião , e Legislação do seu paiz. Ha grande perigo , que elles entrem rindo-se nesta cova de Throphonio. Elles virão a ser os verdadeiros conductores do contagio á todos os paizes , que tiverem o infortunio de enviallos á matriz de tal electricidade. Pelo menos , se farão indifferentes á huma Constituição , ou á outra , e não se poderão elevar ao nivel da verdadeira dignidade , e da casta estimação das proprias pessoas , contaminando-se pelo contacto , obsequio , e affabilidade , com tanta gente nefaria.

Os regicidas forão os que primeiro nos declararão a guerra. Nós agora somos os primeiros a solicitar a paz. Em proporção da humildade e perseverança que mostramos em as nossas propostas, cresceo a obstinação de sua arrogancia em rejeitallas. A paciencia do seu orgulho se cançou com a importunidade da nossa cortezia, e redobrou os iasultos. Muitas vezes acontece, que por timbres dos Governos se rejeitão offerecimentos publicos do inimigo, quando aliás o interesse bem entendido secretamente dicta o acceite da vantagem. He o character da humanidade submeter-se á força das cousas. Ha consanguinidade entre benevolencia, e condescendencia em justos termos. São virtudes do mesmo fundo. A dignidade he de boa prosapia; mas pertence á familia da fortaleza. No espirito desta benevolencia procuramos obter paz do Directorio dos regicidas, para poupar as vidas de infelizes pessoas da primeira distincção, e que estando sob a protecção e no serviço da Gran Bretanha, por desastres do mar forão lançados sobre a praia Franceza, mais barbara, e inhospital, do que o inclemente Oceano na mais cruel de todas as tempestades. Deo-se então a oportunidade de exprimir as miserias da guerra,

quando a fortuna da guerra se declarou pelos regicidas.

Não digo que os procedimentos diplomaticos devão ser como os processos parlamentarios, ou judiciaes, exactamente conformes aos Arestos precedentes. Mas hum grande Estado deve sempre ter em vista as *antigas maximas*, principalmente onde he necessario mostrar toda a dignidade nacional, e aliás concorrem tambem aos bons propositos as regras da prudencia; e sobre tudo quando as circumstancias do tempo requerem, que se resista ao espirito de innovação, que tende a humilhar as Potencias Soberanas.

A proposta da paz foi da parte da Gram Bretanha hum acto voluntario, procedido do desejo de accommodação, e da geral pacificação da Europa. A repulsa dos regicidas em não quererem tratar com a Gram Bretanha em Congresso das Potencias Alliadas, dá materia para a mais seria reflexão. Desunindo-se assim cada Estado huns dos outros, como a Córsea ferida separando-se das companheiras, toda Potencia he tratada conforme ao gráo de seu merecimento em qualidade de desertora da causa commum. Nesta Diplomacia de traição, os regicidas,

achando a cada Soberano solitario, e desprotegido, vem a dar-lhe a Lei com a maior facilidade. Por tal systema, irremediavel desconfiança se disseminou entre os Confederados; e, para o futuro, toda a Alliança se faz impraticavel. Assim tratarão com a Prussia, Hespanha, Sardenha, Estados Ecclesiasticos, e outros; e estes Estados recusarão tratar de outro modo, apostatando da Gram Bretanha. Peiores que cegos, não virão, que, desviando-se da regularidade do systema, neste caso, e em todos os outros, elles adoptarão o mais terrivel plano para total destruição da propria independencia; não advertindo, que não poderão achar refugio senão ligando-se immovelmente á causa commum.

Os regicidas responderão cathegoricamente affectando sinceridade, e dizendo que „ o Acto Constitucional não lhes permittia consentir em alienação alguma dos paizes conquistados, que, conforme as Leis existentes, constituem o territorio da Republica; que sobre outros interesses politicos, e commerciaes, estarião promptos a receber as proposições que fossem justas, racionaveis, e compatíveis com a dignidade da Republica „.

Nos Annaes do orgulho não existio jámais tão insultante declaração. Ella he insultante nas palavras, nas maneiras, na substancia, e he, em cima disso, pavorosa. He huma amostra do que se póde esperar dos Senhores que estamos preparando para o nosso humilhado paiz. A sua affectada candura consiste em directo Manifesto do seu Despotismo, e Ambição. Na sua unidade e indivisibilidade da posse do que roubarão, e se apropriarão dos Estados de seus vizinhos, elles amalgamão, e submergem immensas, e ricas provincias, cheias de praças fortes, e de populosas, florentes, e opulentas Cidades. Tudo isso não he já materia de discussão diplomatica. E porque Lei? He a Lei das Nações? He alguma reconhecida publica Lei da Europa? Ha alguma prescripção de posse immemorial de sua parte? Não. He huma declaração feita *pendendo a lide*, e no meio de huma guerra, cujo principal objecto foi, na origem, a *defensão natural das Nações* contra huma Nação, que adoptou furiosos principios anarchicos, para destruição de todas, e desorganização da Ordem civil.

A estranha Lei dos anarchistas não foi feita para hum objecto trivial; não para hum por-

to, ou para huma fortaleza ; mas para hum grande reino, e para a religião, moral, leis, liberdade, vida, e fortuna de milhões de creaturas humanas, que, sem consentimento proprio, ou do seu legitimo Governo, sem cerimonia, e sem mais cumprimento, só por Actos arbitrarios de hum Governo, á que homicidas, e regicidas, chamão Lei, são incorporados na sua tyrannia. Elles com hum feixe de Leis e Legisladores de seu molde, dissiparão todas as Constituições, e Leis reconhecidas, e até não escrupulizarão em profanar os *fundamentaes sagrados direitos do homem*, reduzindo á nada, e com ignominia, o Santo Codigo da Lei da Natureza, pertendendo, que só a sua forjada Lei despotica revolucionaria seja invulneravel, impreterivel, immortal. Arrogando-se o Magisterio, e o Senhorio, de todas as cousas divinas, e humanas, só na sua omnipotente legislatura se achão sem o poder de fazer paz compativel com a tranquillidade e honra de seus vizinhos. Só são poderosos em usurpar, mas impotentes em restituir. Pela sua potencia, e impotencia, igualmente se engrandecem, enfraquecendo, e empobrecendo todas as outras Nações.

Com razão pois o Governo Britannico respondeo, que, em quanto persistissem estas disposições no Governo Francez, nada restava ao Rei, senão proseguir em huma guerra igualmente justa, e necessaria.

Depois desta resposta, os Regicidas devastarão toda a Europa, e até Portugal se curvou ao seu jugo. Toda a demonstração de implacavel rancor, redobrada animosidade, e indomito orgulho, forão os unicos estímulos que recebemos das nossas supplicas. Quando a guerra se fez dez vezes mais necessaria, a nossa resolução de proseguir nella, se amolgou com o calor da estação.

Se a humilhação he o elemento em que devemos viver, confesso, que não me enamoro da idéa de expor as nossas chagas lazaras á porta de cada soberbão servidor da França. O caliz d' amargura não tem ainda sido bebido á tão grandes tragos, como em se propor paz á França. Procuramos Mediador em hum Ministro de Dinamarca, em cuja pessoa a dignidade Real tinha sido insultada, e envilecida na Séde do orgulho plebeo, com o atrevimento o mais insolente de levantados proclamadores, e missionarios de geral Rebellião. Experimentámos ou-

tra repulsa, com a sua ordinaria invectiva contra o Ministro Inglez, arguindo-o da proverbial *perfidia punica*, e affirmando-se, que não podia ser de boa fé o desejo de paz da parte do Governo Britannico; visto que esta lhe arrancaria a sua Preponderancia Maritima, restabeleceria a Liberdade dos Mares, e daria novo impulso ás Marinhas de França, Hespanha, e Hollanda, e elevaria ao mais alto gráo de prosperidade a industria, e o Commercio destas Nações, em que aliás sempre Inglaterra tinha encontrado rivaes, considerando-as como inimigas do seu Commercio. Accrescentavão o insulto dizendo „ He preciso, que o Governo Britannico abjure o injusto odio que nos tem, e que á final abra os ouvidos á voz da humanidade „.

Jámais em Diplomacia appareceo papel tão incendiario, como Preliminar de negociação de paz. Poucas declarações de guerra tem manifestado mais atroz malevolencia. Omitto a afronta dessa rhapsodia. Não fallo mais de dignidade nacional: a terra assenta já mui de leve sobre as cinzas do Timbre Inglez. Só farei observações politicas sobre este negocio baixo, com que os algozes regicidas quize-

rão lançar o barão á garganta da Gram Bretanha.

A idéa de Negociação de paz suppõe sempre alguma confiança na fé das propostas do Negociador: deve-se-lhe dar credito nesse tempo, e acto. Aliás os homens recalitrão com triplicada força contra o estímulo que os fere. Suppor traição por base do trato de paz, he excluir toda a esperança, e seguridade da transacção amigavel. Isto he o mais fatal agoiro de eterna hostilidade. Insistir em novas propostas, quando o inimigo attribue perfidia até nas Credençias, he dar fraqueza aos plenos poderes concedidos ao character do Embaixador.

A França requer, que se ouça a voz da humanidade. He extraordinaria demanda: he pôr-nos cêra nos ouvidos, como o astuto Ulyses ordenou á seus marinheiros contra as Sereias do Oceano. Que tenro, afinado, e affectuoso canto he este da *douce humanité* (doce humanidade) do Chôro dos confiscadores, e assassinos, que estabelecerão hum systema destructivo de toda a ordem publica, e o mantiverão por meio de proscriptões, exterminios, sacrilegios, matadouros, e huma rebellião, que se não pôde lembrar sem horror, e pavor, pelo execravel

parricidio do mais justo e benefico Soberano da propria Nação, e de huma illustre Princeza, que com immovel animo tinha participado dos mesmos infortunios, e soffrimentos de seu Real Consorte; que abertamente confessarão o proposito de subverter todas as instituições da Sociedade, e porfião em espraiair sobre todas as Nações a mesma confusão, que produzio a miseria da França!

Com toda a justiça pois o Governo Britanico pela ainda restante energia do Governo proclamou á Europa, que, não podendo existir o prezente estado das cousas, sem arrastar em hum perigo commum todas as Potencias circumvizinhas, a justa prevenção de tal desastre lhe dava o direito, e impunha o dever, de fazer parar o progresso deste mal, que existia sómente pela successiva violação de toda a Lei, e de toda a Propriedade, e que atacava os fundamentaes principios pelos quaes o Genero Humano he unido em os laços da Sociedade Civil. Com toda a razão o Ministerio Inglez declarou á face do Mundo, que Sua Magestade Britannica nada desejava mais sinceramente do que o terminar huma guerra, que em vão se esforçou evitar, e que todas as calamidades, que se tem segui-

do, se devião unicamente attribuir á ambição, perfidia, e violencia daquelles, cujos crimes involverão o seu paiz em miseria, e descompozirão todas as Nações civilizadas.

Esta Declaração fez valer os sentimentos da *verdadeira humanidade*. Taes sentimentos não se pôdem extrahir da Cirurgia da morte, em que he eminente a Diplomacia Regicida, nem as ulceras, que ella fez arrebentar com seus cauterios, se pôdem adoçar por cataplasmas emollientes dos seus roubos, e confiscos, que constituem a quinta essencia dos amores, e curativos republicanos.

Por estranhas revoluções que tem sobrevindo no modo de pensar dos homens, tem-se suggerido, que, por bons termos de huma capitulação, se pôde ceder em hum tempo, para depois fazer-se em melhores dias reviver o espirito nacional com duplicado ardor. He ás vezes necessario *recuar para melhor saltar*, conforme o adagio francez.

Porém forçar á diéta a hum doente até o ultimo gráo de fraqueza, e langôr, tem mais de empirico, e charlatão, que de Medico racional. Essa não he a melhor disciplina para formar homens destinados á luta heroica,

delicado senso de honra, e vivo resentimento das injurias (\*). Longo habito de humilhação não he bom preparatorio para ter-se varonil, e vigoroso sentimento, e muito menos quando se ensina a considerar o poder do inimigo como irresistivel, e o povo de Inglaterra se contenta de mercês de hum systematico inimigo estrangeiro, combinado com perigosa facção no interior do Estado, sem pôr o fundo de sua segurança no proprio patriotismo, e valor.

He absurdo confiar a garantía do Imperio Britannico da compaixão dos regicidas; empenhar a sua religião á impiedade de athêos; implorar a clemencia de callosos assassinos; e entregar a sua propriedade á salva-guarda de ladrões por inclinação, por interesse, por habito, por systema. Se tal he o nosso animo deliberado, verdadeiramente merecemos perder o que, com tal abatimento de animo, he impossivel conservar, o *Nome de Nação*.

Não póde haver unanime zelo na causa da salvação geral, e resistencia ao inimigo commum, onde se tem de combater no interior do

---

(\*) Ut lethargicus hic, cum fit pugil, et medicum urget — Horat.

Paiz com huma continua mofina , repugnancia , e trapaça.

França , a Mãi de monstros , e mais prolifica em prodigios monstruosos que o antigo fabuloso paiz chamado *Ferax Monstrorum* , manifesta já os symptomas de estar exaurida em todo o genero de monstruosidade , menos que a paz não renove a sua infernal fertilidade. Para que por nossa leveza ( não por nossa depravação ) lhe deixaremos recrutar os seus brutaes restos de vida monstruosa , que ainda não estão destruidos ? Os homens bons não suspeitão que haja gente atraçoada , que attente á ruina da Nação por meio das virtudes da mesma Nação. Os turbulentos não escrupulizão em abalar a tranquillidade do seu paiz até o centro , levantando continuo clamor de paz com a França , assemelhando-se ás importunas galinhas de Guiné , que gritão em huma só aspera e continua altisonante nóta , dia e noite. O seu mote he *paz com os regicidas* , pensando que vem a ser paz com todo o mundo.

Os Jacobinos são mui habilidosos : nas convulsões politicas , as paixões fortes exaltão as faculdades : elles gritão por paz , porque , ganhado este ponto , estão certos , que o resto

virá de si mesmo. Como pôde ser bom, e fundado em a natureza, que os homens se rejão pelos conselhos de seus inimigos? Não se deve antes tremer, quando se quer persuadir, que se deve viajar pela mesma estrada, e pousar no mesmo lugar, que elles dictão?

Em 1739 o Governo Inglez foi forçado pelo povo, e pelos politicos, e até pelos poetas do tempo, a declarar guerra á Hespanha: e pôde-se dizer, que então essa guerra foi *guerra de roubo*. No prezente conflicto com regicidas, he forçado por gritos vulgares a fazer huma paz dez vezes mais ruinoza que a mais desastrada guerra, e quando aliás ha todos os motivos de appellar para a nossa Magnanimidade, e Razão. Os Ministros, que cederem por fraqueza, devem ser condemnados pela Historia. Então a contenda era sobre *Guardas-costas*, e a *Convenção de Madrid*. Agora trata-se da nossa existencia politica, e da causa da civilização, em que se precisa de espirito forte, e perseverante, o qual só he capaz de supportar as vicissitudes da fortuna, e os encargos de huma longa guerra: digo emphaticamente *longa guerra*; pois, sem tal guerra, nenhuma experiencia historica nos diz, que huma Poten-

cia perigosa podesse ser reduzida á razão, e justa medida de poder. Não he preciso subir á antiguidade, e trazer á memoria a guerra do Poloponeso de 27 annos; nem as duas guerras Punicas, a primeira de 24, e a segunda de 18 annos; nem a mais recente dos tempos modernos concluida pelo Tratado de Westphalia, que continuou por 30 annos. Só fallo da que toca mais immediatamente ao nosso paiz desde 1689 até 1713; nesse intervallo quasi que não houverão 5 annos de paz.

Neste periodo, nas pazes de *Ryswich*, *Gertrudemberg*, e *Utrecht*, sempre as proposições de accommodação vierão da parte do inimigo. Em taes guerras a Resolução do povo fez sempre a sua força. Então os nossos recursos erão incomparavelmente menores que hoje. Não tinhamos exercito consideravel. As nossas Finanças achavão-se, se he possivel, em peor estado. O nosso credito publico, na verdade já então grande, mas ambiguo na opinião de muitos, que nos prognostivão muitas vezes que elle seria a causa da nossa ruina (o qual todavia já por hum seculo tem sido o constante companheiro, e, ás vezes, o meio da nossa prosperidade, e grandeza) teve a sua origem, por

assim dizer , na pobreza , e quasi na bancarrota.

Presentemente, Capitalistas offerecerão, á porfia, adiantar ao Governo o fundo de 18 milhões esterlinos, á juro moderado. Mas naquelle tempo, ao Ministro *Montagu*, o pai do nosso Credito Publico, para alcançar incomparavelmente menores sommas, afiançando elle o Estado, em companhia do Lord maior de Londres, foi necessario andar, como o Mordomo do Hospital, solicitando, com o chapéo na mão, de loja em loja, o emprestimo de cem libras, e ainda de menos, á interesse de doze por cento. Até o *Papel do Banco* (hoje ao pár do dinheiro corrente, e geralmente preferido á elle) soffria o desconto de vinte por cento. Por isto só, bem se póde julgar sobre a fraqueza dos nossos meios de guerra naquella epocha. As nossas exportações, que ora sobem alem de 46 milhões esterlinos, não montavão então a dez. Quanto ao credito particular, não havia nesse tempo em Londres 12 Bancos de Capitalistas; mas *estas machinas de credito nacional* são vistas agora em quasi todas as cidades e mercados; o que demonstra o assombroso augmento da confiança particular, da geral circulação, da concurren-

cia interna, e o proporcional accrescimo do Commercio estrangeiro. Não obstante as expostas desvantagens do Estado ha hum seculo, nunca o Espirito Nacional desmaiou com a fortuna adversa; e resistindo ás imperiosas propostas do inimigo, veio a concluir paz honrosa. A Politica, destreza, e perseverança do Rei, fizeram consolidar a independencia, e gloria da Nação: elle propoz ao Parlamento o conservar á Gram Bretanha a preponderancia, e influencia, que gozava nos Conselhos e Negocios estrangeiros, para que visse a Europa, que os *Inglezes não faltarião á si propios*.

O Equilibrio dos Estados da Europa então se fixou com hum gráo, antes desconhecido, de coherencia, firmeza, e fidelidade. O Architecto desta immensa e complicada machina morreo logo depois de a fabricar. A obra foi formada sobre os verdadeiros principios da *Mechanica Politica*: ella continuou em movimento pelo impulso recebido do primeiro Motor, que bem mostrou ser a *Nação Britannica hum Povo Grande*. Elle apontou como, e porque meios, devia ser exaltado sobre o seu nivel, e proseguir no ascendente que já tinha tomado na ordem dos Estados independentes.

Nesta guerra, continuada 14 annos contra Luiz XIV., o Governo não poupou trabalho algum para satisfazer á Nação; a qual, ainda que animada com desejo de gloria, todavia não tinha a gloria por seu ultimo objecto, mas sim o que lhe era mais caro, isto he, a sua *religião, lei, liberdade*, e tudo o que está no coração dos Inglezes, como homens livres, e como Cidadãos da grande *Republica da Christandade*, sempre circumspectos, e animosos para prevenirem perigos, e proverem ao futuro. Isto era conhecer a verdadeira arte de ganhar os affectos do povo; isto era entender a natureza humana.

As paixões das ordens inferiores são famintas, e impacientes; só aspirão á guerra mercenaria. O calculo do proveito em taes guerras he falso. Balanceando-se as contas de taes guerras, mostra-se, que mil caixas de açucar são compradas á preço dez mil vezes maior do que ellas valem. O sangue do homem não deve ser derramado senão para remir o sangue injustamente desparzido. Convem que, só o demos por nosso Deos, nosso Paiz, nossa familia, nossos amigos, nossa Especie: só isto he virtude; tudo o mais he crime.

Guerra para prevenir que os assassinos de Luiz XVI. nos imponhão a sua irreligião, he guerra justa. Guerra para prevenir a operação de hum systema, que faz a vida sem dignidade, e a morte sem esperança, he guerra justa. Guerra para preservar a independencia politica, e a liberdade civil das Nações, he justa guerra. Guerra para defender propriedade, vida, honra, da certa e universal carnificina, á que Francezes condenão o mundo, he guerra justa; necessaria, piedosa, varonil, e somos obrigados a persistir nella por todo o principio divino, e humano; pois que se trata da existencia de todos contemporaneos e vindouros.

A França he a unica Potencia da Europa, pelo qual he possivel que sejamos conquistados. Viver em continuo medo de tal mal (que he sem medida) he a mais tormentosa calamidade. Viver sem medo, he converter o perigo em desastre. A influencia da França he igual á guerra; e o seu exemplo he mais devastador, que huma irrupção hostile. Ella está em essencial e habitual hostilidade com nosco, e com todo o Povo civilisado.

Governo de huma natureza tal como existe na França, não foi jámais visto, ou imagi-

nado na Europa. He cousa mui séria ter conexão com hum povo, que só vive de instituições positivas, arbitrarias, mudaveis, e não sostidas, nem explanadas por alguma reconhecida regra da sciencia moral. Elle destruiu os elementos, e principios da Lei das Nações, que he o grande ligamento do Genero Humano. Com ella destruirão todos os Seminarios em que se ensinava a Jurisprudencia, e igualmente todas as Corporações estabelecidas para a sua conservação. Elles tem posto fóra da Lei a si mesmos, e tem igualmente proscripto do fôro das Leis Naturaes a todas as Nações.

*Jacobinismo he rebellião dos talentos ousados e emprehendedores de hum paiz contra toda a Propriedade.* Quando os homens fazem revoluções para destruir todas as antecedentes leis, e instituições do seu paiz; quando elles segurão para si hum exercito, dividindo entre o povo que não tem propriedade, as herdades de seus antigos, e legitimos proprietarios; quando o Estado reconhece e ratifica taes actos; quando o Governo não faz confiscos para os crimes, mas os crimes para confiscos; quando os seus principaes recursos são *offensas da propriedade, e assassinatos de todos*, que resistem, e

combatem pelo seu antigo legal governo, e suas legaes, hereditarias, e adquiridas possessões, eu chamo isto *Jacobinismo por estabelecimento*.

Os que estabelecerão tal lei, viciarão, e inflamarão a imaginação, e perverterão o senso moral dos homens, e levarão o delirio á ponto de fazer vir aos seus Tribunaes a alguns sceletrados, que se dizião Pais, a pedirem o assassinato de seus filhos, jactando-se de que Roma teve hum Bruto, o qual poz á morte ao proprio filho, mas que os Francezes poderião mostrar centenaes de Brutos. A maldade foi reciprocada, e realiada por filhos contra os pais. O fundamento de tal Estado foi estabelecido em paradoxos; o seu patrimonio he prodigio. Todos os exemplos, que se achão na historia, reaes ou fabulosos, de duvidoso espirito publico, em que a moralidade fica perplexa, a razão se assombra, e a natureza estremece, são os seus escolhidos, e quasi os unicos, modelos para instrucção da mocidade.

Todo o trém das instituições dos Francezes he contrario aos dos mais Sabios Legisladores de todos os paizes, que destinarão a perfeiguar os instinctos, para constituir a moral pura,

e enxertar as virtudes sobre o tronco das affeições naturaes. Elles, não omittirão trabalho algum para extirpar todas as benevolas e nobres propensões do espirito dos homens. Elles pensão, que he indigno do nome de virtude publica tudo que não indica violencia nos particulares. As suas novas Leis destroncão pela raiz a nossa natureza social.

Todos os Legisladores, conhecendo ser o cazamento a origem de todas as relações, e em consequencia o elemento de todos os deveres, esforçarão-se, por todos os meios, em fazello sagrado. A Religião Christã, limitando o matrimonio aos pares, e constituindo-o indissolúvel, tem, só por isso, feito mais para a paz, felicidade, firmeza dos Estados, e civilização do mundo, do que talvez por todos os outros preceitos da Sabedoria Divina. Porém a Synagoga do anti-Christo da França tomou o curso contrario; e forjou na manufactura de todo o mal a *Assemblea Constituyente* de 1789, a qual, com a maior industria, fez a obra (por assim dizer) de *dessagrar*, e deshonnar o estado do matrimonio, que todos os Legisladores tem constituido sancto, e honorifico, fazendo a mais estranha declaração, de não ser o cazamento senão

hum contrato civil, e trafico commum; permittindo ás filhas-familias as uniões mais licenciozas, e ás mulheres cazadas o divorcio arbitrario, sob pretexto de libertallas da tyrannia dos pais, e maridos. Por taes infames actos, de tão horriveis consequencias, pôz-se o sexo feminino fóra da tutela e protecção do sexo masculino, com evidente transgressão da ordem da natureza.

A pratica do divorcio, ainda que permittida em alguns paizes, foi sempre descorçoada, e desacreditada em todos. Felizmente hoje em as Nações civilizadas o divorcio não he frequente artigo de registo publico. Mas na França não só he artigo regular, mas até já se acha posto em honra. Em Inglaterra, por Exame decretado pelo Parlamento, mostrou-se, que, em cem annos, apenas se contão cincoenta divorcios (que aliás são mais *separações de thoro*, do que absolutas dissoluções dos vinculos do matrimonio.) Em Pariz, só em tres mezes, em 1793 houverão 562 divorcios.

A' esta pratica se accrescentou a do *cannibalismo*, com que os Jacobinos até bebião o sangue das victimas da sua ferocidade, e commettião os mais atrozes, infames, e nunca ou-

vidos actos de obscena salvajaria sobre os cadáveres. A' muitas victimas não concederão ao menos o gozarem das ultimas consolações do Genero Humano, e dos direitos da sepultura, que indicão a esperança da vida eterna, e com que a natureza ensina em todos os paizes a alliviar as afflições, e soffrer, com resignação á Providencia, as enfermidades da nossa sorte mortal. Procurando persuadir ao povo, que os homens não são melhores que as bestas, todo o corpo de suas instituições os tendem a fazer tigres furiosos. Para esse fim forão disciplinados a ostentar huma ferocidade sem parallelo (\*).

A certa e tremenda operação destes perigosos e seductores principios e exemplos, nos obriga a recorrer aos verdadeiros Canones Sociaes. Não obramos com sabedoria, quando nos fiamos nos interesses dos homens, como unicos e seguros penhores dos seus negocios. Os interesses muitas vezes quebrantão as justas convengões, e as paixões pizão frequentemente

---

(\*) Ainda peor de tudo, ostentavão a mais feroz alegria no meio de suas matanças, e horribilidades, divertindo-se em theatros, e até fazendo ao mesmo tempo pantomimas nas praças das execuções, para tornar mais crueis, sensiveis, e dolorosas as angustias das victimas da guilhotina.

quaesquer interesses, e convenções. Entregar-mo-nos inteiramente á huma e outra cousa, he não conhecer o Genero Humano.

Os homens não se ligão huns aos outros por papeis, e sellos. Elles são insensivelmente conduzidos a se associarem por semelhanças, conformidades, e sympathias. As Nações obrão como os individuos. Não ha tão forte vinculo de amizade entre Nação e Nação, como o da correspondencia em leis, costumes, maneiras, e habitos de vida. Estas causas tem mais força, do que quantos Tratados haja. São obrigações escritas no coração. Elles aproximão o homem ao homem, sem hum conhecer a outro, e sem terem a intenção de se unirem. O secreto, invisivel, mas firme, laço do trato habitual, os tem em harmonia, ainda que a sua perversa, e litigiosa natureza, os incite a contender, esgrimir, e guerrear sobre os termos das obrigações escritas.

Quanto á guerra, ella he o unico meio de sustentar a justiça entre as Nações contra a injuria, e violencia reciproca. Nada póde banilla do mundo. Os que dizem o contrario, mentem a si, e aos outros. (\*) He hum dos maio-

(\*) A' isto não assinto: creio na *perfectibilidade do*

res objectos da sabedoria humana mitigar os males, que ella não tem a potencia de remover. A conformidade, ou a analogia de religião, leis, e maneiras, de que tenho fallado, ainda que seja impotente para preservar perfeita confiança, e tranquillidade entre os homens, tem com tudo a tendencia mui forte de facilitar a accommodação, e produzir geral esquecimento do rancor em suas querêlas. Pela diversidade de leis, religião, e maneiras, muitas Nações, que estão apparentemente em paz, estão na realidade mais separadas humas das outras, do que as Nações da Europa, ainda no curso das mais longas e sanguinosas guerras. A causa disso se deve procurar na semelhança de religião, leis, e maneiras. Os Escretores da Lei das Na-

---

*espírito humano.* Assim como Burke diz que não desesperava da fortuna do Estado, eu também não desespero da fortuna da Sociedade. O mesmo Author reconhece, que a natureza do homem he social, e perfectivel; e acima bem disse, que duvidava se a historia do genero humano tem sido completa, para se formar juizo seguro sobre a extensão dos melhoramentos dos Estados. A sua these só he verdadeira nas actuaes circumstancias do atrazo da civilização. A paz perpetua será tardia, mas não tenho por chimerica, e se realisará em futuro, ainda que em remoto, periodo. Até a nossa Religião Catholica a faz esperar: *fiet unus ovile, et unus pastor.*

ções tem por essa razão chamado *Republica da Europa* o aggregado de taes Nações. Ella he virtualmente hum *Grande Estado* que tem a mesma base da legislação geral, só com leve diversidade de costumes provinciaes, e Estabelecimentos locaes.

As Nações da Europa tem a mesma Religião Christã, concorde nas partes fundamentaes, variando pouco em ceremonias, e doutrinas subordinadas. (\*) Desta fonte emanou hum systema de maneiras, e educação, que as constituia quasi semelhantes nesta porção do Globo, e que sostinha, harmoniava, e reunia, as diversas côres de toda a população. Pouca differença ahi havia na fórma das *Universidades* para ensino da mocidade, e tambem quanto ás *Faculdades Sciencias*, e mais generos de erudição liberal. Por isso, sahindo qualquer pessoa da sua Nação, não se podia chamar inteiramente hum estrangeiro, e desterrado. Só se encontrava huma aprazivel variedade, para recrear, e instruir o espirito, enriquecer a phantasia,

E

---

(\*) Todavia a Religião Catholica tem artigos dogmaticos essenciaes, que differem dos de alguns ramos heterodoxos do Christianismo.

e melhorar o coração. O viajante sensato não parecia sentir-se fóra de seu paiz.

Mas o systema da Revolução Franceza foi o perturbar toda esta harmonia, e conformidade. Nem se póde assignar outra razão, senão essa para os Francezes alterarem todas as idéas, nomes, usos, leis, e religião do mundo civilizado. Com estudada violencia tiverão em desigñio pôr-se em apostasia da Humanidade, e fizeram scisma com o Universo; e a quebra da união foi tão completa, que *impossibilitarão o commercio social*, tendo-o corrupto, e destruido no seu principio. Assim fizeram por atrahir a todo o Genero Humano ao seu systema, e os forçarão a viver em perpetua inimizade com o Estado o mais poderoso que jámais se vio. Póde-se imaginar que, offerecendo elle ao Genero Humano esta desesperada alternativa, não tenham sempre hum espirito hostile, contra todos os povos e governos, estando com tantos meios de força para offender sem responsabilidade?

Ha leis civis que não são totalmente positivas, mas simples conclusões da *razão natural*, e pertencentes á *Universal Equidade*, as quaes por isso são applicaveis em todas as partes. Tal he a *Lei da Vizinhança*, que não dei-

xa á cada individuo mostrar-se inteiramente o absoluto Senhor do seu proprio terreno. Quando hum vizinho vê fazer á sua porta huma nova obra, que seja de natureza prejudicial, tem direito de representar ao Juiz o seu gravame, e justo receio de damno, e este tem o direito de *embargar a obra*, para não se continuar, e ainda para se demolir depois de já feita, mostrando-se o mal, ou o imminente perigo de sua existencia. Ninguem póde fazer *innovação á risco do vizinho*. Toda a doutrina da lei civil sobre a *denunciação da nova obra* (\*) he fundada nesta justa razão, que *não he licito á huma pessoa fazer uso da liberdade natural para fazer obra em sua propriedade, donde com razão se possa recear detrimento e prejuizo grave do vizinho*. A denuncia então he *prospectiva*, e olha ainda para o damno futuro, e anticipa por prudência a *prevenção do mal, ainda não feito*. Este direito he igualmente favoravel á ambos os vizinhos. Por elle se acautela e remove, em tempo opportuno, hum damno que, depois de fei-

E ii

---

(\*) Veão-se as Leis do Digesto de *Novi operis nunciacione*, e de *Damno infecto*.

to, talvez seja irreparavel, ainda que aliás o não seja destinado pelo architecto da *nova obra*.

As regras da equidade, e a urgencia do caso, justificão o remedio. A's vezes a prevençãõ do mal precisa de celeridade, e a dilaçãõ he perigoza. Os vizinhos se presumem saber os factos dos seus vizinhos, como se diz em huma regra de Direito Civil. São pois todos mui interessados, que huns não abusem das suas faculdades em injuria alheia, e com perigo da existencia dos outros.

Este principio he ainda mais verdadeiro a respeito das Nações. O Direito pois da *Grande Vizinhança da Europa* constitue hum dever de cada Estado, e seu claro titulo, o prevenir qualquer capital innovaçãõ em outro Estado, que possa equivaler á formaçãõ de *obra nova prejudicial* á tranquillidade, e independencia dos mais circumvizinhos. Aquella regra justifica a Declaraçãõ cathgorica do Governo Britannico de 29 de Outubro de 1793, que o estado de cousas, que existe na França não pôde continuar, sem involver todas as Potencias da Europa em commum perigo, e sem lhes dar o direito, e impôr o dever, de fazer parar o progresso de hum mal, que ataca os principios fundamen-

taes, pelos quaes o Genero Humano he unido em sociedade civil.

O que em sociedade civil he *fundamento de lide*, na sociedade politica he *fundamento de guerra*. Quando todas as combinações de atrozes factos de vizinho injusto, e innovador de más obras, impossibilitão a esperança de cessar elle de tal novidade, e violencia começada, as regras da prudencia não restringem, mas ordenão a guerra.

A obra Franceza não he huma má obra velha, cuberta com prescripção; he nova demolição, e decomposição de todo o Edificio da sociedade civil, e infame architectura de covil de ladrões, assassinos, e atheos: obras de rapina, matança, e impiedade, longe de serem titulos á cousa alguma, são por isso só publicas declarações de guerra ao Genero Humano.

*Esta guerra porém não he feita á França, mas á cafila dos salteadores, que exterminarão de suas casas aos respectivos proprietarios; pois as Nações são Essencias moraes, e não Superficies geograficas.*

Supponha-se, (o que Deos não permita) que o nosso amado Soberano fosse sacrilega-

mente morto; a sua exemplar Rainha, a Cabeça das matronas da Terra, tivesse o mesmo fado; as suas Princezas, que pela sua belleza, e modesta elegancia, são as flores do paiz, e os modelos das virtudes do seu sexo, soffressem igualmente cruel e ignominioza traição, com cem outras mãis, filhas, e senhoras da primeira distincção; os Principes de Galles, e York, esperanças e timbres da Nação, com todos os seus Irmãos, fossem obrigados a fugir dos punhaes de assassinos; todo o corpo do nosso excellente Clero fosse assassinado, roubado, e desterrado; a Religião Christã, em todas as suas communhões, prohibida e perseguida; a Lei da Terra, fundamental e totalmente abrogada; os Juizes conduzidos ao cadafalso por Tribunaes revolucionarios; os nobres, e plebeos esbulhados de suas possessões até a ultima geira de terra, e em cima empobrecidos, e aviltados; todos os Officiaes do Serviço Civil, Militar, e de Marinha, sujeitos aos mesmos destros, confiscos, e perigos; os principaes Banqueiros, e Comerciantes arrastados ao patibulo, para o matadouro geral dos que não tinham outra culpa senão o ter dinheiro, e fazer Commercio; os Cidadãos das Cidades mais po-

pulosas, e florentes, encadeados, e collegidos em huma Praça, e ali destruidos á milhares com metralha de artilheria, e descargas de canhonada, por não se acharem patibulos, machinas, e algozes sufficientes para expeditas execuções capitaes; trezentos mil outros sentenciados á huma situação peor que a morte, prezos em pestilentos, e infernaes calabouços; em taes circumstancias calamitosas chamariamos por ventura Inglezes a *Facção dos malvados*, que praticassem taes desordens, e horrores? Seria o paiz onde se vissem taes tragedias, a Inglaterra, tão admirada, honrada, amada, e querida? Não reputariamos antes por unicos compatriotas os fugitivos leaes deste paiz? A terra de seu temporario asylo não se deveria considerar a *verdadeira Gram-Bretanha*? Poderia eu ser considerado como traidor á meu paiz, e digno de perder a vida com infamia, se andasse por todas as Nações da Europa batendo á todos os Paços, e Corações dos Principes da Christandade, para soccorrer os meus amigos, e vingallos dos seus inimigos? Podia nunca mostrar-me melhor Patriota? Que se deveria pensar dos Principes, que insultassem a seus Irmãos perseguidos pelos rebeldes, e que os

tratassem de vagabundos, e mendigantes? Que generosos sentimentos se poderiam considerar nos que mostrando-se Geographos, em lugar de Reis, reconhecessem como os identicos paizes nacionaes as cidades assoladas, os campos de zertos, e os rios manchados de sangue, só por terem a mesma medida geometrica, depois de taes cruezas, para continuarem com os usurpadores, e malvados as mesmas antecedentes relações politicas? Que juizo fariamos da barbara protecção dos que, attendendo ás cabalas e intrigas, e *declarações dos levantados*, lhes entregassem as victimas da Lealdade de seu paiz, que lhe tinham ido supplicar refugio no *Altar da Compaixão*, para serem sem misericordia abandonados aos Tribunaes dos bebedores de sangue, e parricidas de seu Soberano?

*A oppressão e sensibilidade fazem loucos os homens sabios; mas, ainda assim mesmo, a sua loucura he melhor do que o juizo dos nescios.* O seu brado he a voz sagrada da humanidade, e miseria, exaltada no santificado phrenesi da inspiração e prophecia. Na amargura d' alma, na indignação da virtude soffredora, no parocismo da desesperação, no espirito da lealdade Britannica, não clamaria eu

por cem bocas, e denunciaria a imminente destruição, que espera aos Monarchas, que considerão a fidelidade do Vassallo como torpe vicio, e que tolerão, que ella seja punida como delicto abominavel, e que só se tenha veneração aos rebeldes, traidores, regicidas, e furiosos escravos, que quebrarão os grilhões, e correm á redea solta a devastarem a terra, deixando-nos adormentar por dormideiras de aduladores, que nos allicião a descansar nos braços da morte?

Alguns citão o exemplo da paz que temos feito com os Barbarescos. Os que fizerão essa descoberta, e dão igual conselho, querem preparar-nos para a escravidão. Ha (dizem) cousas, que os homens não approvão, mas que á ellas se submettem, por se precaver maior mal. Respondo.

Por isso mesmo que já temos feito hum acto de humilhação, devemos ser cautelosos em tolerar segundo, a fim de que a humilhação não venha a ser o nosso estado habitual. Materias de prudencia são do imperio das circumstancias, e não de analogias logicas. Porém, ainda que a Constituição de Alger se assemelhe á da França, com tudo, pela nossa respectiva

situação, Alger não nos dá perigo de existencia. Não he assim a França como hoje está, revolta e regida por Atheos fanaticos. Sou seu vizinho: posso vir a ser seu escravo. Os que pertendem ter achado o feliz paralelo, não advertem na infinita distancia de quem *está á porta*, ou de quem está em mui remota distancia, e sem iguaes meios de mal fazer. Em Alger ha huma barreira de idioma e costume, que previne a corrupção das horriveis novidades da França. Posso contemplar sem medo o Tigre Real, ou Nacional das regiões do Pegú: até o posso olhar com a curiosidade dos que vão a ver animaes carniceiros na casa das feras. Tenho mais susto de hum gato de mato na minha antecamera, que de todos os leões, que urrão nos desertos da Mauritania. Alger não he vizinho de Inglaterra, e não faz obra nova: esse Estado, bem que barbaro, não está infectado de principios da desorganisação Social: o seu governo he de antiga origem, e os seus danos se pódem calcular com certeza. Quando Alger se traspassar á *Calais*, verei então o que se deya pensar e fazer. Entretanto, o Aresto da paz com Alger não faz *authoridade de cousa julgada*.

Os Homens de Estado são postos em eminentes atalaias, para verem d'alto hum mais vasto horizonte, sobre que possam dar Ordens. Elles são os nossos naturaes regedores. Sem duvida *Razões de Estado* exigem ás vezes modificação das geraes *Maximas de Governo*: porém nunca poderão seguir desejos e conselhos de nossos implacaveis inimigos, sem serem responsaveis á Deos, e á Nação: fazer paz só em nome, e com precipitação, he a maior calamidade que possa sobrevir ao Publico. He nada o exemplo da França? He tudo. O exemplo he a escola do Genero Humano: elle não tem outra. Esta guerra he guerra contra tal exemplo. He guerra por toda a dignidade, propriedade, honra, virtude, e religião de Inglaterra, e de todas as Nações.

Direi huma palavra em minha apologia. Porque não me converto com tão grandes Potencias, e tão grandes Ministros, que tem feito a sua paz com os regicidas? He porque estou em 1796 com os mesmos sentimentos, em que todos os Soberanos da Europa estavam em 1793. Não me posso mover com esta *precessão de equinoxios*, que nos está preparando o retorno da *idade de oiro*, ou de alguma nova

era, que terá o nome de algum novo metal. Nesta crise, ou devo reter a minha lingua, ou fallar com franqueza. Falsidade e illusão nunca são permittidas; mas ha tambem economia da verdade, como no exercicio de todas as virtudes. Ha huma sorte de temperança, pela qual os homens devem dizer a verdade com medida, para que se possam depois melhor explicar. O que disse, digo para sempre. O que escrevo he de natureza testamentaria. Póde nos meus escritos haver fraqueza; mas elles tem a sinceridade de declaração de moribundo; visto que poucos dias me restão, e em breve serei separado da tumultuosa scena do mundo.

ROMPIMENTO

B A

NEGOCIAÇÃO DA PAZ.

*Demonstração dos Recursos para continuação da Guerra.*

A Negociação da Paz Regicida mallogrou-se. Não he cousa mui honorifica á estima pessoal fazer o Ministerio exposição ao Publico de suas esperanças sem fundamento, e de seus trabalhos sem fructo. Depois de recapitular os seus desvelos para obter a paz, com mortificante candura finda em dizer, que Sua Magestade entrara na Negociação *em boa fé*, mas que só tinha a lamentar o seu rompimento, *renovando á face da Europa a solemne declaração*, que, logo que seus inimigos se dispozerem a entrar em ajuste de pacificação geral, em espirito de conciliação e equidade, nada faltará da sua parte para contribuir ao complemento deste grande objecto.

Fallando com o devido respeito, e submissão ás luzes superiores, aqui não se pronuncia

sentimento de vigor. *Sua Magestade só tem a lamentar!* Pobre conquista deixada á hum tão grande Monarcha! A Nação Britannica agora apparece em character de penitente, convencida de seus erros, e prompta á toda a expiação, para em outro tempo instaurar a Negociação com a idetica Junta de assassinos, para lhe segurar os seus confiscos, roubos, e matadouros, com que usurpárão o poder.

Dizem alguns: em tal caso só nos submettemos á força das cousas, que he hum duro adversario. Mas se os inimigos nos accusão de falsa fé, para que outra vez nos lançaremos no purgatorio da humilhação espontanea? O nosso Governo não foi o primeiro a começar a guerra. A geral confederação foi excitada pelo geral medo do Jacobinismo. Os parricidas do seu proprio paiz se disciplinarão contra os estrangeiros pela violencia domestica. Elles forão os que declararão guerra á este Reino. Era pois desnecessario dar novas provas da nossa boa fé. Ha legal presumpção contra os accusados que se justificão com demazia.

Que Nação não está instruida da soberba do Inimigo de todas as Nações? Ella tem sido mais que bem sentida, não só pelos Estados

que forão victimas de sua imperiosa rapacidade, mas até pelos que consentirão em que elle estabelecesse o seu systema de roubo, e que forão habeis em copiallo com impunidade, ou lhe cedêrão na ultima Negociação os mais florentes paizes. Os Soberanos destes paizes não tem necessidade de que lhe provemos a nossa sinceridade em fazer paz com a republica de barbarismo. Diga-o até o Veneravel Pontifice, desarmado pelo seu character pacifico, e cujos dominios estavam mais que meio desarmados pela paz de dous seculos. Elle, a quem pertence a gloria de fazer o *milagre de industria* de secar as *Lagoas Pontinas* (o que não poderão os Imperadores Romanos, tendo o mundo escravo para todos os trabalhos) vendo a Séde das Artes e Sciencias roubada pelos Francezes, que se apoderarão de seus mais bellos territorios, não duvidou jámais da sinceridade da Gram Bretanha, quando lhe bradava por auxilio, querendo comprallo á qualquer preço.

Correndo-se o circulo do Systema Europeo, as Potencias que não estão ligadas á França para total destruição de todo o equilibrio do poder pela Europa, e pelo Mundo, requerem seguranças, não da sinceridade das nos-

sas boas disposições a respeito das usurpações da França, mas da nossa afeição ao Collegio dos antigos Estados: só desejão ter penhores da nossa constancia na fidelidade e fortaleza em resistir ao poder que ameaça subjugar todas as Nações. A apprehensão de que desejão livrar-se, não he o temor da ambição de Inglaterra. O nosso poder faz a sua força. Elles esperão mais de nós, do que nos temem. O fundamento da sua e nossa esperança he a grandeza de espirito que o Povo Inglez tem mostrado, e a sua immovel conformidade aos inalteraveis principios da sua antiga politica, qualquer que seja o Governo que á final prevaleça na França. Nenhum partido interior pôde desejar vêr a Gram Bretanha empenhar-se por Tratado algum á ceder-lhe ascendente, e superioridade.

Lisongeamo-nos com a esperança de que a voz publica da França obrigue os Usurpadores a proceder com mais moderação. Mas em que se funda tal esperança? Onde está a voz publica naquelle Paiz? Ahi por ventura ha alguns escritores que tivessem liberdade de escrever, desde que o Monstro Revolucionario organizou grande e regular força militar para guardallo?

Sabe o Mundo, que na França não ha

*Publico*; e que a Nação he só composta de duas ordens de pessoas, isto he, tyrannos ou-  
sados, e escravos temerosos. Alli o unico prin-  
cipio vital existente, he o da contenda entre os  
tyrannos. A maior parte dos escravos prefere  
antes mostrar quieta, ainda que repugnante,  
submissão aos que já estão saciados de sangue,  
e que, como lobos fartos, já são algum tanto  
mansos, do que expôr-se á invasão de novas es-  
faimadas feras. Uso foi sempre dos Inglezes,  
confiando na Divina Providencia, pôr a sua se-  
gurança nas proprias virtudes, e não na mode-  
ração e vontade dos seus inimigos: menos a  
porão na dos atrozes monstros que jámais tão  
horrivelmente infestarão e deshonorarão o Genero  
Humano.

A unica excusa que se poderia fazer á nos-  
sa Diplomacia mendicante, seria a mesma no  
caso de todas as outras urgencias, isto he, a  
*absoluta necessidade*. A necessidade, como não  
tem lei, tambem não tem vergonha. Porém a  
necessidade moral não he como a necessidade  
metaphysica, ou ainda a physica: ella tem  
muitos grãos. A' espiritos baixos, a mais leve  
necessidade vem a ser necessidade invencivel. O  
preguiçoso diz — está hum leão no caminho, e

serei devorado na rua — Mas, quando, a necessidade não está em a natureza das cousas, mas só nos vícios de quem a allega, as lamentações e lugares communs de pobre rethorica, não produzem senão indignação; visto que indição o desejo de huma existencia deshonrada, sem utilidade aos outros, e sem dignidade a si proprios. O inimigo deve ser julgado, não pelo que somos, ou pelo que desejamos que elle seja, mas pelo que sabemos e experimentamos que elle he; salvo se de proposito escolhemos fechar os proprios olhos e ouvidos, para não attendermos ao uniforme theor de todos os seus discursos, e de todas as suas acções.

A boa regra velha de *ne te quæsieris extra*, he preceito de igual valor em politica e na moral. Deixemos de especular sobre as disposições, e necessidades do inimigo. Desçamos aos nossos proprios seios. Que corações temos dentro do Estado? Quanto o Ministro Inglez confia na affeição e força do povo da Gram Bretanha? Que acha elle quando faz prova em nós do que a honra, e o interesse da Nação demanda? O effeito destas questões sobre o inimigo não he o que elle póde calcular sobre os nossos recursos, mas o que elle póde sentir dos nossos bragos.

As circumstancias que acompanharão o Empréstimo de 18 milhões esterlinos, que o Governo decretou para a continuação da guerra, provão, que a nossa antiga força não está diminuida, mas sim augmentada, e que ainda está vivo o espirito da Nação Britannica, prompto sempre a ostentar a sua energia, quando a honra publica o reclama; e que elle sustenta a guerra, não como guerra de ambição e orgulho dos Ministros, mas como Guerra Nacional, para defeza da mesma propriedade, que elles despendem para conservalla, guerra para manter a ordem das cousas, pela qual elles possuem tudo quanto ha de mais valôr.

Os detractores dizem, que este empréstimo de 18 milhões esterlinos, se effeituara em razão do alto interesse que se deo.

Hum empréstimo corrupto e improvidente deve-se condemnar como qualquer outra cousa corrupta e prodiga. Mas tambem huma parcimonia de curta vista he ainda mais fatal, do que qualquer despeza extravagante. Deve-se julgar do valor da moeda, como de qualquer outra cousa valiosa, isto he, pelo seu preço no mercado. Forçar o mercado dessa, ou de qualquer outra especie de mercadoria, he a

mais perigosa de todas as cousas. Por esse expediente, de pequeno beneficio temporario, afrouxa-se para sempre a mola do Credito Publico.

Os Capitalistas tem direito de esperar vantagem no emprego de sua propriedade. Em adiantar dinheiro, elles o poem em risco, e esse risco se ha de incluir no preço do emprestimo. Se tivessem perda, ella viria a ser equivalente á hum imposto sobre esta especie de propriedade. Porém tal imposto seria o mais injusto e impolitico, pois seria hum imposto desigual; visto que elle faria carregar sobre huma classe de pessoas da Nação hum gravame, que aliás deveria recahir sobre toda a commuidade, por huma distribuição regular. Ninguem deve ser della isento, sôb pretexto de sua dignidade, ou da fraqueza dos seus meios. Convém nisso guardar as proporções. Desde o momento em que alguém he isento de sustentar o Estado, logo vem de alguma sorte a separar-se d'elle, e perde immediatamente a sua praça de Cidadão.

No contrato com o Governo para adiantamento de dinheiro, quando o Ministro o pede, tendo em vista a perda de interesse de quem o dá, immediatamente, em lugar de convenção,

se introduz violencia no ajuste. Em que circumstancias o Governo possa exigir *emprestimo forçado*, o gráo de compulsoria deve ser bem conhecido, definido, e distincto: aliás o contrato enfraquece a energia da compulsoria, e ao mesmo tempo o constrangimento destroe a liberdade do contrato. Assim a vantagem de hum e outro acto perde-se pela confusão de cousas, que, pela sua natureza, são absolutamente inconciliaveis. Tal expediente introduziria coacção em hum objecto, no qual a liberdade e a existencia são huma e a mesma cousa, quero dizer, o *Credito*.

No momento em que vergonha, medo, e força, directa ou indirectamente, se applicão ao *Credito*, o *Credito perece*.

Devem haver alguns impulsos differentes do espirito publico, para se pôr, juntamente com elle, em movimento o interesse particular. Deve-se permittir aos Capitalistas dar valor ao seu dinheiro: do contrario, não haverião Capitalistas. O desejo de accumulção de moeda he hum principio, sem o qual não existirião no Estado os meios do seu serviço. O amor do ganho, ainda que ás vezes levado á excessão e vicio, he todavia a grande causa da prosperida-

de de todos os Estados. Sendo este principio natural, racional, poderoso, e prolifico, pertence ao satyrico expor o seu ridiculo; ao moralista censurar os seus vicios; ao homem sensivel reprovar a dureza e crueldade no seu emprego; ao Juiz castigar a fraude e extorsão. Mas ao homem de Estado toca o empregallo como o acha, com todas as excellencias, e com todas as imperfeições que o acompanhão. Em tal caso procede como em todos os outros casos, fazendo uso das geraes energias da natureza, do modo em que as encontra.

Além de que he hum grande e quasi geral erro imaginar, que o Estado, tomando dinheiro de emprestimo, e o particular que lho dá, são duas partes contrarias, e com interesses diferentes, de sorte, que o que he dado á huma, seja tirado á outra. No modo em que se acha constituido o nosso Systema de Finanças, não se pôdem bem separar os interesses das partes contractantes. Aquelle que hoje empresta com dureza, á manhaã vem a ser generoso contribuyente ao seu proprio pagamento.

Por exemplo: o ultimo emprestimo foi estabelecido sobre os impostos publicos destinados a produzir dous milhões esterlinos. Parece, á

primeira vista, que esta annuidade de dous milhões he hum pezo morto sobre o publico, em favor de certos Capitalistas: mas inspectando-se a cousa mais de perto, e seguindo-se a corrente nas suas voltas, achar-se-ha haver nisso muito engano. Pois, considerando-se a despeza que cada pessoa faz da sua renda (fallo de certas classes) achar-se-ha, que hum terço vai a pagar os impostos, directos, ou indirectos. Assim a renda que o Capitalista vem a ter pelo capital que emprestou ao Governo, torna naquella proporção para o fundo publico pelo canal dos impostos. Se elle poupa alguma cousa de tal renda, novo capital se cria no Estado, cuja infallivel operação he fazer baixar o valor da moeda, e consequentemente o interesse no seu emprestimo; e o resultado disso he a melhora do credito publico.

Neste paiz os impostos, na sua maior proporção, passam por alto da cabeça das classes infimas. Elles escapão tambem muito das classes immediatas, que economizão com mais habilidade, e voluntariamente se sujeitão á rigida disciplina do estreito necessario. Trabalho e frugalidade (pais das riquezas) praticão-se entre nós com muita extensão, e prudencia. Des-

de o instante em que os homens deixão de augmentar o fundo commum, e não se enriquecem por industria e parcimonia, logo o seu luxo e ainda o seu commodo são obrigados a pagar contribuição ao publico. Se na verdade o interesse dos Emprestimos publicos não fosse pago pelo corpo da Nação, e devolvido outra vez ao seu fundo; se esta secreção não fosse absorvida pela massa do sangue, seria impossivel que a Nação tivesse subsistido até o presente debaixo de sua enorme Divida publica. Mas ella existe e florece; e o seu florente estado deve-se, em não pequeno gráo, á contribuição que tal Divida faz para o seu proprio pagamento.

Não he pois conforme á sabedoria querelar sobre os designios interesseiros dos homens, quando os seus interesses se combinão com o interesse publico, e o promovem. O nosso negocio deve ser o ligallos, quanto he possivel, com o mais apertado nó. Recursos que se derivão de virtudes extraordinarias, como estas são mui raras, tambem vem a ser os mais improductivos. He boa cousa que os Capitalistas empenhem a sua propriedade para o bem do seu paiz; isso mostra que elles põe o seu thesouro onde tem o seu coração. Mas o projecto de se prover

ao pagamento dos Empréstimos publicos por contribuições particulares, como se propoz, mostra mais boa intenção, do que previdencia. Onde he estabelecida renda regular do Estado, as contribuições voluntarias servem unicamente a desordenar e perturbar o seu curso. Ainda quando esse meio fosse commensurado ao seu objecto, produziria muito vexame, e muita oppressão. Neste modo irregular de contribuir, o primeiro contribuyente vem a ser importuno aos outros, e occasiona comparações odiosas, forçando aos mais a contribuirem antes por emulação, do que pelo real estado de suas posses. Dahi nascem inflammações, discordias, e guerra de linguas, que muitas vezes são os preludios de outras guerras. Nem se póde chamar contribuição voluntaria qualquer que não seja conforme á livre vontade de quem a offerta. Falsa vergonha, ou falsa gloria, contra os proprios sentimentos e juizos, póde taxar o individuo em detrimento de sua familia, e em fraude de seus credores. O pretexto de espirito publico póde inhabitallo de executar os seus deveres privados. O mais perigoso de tudo he a malina disposição á que este modo de contribuição tende; pois deixa aos pobres julgar da ri-

queza, e prescrever aos ricos, ou aos que imaginão ser taes, o uso que devão fazer de seus bens. Dahi não vai senão hum passo á subversão de toda a propriedade.

Huma plausibilidade bem fundada nos grandes negocios ás vezes vem a ser hum mal real. Na França os mais nefarios e fatuos dos homens, fabricantes da Constituição revolucionaria, seguirão aquelle methodo, e findarão nós successos que estão aos olhos de todos. Esses projectistas de imposturas proposerão dous modos de contribuição voluntaria, que chamarão *dons patrioticos*, e *contribuição patriótica*, cuja somma na sua arbitraria estimativa, esperarão que chegasse á hum quarto da propriedade dos individuos. Mas achando a hum e outro modo mui inferior ás suas expectações, usarão logo de força na quota, e na collecta, e tudo isto com o pretexto de alliviar as classes mais indigentes. Mas huma vez estabelecido o principio de contribuição voluntaria, as classes infimas, e depois todas as mais classes, se atreverão a subtrahir-se á todo o methodo regular de pagamentos ao Estado, como sellos da escravidão. O resultado foi o faltar toda a renda regular, e os impostores que construirão a ar-

chitectura de fraudes, findarão em confiscar e destruir os proprietarios.

Os gritos usuaes contra os Empréstimos ao Governo tem por pretexto a grande miseria publica, pelos encargos que elles trazem sobre o povo. Mas nem o povo, nem os seus ganhos, se tem diminuido pela guerra. Elle tem tido constante emprego, e paga proporcionada ao producto da terra; e onde a terra falta ao supprimento, faz-se este conforme á operação do capital da Nação. A policia da provisão para os pobres tem continuado. O consumo de gente na guerra tem sido menos que o supprimento de novos nascidos. A prova de não haver diminuição de numero he manifesta, á vista do estado da nossa agricultura, que não se acha estacionaria por falta de braços. A prolifica fertilidade da vida campestre tem feito trasbordar o superfluo de sua população na construcção de canaes, e de outras obras publicas, que se não tem discontinuedo, antes multiplicado com maior vigor.

O progresso do nosso Capital chama trabalho. As nossas manufacturas, crescendo com o supprimento do consumo nacional e estrangeiro, e reproduzindo, com os meios de-vida que

elle dá, o numero de gente (que muitas dellas destroem ainda mais do que a guerra) tem sempre achado mãos laboriosas, em proporção da paga liberal. Na verdade o preço do soldado se tem levantado assaz alto; mas a grande causa disso he a repugnancia, que a classe donde se tira a soldadesca, mostra em entrar para a vida militar, não em razão de falta de gosto por tal vida (pois muitos, depois de sahirem della, voluntariamente tornão ao serviço da tropa) mas sim pela abundante occupação, e accrescido estipendio que achão nas Cidades, Villas, e Campos; o que em consequencia deixa pequeno numero de pessoas a dispôr para a milicia. O preço dos homens para novos e não experimentados modos de vida, deve estar em proporção aos proveitos do modo de existencia donde se pertende tirar. Altos salarios se pagão á quasi todos os empregos de industria. Os que estão nas classes infimas recebem mais das contribuições publicas do que as pagão; pois a collecta que se distribue para os pobres, sobe a mais de dous milhões esterlinos.

Os de *bom tom* de humanidade do tempo presente affectão lastimar-se do corpo principal do povo, que se compõe das classes vigorosas

e laboriosas, chamando-o *pobre trabalhador*. Esta alcunha não he tão innocente, como fátua. A fraqueza de entendimento que se intromette a decidir nas grandes cousas, não he sem culpa. O nome de *pobre*, usado para excitar a nossa compaixão, só pertence aos individuos que não podem trabalhar, como os enfermos, velhos, e meninos. Todas as mais classes de individuos, que não tem outra propriedade mais do que seu engenho e braço, ou devem trabalhar, ou o mundo não póde existir. O contrario he cavillar sobre a condição do Genero Humano. Foi a commum sentença do Pai de todos os bens ao homem, comer o seu pão com o suor do seu rosto. O que tenta subtrahir-se ao trabalho, expõe-se á mais graves penas, querendo desertar a tarefa, de que o Grande Obreiro do Universo deo o exemplo no Acto da Creação. Não devemos compadecer-nos dos individuos da nossa especie, porque são trabalhadores; pois isso seria o mesmo que lamentallos por serem homens. Esta affectada piedade só póde ter o effeito de os fazer descontentes da sua sorte, e ensinar-lhes a procurar recursos onde não se podem achar, sendo só os legitimos a industria, frugalidade, e parcimonia. Os que descontenten-

tão o Genero Humano com tão estranha piedade, sem attenção ás consequencias, procedem como se fossem os nossos peiores inimigos.

As classes superiores não tem diminuido em numero. Não nos tem jámais faltado officiaes para quantos navios e regimentos se fação. Ellas não são isentas de contribuir com o seu serviço pessoal ás Esquadras e Exercitos. Elles contribuem ainda mais com o espirito que move, e dá direcção á machina politica, ostentando fortaleza, e principio firme e deliberado de valor, temperado pela honra e prudencia, sostido por generoso amor da fama, regulado e extenso pelo conhecimento dos publicos fins dos empregos, unindo a coragem do campo á do Conselho; ora conquistado com demora e constancia, ora pela rapidez da marcha e impetuosidade do ataque, sendo como Fabio, a nuvem negra nas montanhas, ou como Scipião, o raio da guerra; não desmaiando com espuria vergonha, e soffrendo não menos opprobrios e provoações do inimigo, do que as suspeitas, e detracções de seus subordinados; não perturbados por falsa humanidade, tomando sobre si a terrivel responsabilidade moral para decidir, quando a victoria he caramente comprada pela

morte de hum só homem, ou quando a segurança e gloria de seu paiz demanda o sacrificio certo de milhares de vidas.

Nas fataes batalhas em que se tem alagado o Continente com diluvio de sangue, e despedaçado o Systema de Europa, não temos ahi posto exercito de grandeza comparavel ás que em outros tempos desembarcamos, e com que nos seguramos tão gloriosamente o posto de Protectores, e não de oppressores, á testa da grande Commuidade dos Estados Europeos. Então varonilmente arrostamos o inimigo na frente. Agora porém, quando o inimigo nos resigna o nosso natural dominio do Oceano, e abandona a defeza das suas possessões distantes á infernal energia dos seus principios destructores, que plantou para subversão de todas as Colonias vizinhas; sem fazermos esforços de ganhar ao menos as *obras exteriores* dos paizes inimigos, ou conquistados, que antes por seculos erão as firmes barreiras contra a ambição da França, e sem praticar os gloriosos arrojões dos tempos do nosso Edwardo e Henrique, que penetrarão com victorias até o seio da Franga; nos contentamos com nos entrincheirar e fortificar em casa, redobrando segurança sobre se-

gurança, para nos defender de invasão, que só agora pela primeira vez se nos tem mostrado sério objecto de susto e terror; apenas sustentando hum Systema defensivo de inerte e passiva força, e sem enterpreza alguma, tendo aliás huma Marinha de quinhentas Náos de guerra, a melhor supprida, e commandada pelos mais habéis Capitães que jámais tivemos?

Não pertendo inculcar que, se o commum inimigo do socego da Europa não nos forçasse a tomar as armas para a propria defeza, a maré da nossa prosperidade não subisse mais alto. Mas a questão só he, se existe a necessidade que tem servido de miseravel pretexto para se aconselhar a paz com elle, e que lhe rendamos á discrição as nossas conquistas, a nossa honra, a nossa dignidade, a nossa independencia, e tudo quanto he caro ao homem. Ao contrario, em toda a parte se vemm as indicações do progressivo augmento da nossa riqueza, não só levada ao grande reservatorio do Capital nacional, mas tambem esparzido por todos os canaes das classes superiores, e dando á tudo vida e actividade, á proporção que passa pela Agricultura, Fabricas, Commercio, e Navegação do Paiz.

A Deputação das Finanças mostrou que, depois da guerra, tem crescido as Rendas do Estado, e que o producto annual subio á hum terço de mais. Ora os nossos principaes impostos comprehendem o estabelecimento dos ricos, e as classes medias; pois não temos impostos sobre os artigos dos alimentos os mais necessarios.

As nossas manufacturas vão em continuo augmento, e até as de seda, que são de planta forçada. Os divertimentos publicos dos Campos e Cidades são objectos que se pódem vêr e palpar pelos Homens de Estado, e elles vem a ser a medida e o padrão da prosperidade de hum paiz. A despeza, dissipação, e prodigalidade que nelles se faz, estão fóra da arithmetica da Economia politica. Mas os theatros são os criterios seguros para se fazer juizo certo em tal materia. Elles achão-se estabelecidos em todas as partes do Reino, e nelles se paga o divertimento á preço desconhecido até os nossos dias. Rara he a capital de provincia que não tenha, ou não aspire a ter, hum theatro Real. O Scenario, Vestiario, e Ornamento, são de novo esplendor e magnificencia. Estas particularidades servem a confundir a obstinação da incre-

dulidade dos espiritos pervertidos, que só se delectão em contemplar as nossas suppostas misérias, prognosticando a immediata ruina de seu Paiz. Estas aves de má passagem nos tem continuamente arranhado os ouvidos com seus agoreiros grasnos, certo symptoma de raiva da ambição desapontada, que presentemente he de espirito maligno e perigoso; pois abate os animos com desesperação sobre os nossos meios e recursos, para nos fazerem os instrumentos dos designios dos inimigos. Para esta casta de gente mal intencionada he preciso accumular prova sobre prova, para demonstrar a nossa prosperidade, e as faculdades que temos para resistir aos destruidores das Nações.

A florente condição do povo manifestou-se pelos relatorios officiaes no Parlamento, donde se faz vêr a superabundancia do nosso Capital, descobrindo-se em dar á todas as classes muitos commodos e gosos da vida em casa, meza, mobilia, equipagem, e ainda mais nas continuas bemfeitorias das terras, e obras publicas, com que a nossa opulencia he posta em usura para desfructo da posteridade.

He brilhante a perspectiva de nossas vastas terras, ora cultivadas, que antes erão com-

muns, e baldias, depois que se multiplicarão os Actos de Parlamento, conforme á policia começada no Reino da Rainha Anna em 1723. A navegação interior tem assombrosamente crescido, desde que o Canal do Duque de *Bri-guewater*, primeiro architecto desta grande obra, excitou o espirito de especulação e empreza nesta via. Muitas outras obras publicas que facilitão a circulação, tem levantado as rendas das terras. Por tanto, ainda que a classe dos proprietarios seja carregada de impostos, além de adquirirem assim os meios de satisfazellos, devem submetter-se á todos com a maior alacridade e resignação; pois que trata-se de huma guerra, em que elles, mais que qualquer outra classe, muito interessão, para evitarem os horrores da sujeição aos monstros revolucionarios, que attacão as propriedades.

A prosperidade do nosso Commercio interno e externo se manifesta por varios criterios. O 1.º he o rendimento dos correios: desde o principio da guerra, o seu producto grosso se augmentou huma sexta parte. O 2.º he o commercio de retalho. A exuberante ostentação de riqueza em as nossas lojas, deslumbrando os olhos de hum viajante sabio e distincto, fez-lhe

dizer — Os Inglezes parecem rebentar de opulencia nas ruas — O mesmo se vê em multidão de industriosos, vendedores por miudo. Sendo tal o vigor do nosso trafico nas suas mais pequenas ramificações, devemos persuadir-nos que ha solidez na raiz e no tronco. Quando vemos o sangue vital do Estado circular tão livremente nos vasos capillares do Systema, não precisamos inquirir, se o coração executa bem as suas funções. Avizinhemo-nos pois á elle, e observemos a systole e diastole, como ora recebe e expede a corrente vital por todos os membros.

O porto de Londres tem sempre dado a prova principal do estado do nosso Commercio. Varios planos se offerecerão ao Governo para o seu melhoramento. As corporações publicas representarão, que allí já não havia espaço para receber navios e embarcações; que a multidão de vasos maritimos era tão grande, que occasionava muitas avarias, e perdas, e consequente diminuição de renda; e que os cáes publicos, e as serventias das ruas, que antes davão facil embarque e desembarque, e o expediente dos transportes, estavam hoje com muitas obstrucções e embaraços, pelo sem nu-

mero de carros e carruagens que passam e repassão.

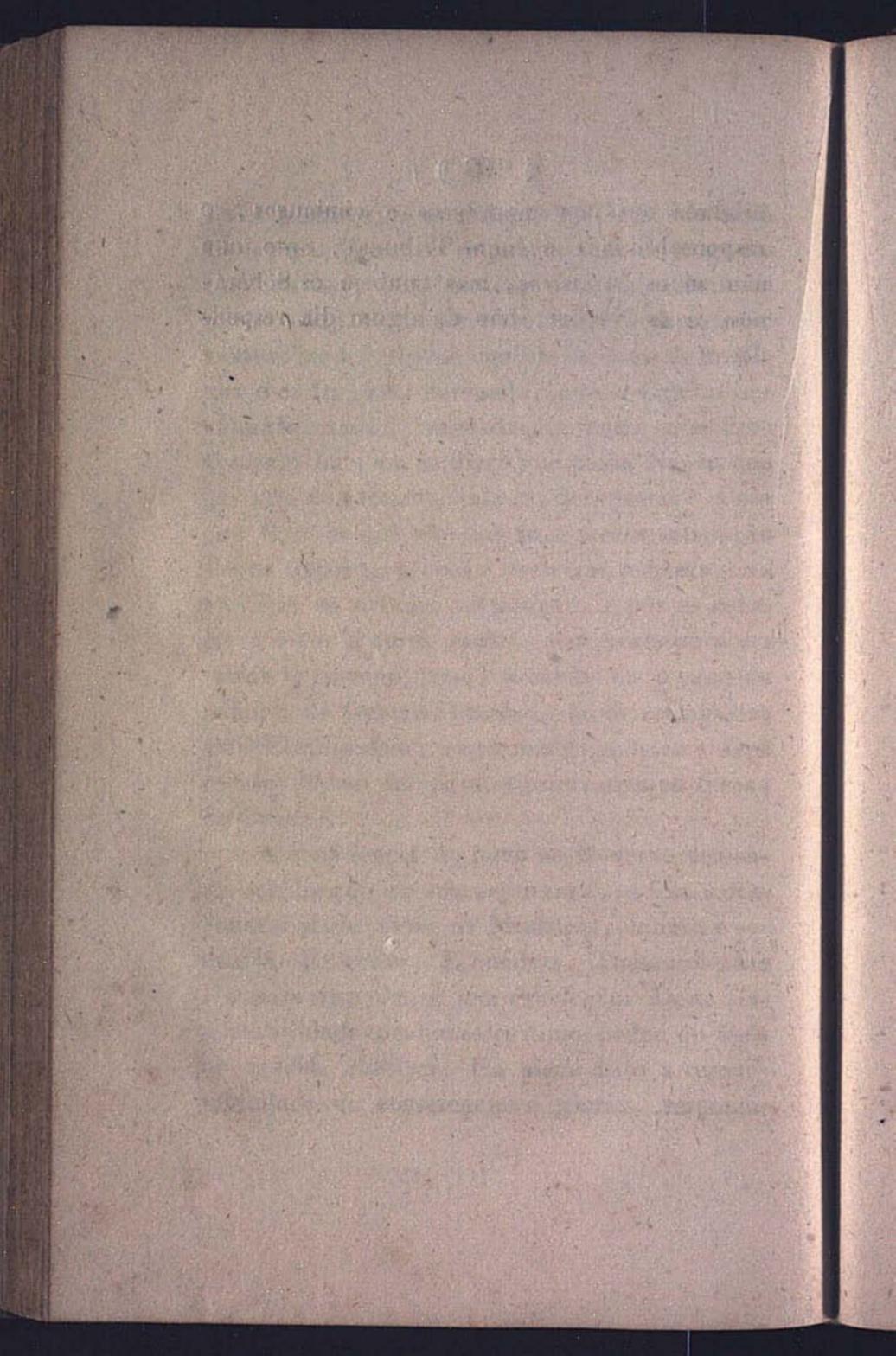
Eis a nossa desventura e miseria ! Portos, praias, rios, cáes, ruas, se entupem com as nossas riquezas ! Os nossos infortunios e gravames consistem em não terem mais rapido fluxo e refluxo para o Thesouro Nacional. O Ministro d'Alfandega Mr. Irwin em conta official mostrou, que, não obstante a grande sahida de nossos metaes preciosos para fóra do Estado, incluído o emprestimo ao Imperador, havia balança favoravel ao Paiz entre a sua Exportação e Importação. Até as quebras de alguns Commerçiantes são prova, e consequencia necessaria, de hum Commercio florente. Quanto são mais vastas as especulações, naturalmente ha de haver maior numero de fallimentos.

Se pois este he o real estado da Nação ; se em nenhuma classe tem diminuído o seu numero, fundo, commodo, e ainda o luxo ; se continuamente se construem muitas e elegantes casas ; se cresce, no geral, a mobilia, e variedade de trajo em todas as familias ; se as equipagens cada vez são mais numerosas e esplendidas ; se as mezas tem mais fartura e delicia ; se, ainda nos campos, os impostos não tem impedi-

do os prazeres, e os theatros são cada vez mais cheios e brilhantes; se os thesouros empregados em cultivar, bemfeitorizar, e embellezar as terras sobejão para se confiarem aos mares e ventos; se ha visivel equilibrio entre os prodigos e os frugaes, em modo, que o Capital pecuniario cresce, longe de diminuir: que fundamento ha para se dizer que huma Nação que pavonêa no Oceano, está em decadencia? Com que face os que não negão a menor satisfação á seus appetites, ousão pretextar pobreza para esfaimar as virtudes patrioticas, e pôr os deveres civicos á curta razão, sem porfiarmos em salvar a Europa, que, á cahir sob o jugo do inimigo do Genero Humano, ha de esmagar os mais Estados com a sua ruina gigantesca? Que escusa pôdem ter para se prostrarem ao throno do Crime?

A confidencia do povo no Governo demanda retribuição de sua segurança, e fixa a responsabilidade sobre os Ministros, inteira e solidaria. Exercitos, Esquadras, Thesouros, lhe são para isso dados sem restricção. Desta responsabilidade nenhum legitimo poder do Reino os pôde absolver. Ha além disto a responsabilidade de consciencia e gloria, responsa-

bilidade aos contemporaneos e vindouros, e  
responsabilidade á hum Tribunal, ante que  
não só os Ministros, mas tambem os Sobera-  
nos, e as Nações, hão de algum dia respon-  
der.



~~~~~

**APOLOGIA**  
D E  
**EDMUND BURKE**  
POR SI MESMO  
SOBRE A SUA  
**PENSÃO DO GOVERNO. (\*)**

**S**ER maltratado em qualquer congresso, ou escripto, pelos enthusiasmas da nova seita de falsa politica, de que algumas nobres pessoas pensão com tanta caridade, e outras julgão com tanta justiça, não he materia de angustia, ou admiração. Ter incorrido no desagrado de taes pessoas, he receber a unica honra, que ellas podem dar; e he prova de haver eu obtido huma parte dos meus esforços na Causa da Humanidade. Não dei de modo algum offensa pessoal á esses que se intitulão *patriotas*: a parte que tomão contra mim, he só por zelo do seu partido.

Retirado, como estou, do mundo, e de todos os seus negocios, e prazeres, aquelles

---

(\*) Deo motivo á esta Apologia o publico ataque que no Parlamento, e por escripto, fez o D. B. contra Mr. Burke, sendo o Chefe do Partido da opposição na Camara Alta, e o mais rico Proprietario de Inglaterra por antigas doações da Corôa.

Senhores soprarão em mim a faísca dos sentimentos quasi extinctos, dando-me viva satisfação de ser assim por elles atacado. He algum lenitivo ás dores do meu espirito o ter sido recommendado á Beneficencia do Throno por hum habil, vigoroso, e bem instruido Homem d' Estado, digno de si mesmo, e de sua causa, pelos serviços que fiz á salvação da Pessoa e do Governo do nosso Soberano, e consequentemente para segurança das Leis, liberdade, moral, e vidas do seu povo. O ser unido á tão grandes objectos, na verdade he distincção. A melancolia não póde deprimir-me tanto, que me faça insensivel á tal honra.

Para que os partidistas da Revolução Franceza não me deixão na escuridade e inacção? Receão, que, se me restar hum atomo de vida, a Seita ainda tenha alguma cousa de temer? Mas quando eu fosse aniquilado, deixaria, como o antigo João Zisca, a minha pelle, para se fazer hum tambor, que com seus golpes retumbasse bem ao longe, a fim de animar a Europa á guerra eterna contra a tyrannia que ameaça esmagar o Continente, e a toda a raça humana.

A materia he de tremenda meditação. Os

annâes historicos ainda não tem fornecido hum exemplo de completa revolução como a da França. Esta revolução parece haver-se extendido até á constituição do espirito humano. Ella tem em si o prodigio, que *Bacon* diz das operações da natureza: he perfeita, não só nos seus elementos, e principios, mas em todos os seus órgãos, e membros. O phenomeno moral da França dá hum padrão unico no seu genero, e nunca visto no mundo; e he, que *todos, que o admirão, logo se lhe assemelhão*. Elle vem a ser o inexhaurivel repertorio de toda a casta de máos exemplos. Até na minha miseravel condição, ainda que já apenas me possa classificar entre os vivos, não estou seguro. Os Sectarios do *Partido Francez* tem tigres para cahirem sobre qualquer força animada: tem hyennas para preiarem os cadaveres. A collecção de feras he completa, e feita pelos primeiros physiologistas do seculo, e só he defeituosa na sua natureza selvagem. Elles me assaltão ainda no mais escuro retiro, e urrão perante os Tribunaes revolucionarios. Nem sexo, nem idade, nem o santuario da sepultura, he para elles cousa sagrada. Elles negão ainda aos mortos a immunidade do tumulo. São capazes de vexa-

rem o sepulchro dos que predisserão o seu fado, ainda que lhes bradem — *deixem-me, — deixem-me repousar* —.

A minha *Pensão mortuaria* (\*) não foi o fructo da venalidade, nem a producção da intriga, nem o resultado de compromisso, nem o effeito de solicitação ao Soberano, ou á seus Ministros. Bem lhes era conhecido, que eu estava resolvido á total retiro. Executei este designio. Estava inteiramente fóra de estado de servir, ou desservir, á algum Estadista, ou Partido, quando os Ministros tão generosa e espontaneamente me impetrarão o beneficio da Corôa. Quando não podia mais ser-lhes de prestimo, elles contemplarão a minha situação; quando não podia mais incommodar a ninguem, os do Partido Revolucionario espezinharão a minha enfermidade. A minha gratidão foi igual ao beneficio conferido. Elle me veio em hum tempo de vida, e em estado de espirito, e corpo, que nenhuma circumstancia de fortuna me podia dar prazer. Não foi minha culpa, que o

---

(\*) He a que se chama *Pensão do otium cum dignitate* de 3 mil libras esterlinas cada anno, que o Governo dá aos grandes Servidores do Estado no ultimo quartel da vida.

Bemfeitor Real, e os seus Ministros, dignando-se reconhecer o merito de hum Servidor Publico invalido, adogassem as afflições de hum homem desconsoado.

Não me está bem o fazer jactancia de cousa alguma: porém estar-me-hia mal desapreciar o valor de huma longa vida, consumida com exemplar trabalho no serviço do meu paiz. Pois que os meus serviços, em razão da industria que nelles mostrei, e firmeza de minhas intenções, tem conseguido a acceitação de meu Soberano, seria absurdo pôr-me á par dos Cabeças, Membros, e Protectores da *Sociedade correspondente* (\*), ou, quanto em mim está, permittir disputa sobre a taxa da recompensa, que foi fixa pela Authoridade Suprema, estabelecida pela Constituição do Paiz para avaliar taes cousas.

Libellos soltos devem-se deixar passar em silencio, e desprezo. Quem serve ao Publico, está sujeito ás calummias da malicia, e aos juizos da ignorancia. Mas alguns adquirem im-

---

(\*) Assim se chamava o Clubo ou Congresso Inglez em Londres presidido por Priestly, e que tinha aberta e notoria correspondencia com a Revolucionaria Assembla da França.

portancia pela nobreza das pessoas que os fazem, e pelo lugar onde se divulgaõ. He então necessario tomar conhecimento delles. Justificar-me, não he vaidade, e arrogancia; he demanda da justiça; he demonstração de gratidão. Se sou indigno da remuneração, os Ministros forão peiores que prodigos. Deve-se-me conceder neste ponto huma liberdade racional; pois estou em necessidade de defeza: nem á hum réo ordinario se força defender a sua causa em ferros. Dezejo guardar a possivel decencia. De qualquer modo que eu seja visto aos olhos das nobres pessoas dos meus accusadores, a sua situação me impõe profundo respeito. Se passar as balizas, como elles quizerão abai-xar-se ao meu nivel, a confusão dos caracteres póde produzir alguns erros, e ainda fazer prescindir de privilegios.

Com esse protesto, já dou de suspeitos a todos os Tribunaes revolucionarios, onde se tem posto homens á morte, sem outra razão mais, do que o terem recebido favores da Corôa. Reclamo, não a letra, mas o espirito da velha Lei Ingleza, de *ser sentenciado pelos meus páres*. Por isso interponho Declinatoria á Jurisdicção dos que são de ordem superior. Além de que, no

Coryphêo do partido, quaesquer que sejam as suas habilidades, não posso reconhecer, pelos seus poucos e inertos annos, a legal competencia para julgar da minha longa, e laboriosa vida. Pobre riqueza ! Elle apenas pôde saber alguma cousa da industria publica nos seus esforços de avaliar o salario dos seus obreiros mechanicos, quando a obra he feita. Não duvido da sua destreza em todos os calculos de *Arithmetica vulgar* ; mas suspeito, que he pouco estudante na *theoria das proporções moraes*, e que não tem aprendido a regra de tres na *Arithmetica politica*.

Pensa o meu Censor que tenho alcançado muito. Respondo, que os meus esforços, quaesquer que sejam, forão taes, que nenhuma esperança de premio pecuniario poderia jámais recompensar. Entre dinheiro e taes serviços, sendo feitos por homem mais habil do que eu, não ha principio commum de comparação : são quantidades incommensuraveis. Dinheiro serve para conveniencia da vida animal. Porém não pôde haver remuneração de dinheiro para obras, que a mera vida animal só pôde manter, mas nunca pôde inspirar. Poderei sustentar diante de Sua Magestade, que não tenho recebido

mais do que mereço! Não: mui longe isso de mim. Na Real Presença, não reclamo absolutamente direito algum. Tudo para mim foi favor, e bondade. O estilo para o Magnifico Bemfeitor he hum, e para o orgulhoso e insultante inimigo he outro.

Pertende-se aggravar a minha culpa, increpando-se-me pela acceitação que fiz do donativo de Sua Magestade, como aberração das minhas idéas, e do espirito do meu anterior procedimento official, e systema de Economia Publica. Mas eu não contradigo as minhas idéas de economia, mas sómente as idéas de economia do meu Censor. Tal acceitação não traz incoherencia alguma á letra, e espirito dos meus Actos do Parlamento, quando em 1780 propuz a *Reforma Economica do Paiz*. O primeiro systema custou-me trabalhos incriveis. Se o systema Militar, ou a geral Economia das nossas Finanças, tiverão nisso melhoramento, deixo a julgar aos que tem conhecimento do Exercito, e do Erario. Nessa época, ainda só o tentar introduzir methodo, e algumas limitações no Serviço, excitava clamor, e se dizia ser absurdo. Nada então se propunha senão grosseiro córte de pensões,

ou o mais grosseiro plano de impostos, sem designio, sem combinação, e sem a menor sombra de principio. O meu juvenil Censor deve pedir informação sobre esse tempo, que foi hum dos mais criticos periodos nos nossos annaes.

Os Astronomos tem supposto, que, se certo Cometa, interceptando a Ecliptica, encontrasse na sua passagem a terra em certo Signo (que me não lembra) a levaria de roda com elle no seu curso eccentrico a incognitas regiões de calor, e frio. Se o portentoso Cometa dos *Direitos do homem* (que da sua horrida cauda sacode pestilencia, e guerra, e, com medo de mudança, faz perplexos os Monarchas (\*)) se esse Cometa, digo, cortasse o interior Estado de Inglaterra, nenhuma força humana poderia prevenir o ser irresistivelmente arrebatado da grande estrada da felicidade publica que goza, e precipitado de cabeça abaixo nos vicios, crimes, miserias, e horrores da Revolução Franca.

O meu nobre Censor considerou-me só como *Economista*. Quando, desde a minha mocidade, fiz a economia politica objecto dos

H

---

(\*) Milton Poema do *Paraizo perdido*.

meus humildes estudos, esperei sempre, que os meus serviços ao Estado serião de algum valor. Desde que propuz a dita Reforma Economica, esforcei-me em converter a minha vida publica em permanente vantagem da Nação. Não reservei para mim senão a intima consciencia da boa intenção; e não omitti trabalho algum em animar, disciplinar, e dirigir as habilidades do paiz para o serviço publico, e pôllas na melhor via de adiantarem, e ornarem os seus dotes. Professei a liberdade civil, como inseparavel da ordem, virtude, moral, e religião; mas não a segui com hypocrisia, e fanatismo; certo de que, sendo tal liberdade a primeira das bem-aventuranças, quando he retida nos justos limites, todavia, pela sua perversão, se póde constituir a maior praga do Genero Humano. Não procurei popularidade, e poder, como he o alvo dos que se tem distinguido em propor huma liberdade irracional, e indefinida, qual se proclama na França barbarizada.

As minhas reformas economicas não consistem na extinção de huma pensão, ou de hum emprego de mais, ou de menos. A economia nos meus Planos, he, como deve ser, secundaria, subordinada, e instrumental. Eu obro por Ma-

ximas de Estado. *A Reforma não he mudança na substancia das cousas; mas directa applicação do remedio aos gravames de que ha justa queixa.* Removidos aquelles, o mais vai seguro.

*Reformar não he innovar linha por linha.* Os Revolucionarios Francezes queixarão-se de tudo, e nada reformarão: quizerão mudar tudo, e *as tristes consequencias de suas phantasias estão ante nós, e sobre nós.* Elles abalarão a segurança publica; tolherão a paz, e o gozo das familias; acanharão o crescimento das crianças; turbarão o descanso dos velhos; fizeram parar ao viajante na estrada; atropellarão o lavrador no campo; interromperão os negocios da Cidade; o nosso descanso acabou-se; os nossos prazeres destruirão-se; os nossos estudos se empeçonharão, e perderão; a sciencia tornou-se peor que a ignorancia, pelos enormes males da sua horrorosa e total innovação. As obscenas harpyas da Revolução da França surgirão da anarchia do cáhos, que gerou tantas cousas monstruosas, e prodigiosas; e voando sobre nossas cabeças, casas, e mezas, nada deixarão impoluto, e não contaminado. Quadra-lhes bem a descripção que Virgilio faz das furias do Averno,

Tristius haud illis monstrum, nec sævior ulla  
 Pestis, et irâ Deum, stygiis sese extulit undis.  
 Virginei volucrum vultus, fædissimâ ventris  
 Proluvies, uncæque manus, et pallida semper  
 Ora fame. —

Não foi o meu amor, mas o meu odio, á *inovação*, que produzio o meu Plano de *reforma*. Sem me turbar com a exacção de *diagramma logico*, eu considero a taes cousas como oppostas. Elle foi offerecido para prevenir o mal. Destinei bemfazer ao povo, e não inflammallo, e seduzillo. Eu não me arrego o merito do bem positivo, mas o da prevenção de desordens. Não propuz nóvo modelo da Casa dos Communs, e dos Lords, nem o mudar a authoridade da Corôa, e do Ministerio, nem alterar o systema dos Tribunaes, e da Administração. As minhas reformas forão saudaveis, e medidoras. Não concebi nada de arbitrario; não propuz cousa alguma, que se houvesse de fazer ao prazer dos outros, nem ainda ao meu prazer. Desde a aurora do meu entendimento, aborreci todas as operações de opinião, inclinação, e vontade arbitraria nos negocios do governo, onde aliás só a soberana *razão* deve dictar o justo; visto que só ella he o fundamento

de todas as fórmãs de Legislação, e Administração. O Governo he feito para o fim de oppor razão ao capricho, tanto dos reformados, como dos reformadores.

Sempre me propuz o pôr em cautella o povo contra o maior de todos os males, isto he, hum cego, e furioso espirito de innovação, debaixo do nome de reforma. Ainda havendo cousas que exijão reforma, não he o proprio tempo dellas, quando ha convulsões politicas, e desgraças nacionaes. Quando sobrem terremoto, não he então o momento mais bem escolhido para accrescentar hum andar novo ás casas, e alinhar quarteirões.

Na minha Reforma Economica sustentei, que a *Folha das Pensões* devia ser sempre hum fundo sagrado, e aberto. Eu a deixei intacta, como Principio Politico. Não tive a ousadia de roubar á Nação todos os fundos applicados a remunerar o merecimento. Procurei só assignar o devido marco contra a disposição arbitraria. Não vim ao Parlamento para estudar a lição: mas entrei logo preparado, e disciplinado para a guerra politica; e, desde o principio, achei necessario analysar os Interesses do Commercio, das Finanças, da Constituição, e dos Nego-

ciões Estrangeiros do Imperio da Gram Bretanha. Muito fiz, e muito mais faria, se os successos do tempo melhor permitissem. O vigor da minha idade, e constituição se abatêo sob o cargo do meu trabalho. O Parlamento foi testemunha dos seus effeitos, e se aproveitou, mais ou menos, de seus serviços em 28 annos.

Não tenho as qualidades, nem cultivei as artes, que recommendão os homens ao favor, e á protecção dos Grandes. Não fiz jámais de valido, e de instrumento servil de ninguem. Nada sei dessa especie de commercio, que ganha corações do povo, fazendo imposturas sobre o seu entendimento. A cada passo da minha carreira da vida publica, encontrei huma cancella e barreira, em que era preciso apresentar o meu passaporte, e sempre mostrar, que o meu unico titulo para andar a diante, era o ser util ao meu paiz, dando provas de não ser inteiramente sem instrucção de suas Leis, e do systema de seus interesses dentro e fóra da Nação. Sem isso, nenhuma honra haveria para mim, e nem ainda tolerancia da pessoa.

Nunca invejei, nem obstei, a gratificação dos meritos alheios. Sempre considerei, que a recompensa dos Serviços publicos não só

era ornamento publico, mas tambem exacta justiça; e que a mesquinbeza nesta parte era iniquidade, e a peor economia do mundo, pelas suas pessimas consequencias. Por huma fria penuria na remuneração dos Serviços cretão-se todas as habilidades da Nação, e obsta-se á elasticidade de suas mais activas energias, e o mal vai além de todo o calculo. Por isso não impugnei jámais as pensões, que se derão aos *homens de talentos*, e aos *homens de Serviços*.

*Ordem*, e *Economia* são cousas estaveis, e eternas, como todos os bons Principios do Governo o devem ser. Certa particular ordem de cousas póde ser alterada; mas a ordem geral não perde o seu valor. As ordens particulares são variaveis como o tempo, e as circumstancias. Leis de regulamentos municipaes não são leis fundamentaes. As urgencias publicas são as dictadoras de taes leis. Pertence julgar de sua propriedade aos que exercem o poder legislativo.

Póde o que vou affirmar ser cousa nova ao meu Censor; mas peço licença para dizer-lhe, que *mera parcimonia não he economia*. — *Despeza*, e *grande despeza*, póde ser parte *essencial da verdadeira economia*. Se mera parci-

monia se devesse considerar como huma especie de virtude, a verdadeira economia deveria sempre reputar-se outra, e muito mais alta virtude. *A Economia he huma virtude distributiva, e consiste, não em poupar, mas em saber escolher os tempos e objectos da despeza.*

A parcimonia não requer previdencia, nem comparação, nem juizo. Méro instincto (e não instincto do mais nobre genero) póde produzir na maior perfeição huma falsa economia. A outra economia tem vistas mais largas. Ella demanda hum juizo prudencial, que sabe distinguir valores, e hum espirito sagaz, e firme para sustentar as regras. Ella fecha a porta á importunidade impudente, e abre outra muito mais vasta ao merito sem presumpção: só recompensa o real talento, e o serviço relevante. Com esta economia, á nenhuma Nação faltarão os meios de remunerar todos os serviços, que se lhe prestarem, e animar todos os talentos que produzir. Nenhum Estado, desde o estabelecimento da Sociedade, se empobreceo por esta especie de profusão. Se em todos os tempos se tivesse observado a economia de ordem e proporção, não veriamos a desmarcada excrescencia da riqueza do meu Censor opprimir a real

industria da gente humilde, e limitar pelas suas mesquinhas idéas a justiça, a beneficencia, ou (como for do seu agrado chamar) a *caridade da Coroa*.

Póde o meu Censor pensar quanto quizer baixamente dos meus meritos: tem a liberdade de fazello. Mas sempre haverá alguma differença de opinião no valor dos Serviços politicos. Em mim há hum merecimento, que ninguem entre os vivos porá jámais em questão. Tenho sustentado com grande zelo, e com algum gráo de successo, os principios, que sustentão a pezada massa de nobreza, opulencia, e titulos de quem me accusa, prevenindo, que não cahissem ao nível da que a meretricia facção franceza (em que elle achou tanta graça), não omittio esforço de reduzir. Tenho extendido todos os meus nervos, para que esse Senhor, com os da sua Ordem, se mantenha na situação, em que sómente me he superior, sustentando eu o que se póde chamar *preventiva policia da moralidade*, com todas as maximas rigidas e censorias dos antigos moralistas, bem recebidas com veneração pelo velho, e severo Catão, e em que forão doutrinados os Scipiões, e a Nobreza Romana na flor da sua vida. Mas es-

ses mestres, e discipulos, acabarão com a revolução: só resta a vil, e illiberal Academia Franceza dos *Sansculotes* (*sem calções*) onde hum cavalheiro nada tem que aprender.

O horrido estado dos tempos, e não a minha justificação, he o objecto deste escrito: de mim fallo por incidente. O meu Censor invoca a attenção da Camara dos Pares, para accusar a Mercê da minha Pensão, que considera passar todos os limites. Parece que quando meditava esta sua bem considerada censura, estava dormindo. Homero cabecêa, e o meu Censor sonha, e sonhos doirados, considerando tambem as Mercês da Coroa ao fundador da sua familia. Na verdade estas forão tão enormes, que não só ultrajão a verdadeira economia publica, mas até lhe tirão a credibilidade. Elle he o *Leviatham* entre todas as creaturas da Corôa. Tudo quanto tem he da Corôa. Era porventura o mais proprio para contestar-me a liberalidade do favor Real?

Seria grosseira adulação, e a mais incivil ironia, o dizer, que elle tem alguns proprios serviços publicos, pelos quaes alcançasse as suas vastas pensões territoriaes. Os meus meritos, quaes quer que sejão, são originaes, e pessoaes. Foi

hum seu antepassado o primitivo Pensionario, que estabeleceu esse fundo inexaurivel de merito, que ora o faz tão delicado, e cheio de contradictas, sobre o merito das Doações da Corôa. Se me deixasse ficar quieto, eu diria: *que nos importa a historia? foi a fortuna do homem.*

Mas o meu *Censor*, atacando-me, força-me com repugnancia a comparar o meu pequeno merito com o que lhe alcançou da Corôa esses prodigios de profusa Mercê, com que agora supplanta os individuos humildes, e laboriosos. Os Chronistas dos Brazões não procurão maior merecimento, que o constante do preambulo das Patentes, ou da inscripção das sepulturas. Elles julgão da capacidade do homem para Officios publicos, pelos empregos que occupou: mais officios, mais habilidades. Mas esta não he a regra dos que escrevem para a posteridade; nem esses são os documentos da historia politica das Nações, e dos meritos transcendentos dos que tem firmado os Imperios, e contribuido á estabilidade da Sociedade Civil.

O merito do primordial Donatario da Corôa, donde o meu *Censor* deriva tanta força e opulencia, foi o ser prompto, e ambicioso ins-

trumento do Tyranno Henrique VIII., que opprimio todas as classes do povo. O meu merito consiste em ter resgatado da oppressão a todo o homem, e toda a classe de pessoas; e particularmente em defender a Alta Nobreza, que, no tempo dos Principes e demagogos confiscadores, são os mais expostos á animosidade, avareza, e inveja. Sustentei com incessante vigilancia todos os justos direitos, e privilegios de todas as Ordens do Estado, em a Séde do Imperio Britannico, em toda a Nação, em toda a terra, para defeza da Religião, e Ordem Civil. A minha arte tem sido, sob os auspicios de hum Soberano benevolo, promover o Commercio, as Manufacturas, e a Agricultura do Reino, em que elle mesmo dá o mais eminente exemplo, mostrando-se Patriota ainda nos seus divertimentos, sendo nas horas do descanso o Lavrador de suas terras.

O merecimento do Fundador da casa do meu Censor foi o de hum cavalheiro, que se elevou por ardís á protecção do Ministro *Volsey*, e á eminencia de hum grande, e Poderoso Senhor, e cuja habilidade só consistio em instigar o tyranno para injustiça, e irritar o povo para a rebellião. O meu merecimento foi

excitar a parte mais sabia do paiz para se guardar contra qualquer poderoso Senhor, contra qualquer numero de poderosos Senhores, e contra qualquer colloio de grandes demagogos de toda a sorte, se acaso tentassem caminhar na mesma carreira, que os Francezes para perverterem a boa ordem, assulando o baixo povo para a insurreição, e tyrannia.

O merecimento politico do primeiro Pensionario da familia de Sua Senhoria foi, que, sendo Conselheiro d' Estado, deo conselho, e concorreo á execução, de huma paz deshónroza de Inglaterra com França, entregando-lhe a fortaleza de Bolonha, que era o antemural do Continente, e, por esta entrega, tambem depois se rendeo *Calais*, a chave da França, e o freio da boca desta potencia. O meu merecimento tem sido o resistir ao poder, e orgulho da França, e empregar todos os meios de excitar o espirito do Parlamento, e do Povo, para continuarem com vigor, e resolução, na mais justa e necessaria guerra, que jámais houve no mundo; a fim de salvar o meu paiz do ferreo jugo dos Francezes, e ainda do mais terrivel contagio dos seus principios, e preservar pura, e immaculada a antiga virtude, piedade.

e o bom natural do Povo Inglez, da mortifera pestilencia, que, principiando na França, ameaça devastar o mundo moral, e até em alto gráo, o mundo physico. Procurei merecer em tudo isto a inteira approvação da consciencia, e em consequencia recebi livres, publicos, e solemnes graças da Nação. Este merecimento, puro e novo, sahio acrisolado e limpo da Casa da moeda da honra.

He proprio de huma tal nobreza sem mancha ser o propagador de hum fundo de honra, ou a raiz della. Assim glorio-me de poder tambem ser o fundador de huma familia; pois deixo hum filho que se distingue em todas as partes, em que póde ser visto o merecimento pessoal, tendo todas as prendas liberaes de genio, estudo, sciencia, erudição, gosto, honra, humanidade, generosidade; e confio que elle não se mostrará no serviço publico inferior em cousa alguma ao meu Censor, ou á algum de sua lineal prosapia.

Prostrado como estou á terra, cordialmente me resigno e reconheço a Divina Justiça. Mas, quando me humilho diante de Deos, não vejo que seja prohibido repellir os ataques de hum homem inconsiderado, e injusto. Passa em pro-

verbio a *paciencia de Job*. Depois de convulsivos estrebuxos da indignação de nossa irritavel natureza, elle submetteo-se á Providencia, e se arrependeo, fazendo penitencia no pó, e cinza. Mas nem por isso deixou de reprehender com aspereza de palavras, ainda os amigos que o forão insultar.

He phenomeno singular ver a hum dos maiores donatarios da Corôa comparando odiosamente a Mercê da mesma Corôa com o merito do defensor da sua Ordem. Quando as pessoas da maior nobreza perdem o decoro, perdem tudo.

Sem se fazer muita especulação sobre governos, e seguindo-se unicamente o seguro instincto de sentimentos ingenuos, e os dictames de hum entendimento candido, e não offuscado por sophismas, reconhece-se, que nenhum grande Estado póde subsistir por muito tempo sem hum Corpo de Nobreza, de qualquer sorte que seja, condecorado com honra, e fortificado por privilegios. Esta Nobreza fórma a cadeia que liga as idades da Nação: do contrario, huma geração não teria vinculo com a outra. Nenhuma fabrica politica póde ser bem construida sem huma tal ordem de cousas, que pela

serie dos tempos dê racionavel esperanza de segurar a unidade, coherencia, e firmeza do Estado. Nada póde tanto como o Corpo da Nobreza para proteger o Estado contra a leveza dos Cortezãos, e ainda mais contra a maior leveza do vulgo. Elle não existe para mal das outras ordens, mas sim por ellas, e para ellas.

Pertender conservar huma Monarchia hereditaria, sem tambem manter alguma cousa de reverencia hereditaria ao Estado, foi conceito absurdo de espiritos baixos, que aspirarão a ser grandes velhacos, forjando em 1789 a moeda falsa da Constituição Franceza. He fatal objecção á todas as novas phantasticas republicas, que o *prejuizo da Nobreza* não he cousa que se póssa forjar. Ella póde ser melhorada, corrigida, e completa. Póde-se do Corpo da Nobreza tirar membros indignos, e aggregar-lhe estranhos, que mereção ahí entrar; mas não se poderá abolir. A cousa em si he materia de opinião inveterada, e não póde ser artefacto de instituição positiva. Nenhuma pessoa de virtude póde olhar sem horror e desprezo o impio parricidio commettido sobre todos os seus avoengos, e o desesperado assalto para assassinar a toda a sua posteridade, como praticarão na França,

os Orleans, Rochefocauts, Perigords, e outros Fidalgos da primeira nobreza, que desertarão os da sua Ordem, como endemoninhados, possessos de espirito de orgulho decahido, e de perversa ambição, os quaes trahirão as suas familias, e as mais sagradas confidencias das pessoas de proprio sangue, causando á si mesmos, á innumeravel gente, e á sua Nação, as mais lastimosas desgraças. Pertendem tão detestaveis caracteres, que lamentemos depois os seus infortunios? Não temos constituição para compadecer-mo-nos ao mesmo tempo do oppressor, e do opprimido.

O nosso paiz, e a nossa raça; em quanto a compacta estructura da nossa Igreja e Estado, o Sanctuario da antiga Lei, defendida pela reverencia, e segura pelo poder, sendo igualmente huma fortaleza e hum templo (\*), se mostrar inviolada no baluarte da Sião Britanica; em quanto a Monarchia Inglesa, limitada pelas ordens do Estado, exaltando-se em magestosa proporção, for defendida com o dobrado cincto das suas torres; nada terão a te-

## I

---

(\*) *Templum in modum arcis*: assim se explica Tacito, fallando do templo de Jerusalem.

mer de todas as fouces dos nivelladores da França. Mas se a invasão do tumulto Gallico, com os seus *sophisticos direitos do homem*, e com as suas espadas para fazerem contrapeso á balança, for introduzida na Cidade pelo povo illudido, e instigado por grandes homens orgulhosos, elles mesmos cegos, e embriagados por ambição phantastica, todos nós pereceremos, e seremos abysmados em ruina commum. Quando hum grande temporal cahe sobre as Costas, elle arrojá á praia não menos as balneas que os mariscos. Então os que cavillão sobre a minha pensão, não sobreviverão tambem á este pobre pensionario da Corôa, a quem desprezão.

Se o meu nobre detractor pertende fazer proselytos, olhe bem para o carácter da Seita, cuja doutrina he convidado a abraçar. Ingratidão aos bemfeitores he a primeira das virtudes revolucionarias. Ella he o compendio de suas quatro virtudes cardeaes, amalgamadas e concentradas em huma só. Os Sectarios, vendo-lhe a ingratição á Corôa, que creou a sua familia, allegarão tambem igualdade de direito e dever, para lhe pagarem na mesma especie, e depois rir-se-hão de seus sellos e perga-

minhos. Além de que *todo o dever do homem* em tal Seita consiste em *destruição*.

Na Revolução Franceza tudo he novo; e, por falta de preparação dos meios proprios para sahir-se de encontro á tão imprevisto mal, tudo nella he perigoso. Em nenhum tempo jámais se vio huma multidão de homens literarios, transformados em companhia de ladrões e assassinos, tomarem o porte e tom de *Academia de philosophos*, (\*) sendo formidaveis como inimigos, e medonhos como amigos. Antes parecião mansos, e ainda carinhosos: e nada tinham mais na boca que *a doce humanidade*. Elles não podião supportar o castigo das mais brandas leis contra os maiores malvados. A mais leve severidade da

---

(\*) Deve-se notar, que esta censura de Mr. Burke só justamente pôde recahir sobre os philosophos superficiaes: he impossivel que os profundos philosophos não sejam homens de letras da mais solida piedade e humanidade. *Bacon* bem disse, que *pouca philosophia* fazia os homens athãos, porém que *muita philosophia* os fazia religiosos. *Newton*, o maior philosopho do mundo, e que melhor conheceo as leis do Creador, nunca ouviu pronunciar o Sacro-Santo Nome de Deos, sem que fizesse com a cabeça o signal da mais reverente submissão. Que bens não tem feito á Humanidade aquelle e outros semelhantes philosophos? A verdadeira philosophia, que em Inglaterra progressivamente se adianta, servio ahí de muralha da China contra a invasão dos Tartaros Gallicos.

Justiça fazia arripiar-lhes as carnes. A menor icéa de existir guerra no mundo, turbava o seu repouso. Para elles, gloria militar não era, indistinctamente, mais que esplendida infamia. Ouvindo fallar sobre a necessidade da defeza natural para resistir-se ao aggressor, logo a reduzirão á taes limites, que não deixarão aos accommettidos defeza alguma. Com tudo vimos o que aconteceu, e quantas pessoas soffrerão pela cannibal philosophia da França, sua sciencia experimental, e extensa analyse em todos os ramos civís e politicos.

Sem ter consideraveis pertenções de litteratura, todavia aspirei ao amor das letras. Os homens de conhecimentos e talentos são os principaes dons da Providencia ao mundo. Mas, logo que lanção fóra de si o medo de Deos, e dos homens, mais horrivel calamidade não póde vir á Terra, quando podem obrar em corpo. Não ha coração mais duro do que o de hum Methaphysico athêo: elle aproxima-se á malignidade dos mãos espiritos, e se assemelha ao principio do mal, sem mistura de algum bem. Não he facil arrancar do peito humano o que *Shakespeare* chama *compunções visitadoras da natureza*: estas batem algumas vezes aos

corações dos malvados, e protestão contra as suas especulações mortíferas. Mas os sabios da Nação Franceza tem os meios de se comporem com a propria natureza, nem vem o seu projectado bem senão pelo caminho do mal. A sua imaginação não se fatiga com a idéa dos soffrimentos humanos, ainda por seculos de miseria e desolação. A sua humanidade está no seu horizonte; e, á semelhança do horizonte, ella sempre foge diante delles.

Os seus geometras e chimicos são ainda peiores que indifferentes a respeito dos sentimentos e habitos que sustentão o mundo moral. Os seus philosophos, infatuados com ambição, e não receando perigos, só considerão os homens como os animaes que se mettem no recipiente da machina pneumatica, donde se faz sahir o ar mephytico. As terras dos grandes proprietarios são irresistiveis convites para huma *experiencia agraria*: a sua posse immemorial lhes parece insulto contra os direitos do homem. Atégora consideravão as grandes herdades territoriaes de Inglaterra como totalmente improductivas, e para nada servindo senão para engordar touros, e produzir grãos para cerveja, e ainda mais para estupificar o *bronco entendimento Inglex*.

Agora já a demarcação para os seus benefícios revolucionarios.

O Abbade *Sieyes* tem na sua Carteirainhos, como de pombos, cheios de Constituições para todos os paizes, já promptas, selladas, sortidas, numeradas, e accommodadas á toda estação e phantasia. Humas são distinctas pela sua simplicidade, e outras pela sua complicação; varias, são de côr de sangue, e algumas de côr de *lama de Pariz*; humas tem Conselhos de velhos, e Conselhos de moços, e certas não tem Conselho algum; algumas, em que os Eleitores escolhem os representantes, e outras, em que os representantes escolhem os Eleitores; humas, em que os Legisladores tem habitos talleares, e outras, vestidos curtos. &c. &c. Assim nenhum especulador em Constituições deixará de achar naquella officina huma que lhe accomode, com tanto que ame o padrão de todas ellas, adoptando rapina, oppressão, prisão arbitraria, juizo revolucionario, confisco, desterro, premeditado assassinato, feito com fórmãs de lei. Elles tem achado a arte de extrahir nitro, para fazer polvora, até das *ruinas* que fizerão das propriedades, (\*) e

(\*) No relatório feito no 1.º de Fevereiro de 1794

Cidades, a fim de fazerem outras *ruínas*, e assim ao infinito.

O meu detractor accusa-me de ser o author da guerra. Se eu tivesse hum espirito orgulhoso, para arrogar-me esta alta distincção, (como por justiça o não posso), elle arrancaria da minha mão a sua parte que nisso teve, e a agarraria com a força da convulsão do moribundo, até dar o ultimo suspiro. Seria em mim a mais arrogante presumpção attribuir-me a gloria do que pertence á Sua Magestade, e á seus Ministros, á seu Parlamento, e á grande maioridade de seu fiel Povo. Se eu fosse o unico em tal conselho, e todos me seguissem com fé implicita, então se poderia dizer que eu tinha sido o unico author da guerra; porém nesse caso a guerra seria segundo as minhas idéas, e os meus

---

perante a chamada Convenção Nacional lê-se o seguinte: „ até o presente as cousas não tem sido exploradas devidamente, e de maneira revolucionaria. Os Castellos e Fortalezas feudaes, demolidos pelas vossas ordens, attrahirão a attenção dos vossos delegados. A natureza ahi tem secretamente reivindicado os seus direitos, produzindo salitre, como de proposito, para facilitar a execução do vosso decreto, *preparando os meios de destruição*. Destas ruínas temos extrahido os meios de produzir o bem, para esmagar traidores, e abysmar descontentes. As Cidades rebeldes tem dado larga quantidade de salitre. etc. „

principios. O meu crime consiste unicamente em desejar a guerra contra regicidas: mas nunca serei accusado, nem ainda o mais levemente, de ser o author da paz regicida.

F I M.

## E R R A T A S.

| <i>Paginas.</i> | <i>Linhas.</i> | <i>Erros.</i>              | <i>Emendas.</i>       |
|-----------------|----------------|----------------------------|-----------------------|
| 6               | 18             | em nenhuma<br>parte alguma | em parte alguã<br>ma  |
| 8               | 7              | desembaraças-<br>semos     | desembarcas-<br>semos |
| 24              | 1              | parecido                   | apparecido            |
| 25              | 19             | amedontrado                | amedrontado           |
| 33              | 16             | Luiz XVI                   | Luiz XIV              |
| 53              | 23             | prognostivão               | prognosticavão        |
| 54              | 9              | Lord maior                 | Lord Mayor            |
| 59              | 14             | realiada                   | retaliada             |
| 63              | 13             | Elles                      | Ellas                 |
| 66              | 15             | os                         | o                     |
| —               | 16             | os forçárão                | o forçárão            |
| —               | 17             | elle                       | elles                 |
| —               | 18             | elle                       | elles                 |
| 85              | 18             | impulso                    | impulso               |
| 88              | 17             | conbinão                   | combinão              |
| 94              | 16             | conquistado                | conquistando          |
| 109             | 24             | Priestly                   | Priestley             |
| 111             | 3              | inertos                    | inertes               |
| 117             | 25             | commescio                  | commercio             |
| 125             | 9              | Pencionario                | Pensionario           |

INDEX

|                |     |
|----------------|-----|
| Introduction   | 1   |
| Chapter I      | 10  |
| Chapter II     | 20  |
| Chapter III    | 30  |
| Chapter IV     | 40  |
| Chapter V      | 50  |
| Chapter VI     | 60  |
| Chapter VII    | 70  |
| Chapter VIII   | 80  |
| Chapter IX     | 90  |
| Chapter X      | 100 |
| Chapter XI     | 110 |
| Chapter XII    | 120 |
| Chapter XIII   | 130 |
| Chapter XIV    | 140 |
| Chapter XV     | 150 |
| Chapter XVI    | 160 |
| Chapter XVII   | 170 |
| Chapter XVIII  | 180 |
| Chapter XIX    | 190 |
| Chapter XX     | 200 |
| Chapter XXI    | 210 |
| Chapter XXII   | 220 |
| Chapter XXIII  | 230 |
| Chapter XXIV   | 240 |
| Chapter XXV    | 250 |
| Chapter XXVI   | 260 |
| Chapter XXVII  | 270 |
| Chapter XXVIII | 280 |
| Chapter XXIX   | 290 |
| Chapter XXX    | 300 |

—•••••—

## APPENDICE.

*Spain rendered subject to them, and hostile to us:  
Portugal bent under the yoke.*

Burke Letter. I. on a regicide peace.

**D**Epois de tantas razões de Mr. Burke, ainda que só apresentei em miniatura, accrescentar qualquer cousa, he como lançar huma gota no Oceano. Homero affirma de Ulysses, que, depois de fallar este Genio no Congresso dos Príncipes da Grecia, quando fizerão a Grande Alliança contra o Inimigo Commum, nenhum mortal se atrevia a contradizello; e que, se na Confederação houvessem dez Conselheiros semelhantes, teria, logo desde o principio da guerra, cahido a Torre de Troia, baluarte do Despotismo Oriental. Isto se pôde applicar áquelle Grande Homem d'Estado.

Para se fazer recto juizo de qualquer composição, deo-nos hum excellente criterio o Escriptor dos *caracteres* (\*) que se distinguio entre os Sabios da antiga e orthodoxa Literatura Franceza. „ *Quando alguma*

---

(\*) Quand une lecture vous élève l'esprit, e qu'elle vous inspire des sentiments nobles e courageux, ne cherchez pas une autre règle pour juger de l'Ouvrage; il est bon, e fait de main d'Ouvrier. = *La Bruyere.*

*lição eleva o animo , e inspira sentimentos nobres , e valentes , não se busque outra regra para julgar da obra ; ella he boa , e feita por mão de Mestre. ,,*

Penso ser impossivel que Leitor sincero não se encha de altos pensamentos , tendo lido os antecedentes Extractos. O Publico já está de posse da traducção de *historia secreta do actual Governo Francez*, em que o seu Author *Goldsmith*, que esteve annos em Paris, certifica, que as obras do orador Inglez circulavão clandestinamente na França, e erão lidas com anciancia por todos os que ahi não tem ainda perdido o senso moral, e que suspirão pelo restabelecimento da sua legitima Monarchia, e boa ordem da Europa. Isto só he sobejo elogio de *Burke*, e até constitue indecente qualquer tentativa de fraca penna na defensão de seus princípios, e ainda mais da grandeza de seu merito, depois da esplendida, e não supplicada, recompensa do proprio Soberano, á elle, e á sua familia; o que augmenta os titulos de veneração á tão Grande Monarcha, verificando-se nelle o nobre Principio Politico do nosso Author das Descoberta d'África, Asia, e America, *João de Barros*, na Apologia que tambem de si deo = *Os Principes que fazem honra aos homens, em que Deos pôz alguma particular e extremada graça, honrão a Deos na honra que lhe fazem, por ser obra sua; e quando honrão a aquelles que elles fixerão, ficão idolatras de seus proprios feitos.* =

Mas, como Burke expressamente lamentou, que tambem Hespanha se submettesse aos Regicidas, e se fizesse inimiga da Gram-Bretanha, e que *Portugal se dobrasse ao jugo* (\*), os seus discursos são até por isso dignos de especial attenção, pelo interesse que tão grande Politico, e ( seja licito dizer ) natural Propheta da sua Nação (\*) tomou pela sorte da Peninsula, e da nossa Monarchia. Tanto mais que a Scena está hoje mudada; visto que Hespanha he já amiga da Gram-Bretanha, Portugal sacodio o jugo, e a tripla Alliança provavelmente dará melhor face á Europa.

Ainda que as suas doutrinas contra os principios da Revolução da França exuberantemente se justificquem pela experiencia de tantos notorios horrores, comtudo, como os seus conselhos sobre a necessidade da guerra para abater o Monstro revolucionario, tem encontrado acerrimos Contradictores, não só no Partido da opposição do seu Paiz, mas tambem nos amantes da paz de todas Nações, e por isso não falta quem lhe impute as actuaes desgraças da Europa, pelo impulso que deo ao Governo Inglez para entrar, e persistir na guerra contra a Facção Usurpa-

(\*) Allude á primeira Negociação de Paz, a qual não teve effeito.

(\*) Cicero bem diz, que ha nos homens Sabios vaticinio, e quasi certo agoiro do futuro, pela ordem natural das cousas.

Lib. de divinatione.

dora; espero que não pareça importuno offerecer algumas observações, para dissipar as idéas sinistras que dahi tem resultado, e assás influido em deliberações do maior momento.

He espectaculo majestoso ver-se a hum homem como Burke oppôr o seu juizo ao de milhões, e em poucos annos realisarem-se os seus prognosticos, que aliás, no tempo em que os proferio e sustentou, parecerão, em quasi geral opinião, delirios, ou paradoxos de entusiasta, que pertendia celebrar-se por odiosa singularidade. Os que o diffamarão (por não terem tão profundo conhecimento da natureza humana, da ordem social, e do character da Nação Franceza) hoje mostrão sentimentos de admiração por hum Genio tão comprehensivo, e védor do futuro.

Os que ainda conservão restos de idéas cerebri-  
nas, contestão as doutrinas de Burke, dizendo: 1.<sup>o</sup> que he contra o Direito das Gentes intrometter-se qualquer Governo na refôrma e mudança da Constituição dos outros Estados: 2.<sup>o</sup> que se as Potencias da Europa não se tivessem confederado contra a guerreira Nação Franceza para impedir a sua nova Organização Politica, e se Inglaterra não fosse depois a alma da Confederação, em breve a Revolução Franceza se destruiria pelos proprios furores dos partidos contrarios; e por tanto logo se restabeleceria o seu antigo legitimo governo, e não se teria levantado hum povo de soldados, pela necessidade de resistencia á

tantos inimigos, enthronisando-se, como natural consequencia, o systema Militar, que concentrou na França hum Poder irresistivel, o qual aspira á Monarchia do Universo: 3.º que o Governo Inglez, ainda que ora mui poderoso por mar, não pôde defender por terra a seus Alliados, pela immensa desproporção das forças do Inimigo, que dispõe dos recursos e braços de tantos Estados subjugados, e que até ameaça invasão na Gram-Bretanha, pela possibilidade de erigir tambem Forças Navaes, que destruíão a sua Preponderancia Maritima, estando a França ora Senhora de quasi todos os portos do Continente Europeo.

*Injustiça na Confederação, e impotencia de resistir á França*, são as insidiosas suggestões, com que os Coryphêos das desordens propagam por toda a parte a propria malignidade; afim de indispõem o vulgo, e ainda os bons, mas fracos, espiritos, contra todos que aconselhão opposição á seus projectos, para o effeito de melhor segurarem a preza.

Já a Nação Franceza lançou anathema sobre si mesma, e sobre os seus presumidos sabedores, que illudirão o mundo. Ella, depois de ser a victima dos proprios erros, reconheceo a estulticia dos vagos principios da *liberdade e igualdade*, e não menos a impossibilidade de se governar tão vasto paiz como a França sob a forma republicana. Antecedentemente só tomarão a lição do seu louco *Russeau*, e não do seu maior, e moderado Politico, o celebre Author do

*espírito das Leis*, que bem havia descripto a excellencia da *Constituição Monarchica* (\*) mostrando ser a mais conveniente aos grandes Estados. Isto basta para confundir e desabuzar aos Sectarios da moderna e degenerada escola de Literatura e Politica Franceza.

Por tanto justo foi o receio que os Soberanos circumvizinhos tiverão de verem abraçar, igualmente como a França, os seus paizes com o incendio de huma Revolução, que nunca houve no mundo, apoiada em principios tão falsos e seductores, e em hum tão vasto e antigo Estado. Consequentemente, por defeza natural, procurarão confederar-se, para destruir a Facção dominante. Melhora de estado do povo francez servio de pretexto para a sua desorganisação; mas o fabricante de Constituições, o Ecclesiastico Seyés, descobriu a *incognita* do calculo, = foi (disse) a *Ante-cámara que tentou entrar no Salão*.

A Revolução Franceza foi hum phenomeno *sui generis*, e sem exemplo na historia. Ella fez a mais assombrosa metamorphose de idéas, honras, e propriedades, e até mudou a face physica do paiz. Ella só teve o effeito de pôr acima o que estava abaixo, e em baixo o que estava acima, abatendo artes, sciencias, commercio, navegação, e reduzindo

---

(\*) He o justo meio entre as desordens do Governo democratico e as violencias do Governo despotico. Montesquieu deo sobre isso os privativos caracteres. V. Liv. 5. Cap. 10. e seg.

o Corpo principal do povo a ser ainda *menos que nada*, (\*) ficando a sua condição, e vida inteiramente á disposição dos Usurpadores; chegando até ao miseravel extremo de serem milhões de individuos *soldados natos*, pela chamada *Lei da Conscriptão*, sendo já fixa a sua sorte, ainda antes de virem á luz do dia, sem poderem ter escolha de profissão, inutilisando-se infinitos naturaes talentos, e dotes do Creador; o que deve influir em immensa diminuição de bens da Sociedade. Que vestigio ou sombra alli ficou de liberdade, e igualdade?

---

Jam proximus ardet  
Ucalegon.

Quando em casa vizinha péga fogo, o senso commum dicta a todos que morão proximos, acudir

---

(\*) Os Francezes, grandes presumidos em Mathematicas, tambem reduzirão a sua gente á formula algebrica. Já antes da Revolução appellidavão a muitos de si mesmos = *huns valem nada* = (*c'est un vaut rien*). Os seus partidistas fazem a ridicula *equação* de todos os Estados da Revolução, e modos de Governo, pela sua nova methaphysica de Optimismo politico, igualmente louvando a Anarchia, e Tyrannia, em todas as suas farças. A Revolução se assemelha á Circe da fabula, que convertia em brutos a quantos tocava. Maior estupidez e brutalidade não se pôde considerar, que a incoherencia no pensar, e obrar de taes desalmados: para elles, a ultima extravagancia, por mais excravel que seja, he sempre a melhor descoberta.

ao lugar das chamas, e atalhar que lavre ao longe o incendio, e até demolir o edificio, onde a labareda já he inextinguivel. Esta universal pratica de senso commum, e até de procedimento espontaneo, e irreflexo, nunca se qualificou de injustiça, e má vizinhança, antes se mostra ser de necessidade absoluta. A inflammação moral, e contagiosa dos dogmas anarchicos he de intensidade e violencia ainda mais perigosa, pelos furores do vulgo ignorante, quando se sóta dos saudaveis ligamentos do governo civil. Que pessoa de razão não extremece só com a lembrança do que aconteceu na França logo no começo das perturbações, ainda antes que se confederassem contra os revolucionarios os Governos da Europa? Que pavor não causa em todos os animos dos que desejão a tranquillidade de seu paiz, ver os máos exemplos da Revolução Franceza, desenvolvendo, como diz Burke, a *infernal energia de seus principios* em tantas partes do mundo, despertadas as ambições de milhares de individuos escuros, que antes erão contidos na propria esphera, pelo systema da civilização, que tantos seculos tem custado a formar, e que assigna, pelas innumeraveis divisões de trabalho, á cada membro da sociedade o seu posto, donde não he licito subtrahir-se, e subir de salto aos grãos superiores, sem quebrar a cadeia da continuidade civil, e dourada escala da subordinação?

Ha enorme disparidade ( e não admite a mais

leve comparação) entre o caso da reforma económica, e ainda da mudança da constituição e Leis Fundamentaes de huma Nação; e o caso da ruina das *Leis Fundamentaes da Sociedade*, á que infallivelmente tendia a Revolução da França. Ella, segundo se explica Burke, começou hum *estado de decomposição da natureza humana*. Os seus effeitos forão logo immediatos e horriveis; e até parecem ter deshumanado a Humanidade, reduzindo a Nação Franceza, em grande parte, á huma congregação de tigres. As suas cruezas e impiedades, tão funestamente verdadeiras, até serão descritas nos vindouros, pela inverosimilhança. Quem pôde segurar que, se a guerra não dêsse diversão aos espiritos refractarios, e aspirantes á mudanças nos Estados, não se vissem em todos as indenticas monstruosidades? As mudanças politicas em pequenos Estados podem ser sem consequencia aos vizinhos, mas não nos grandes e guerreiros. Tempestades no Oceano são de mais terri-  
veis effeitos, que n' hum humilde lago.

Os Architectos da Revolução não calcularão as resistencias de tantos interesses oppostos, que, ainda em tempos socegados, continuamente estão em conflicto, e visivel collisão, mas que se equilibrão por mutuo contrapezo. Elles fatuamente pertenderão, que as diversas classes de proprietarios, nobres, e mais ordens do Estado, resignassem, de bom grado, as suas prerogativas em favor de ambiciosos, e atrabila-

rios, e que os Soberanos lhes pozessem aos pez os seus Thronos e Diademas. Tão chimericas erão as phantasias dos Francezes, que até pertenderão revolucionar as Leis da Natureza, a qual só produz os bens da vida por operações graduaes.

Quando gratuitamente se concedesse ter havido erro politico na confederação contra os Revolucionarios, he impossivel não reconhecer-se a necessidade da guerra, e de Cordial Alliança entre todas as Nações contra a Nação Franceza, depois que ella concentrou a unidade da Monarchia nas mãos de hum Despota Militar, que apregoou sem disfarce o seu (ainda que vão) projecto de Imperio da Terra. A concentração deste poder, prevista por Burke, como infallivel resultado de desordens civis, (que só Politicos superficiaes não virão) fôrça a todos os Estados a entrarem com valor e perseverança neste combate de morte; pois o objecto he a *escravidão da Sociedade*. (\*)

A independencia da Grecia se destruiu, e até a sua civilisação retrocedeo, pela desunião dos Estados

---

(\*) Já elle está preparando a opinião publica pela diabolica doutrina do seu mais acreditado Escripitor de Economia politica Mr. Say, o qual, sem vergonha, nem reverencia á Humanidade, esforça-se (ainda que ridiculamente) em provar contra *Turgot, Stewart, e Smith*, que *o trabalho do escravo he mais productivo que o do homem livre*. Se isso for convencido no juizo dos violentos, será simples o expediente para haver maior riqueza na sociedade, isto he, fazer de toda a terra huma *universal cafraria*.

dessa Península, e pelo *systema de não-resistencia* ás machinações de Philippe Rei de Macedonia, que marchava á passos de Gigante, affectando espirito pacifico, e protector. Então debalde clamou o Principe dos Oradores de Athenas, para a geral confederação, e vigorosa resistencia de seu paiz contra o inimigo artificioso. A improvidencia de huns, e a inercia de outros, inutilisarão seus esforços. A semelhança dos seus Discursos com os de Burke se patentêa principalmente nas seguintes passagens da 3.<sup>a</sup> Philippica.

„ Se tendo vós, Athenienses, feito em tempo o que era devido para se desconcertarem os planos do inimigo, todavia as cousas chegassem á presente extremidade, razão havia para desesperar. Mas como ainda não empregastes os meios proprios a debellallo, muito ha que esperar para a salvação do Paiz. Sendo reconhecido, que Philippe está em guerra com o Estado, o unico objecto de deliberação deve ser, o como se possa resistir-lhe com segurança. Porém, ha pessoas tão extranhamente infatuadas, que, posto elle já tenha invadido parte dos nossos dominios, e esteja extendendo conquistas, e toda a Grecia soffra pela sua insolencia, com tudo ainda ha quem repita que se pertende inimizar-nos com tal Monarcha. Concedo que, se estivesse em nosso poder o partido da paz, este de certo se deveria unicamente abraçar. Porém havendo quem tire a espada, e ajunte exercitos á roda de nós, vindo illu-

dir-nos com o nome de paz, quando, de facto, nos faz a guerra, que resta senão oppôrmo-nos com tudo que está em nosso poder? Se ha quem affirme estar o vizinho em paz, quando se vê que se prepara para, com maior certeza e efficacia, dirigir contra nós as suas forças, sustento que tal homem tem perdido a razão. Ceos! Ha pessoas de espirito recto, que julgue da paz ou da guerra por palavras, e não por acções? A fortuna tem grande influencia nas cousas humanas: mas quem não faz os possiveis esforços para defender a propria causa, e manter a sua existencia, não deve confiar nos esforços de seus amigos, nem ainda esperar o auxilio do Omnipotente. ,,

O Demosthenes Britannico foi mais feliz que o Demosthenes Atheniense; pois teve a boa dita de convencer ao Governo de seu paiz, para que fizesse todos os esforços de se mostrar o Anjo Tutelar da Civilisação, entrando e perseverando na guerra contra a França. Depois de hesitações, e alternativas, o systema de guerra está definitivamente acordado, até que a França se reduza á estado compativel com o justo equilibrio de poder que antes subsistia, que he o voto de todos os verdadeiros amantes da paz, e ordem. He estranho, que não fosse attendido em todas as Nações, quando aliás os seus discursos erão conformes ás doutrinas dos melhores Escriutores de Direito das Gentes. Estes são unanimes em reconhecer a necessidade de Geral Confederação dos Povos con-

tra a Potencia . que alça a cabeça , manifestando pertençações desmedidas , até para se prevenirem os seus attentados , quanto mais depois de commettidos . Assim se explica o mais acreditado Mestre daquella sciencia , o insigne Vattel , no Liv. 3. Cap. 3.

„ As armas são justas e sanctas para aquelles a quem não se deixa outra esperança senão nas armas . A Europa se vio á ponto de cahir em ferros , por não se ter , em opportuno tempo , opposto á fortuna do Imperador Carlos V. He por ventura racionavel soffrer o engrandecimento de hum vizinho , e esperar tranquillamente que elle se disponha a pôr-nos os grilhões ? Será então o tempo de se defender o Estado , quando já não hajão os meios ? A Prudencia he hum dever de todos os homens , e com especialidade dos Conductores das Nações , encarregados de vigiar sobre a salvação de seu Povo . „

„ He infeliz para o Genero Humano o quasi sempre suppor-se a vontade de opprimir , onde se acha o poder de opprimir impunemente . Desde que hum Estado tem dado signaes de injustiça , cubiça , orgulho , ambição , e desejo imperioso de fazer a Lei , vem a ser hum vizinho suspeito , contra o qual se deve estar em cautela , e se lhe póde logo pedir seguranças ; e recebendo elle hum crescimento formidavel de potencia , e hesitando em dar taes seguranças , deve-se prevenir os seus designios por força d'armas . Os interesses das Nações são de

differente importância a respeito do interesse dos particulares. O Soberano não pôde vigiar sobre elles froxamente, ou sacrificar as suas desconfianças por grandeza d'alma, e por generosidade. Os homens são frequentemente reduzidos a se governarem por calculo de probabilidades, e estas probabilidades merecem a sua attenção á proporção da importância do objecto; e, para me servir de huma expressão de geometria, elles são justificados a irem adiante do perigo, em *razão composta* do gráo de apparencia, e da grandeza do mal de que se está ameaçado. Tratando-se da salvação do Estado, nunca he assás extensa toda a providencia. Esperar-se-ha, para prevenir a sua ruina, que elle chegue a ser inevitavel? O contrario he pôr os Estadistas á seu commodo, e tiralhes toda a materia de temor: fazendo-se em tal caso timbre de huma exacta justiça, he correr-se á escuridão. „

„ Todas as Nações devem ser attentas á reunir suas forças para reprimir o Ambicioso; afim de o impossibilitar que opprima a seus vizinhos, ou que os faça tremer continuamente diante delle. A imprudente indifferença não he perdoavel em materia de tão grande importância. O exemplo dos Romanos he huma boa lição á todos os Soberanos. Se os Estados mais poderosos desse tempo se tivessem concertado para vigiar sobre as empresas de Roma, afim de pôr limites á seus progressos, não terião cahido

successivamente na servidão. Porém a força d'armas não he o unico meio de defeza contra huma Potencia formidavel. A mais efficaz he a confederação dos outros Soberanos menos poderosos, os quaes a contrabalancem pela reunião de suas forças. Sendo fieis, e firmes, a sua concordia fará a segurança de cada hum. ,,

„ A Europa acha-se formada em hum systema politico, e hum Corpo, em que todas as partes se ligão por commum interesse das Nações que habitão esta parte do mundo. Ella não he, como antigamente, hum aggregado confuso de Governos separados, dos quaes cada hum se considerava pouco interessado na sorte dos outros. Aquelle systema constituiu a Europa moderna huma especie de Republica de Membros independentes, mas reunidos para manterem a ordem, e liberdade civil. Elle deo nascimento á famosa idéa da *Balança Politica*, ou do *Equilibrio de Poder*, afim de que nenhuma Potencia predomine absolutamente, e dê a Lei ás outras. ,,

„ A Inglaterra, cujas riquezas, e Esquadras respeitaveis, tem grande influencia nos negocios da Europa, sem assustar a algum Estado sobre a sua liberdade (visto que esta Potencia parece curada do espirito de conquista,) a Inglaterra, digo, tem a gloria de conservar nas suas mãos aquella Balança Politica, e he attenta a guardar-lhe o Equilibrio. Tal Politica he muito sabia, e muito justa; e será para sempre

louvavel, em quanto nao se ajudar senão de allianças, e de confederações, ou de outros meios igualmente legitimos. ,,

Esta nobre doutrina, sendo muito antes sustentada, sem contradicção, na Republica das Letras, exclue arguições de singularidade de Mr. Burke, que tão egregiamente a reproduzio para fazer entrar os Governos regulares no conhecimento dos seus genuinos interesses, afim de não succumbirem á Potencia Franceza. Os Partidistas affectão rir-se do restabelecimento do sobredito Equilibrio, tão desgraçadamente quebrado pela discordia das Potencias, e victorias da França que dahi resultarão. Mas como o Governo Inglez tem contrahido á face do Mundo os empenhos mais sagrados de salvar Portugal e Hespanha, he de crer, que não se perderão os Estados que não tiverem tambem perdido a sua honra, e não estão resolvidos a desaparecerem da face da terra, perseverando no estranho systema de *não-resistencia*, que equivale á suicidio politico.

A imperial Politica aconselhada por Burke, tem mostrado, que *a França nada póde contra Inglaterra*, e tambem tem segurado ao Governo e Povo Inglez decisiva superioridade contra o Novo Estado Barbaresco, que por seus nefandos attentados se acha reduzido ao mais indigno cativo, e sob a dominação de hum Cabo de esquadra Levantado; sendo disso espectadora a mesma Nação comediante, que ha pouco,

entre as suas fúrias, até havia forçado as consciências, obrigando a prestar o absurdo juramento de odio á Realeza.

Assim verificou-se a sentença de Burke, que está na eterna Constituição das cousas, que homens de espiritos desordenados não podem ser livres. Tal gente necessariamente ha de ser suplantada pelo natural imperio, que as Nações de preeminente saber, caracter solido, e governo regular, sempre tiverão sobre os Estados envilecidos pelas miserias da anarchia, e tyrannia. A Nação Franceza quiz com seu pessimo exemplo reduzir a Europa á triste sorte da'Asia, onde hum soldado feliz pôde com facilidade machinar revoluções, destruir o governo esabelecido, e usurpar a Soberania. Assim nenhuma firmeza, e garantia pôde haver da Civilisação. Justamente pois a presente guerra he, como diz Burke, *guerra contra este exemplo.*

Grandeza e gloria foi da Monarchia Lusitana unir-se, com os mais intimos laços politicos, á Corôa e Nação Britannica, quando, por fatal illusão, os mais Estados da Europa se desligarão da geral Confederação. O nosso Soberano, prescindindo de timbres que tem perdido Nações em crises do perigo, certo na fidelidade, e energia de seu Povo, entregou com prudente confiança, as Forças de seu Reino aos Conselhos do Gabinete Inglez, identificando a sua causa á da Monarchia de Inglaterra. Por isso a nossa Nação, com geral assombro, tem já conquis-

tado o credito militar, de que os inimigos do Genero Humano com tanta vileza e perfidia tentarão espolialla.

Já a Europa tem visto em tres campanhas o que podem os Portuguezes, quando resuscitão os brios de avós, para reivindicarem a Independencia do Throno de seus Príncipes Naturaes. Felizmente reproduzio-se a brilhante scena da famosa epocha da nossa historia, tão bem pintada pelo pincel de Camões (\*), em que a Gente Lusitana mostrou que não sabe faltar á si propria, quando a Segurança e Honra Nacional o reclama. Cada genuino patriota, testemunha das indignidades francezas, ostentou a virtude do nosso antigo Capitão Nuno Alvares, na restauração do Reino contra o perfido invasor.

Em benigna estrella Sua Magestade Britannica deo o Commando do seu Exercito, que enviou á defeza de Portugal, ao insigne Lord *Wellington*, por quem hoje Portugal triumpho, Inglaterra se gloria, França se envergonha, e a Europa se esperança.

Sua Alteza Real, com profunda politica, Mandou em o seu memoravel Decreto pôr á disposição daquelle Heroe da India as Forças Nacionaes, com a illimitada confiarça com que o Senado de Roma

---

(\*) Das gentes populares huns approvão  
 A guerra com que a Patria se sustinha :  
 Outros armas alimpão e renovão  
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha.

tambem por igual decreto (\*) salvou o Estado do  
cativeiro africano, entregando ao mais acreditado Ca-

(\*) Para se formar idéa clara do merito do nosso General Inglez, as pessoas de erudição classica compa-rem as suas operações militares com as descriptas pelo Historiador Tito Livio no Liv. 22, do Cap. 11 em diante, quando caracteriza a sabedoria e virtude do Dictador Fabio Maximo, cuja memoria ficou consagrada nos Annaes Romanos. Aqui só apontarei as seguintes passagens = Decretum, ut ab Consule Fabius Dictator exercitum acciperet; scriberet præterea ex civibus sociis que quantum equitum ac peditum videretur: *cætera omnia ageret faceret que, ut e republica duceret.* Fabius edixit, quibus oppida, castella que immunita essent, ut in loca tuta commigrarent; ex agris quoque de migrarent omnes regiones ejus, qua itarus Annibal esset. *tectis prius incensis, ac frugibus corruptis, ne cujus rei hosti copia esset . . .* Itineribus summâ curâ exploratis, ad hostem ducit; nullo loco, nisi quantum necessitas egeret, fortunæ se commissurus. . . . Pænus tacita cura animum incensus, quod cum duce haudquaquam Flaminio Sempronio que simili futura sibi res esset, ac tum demum malis Romani edocti parem Annibalem ducem quæsisserent. Et prudentiam quidem, non vim dictatoris, extemplo timuit; constantiam haud dum expertus, agitare ac tentare animum, movendo crebro castra, populando que in oculis ejus agros sociorum, cœpit . . . Fabius per loca alta agmen ducebat, modico ab hoste intervallo, ut neque omitteret eum, neque congregeretur; nec universo periculo summa rerum committebatur; et parva momenta levium certaminum ex tuto cæptorum finitimo receptu, assuefaciebant territum pristinis cladibus militem, minus jam tandem aut virtutis aut fortunæ penitere stæ. Sed non Annibalem magis infestum tam sanis consiliis habebat, quam magistrum equitum, qui nihi aliud, quam quod impar imperio erat, moræ ad rempublicam præcipitandam habe-

pitão da idade as operações da guerra contra o formidável Annibal. O exito correspondeo ao destino.

bat; ferox, rapidus que in consiliis, ac lingua immodicus, primum inter paucos, dein propalam in vulgus, *pro cunctatore, segnem, pro cauto, timidum*, affigens vicina virtutibus vitia, compellabat, premendorum que superiorum arte (quæ pessima ars nimis prosperis multorum successibus crevit) se se extollebat. Annibal depopulatur agrum: irritat de industria ducem, si forte accensum tot indignitatibus, cladibusque sociorum, detraheret ad æquum certamen posset. . . . Nec is terror, cum omnia bello flagarent, fide socios dimovet, videlicet, quia justo et moderato regebantur imperio, nec abnuebant, quod *unicum vinculum fidei est, melioribus parere*. . . . Spectatum ne huc, inquit Mucius, ut rem fruendum oculis sociorum cædes, et incendia venimus? nec si nullius alterius nos, ne civium quidem horum, pudet? . . . *Fabius pariter in suos haud minus quam in hostes intentus*, prius ab illis invictum animum præstat; quaquam *probe scit non in castris modo suis, sed jam etiam Romæ, infamem suam cunctationem esse*, obstinatus tamen eodem consiliorum tenore æstatis reliquum extraxit. . . . Fabius, medius inter hostium agmen urbemque Romam jugis ducebat, nec absistens, nec congregiendi, ac prope precibus agens cum magistro equitum, ut plus consilio quam fortunæ confidat: ne nihil actum censeret extractâ prope æstate per ludificationem hostis: medicos quoque plus interdum quiete, quam movendo atque agendo, proficere: haud parvam rem esse ab toties victore hoste vinci desisse, et ab continuis cladibus respirasse. . . . Si penes se summa imperii consilii que sit, propediem effecturum, ut *sesant homines bono imperatori haud magni fortunam momenti esse: mentem rationem que dominari: se in tempore, et sine ignominia, servasse exercitum, quam multa hominum occidisse, maiorem gloriam esse*. . . . Pœnus receptui cecinit, palam ferente Annibale se á Fabio victum. . . . = Espero

Igual prudencia e constancia; igual magnanimidade em desprezar rumores; igual energia em cohibir a intemperança dos espiritos mais zelosos que discretos; igual sabedoria e actividade em atacar o inimigo em occasião opportuna, não o temendo, mas bem avaliando a sua força, nada fiando da fortuna, e tudo do conselho; ora, como Fabio, a *nuvem negra nas montanhas*, ora, como Scipião, o *raio da guerra*; (\*) tem segurado á esse Defensor do Reino mui illustre nome, e verdadeira gloria, entre os contemporaneos e vindouros. Bem se lhe pôde applicar o elogio do Poeta de Augusto.

---

Si Pergama destrã  
Defendi possent, etiam hac defensa fuissent.

O Systema defensivo, tão habilmente adoptado, occasionou a fugida do astuto Massena, que invadira o Reino capitaneando immenso exercito, que adulatoriamente o appellidava *Anjo da Victoria*. Elle, blazonnando de vir executar as ordens do Tyranno da França, de *arrojar os Inglezes ao mar*, parou na car-

---

que os Leitores discretos dem venia á citação longa, pela belleza do quadro comparativo. He obvia a razão porque a transcrevi no original.

(\*) Já o Monitor da França de 15 de Fevereiro do corrente anno diz que parece incomprehensivel a tomada da Cidade Rodrigo por assalto do Exercito Anglo-Luso.

reira, tremendo diante das inexpugnaveis *Linhas de Torres de Vedras*, só fazendo abortivás ameaças de passar ao Alemtejo. Os que se jactavão de terem na Allemanha rôto as formidaveis Linhas da Floresta Negra, e feito tantas proezas em outros lugares, defendidos por natureza e arte, alli ficarão estacionarios, e estuporados, não ousando, por mezes, fazer a menor tentativa de atacar hum só ponto das nossas Fortificações; e por fim se exterminarão além das fronteiras do Reino, mal batendo-se em retirada, com muita perda de gente, e ainda mais de credito. Tal prodigio he ora de êspanto ao mundo, que se compraz de ver humilhada a luciferina soberba do Despota do Continente.

Que tem elle feito desde que as Tropas Anglo-Lusas lhe fizerão frente na *Cabeça da Europa* (\*), arrostando impavidos a *furia franceza*, e afugentando exercitos sobre exercitos, sem que os seus presumidos *invenciveis*, dando as costas, se sostivessem em hum só posto, vangloriando-se aliás de engenheiros *non plus ultra*, e de terem mappado á palmos o inteiro terreno? Tal foi o desbarato do plano da invasão, que os desalmados, concentrando as suas tropas em Santarem, não destacarão forças algumas para assaltar as outras provincias, e se contentarão em fazer guerra de barbaros na provincia invadida

---

(\*) Expressão de Camões Lus. III. 17.

pela desgraçada explosão da praça de Almeida, assolando o paiz que pizavão; consistindo as suas façanhas em assassinar camponezes, crianças, e mulheres, violar os sepuchros, espavorir a innocentes com mil horribilidades, sobre demolir estabelecimentos, incendiar veneraveis monumentos da antiguidade, talar frutiferos campos, e devorar florentes searas.

Tão notorios factos tem revelado ao Universo o mysterio, que as victorias dos Francezes, com que tanto se assoberbão, forão só o effeito de illusões jacobinicas, tactica de traição, e machiavellismo atheistico, que, sem remorso, sacrifica milhões de vidas, para conseguir deshumanos triumphos; entretanto que as Nações atacadas só se defendem, como diz Burke, *dentro do circulo da nossa moral.* (\*)

---

(\*) Os partidistas francezes ainda em Inglaterra tem dito, que os nossos maiores auxiliares forão o levantamento de Hespanha, a esterilidade do paiz, e a fome do inimigo. Mas os *sabem-tudo*, que se gabão de sobre-excederem a Cyrus e Cesares, não ignoravão essas circumstancias; e por tanto devem confessar, que a nova invasão foi estupid-z gallica, ou extravagancia jacobinica. A verdade he que mallograrão seus projectos, porque não tiverão traidores que cooperassem para a pretendida entrada na Capital. O Governo vigoroso tinha dado o golpe á tempo, e rompeo a ponte de communicação. Então o resultado foi infallivel, e com o favor divino o será sempre. Vindo poucos inimigos, serão batidos; vindo muitos, serão esfaimados. Em toda a verosemelhança, o Reino será inconquistavel, em quanto predominar o espirito publico, e tendo cem mil soldados de tropas regulares. Nem tantos inimigos podem subsistir ahí

A opinião de *invencibilidade*, industriosamente propagada, foi huma das principaes causas, porque a antiga Roma veio a ser Senhora do Mundo. Passava então em proverbio = *arma Romana inexpugnabel*. = Os Argyraspidas de Alexandre Magno também antes jactavão-se de immortaes: estultos o crerão, e a terra callou-se. Os entusiastas, e cobardes ainda hoje concedem essa prerogativa á França, quando a contraria verdade salta aos olhos.

Onde está o valor dos Francezes, e a sua inculcada sciencia militar? Ha verdadeira coragem e pericia entrarem na Hespanha, e em Portugal myriades de salteadores sob mostrança d'amizade; apoderarem-se com a mais negra aleivosia das Praças, do Erario, e da Tropa, sem resistencia, desarmarem o povo leal, seduzirem os ambiciosos, e, á força de cabalas contra o Governo e povo Inglez, inflammarem os ciumes mercantis, arguindo-lhes designos de insaciavel ambição e interesse, com as mais atrozes calumnias, prevalecendo-se de factos anómalos de individuos, que nunca em sã politica, nem em ver-

---

por consideravel tempo. Quanto mais devastarem os lugares que poderem invadir, tanto menos se poderão nelles manter. Quanto mais conquistas fizerem na Hespanha, antemural da Lusitania, tanto mais gente empregarão a guardallas, e menos poderão dispor para nos attacar, e nunca poderão destruir o animo da Nação indomavel, que ha de sempre sacudir o jugo. Tres vezes já entrarão e sahirão de Portugal com ignominia. Porque não será igual o exito de outras quasquer tentativas?

dade philosophica, caracterisarão as Nações, visto que em todas ha irregularidades? Assim praticarão sempre em todos os seculos e paizes o smais vis e intrigantes dos homens. Para dar-se cabo de particulares, e de reinós, he trivial estratagemã fazer-se diffamação ainda dos mais intimos amigos, só assualhando os seus defeitos, e não os prestimos. Então a victima solitaria cahe sem apoio, pelo abandono dos que tinhão o maior interesse em defendella. Bem se diz nas sagradas letras: *ay do só!*

Que scena majestosa he ver surgir duas inclytas Nações, Portugueza e Hespanhola, do abysmo de infelicidade, achando-se oppressas no coração do paiz, e cercadas de todos os lados por implacaveis inimigos, e comtudo, unidas á Gram-Bretanha, terem já feito morder a poeira em tres annos mais francezes, do que mui poderosos Estados o poderão fazer em tão longo periodo decorrido desde a Revolução! Qual pois verosimelmente seria a sorte e fama desses Estados, se em tempo se tivessem dado as mãos, e não consentissem que os novos sarracenos manchassem a Peninsula?

Ha tudo a esperar de animos não degenerados pelo temor, e instruidos pela adversidade. Nada direi em abono da nossa Nação, cujo espirito guerreiro he attestado pelas quatro partes da Terra; e já no Parlamento da Gram-Bretanha as nossas tropas, regularmente organizadas, não só se caracterizão de entra-

rem em linha com as Inglezas, mas tambem de serem iguaes ás melhores do mundo.

Tambem a Nação Hespanhol não precisa que se particularizem os seus feitos. A Europa sabe, que a Infantaria de Hespanha não tinha parelha, quando o Monarcha da França Francisco I. perdeu a famosa batalha de Pavia, e cahio prizioneiro do Imperador Carlos V. Francezes espurios, que só esmagão a prostrados, não lhe arrancarão esses e outros tropheos, que agoirão final vingança contra a perfidia e crueldade Gallica. O Sangue de Tarragona bradará aos Ceos. Sendo bem mandados, espero que afinal prevaleça o voto do nosso pio Vate. (\*)

O grande Character Moral, Politico, e Militar da Gram-Bretanha nunca melhor reluzio do que na presente epocha. A alcivosa Invasão Franceza em Portu-e Hespanha electrizou aquelle Paiz, de huma a outra extremidade, com sentimentos de horror, e indignação. Quasi todos os corações parecião saltar do peito, e as linguas da boca, para vingar ta-

---

(\*) Eisaqui se descobre a nobre Hespanha,  
 Como cabeça alli de Europa toda;  
 Em cujo Senhorio, e gloria estranha,  
 Muitas voltas tem dado a fatal roda.  
 Mas nunca poderá com força, ou manha,  
 A fortuna inquieta pôr-lhe nodá,  
 Que lha não tire o esforço, e ousadia,  
 Dos bellicosos peitos que em si cria.

manhos attentados contra a Lei das Nações, e Justiça universal. O Governo e Povo forão unisonos em votar auxilios, e remetter armamentos, thesouros, esquadras, e tropas, para os Estados opprimidos. Até o feroz Inimigo já não usa, nos seus Diplomas, de indecentes dicterios; mas ardendo em ira por ver desconcertados os seus projectos confessa, que *torrentes de sangue Inglez* se tem derramado na causa da Peninsula. Elle mesmo olha não só com respeito, mas tambem com acatamento, para o Principe da Nação Portugueza, que sustenta, com Auxilio do Omnipotente, e soccorro do Exercito Inglez, o proprio Throno, com o firme peito do antagonista do Dominador das Gallias, mostrando-se hum espectáculo digno de Deos, levantando a altiva cabeça, e sempre recto entre as ruinas publicas da Europa. (\*)

A respeito do valor Britannico, só indicarei alguns factos historicos aos que menos de suas cousas sabem, para desvanecer o fatal erro, que tão devassamente tem grassado, e ainda acabrunha a imaginação de boa gente, que, accordando unanimemente na superioridade das Forças Navaes da Gram-Bretanha, erradamente pensa, que esta se acha no tempo de Guilherme Conquistador, e attribue inferioridade ás suas

---

(\*) Non video quid habeat in terris Jupiter pulchrius, quam ut aspectet Catonem, jam partibus non semel fructis, nihilominus stantem, et inter publicas ruinas rectum. Seneca.

Tropas terrestres, em comparação dos Exercitos Francezes, e até nos querem tirar a esperança de final restauração com a sua ajuda. Já o nosso Camões notou a preeminencia dos Cavalleiros de Inglaterra.

„ Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,  
 „ De força, esforço, e de animo mais forte(\*)

A França não pôde contestar os monumentos da sua propria historia, donde se mostra, que os Inglezes vencerão muitas vezes os Francezes em batalhas campaes, ainda sendo em menor numero, desembarcando aquelles frequentemente grandes Exercitos á sua vista, e nas suas vastas costas, e até penetrando ao interior do paiz.

Em 1346 Edwardo III. com pouco mais de trinta mil homens, derrotou nos campos de *Cressy* mais de cem mil Francezes, e matou-lhes ahí mais de trinta mil homens, além de mil e duzentos cavalleiros da flor da Nobreza da França, e varios Marchaes e Principes de sangue, e até tres Reis confederados que se acharão na batalha. Elle foi depois cercar *Calais*, cuja Cidade, para se remir de inteira ruina, se submetteo á mais miseravel capitulação, a qual se fez celebre pela generosidade com que o Vencedor perdoou a todos os habitantes, e ainda os seis principaes cidadãos, que se lhe havião offercido á morte com o barão no pescoço, como elle

---

(\*) Lus. IV. 60.

exigira. O grande Historiador Inglez *Hume* expõe as portentosas circumstancias da pericia e valentia do Exercito Inglez nessa memoravel epocha, e o como, não só se desembaraçou de quasi insuperaveis difficuldades de rios, pontes, desfiladeiros, mas triumphou sobre a França. Elle nos transmittio a anecdota da heroicidade do filho do Rey, tendo apenas 15 annos, e poucos dias antes armado cavalleiro. O pai victorioso, quando vio os prodigios de valor que ostentou em tal idade, lançando-lhe os braços, exclamou = *es digno do imperio* =

Em 1356 o chamado *Principe Negro* tambem desfez completamente hum Exercito Francez, tres vezes maior que o seu.

Em 1415 Henrique V., só com doze mil Inglezes, não recusou pelejar com sessenta mil Francezes, e os desbaratou com immensa mortandade delles no grande dia de *Azincourt*.

Em 1513 Henrique VIII., apenas tendo hum Exercito de cincoenta mil homens, venceu muito superior Exercito Francez na famosa batalha das *Esporas*, em que os Inglezes destroirão quasi toda a cavalleria inimiga, ficando prizioneiros os celebres cavalleiros *Longueville*, e *Bayard*, com muitos outros dos mais distinctos Cabos do tempo. Aquelle Monarcha fez tremer toda a França, marchando até as portas de París, donde fugio inumeravel povo sem saber onde achasse segurança.

No reinado da Rainha Anna, os Inglezes tiveram na Europa grandes triumphos contra a França, que igualarão as victorias de *Cressy* e *Agincourt*. As armas Britannicas sempre se mostrarão superiores ás Francezas nas batalhas ganhadas por *Marlborough*.

Em 1745 o Duque de Cumberland com sessenta mil Inglezes sustentou-se em campo aberto contra o Marechal de Saxe, que commandava o mais bem disciplinado exercito Francez de mais de cem mil soldados, flanqueado de Artelharia, e Cavalleria muito superior. O mesmo Marechal, presenciando o heroismo dos Inglezes, e advertindo na garrulidade de alguns Francezes que affectavão igualdade de valor, disse = *calemo-nos sobre este ponto; conbecamos a nossa impotencia de os imitar.* =

Jorge II. ganhou a batalha de *Detingen*, continuando a reputação militar da Gram-Bretanha.

O Duque de Yorck, só com seis mil soldados Inglezes, e hum regimento de Austriacos, derrotou em *Landrecies* a vinte e nove mil francezes, destruindo-lhe cinco mil homens.

Se em guerra offensiva os Inglezes tem prevalecido aos Francezes em tão differentes epochas, ha razão de esperar, que ainda mais facilmente prevaleção na guerra defensiva, incorporados aos seus Alliados, e sendo aliás hoje o exercito francez hum enxurro de povos subjugados! A ostentada *Arte-poliocertica* dos Francezes, he cifra diante dos milagres de Fortifica-

ção dos Inglezes. Testemunhas Gibraltar, Cadiz, Lisboa.

Os Inglezes não degenerarão de seus antepassados, antes tem incomparavelmente crescido em luzes e espirito heroico. Já não estão em tempo de Cesar, e Agricola, que conquistarão a Gram-Bretanha, porque nada então se deliberava em commum entre as suas gentes fortissimas, como nos deixou escrito o insigne historiador Tacito. (\*) Hoje tudo ahi he Conselho, e o Estado sempre se defenderá pela sua situação, e fama.

Ainda que o progresso do espirito mercantil em Inglaterra, exaltando o Commercio e Manufacturas á hum grão desconhecido em todas as Nações, antigas e modernas, dirigisse a intelligencia e coragem do povo, mais para as operações bellicas maritimas, do que para as terrestres; todavia alli o espirito marcial subsiste, como se manifesta principalmente nas suas proezas d'Asia, donde os Inglezes exterminarão os Francezes, apoderando-se de todos os seus Esta-

---

(\*) Descrevendo o character militar dos Inglezes, já no seu tempo os punha em equação ao valor marcial dos Francezes, e ainda os representou mais valentes = Proximi Britanni Gallis, et similes sunt = in deprecendis periculis eadem audacia; plus tamen ferociæ Britanni præferunt: nec aliud adversus *validissimas gentes* pro nobis utilius, quam quod in commune non consulunt. = Recessus ipse, ac sinus famæ, in hunc diem defendit.

Vit. Agricol. Cap. 11, e 12.

belecimentos á força d'armas, não obstante as intrigas e allianças destes Mestres de enganos. Os mesmos Francezes, antes da revolução, estavam em credito militar na 4.<sup>a</sup> linha, por geral opinião da Europa, dando-se o primeiro posto aos Prussianos, o segundo aos Austriacos, e o terceiro aos Moscovitas. As desordens revolucionarias, e o exercicio de tantos annos de matança ( seu quasi unico e diabolico emprego, que não põe fim á cadaveres ) os elevou acima do proprio nivel, especialmente pelo temor de tantas suas crueldades, e mais ainda pelo veneno de suas cabalas. E ainda assim elles tem perdido mui grandes batalhas, e só as tem podido renovar, porque infelizmente recrutão sobre quasi toda a Europa, pela triste desintelligencia, e má fortuna de tantos Estados, que se submeterão aos Regicidas, e lhes deixarão estabelecer tão grande Poder.

A sciencia Millitar já em nenhum paiz he mysteriosa. Alexandre, Scipião, e Lucullo, com pouco mais de 20 annos se mostrarão Generaes da primeira ordem, só com a lição dos livros, e forão vencedores logo que vierão á campo. Outros exemplos ha na historia moderna, ainda depois da invenção d'artelharia. Porque Portugal e Inglaterra, não acharão ou criarão em seu seio iguaes Mestres da guerra ?

Os que em estúpida idolatria attribuem aos Francezes singular talento para a guerra, e privilegio

exclusivo de commandar, e vencer, como se fossem anjos exterminadores cahidos do Ceo, e suppõe que os seus Generaes de maior credito são entes d'outra especie, que tem *genio de Marte*, e certo pertendido *golpe d'olho militar*, como hum sexto sentido, e o que chamão *sangue frio*, para ordenar batalhas, são, no meu entender, ainda mais impios que factuos. Parece impiedade dizer que o Author da Natureza dêsse em dote á homem algum o talento de destruir no menor tempo dado o maior numero de homens possivel (em que consiste a tactica Franzeza): mas só deo á todos o instincto do resentimento, e innato esforço para resistir ao aggressor. Natural viveza do espirito, acompanhada de experiencia, instrucção, e familiaridade dos perigos desde a tenra idade, podem muito distinguir aos que se derão á profissão das armas, como nas mais profissões, que exigem entendimento comprehensivo, e estudos profundos. A fortaleza d'animo em acções militares he evidentemente huma qualidade adquirida com o tempo, trabalho, e exemplo. Até o valor de soldado he facticio, e frequentemente se mostra heroico, sem aliás ter cultura do espirito, e nem o ponto de honra, que tanto estimula a intrepidez dos seus superiores. Elle he o effeito da diciplina severa, repetição de ataques felizes, e ainda de calculo trivial da vida. (\*)

---

(\*) Sendo perguntado hum soldado, porque era tão

Não contesto que hum grande General deva ter celeridade de engenho, e presteza de vista, para bem castramentar hum exercito, dirigir as evoluções militares da campanha, e no dia da peleja prever ao longe, e prevenir as desordens e derrotas, e como diz o nosso Camões = *Voar c'o pensamento a toda a parte* = Mas estou na opinião do mais emmente Escripitor deste seculo, que analysou melhor a constituição do espirito humano, o qual justamente impugna a contraria opinião vulgar, posto que sustentada por *Guibert* nos seus *Ensaio sobre a Tactica*, onde affirma, que o talento de hum General só pôde ser aperfeiçoado, mas não adquirido pela pratica, por ser huma *faculdade intuitiva, e dom da Natureza*, a qual o liberaliza á poucos seus favorecidos em hum seculo. Elle contrapõe a authoridade não menos respeitavel, de outro, ainda que mais antigo, Mestre d'Arte, o celebre Mr. *Folard* (\*) que sus-

---

afoito no dia da batalha, respondeo = porque se dava por morto na primeira descarga, e pelejava depois tendo por ganho qualquer parte do corpo que por ultimo ficasse salva; o pezo da columna faz o resto. =

(\*) Este insigne Tactico assim se explica no seu *coup d'œil militaire*. = C'est le sentiment général, que le *coup d'œil* ne dépend pas de nous, que c'est un présent de la nature, que les campagnes ne le donnent point, et qu'en un mot il faut l'apporter en naissant, sans quoi les yeux du monde le plus perçans ne voyent goutte et marchent dans les tenebres les plus épaisses. On se trompe; nous avons tous le *coup d'œil* selon la portion d'esprit et de

tenta o contratio, e o confirma com o exemplo de hum dos mais famosos Capitães da antiguidade, Philopœmen. Este General não só desde os primeiros annos se applicou á milicia, e á seus continuos estudos e

---

bon sens qu'il a plu à la providence de nous départir. Il nait de un et de l'autre; mais l'aquis l'affine et le perfectione, et l'experience nous l'assure — Philopœmen avoit un *coup d'œil* admirable. On ne doit pas le consider en lui comme un présent de la nature; mais comme le fruit de l'étude, de l'application, et de son extreme passion pour la guerre. Plutarque nous apprend la méthode dont il se servit pour voir de tout autres yeux que de ceux des autres pour la conduite des armées &c.

„ Erat autem Philopœmen præcipue in ducendo agmine,  
 „ ne, locisque capiendis, solertiæ atque usus; nec belli  
 „ tantum temporibus, sed etiam in pace, ad id maxime  
 „ animum exercuerat. Ubi iter quopiam faceret, et  
 „ ad difficilem transitu saltum venisset, contemplatus ab  
 „ omni parte loci naturam, quum solus erat, secum ipse  
 „ agitabat animo; quum comites haberet, ab iis quærebat,  
 „ si hostis eo loco apparuisset, quid si a fronte,  
 „ quid si ab latere hoc aut illo, quid si a tergo adoriretur,  
 „ capiendum consilii foret? Posse instructos recta acie, posse  
 „ inconditum agmen, et tantum modo aptum viæ, occurrere.  
 „ Quem locum ipse capturus esset, cogitando aut quærendo,  
 „ exsequebatur; aut quot armatis, aut quo genere armorum  
 „ usus: quo impedimenta, quo sarcinas, quo turbam inermem  
 „ rejiceret: quanto ea aut quali præsidia custodiret; et utrum  
 „ pergere quæ capisset ire via, an eâ quæ venisset  
 „ repetere melius esset: castris quoque quem locum caperet,  
 „ quantum munimento amplecteretur loci: quæ opportuna  
 „ aquatio, quæ pabuli lignorumque copia esset; quæ  
 „ postero die castra movendi tutum maxime iter, quæ  
 „ forma agminis foret. . . . His curis cogitationibusque  
 „ ita ab ineunte ætate animum agitâverat, ut nulla ei nova  
 „ in tali re cogitatio esset.

exercícios, mas até em tempo de paz costumava passar pelos lugares mais difíceis ás operações militares, suppondo varias posições do inimigo, e consultando aos companheiros sobre os melhores expedientes de accommetter, ou resistir, &c.

Conhecimento e coragem não falta aos Portuguezes, e Inglezes; o mais fará a disciplina regular, alguma pratica de campanha viva, e sobre tudo a consciencia de sua superioridade ao inimigo em sentimentos moraes, amor do Governo, e gloria da causa que deffendem. Bem podem dizer como Pedro grande da Russia, ainda quando se reconhecia inferior em Tactica ao seu Antagonista Carlos XII. da Suecia = *o inimigo nos ensinará a vencer.* =

Por mais algum tempo que continue a guerra, ( que somos forçados sustentar pela violencia dos invasores ) he provavel que, assim como os Inglezes em poucos annos vencerão os Francezes em todas as principaes artes da paz, tambem os venção na sciencia e arte Militar. Grandes amostras do quanto ha nisso que esperar, são os desembarques que fizeram com pequeno exercito no Egypto. na Sicilia, e em Portugal, onde os Francezes se ahavão entrincheirados até os dentes, e Senhores das praças e fortificações de terra e mar. Todo o mundo sabe de seus destroços, e das ignominiosas Capitulações que offertarão, propondo elles mesmos o proprio exterminio. Ainda as expedições militares do

Continente da Europa, que os Inglezes tem feito desde a revolução da França com varios successos, tem servido de poderosas diversões das forças do inimigo, e occasionarão victorias dos Alliados da Gram-Bretanha, como especialmente foi o desembarque do Duque de York na Hollanda, que motivou forte attracção de tropas francezas á este paiz, e em consequencia a derrota completa do exercito do General Francez Joubert na grande batalha de *Novi* na Italia, que então se reconquistou inteiramente pelos Exercitos Austro-Russos.

Accresce que o Governo Inglez já tem feito huma incommensuravel, e a mais difficil, conquista, qual he a da *Opinião Publica*. Elle tem feito manifesto ao Mundo a enormidade do Governo Revolucionario e Tyrannico, fazendo detestar (no geral) a Francezes, como convencidos de odio ao Genero Humano. Elle tem desvanecido a falsa preocupação, que a Facção dos revolucionarios tinha propagado arguindo-lhe monstruosos projectos; pois a Europa já está sobejamente convencida por sua miseravel experiencia, que o *Systema de Commercio* da Gram-Bretanha, ainda que não perfeitamente liberal (pelos erros inveterados de todos os Paizes, em razão de falta de estudos mais communs dos verdadeiros principios de Economia politica, por estar esta sciencia ainda na infancia) he todavia, pela sua extensão, benefico á todas as Nações; e que o novo phantastico *Systema do Continente*,

dirigido a excluir os productos da industria Inglesa dos mercados da Europa, só he productivo de universal pobreza, de ruina da industria, e de aniquilação da navegação dos Estados Maritimos, com todas as sciencias e artes que lhe são companheiras; o que tem amplificado á Gram-Bretanha o Imperio do Oceano. Quanto mais rigoroso e duravel for o Interdicto do Commercio do Tyranno da Europa, tanto mais rapidamente diminuirão os meios do Continente de crescer em Marinha, e obstar á preponderancia de Inglaterra, que já tem quasi todas as Ilhas, que os Francezes chamão as *Chaves do Atlantico*. Esta falsa politica do Inimigo commum tem produzido outro favoravel effeito de reunir em intima Alliança com a Gram-Bretanha as Nações que tem os maiores Estados Ultramarinos, como systema racional e necessario, para libertar os tres quartos do Globo de malfeitorias francezas.

Desde a revolução da França, os que usurparão o poder do Paiz, tem feito a Inglaterra ameaças, como Roma á Carthago, considerando os Francezes, os Romanos presentes, e os Inglezes, os Carthaginezes modernos. Mas a França e a Gram-Bretanha são antes contraste, que paralelo, a respeito de Roma e Carthago. Os Carthaginezes não cultivavão as letras, e tinhão a barbaridade dos sacrificios humanos, ainda que aliás se regessem por huma constituição das melhores da antiguidade, (segundo o juizo de Aristoteles

no seu Livro da Politica) Que comparação pois ha de Carthago com a Gram-Bretanha, a séde das Artes, e Sciencias, e cuja Constituição contém elementos de progressiva melhora de todo o bem possível á nossa espé ie? Os Carthaginezes forão o povo antigo mais dado ao commercio, navegação, e estabelecimento de Colonias; mas forão sempre notados com a infamia da *fé punica*. Ao contrario os Inglezes são hoje famosos pela *potencia de credito*, com que até realizarão a alkimia de dar ao seu *papel circulante* hum valor ao par, e ainda superior, da moeda de oiro do mais fino quilate. Isto não podia ser senão o effeito da boa fé mercantil predominante em seus tratos, e da immensidade de correspondencia com os povos civilizados, que florecem em suas transacções reciprocas. Dahi lhes tem resultado a prodigiosa Marinha e Opulencia, que deslumbra os olhos da França, e lhe perturba os sentidos, para não poder atinar com os meios de ferir em parte alguma vital a Gram-Bretanha. Seis Nãos de Linha hoje bastarião para destruir em hum dia todas as Armadas da antiga Roma e Carthago. Os Inglezes já por tres vezes tem quasi aniquilado a Marinha Franceza desde o tempo de Luiz XIV.; como não destruirá os fracos restos e inuteis esforços da Marinha de huma Nação sem commercio exterior?

Se he possivel algum grande phenomeno moral na Europa em consequencia da obstinada rivalidade de Inglezes e Francezes, he mais natural que Inglaterra

em fim dê a Lei á França, até na sua que Burke chama *capital da injustiça*, do que a França conquistou a Inglaterra. Advirtão os Leitores que da Peninsula da Italia he que sahio Scipião a senhorear-se do Continente opposto. Porque não sahirá outro igual Heroe á contraria costa da França a pôr ordem nella, contendo o seu governo em justos limites? He natural e irresistivel o imperio da Intelligencia sobre o da Phantasia. A França já confessou o seu erro de ter enganado o mundo com a sua falsa doutrina, e infernal revolução. He contra a natureza ser senhora da Europa a Nação, que, pertendendo ser Mestra da Humanidade, até destroio para sempre a sua propria fama, e civil existencia. Os que notarem de phantastica esta asserção, leião as seguintes reflexões de hum Escrip-tor Francez deste seculo. (\*)

„ A Inglaterra tem preenchido todo o seu destino: nenhum povo jámais reunio no mesmo grão os elementos da potencia maritima, o genio que os vivifica, e arte que os dirige. Os Inglezes não tem rivaes no mar. . . . A Inglaterra, com huma população ametade menos da França, mas com huma Marinha infinitamente superior, por fim a lançou fóra de todas as suas Colonias, invadio, abateo, e aniquilou os seus Navios, e as suas fortalezas, que fazião a segurança e gloria da mesma França. A

---

(\*) Mr. Pradt Les trois ages des Colonies. tom.II. pag.151

Marinha Ingleza destroio todo o brilhante edificio da preeminencia das suas forças na India, e confirmou o poder da Metropole Ingleza. Taes tem sido, e taes serão sempre, os resultados da superioridade naval: ellas, devem, em final resultado, prevalecer á todo o resto. . . . A' esta vantagem fundamental os Inglezes accrescentão muitas outras; 1.<sup>a</sup> a abundancia de seus capitaes, 2.<sup>a</sup> o genio mercantil; 3.<sup>a</sup> a superioridade em fabricas. Os Inglezes tem a arte de centuplicar o valor do algodão que comprão na Asia, America, e Africa. Nas suas mãos industriosas, aquelle material toma formas encantadoras, e a reveste das mais risonhas cores. Os Inglezes, adiantando-se ainda á deosa de pés ligeiros que se chama a *moda*, correm adiante de todos os seus gostos. As fabricas de algodão de Inglaterra tem triumphado sobre as de seda da França. Manchester venceu a Leão. Donde vem tantas fazendas, que, de huma á outra extremidade da Europa, ornão as nossas casas, e convidão o comprador pelo seu mimo e brilho, ornando todas as idades, condições, e sexos? Por toda a parte não se veste mais senão á *Ingleza*, e não se quer mais senão o que he *Inglez*. A superioridade de qualidade e gosto tem formado em todos os paizes hum habito de predileção ás manufacturas Inglezas. . . .

„ A superioridade naval de Inglaterra fórma ainda para as suas Colonias hum novo laço com a Metropole, e constitue a garantia, não só dos gozos dellas,

mas tambem de sua paz perpetua. As Esquadras de Inglaterra as protegem. A' sombra de sua bandeira, Senhora dos mares, o habitador das Colonias Inglezas cultiva e dorme tranquillamente; entretanto que os das outras Colonias gemem nas suas prizões, vendo inutilizarem-se os fructos do seu trabalho. Esta vantagem he immensa, e vem a completar tudo que se póde desejar em huma boa ordem Colonial.

„ Estava reservada á revolução da França enriquecer a Inglaterra arruinando todo o mundo, e trabalhar para cumulo da fortuna desta Potencia, destruindo todas as outras. A' cada conquista do Continente, os Inglezes oppozerão huma conquista de Colonia: mas entre estas duas especies de Conquistas ha a mesma differença, que entre os dous Conquistadores, e os dous theatros de suas façanhas. Porque as dos Francezes são periveis por sua natureza; e as dos Inglezes não o são. A razão está na differença da potencia respectiva, e do elemento sobre o qual ella se exerce. Os meios de huma e outra são de natureza absolutamente differente. Por bons que sejam os exercitos da França, podem-se-lhes oppôr exercitos iguaes, ou superiores em instrucção, e numero. Concebe-se mui bem a possibilidade de tal opposição; mas não se concebe como se possam oppôr quaesquer esquadras ás esquadras de Inglaterra; pois não se póde dissimular, que todas as Marinhas da Europa, separadas ou reunidas, não equivalem á sua. . .

Ainda que em outro tempo se visse a Marinha Ingleza desenvolver huma grande superioridade contra seus inimigos, comtudo, nunca manifestou, como depois da revolução, hum ascendente tão decidido, e huma potencia tão preponderante, abarcando ao mesmo tempo com seus mil braços todas as costas da Europa, e de suas Colonias, e interpôr-se, como hum muro de bronze immovel sobre os mares, entre todas as Metropoles e as respectivas possessões ultramarinas, prohibindo toda a communicação entre ellas. Era necessario que as cousas se levassem á este gráo, para se poder fazer huma verdadeira idéa da potencia naval de Inglaterra. ,,

Poder-se-hia tomar isto como paradoxo, ou lisonja á Inglaterra: mas peço que se queira attender, que os elementos da sua força não são sómente materiaes, mas que resultão de huma multidão de disposições moraes, cuja reunião dá á força physica todo o seu desenvolvimento. . . He provavel que, se a quimera da confederação de todas as Marinhas da Europa se effeituassee contra Inglaterra, ella não serviria senão a convencer ainda mais a sua superioridade, e elevar á gloria nacional hum monumento ainda desconhecido ao mundo. . . Eis ao que evidentemente conduz a prolongação da guerra. ,,

Este Escriptor, publicando taes factos e discursos á vista do seu novo Governo, ainda mais accrescentaria, se houvesse franqueza de Imprensa na Fran-

ça, depois das victorias dos Inglezes em Trafalgar, e Copenhague, e muito mais hoje depois das conquistas do Cabo da Boa Esperança, e de todas as Colonias e Ilhas de França, e Hollanda, pelas Forças maritimas e terrestres de Inglaterra.

Que razão pois ha de recear-se invasão franceza na Gram-Bretanha, não obstante a absurda Farça Diplomatica, com que o Tyranno da Europa faz as suas reiteradas comminatorias contra o Governo e Povo Inglez, e contra os seus Alliados? Já o seu intitulado *bello espirito* motejava aos que pertendião avançar ao Templo da Memoria, voltando-lhe as costas, e correndo em rumo contrario. Só cabeças ôcas e vertiginosas podem presumir ser possivel ter a França grande Marinha sem grande Commercio, e ter grande commercio, fechando os portos do Continente ao mais navegante e commerciante Povo da terra, e continuando o seu systema militar, com a malfeitoria de se vingar contra os proprios amigos e pacíficos Estados da Europa, pela impotencia de impedir o credito, e progresso da riqueza e gloria de Inglaterra, cujas Forças Navaes são adequadas a fechar a Francezes, e a seus Confederados, nos respectivos portos, deixando-os ser voluntariamente miseraveis, e ufanos de sua Economia Egypciaca, com que sustentão o Imperio do Assollador das Nações. Qualquer Inglez e Portuguez poderá dizer com o Poeta de Augusto

————— Ille se jactet in aula,  
 .... et clauso ventorum carcere regnet.

Huma cousa he digna de notar-se, que o valor das Nações dadas á navegação rem sido em todos os tempos prodigioso, e incomparavelmente superior aos povos, aliás guerreiros, que só se distinguem em forças terrestres. A nossa propria historia fornece disso a prova. O sublime espectaculo do Oceano, o habito de desprezo dos perigos maritimos, e o heroismo com que se animáo os navegantes a arrostar as tempestades, e correr todo o mundo, dão-lhe corações inacessiveis ao medo, e fortificados com sentimentos da maior elevação. Assim nós unidos aos Inglezes, confiando sobre tudo na Protecção Divina, mostraremos ao Universo, que não nos acobardamos á quaesquer inimigos, e que nunca desesperaremos da fortuna do Estado. A Energia do Nacional, a cooperação de nossos Alllados, as poderosas confederações politicas contra a França (que he impossivel não se renovem) a inconstancia franceza, a longa paciencia da sua escravidão, e mil outros accidentes imprevisitos (\*), provavelmente hão de, em mais proxi-

---

(\*) *Gibbon* reflecte bem sobre as subitas mudanças do estado das Nações perseguidas por conquistadores, referindo o facto da apoplexia que sobreveio ao terrivel *Gengiskan*, estando quasi senhor de toda Asia, depois de dar ordem para a sua expedição á China.

ma ou distante epocha, libertar a Europa, e a Humanidade, da crueldade da Nação devastadora, e talvez reduzilla ao *paiz dos insignificantes*, como succedeo depois da desmembração do Imperio de Carlos Magno. O nosso exemplo heroico não será perdido para os mais Estados, que soffrem impacientemente o jugo francez. Por formidavel que seja, e nunca visto na Europa, o Poder militar da França, como o não pôde mandar todo tão longe do foco do imperio, a nossa força combinada he sufficiente para debellar o inimigo. Elle se enfraquece á proporção que se dilata. Temos visto como só a respeitosa attitude da Rússia em sustentar a sua independencia contra os caprichos do que affecta omnipotencia, tem paralyzado todos os seus planos. A Peninsula tem mostrado ao Universo, que o Imperador dos Francezes já precisa conquistar linha á linha para avançar em qualquer provincia, e que não se pôde vangloriar, como na guerra d'Austria, de servir se mais dos pés que dos braços de seus soldados. Em vão espera subjugar por atrophia e inanção os paizes que invade.

Os Inglezes estão sempre alerta contra as machinações dos idolatras da Tyrannia Gallica; e o seu Governo obra insensivelmente com a intelligencia e energia de Archimedes, o qual, como diz Plutarcho, no cerco de Syracusa sua patria, n'hum instante derribava todos os artefactos militares dos Romanos, construidos com muito tempo e trabalho. He attendivel a

observação de *Stewart*. (\*) = „ O Oceano nos apre-  
 „ senta a idéa do poder. A sua vista levanta os  
 „ nossos pensamentos ao Ente Eterno, que deo o  
 „ Decreto aos mares para não traspassarem a sua  
 „ Ordem, e nos mostra o mais altivo triumpho do  
 „ Homem em completar a tarefa que lhe foi assign-  
 „ nada, de dominar a terra. A perspectiva do mar  
 „ de-perta em cada Inglez, não só associações de  
 „ grandes idéas que são communs aos habitantes de  
 „ paizes maritimos, mas tambem outros mui sublimes  
 „ conceitos que lhe são privativos. Taes são os que  
 „ exaltão o commercio naval, o poder naval, e a  
 „ gloria naval de Inglaterra, e dão ás suas numero-  
 „ sas e triumphantes Esquadras a faculdade de levar  
 „ o trovão Britannico sobre o mundo. „

Do exposto exuberante se patentea a importancia da Amizade do Governo Inglez, que não só tem o maior interesse na independencia da Coroa de Portugal, e na prosperidade de todas as partes integrantes da Monarchia, para desfazer os projectos do Destroidor da Civilisação, e se reciprocarem as progressivas vantagens do Commercio; mas tambem põe a sua gloria em guardar, com immovel firmeza, o Principio Politico de nunca ceder á qualquer Facção Franceza, e levantado Dynasta, que ouse atacar os constantes Alliados da Monarchia Britannica, que, segundo

---

(\*) Philosophical Essays II. Cap. 3.

diz Burke „ sabe ser grande sem pôr em perigo a paz externa dos Estados vizinhos, que, tinham sido felizes á sua sombra, depois que pelo Tratado de Riswik, limitou o poder da França, e consolidou a Grande Alliança, que abalou até os alicerces o tremendo Colosso Gallico. „ Infaustos successos tem mostrado a desgraça e ignominia, em que tem cahido os Estados, que por força, cabala, ou apostasia, desertarão daquella Alliança, e preferirão o odio, ou desamor (\*) de Inglaterra, submettendo-se á dominação ou influencia da *Coroa de ferro* do Archi-regicida da Europa.

Ao contrario a nossa inalteravel união aos destinos da Gram-Bretanha nos tem feito levantar a cabeça no theatro da guerra, em que está empenhada a Honra Nacional. Fausto agoiro de feliz exito resulta do Majestoso Testemunho com que o Principe Regente do Reino Unido na Falla do Throno de 7 de Janeiro do Corrente anno Acclama o Valor Portuguez, Affirmendo, com equação a mais honorifica, que *as Tropas Britannicas e Lusitanas, todas as vezes que pelejarão com o inimigo, mantiverão plenamente a reputação que tinham adquirido.*

---

(\*) O nosso Orador Vieira, huma das primeiras cabeças politicas no tempo da restauração do Reino pela Augusta Casa de Bragança, fazia nessa epocha a seguinte nota: = Desgraça grande he, e parece fatalidade, que nos não dê cuidado nem o desamor de Inglaterra, nem os intentos da França &c. Tom. 2. Cart. 70.

Contra as *gentes duvidosas* (conforme a phrase do nosso Epico (\*)) só convém replicar com a indignação, que o nosso antigo General em crise semelhante inspirou aos bons patriotas, para resistirem ao invasor do Throno, e defenderem os Direitos do Legitimo Principe da Nação.

Como? Da Gentre illustre Portugueza

Ha de haver quem refuse o patrio Marte?

Como? Desta Provincia que Princeza

Foi das gentes na guerra em toda a parte,

Ha de sahir quem negue ter defeza?

Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte

De Portuguez, e por nenhum respeito

O proprio reino queira vêr sujeito?

### CONCLUSÃO APOLOGETICA.

Seja-me licito dizer huma palavra em minha Apologia, seguindo o exemplo de Burke nas reflexões que fez no fim da sua Obra contra os que aconselhavão paz com a Facção Franceza, essencialmente revolucionaria, qualquer que seja a fôrma do seu governo. Aos que notoriamente me tem arguido de nimia parcialidade áquelle Escripior, e ás suas doutrinas contra essa detestavel Facção, que, com a maior injustiça e deshumanidade, nos tem feito a guerra,

---

(\*) Lus. 4.

para subversão da Monarchia Lusitana, respondo, que estou firme sempre nos grandes e generosos sentimentos politicos, que são de evidente Interesse Nacional, e que constituíão as bem sabidas Maximas de Estado dos nossos Magnificos Soberanos os Senhores D. João V. e D. José de gloriosa memoria. Aquelle, vendo abraçar a Europa em hostilidades, dizia = Guerra com todo o mundo, paz com Inglaterra. = Este, sendo ameaçado pelas reunidas Potencias da França e Hespanha que pertendião tirar á Corôa Portugueza a singular primazia de terem os seus Legitimos Monarchas o titulo de *Magestade Fidelissima*, aconselhado que trahisse a fé dos Tratados, e abandonasse a Amizade e Alliança Hereditaria da Corôa e Nação Britannica, pronunciou em *Ultimatum* das insidiosas Negociações Diplomaticas, que = Veria antes cahir a ultima telha do seu Real Paço, do que deixar de ser o Constante e Fiel Amigo do Throno e Povo Inglez. =

F I M.

## ERRATAS DO APPENDICE.

| <i>Pag.</i> | <i>Linb.</i> | <i>Erros.</i>              | <i>Emenda.</i>      |
|-------------|--------------|----------------------------|---------------------|
| 1           | 19           | e fait                     | et fait             |
| 7           | 20           | Estados                    | estados             |
| 9           | 16           | indenticos                 | identicas           |
| 12          | 7            | peessoas                   | peessoa             |
| 16          | 5            | Repubblica                 | republica           |
| 17          | 14           | esiabelecido               | estabelecido        |
| 21          | 13           | destrá                     | dextra              |
| 24          | 7            | e e terra                  | e a terra           |
| 25          | 3            | o sma'is                   | os mais             |
| 27          | 27           | fructis, nihilho-<br>minus | fractis nihilominus |
| 36          | 24           | ahaváo                     | achaváo             |
| 39          | 5            | espe ie                    | especie             |
| 45          | 4            | rem                        | tem                 |